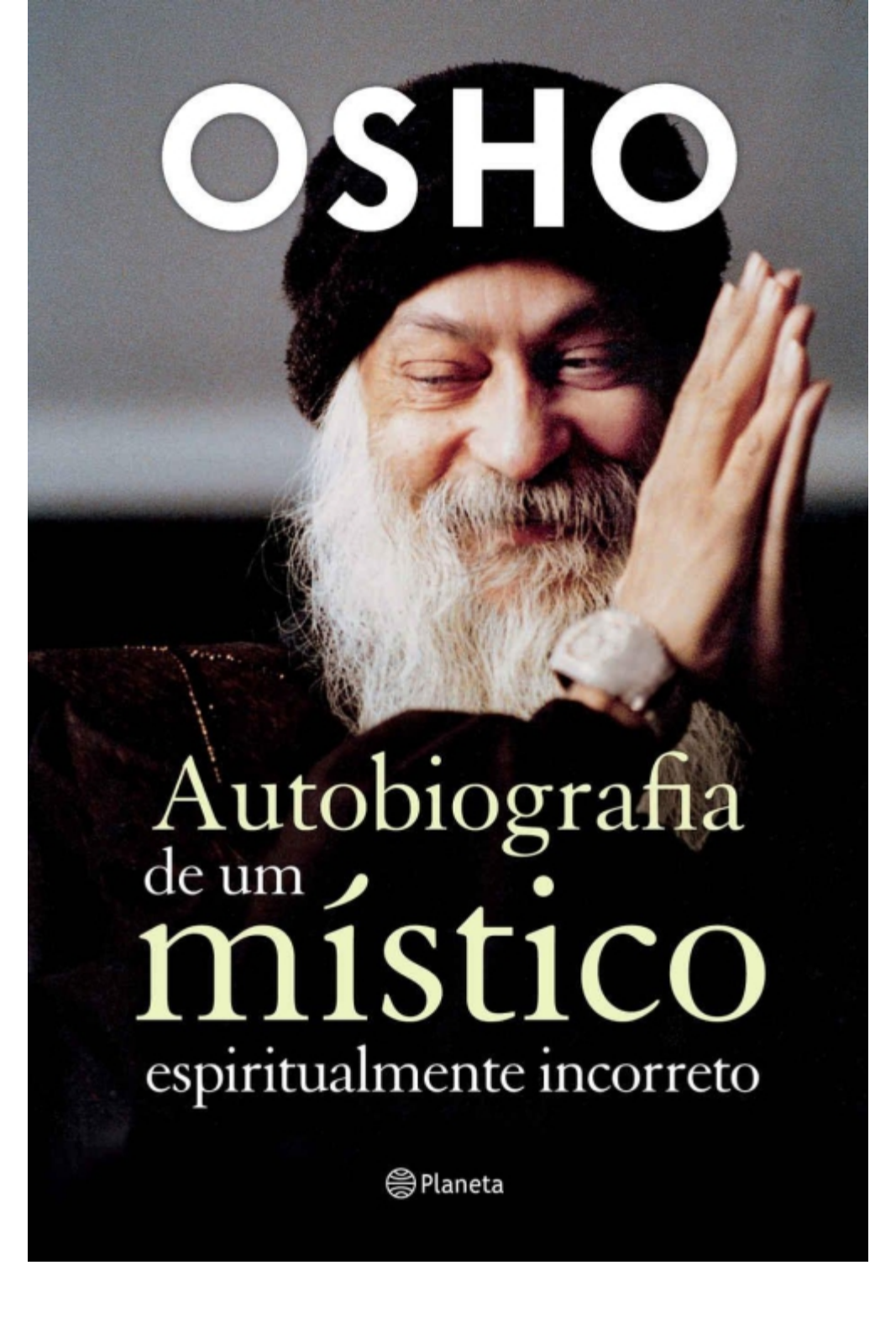


A close-up portrait of Osho, a man with a long white beard and a dark turban, smiling with his eyes closed. His hands are pressed together in a prayer-like gesture near his face. He is wearing a dark, textured robe and a watch on his left wrist. The background is a soft, out-of-focus grey.

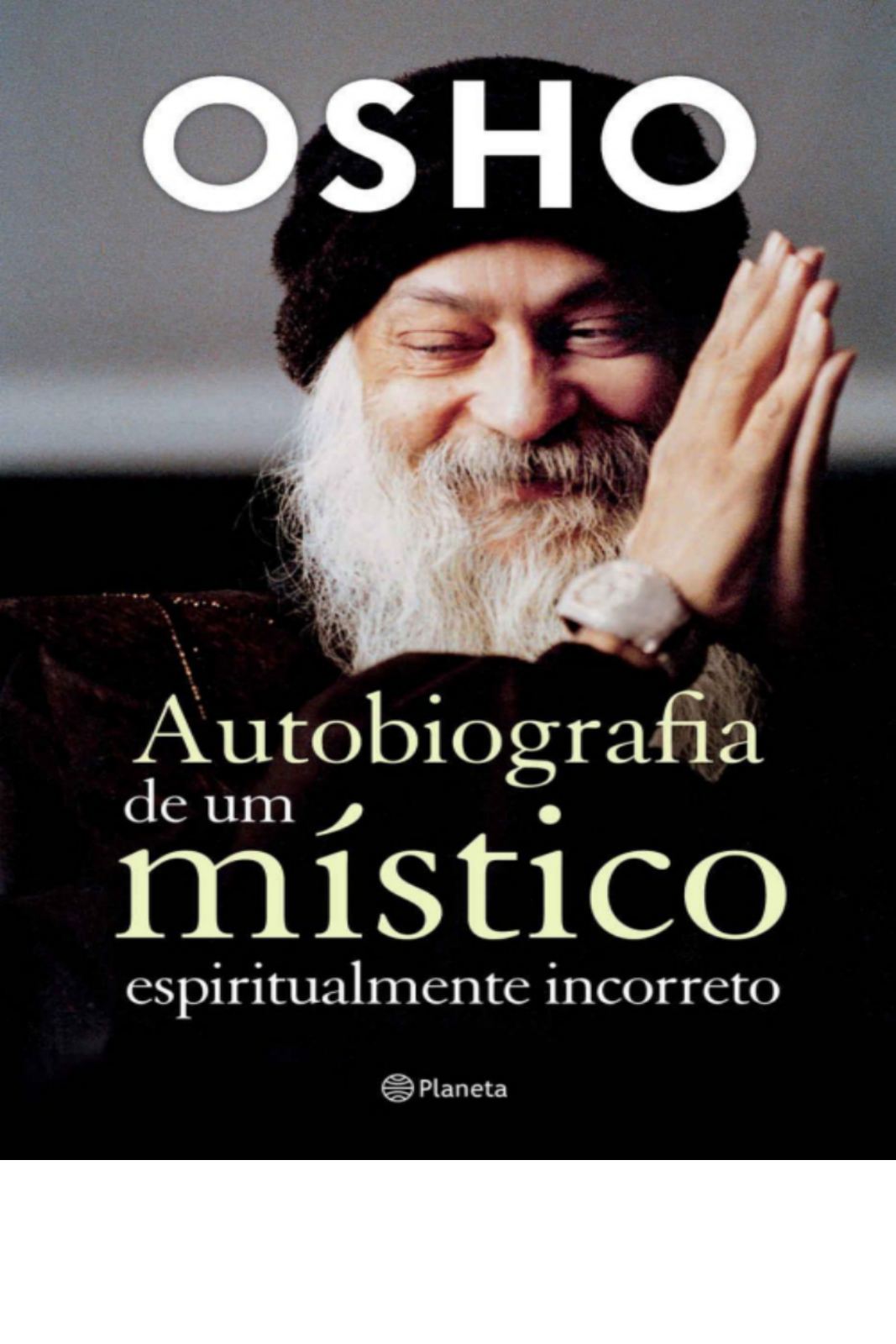
OSHO

Autobiografia
de um
místico
espiritualmente incorreto

 Planeta

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A close-up portrait of Osho, a man with a long white beard and a dark turban, smiling with his eyes closed. His hands are raised in a prayer-like gesture near his face. The background is dark and out of focus.

OSHO

Autobiografia
de um
místico
espiritualmente incorreto

 Planeta

Autobiografia
de um
místico
espiritualmente incorreto

OSHO

Autobiografia
de um
místico
espiritualmente incorreto

Tradução
Magda Lopes

 Planeta

Copyright © OSHO International Foundation, 2000

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016

Todos os direitos reservados.

Título original: *Autobiography of a spiritually incorrect mystic*

Preparação: Elisa Nogueira

Revisão: Nana Rodrigues e Abodha

Diagramação: Abreu's System

Capa: Compañía

Imagem de capa: Sannyas Wiki

Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O91a

Osho, 1931-1990

Autobiografia de um místico espiritualmente incorreto / Osho. – 1. ed. –
São Paulo : Planeta, 2016.

ISBN 978-85-422-0826-9

1. Osho, 1931-1990. 2. Biografia espiritual – Índia. I. Título.

16-37046

CDD: 922

CDU: 929:2

2016

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Sim, sou o início de algo novo,
mas não o início de uma nova religião.
Sou o início de um novo tipo de religiosidade,
que não conhece adjetivos nem limites,
que só conhece a liberdade do espírito,
o silêncio do seu ser, o crescimento do seu potencial,
e finalmente a experiência da divindade dentro do ser humano –
não de um Deus fora dele, mas uma divindade dele fluindo.

Sumário

INTRODUÇÃO DO EDITOR

PREFÁCIO

PRIMEIRA PARTE: APENAS UM SER HUMANO COMUM

A HISTÓRIA POR TRÁS DA LENDA

VISLUMBRES DE UMA INFÂNCIA DOURADA

O ESPÍRITO REBELDE

EM BUSCA DO IMORTAL

ILUMINAÇÃO: UMA DESCONTINUIDADE COM O PASSADO

AFIANDO A ESPADA

NA ESTRADA

EXPRESSANDO O INEXPRIMÍVEL: OS SILÊNCIOS ENTRE AS
PALAVRAS

SEGUNDA PARTE: REFLEXOS EM UM ESPELHO VAZIO

AS MUITAS FACES DE UM HOMEM QUE NUNCA EXISTIU

O GURU DO SEXO

O LÍDER DE UM CULTO

O CHARLATÃO

O AUTOPROCLAMADO *BHAGWAN*

O GURU DOS RICOS

O PIADISTA

O GURU DOS ROLLS-ROYCE

O MESTRE

TERCEIRA PARTE: O LEGADO

RELIGIÃO SEM RELIGIÃO

MEDITAÇÃO PARA O SÉCULO XXI

A TERCEIRA PSICOLOGIA: A PSICOLOGIA DOS BUDAS

ZORBA, O BUDA: O SER HUMANO INTEGRAL

DESTAQUES DA VIDA E DA OBRA DE OSHO

EPÍLOGO

LEITURAS ADICIONAIS

SOBRE O OSHO INTERNATIONAL MEDITATION RESORT

Introdução do editor

Foi muitas vezes perguntado a Osho por que ele não escrevia uma autobiografia, ou pelo menos cedia uma série de entrevistas para que alguma outra pessoa pudesse elaborar um relato histórico da sua vida. Ele sempre rejeitava essas perguntas com um aceno de mão e dizia que importantes são as verdades eternas, não os recortes de jornal que colecionamos e chamamos de “história”. Ou então ele dizia que sua biografia deve ser encontrada na soma da sua obra, nas centenas de volumes de palestras publicadas e nas vidas transformadas das pessoas que ele tocou.

Não obstante, a mente humana anseia por extrair sentido de eventos que acontecem no tempo. Queremos captar um contexto dentro do qual possamos convencer a nós mesmos de que entendemos o significado das “coisas” que acontecem, especialmente quando esses acontecimentos parecem ser contraditórios, inquietantes, incomuns. Este volume é um esforço para proporcionar esse contexto e entender Osho e sua obra.

Muitos anos já se passaram desde que, nas palavras de seu médico, Osho se preparou para partir do corpo que o serviu por 59 anos, “com tanta calma que era como se estivesse se preparando para um fim de semana no campo”. Esses anos trouxeram profundas mudanças que continuam se desenvolvendo em um ritmo sempre mais acelerado. A cada dia fica mais claro que, se quisermos sobreviver, devemos encarar a visão que Osho repetia com frequência: a de um mundo sem fronteiras nacionais ou de raça, religião, gênero e credo.

Uma observação sobre a maneira como este livro foi criado. À parte alguma carta ocasional, Osho não escrevia. Ele falava. Essas palestras espontâneas foram gravadas ao longo de um período de mais de 35 anos, transcritas e publicadas em livros. O arquivo completo das palestras originais está disponível no site www.osho.com, mantido pela Osho International Foundation.

A primeira tarefa dos editores deste livro foi pesquisar esse material e reunir todos os momentos em que Osho falou sobre sua própria vida. Três anos de trabalho foram dedicados a essa tarefa; sem esse esforço, este livro não teria acontecido. Finalmente, partiu-se para a construção de uma autobiografia que mostrasse o entendimento de Osho sobre a importância relativa da “verdade” *versus* “fato”, do “eterno” *versus* o “momentâneo”. Isso requereu certa disponibilidade temerária para realizar o impossível.

Por exemplo, durante alguns anos após sua graduação na universidade, Osho ensinou filosofia. A mente orientada para o fato o rotulará como um ex-professor de filosofia, satisfazendo-se assim de que sabe algo importante sobre quem ele é. Mas, no que se refere a Osho, ele poderia muito bem ter sido um sapateiro ou um carpinteiro. O importante não é o que ele *fez*, mas quem ele *foi*. A mente orientada para o fato quer definir as pessoas pelo que elas fazem, não por quem são, pelos bens que adquirem na vida, não pelos entendimentos que levam consigo quando morrem. Mas a preocupação central de Osho é precisamente a dimensão do ser – não a dimensão do fazer ou do ter. Na medida em que atribuímos importância aos eventos externos da sua vida, baseados em nossos próprios valores do fazer e do ter, estamos destinados a interpretá-lo mal.

Entretanto, à parte as verdades eternas, o fato é que Osho não treinou a si mesmo para fazer sapatos ou construir móveis, mas para se expressar em palavras. Tanto seus amigos como seus inimigos concordam que ele fazia isso com uma eloquência, um *insight* e um humor incomuns. Escolher as palavras “certas” para narrar sua vida teria sido possível, até mesmo fácil, se Osho tivesse uma filosofia consistente que tentasse ensinar às pessoas. Mas ele não tinha. Isso teria sido possível se ele tivesse sido parte de uma tradição que buscasse preservar ou se ele se declarasse uma espécie de mensageiro sobrenatural ou profeta que havia acabado de descobrir uma nova tradição. Nada poderia estar mais longe da verdade. Ao contrário, ele repetidas vezes enfatizou que não era parte de nenhuma tradição e fez tudo o que era humanamente possível para impedir a criação de uma tradição à sua volta depois de sua morte.

Então, as palavras contidas neste livro não pretendem ser – não podem ser, pela própria natureza do seu tema – uma resposta definitiva para a pergunta “Quem é Osho?”. Em vez disso, elas são um

guia para a busca contínua dessa resposta no contexto do eterno e do pontual, no contexto do “ser” e do “fazer”. Osho dizia que só saberemos quem ele é quando soubermos quem *nós* somos. Entregando-nos esse desafio, ele nos convida a conhecer o que pudermos da sua vida, reconhecendo, porém, que isso só terá significado na medida em que nos levar a saber mais sobre nós mesmos.

Sarito Carol Neiman

Prefácio

A primeira coisa que você tem de entender é a diferença entre fato e verdade. A história convencional trata dos fatos, o que realmente acontece no mundo da matéria: os incidentes. Não trata da verdade porque a verdade não acontece no mundo da matéria, e sim na consciência, e o homem ainda não está suficientemente maduro para tratar dos eventos da consciência.

Ele certamente observa os eventos que acontecem no tempo e no espaço – esses são os fatos –, mas ele não está suficientemente maduro, perspicaz, para perceber o que acontece além do tempo e do espaço – em outras palavras, o que acontece além da mente, na consciência. Algum dia teremos de reescrever toda a história com uma orientação diferente, porque os fatos são trivialidades – embora sejam materiais, não importam. As verdades são imateriais, mas importam.

A nova orientação para uma história futura irá se preocupar com o que aconteceu internamente com Gautama Buda quando ele se tornou iluminado e ao longo dos 42 anos após sua iluminação. E o que aconteceu nesse período não foi interrompido apenas porque seu corpo caiu morto. Não tinha nada a ver com o corpo, foi um fenômeno que ocorreu na consciência, e a consciência continua. A peregrinação da consciência é infinita. Então, o que estava acontecendo na consciência, dentro do corpo, continua acontecendo fora do corpo. Esse é um entendimento simples.

Esta é uma história de acontecimentos internos.

PRIMEIRA PARTE



APENAS UM SER HUMANO COMUM

A história por trás da lenda

P: Quem é você?

R: Sou apenas eu mesmo. Não sou nenhum profeta, nenhum messias, nenhum Cristo. Apenas um ser humano comum... Exatamente como você.

P: Bem, não exatamente!

R: Isso é verdade... não exatamente! Você ainda está adormecida, mas essa não é uma diferença tão grande. Um dia, eu também estive adormecido, e um dia, você estará pronta para despertar. Você pode despertar neste momento, ninguém a está impedindo. Portanto, essa diferença simplesmente não tem sentido.^[1]

Vislumbres de uma infância dourada

Nunca fui espiritual no sentido de que as pessoas entendem essa palavra. Nunca fui a templos ou igrejas, nem li escrituras ou segui certas práticas para encontrar a verdade ou adorei e rezei a Deus. Esse não foi, de modo algum, o meu caminho. Então, as pessoas podem certamente dizer que eu não estava fazendo nada de espiritual. Mas, para mim, a espiritualidade tem uma conotação diferente. Ela necessita de uma individualidade honesta. Não permite nenhum tipo de dependência. Cria uma liberdade para si, não importa o quanto isso custe. Nunca está em meio à multidão, mas na solidão, porque a multidão nunca encontrou nenhuma verdade. A verdade só pode ser encontrada na solidão.

Então, minha espiritualidade tem um sentido diferente da sua ideia de espiritualidade. As histórias da minha infância, se você puder entendê-las, de uma maneira ou de outra, vão apontar para todas essas qualidades. Ninguém pode chamá-las de espirituais. Eu as chamo de espirituais porque, para mim, elas deram tudo o que um homem pode aspirar.

Enquanto estiver ouvindo minhas histórias de infância, tente procurar alguma qualidade – não apenas a história, mas alguma qualidade intrínseca que percorra como uma linha fina todas as minhas lembranças. E essa linha fina é espiritual.

Para mim, espiritualidade significa simplesmente encontrar a si mesmo. Nunca permiti que ninguém fizesse este trabalho em meu nome porque ninguém pode fazer este trabalho em nome de alguém; cada um tem de fazer o seu.

1931-1939: Kutchwada, Madhya Pradesh,

Índia

Lembro-me do pequeno povoado onde nasci. Por que a existência escolheu esse lugar é algo inexplicável. É como se devesse ser assim. O povoado era bonito. Eu o percorri amplamente, mas nunca me via diante da mesma beleza. Uma coisa nunca torna a ser a mesma. As coisas vêm e vão, mas nunca são iguais.

Ainda consigo ver aquele tranquilo povoado. Apenas algumas cabanas perto de um lago e árvores altas nas quais eu costumava brincar. Não havia escola. Isso é muito importante, porque permaneci sem instrução durante quase nove anos, e esses são os anos mais importantes na formação. Depois deles, mesmo que a pessoa se esforce, não consegue ser instruída. Então, de certa maneira, ainda não sou instruído, embora tenha muitos diplomas – e não quaisquer diplomas, mas um mestrado com distinção. Qualquer tolo pode conseguir isso. Tantos tolos conseguem isso todos os anos, que esses diplomas já não têm nenhuma importância. O importante é que durante meus primeiros anos permaneci sem instrução. Lá não havia escola nem estrada, nem ferrovia, nem correios. Que bênção! Aquele povoado era em si um mundo. Mesmo nas minhas temporadas longe dali, eu permanecia naquele mundo, não instruído.

E cruzei com milhões de pessoas, mas as pessoas daquele povoado eram mais inocentes que quaisquer outras porque eram muito primitivas. Elas não sabiam nada do mundo. Nenhum jornal jamais entrou naquele povoado. Agora vocês podem entender por que não tinha escola, nem mesmo uma escola primária – que bênção! Nenhuma criança moderna pode desfrutar disso.

* * *

No passado, havia crianças casadas antes dos 10 anos de idade. Às vezes, as crianças eram casadas quando ainda estavam no útero de suas mães. Dois amigos simplesmente decidiam: “Nossas esposas estão grávidas, então, se uma der à luz um menino e a outra der à luz uma menina, o casamento está assentado, prometido”. A ideia de perguntar ao menino ou à menina nem era aventada; eles nem sequer haviam nascido! Mas, se um bebê fosse menino e o outro, menina, o

casamento estava acertado. E as pessoas mantinham sua palavra.

Minha própria mãe se casou quando tinha 7 anos de idade. Meu pai não tinha mais que dez e nem entendia o que estava acontecendo. Eu costumava lhe perguntar: “Qual foi a melhor coisa no dia do seu casamento?” Ele dizia: “Montar o cavalo.” Naturalmente! Foi a primeira vez que ele se vestiu como um rei, com um punhal pendendo de um lado da cintura, sentado sobre um cavalo, com todo mundo andando à sua volta. Ele adorou! Foi a coisa de que mais gostou do casamento. Uma lua de mel estava fora de questão. Para onde se mandaria um menino de 10 anos e uma menina de 7 em lua de mel? Então, não costumava existir lua de mel na Índia. E, no passado, também não existia em nenhum outro lugar do mundo.

Quando meu pai ainda estava com 10 anos, e minha mãe com 7, a mãe de meu pai morreu. Cerca de um ou dois anos depois, toda a responsabilidade recaiu sobre minha mãe, que tinha apenas 9 anos de idade. A mãe de meu pai havia deixado duas filhas e dois filhos pequenos. Então, havia quatro crianças sob a responsabilidade de uma menina de 9 anos e um menino de 12. O pai de meu pai nunca gostou de viver na cidade onde tinha sua loja. Ele adorava o campo e, quando sua esposa morreu, ficou absolutamente livre. O governo costumava dar terra às pessoas, porque havia muita terra e não havia tantas pessoas para cultivá-la. Assim, meu avô ganhou cinquenta acres de terra e deixou a loja nas mãos dos meus pais. Ele gostava de cuidar de jardim, cultivar, e adorava viver ao ar livre. Odiava a cidade.

Assim, meu pai nunca experimentou a liberdade que os jovens têm hoje. Nunca foi um jovem nesse sentido. Antes de poder se tornar um jovem, já estava velho, cuidando de seus irmãos e irmãs mais novos e da loja. Quando estava com 20 anos, já tinha de arranjar casamento para suas irmãs e casamento e educação para seus irmãos.

Nunca chamei minha mãe de “mãe” porque quando nasci ela já estava cuidando de quatro crianças que costumavam chamá-la de *bhabhi*. *Bhabhi* significa “esposa do irmão”. E, como quatro crianças chamavam minha mãe de *bhabhi*, eu também comecei a chamá-la de *bhabhi*.

* * *

Fui criado pelos meus avós maternos. Eles eram idosos, estavam

sozinhos e queriam uma criança para ser a alegria de seus últimos dias. Então, meus pais concordaram: eu era o filho mais velho, o primogênito, e eles me mandaram para lá.

Não me lembro de ter qualquer contato com a família de meu pai nos primeiros anos da minha infância. Passei esse tempo com dois homens velhos – meu avô e seu antigo criado, que era realmente um belo homem – e com minha velha avó. Essas três pessoas... A diferença de idade era tão grande... Eu era absolutamente só. Essas pessoas não eram, nem poderiam ser, companhia para mim. E eu não tinha mais ninguém, porque minha família era a mais rica naquele povoado tão pobre e tão pequeno – não havia mais de duzentas pessoas ali – e meus avós não permitiam que eu me misturasse com as outras crianças. Elas eram sujas e, é claro, quase sempre mendigavam. Não havia como ter amigos. Isso me causou um grande impacto. Em toda a minha vida, eu jamais tive amigos. Sim, tive conhecidos.

Naqueles primeiros anos, eu era tão solitário que comecei a gostar disso; era realmente uma alegria. Para mim, não foi uma maldição, e até se provou uma bênção. Comecei a gostar da solidão e a me sentir autossuficiente. Eu não dependia de ninguém.

Jamais me interessei por brincadeiras pela simples razão de que, desde minha tenra infância, eu não tinha como brincar, nem com quem brincar. Ainda consigo me ver nesses primeiros anos, simplesmente sentado. Nossa casa ficava num lugar bonito, bem em frente a um lago. A quilômetros de outro lugar, o lago... era tão bonito e tão silencioso. Só de vez em quando se via uma fila de garças-brancas voando ou dando gritos apaixonados, e a paz era perturbada; do contrário, era um local quase perfeito para a meditação. E a paz ficava ainda mais profunda depois que um chamado apaixonado de uma ave a perturbava.

O lago era repleto de flores de lótus, e eu podia ficar sentado diante dele durante horas, totalmente gratificado, como se o mundo não importasse: as flores de lótus, as garças-brancas e o silêncio...

E meus avós logo perceberam claramente que eu gostava da minha solidão. Viram que eu não tinha vontade de ir ao povoado para encontrar ou conversar com ninguém. Mesmo que eles quisessem conversar, minhas respostas eram apenas sim ou não; eu não estava interessado em falar com ninguém. Eles perceberam que eu adorava minha solidão e que era um dever sagrado não me perturbar.

Então, durante sete anos seguidos, ninguém tentou corromper minha inocência. O criado e meus avós me protegiam de todas as maneiras possíveis para que ninguém me perturbasse. Na verdade, enquanto eu crescia, comecei a me sentir um pouco constrangido com a ideia de que, por minha causa, eles não pudessem conversar, não pudessem ser normais como todo mundo é. Isso acontece com as crianças quando os adultos lhes dizem: “Fique em silêncio porque seu pai está pensando, seu avô está descansando. Fique quieto, sente-se em silêncio”. Na minha infância, aconteceu o oposto. Agora, eu não consigo responder por que, nem como. Isso simplesmente aconteceu. O crédito não é meu.

Essas três pessoas idosas faziam continuamente sinais uma para a outra: “Não o perturbe, ele gosta muito de estar assim.” E começaram a gostar do meu silêncio.

O silêncio tem sua energia. Ele é infeccioso, particularmente o silêncio de uma criança que não é obrigada a isso, que não está em silêncio porque você disse: “Vou lhe bater se você fizer alguma inconveniência ou algum barulho.” Não, isso não é silêncio, isso não criará a vibração alegre a que me refiro e que acontece quando uma criança está em silêncio por vontade própria, desfrutando isso sem nenhuma razão. Essa felicidade não tem uma causa e cria grande ondulações à sua volta.

Então, foi apenas uma coincidência que durante sete anos eu não fosse perturbado – ninguém para me importunar nem para me preparar para o mundo dos negócios, da política, da diplomacia. Meus avós estavam mais interessados em me deixar viver do modo mais natural possível, particularmente minha avó. Ela é uma das causas – estas pequenas coisas afetam todos os nossos padrões de vida – do meu respeito por todas as mulheres. Ela era uma mulher simples, sem instrução, mas imensamente sensível, e dizia para meu avô e para o criado: “Todos temos vivido certo tipo de vida que não nos levou a parte alguma. Estamos mais vazios que nunca, e agora a morte está se aproximando”. Ela insistia: “Não deixem esta criança ser influenciada por nós. Que influência podemos ter sobre ela? Só iremos fazê-la ficar igual a nós, e nós não somos nada. Vamos dar-lhe uma oportunidade de ser ela mesma”.

Eu os ouvia discutindo à noite, quando pensavam que eu estava dormindo. Meu avô costumava lhe dizer: “Você está me dizendo para

fazer isso, e eu estou fazendo, mas ele é filho de outra pessoa e, mais cedo ou mais tarde, terá de se juntar aos pais. O que eles dirão? ‘Vocês não lhe ensinaram bons modos, nenhuma etiqueta. Ele é totalmente selvagem’”.

Ela dizia: “Não se preocupe com isso. No mundo inteiro, todos são civilizados, têm bons modos, etiqueta, mas o que ganham com isso? Você é muito civilizado e o que ganhou com isso? No máximo, os pais deles vão ficar zangados conosco. E daí? Deixe que fiquem zangados. Eles não podem nos ferir, e, quando esse momento chegar, essa criança já estará suficientemente forte e eles não conseguirão mudar o curso da sua vida”.

Sou enormemente agradecido a essa velha mulher. Meu avô estava sempre preocupado com a possibilidade de que mais cedo ou mais tarde fosse responsabilizado: “Eles vão dizer: ‘Nós deixamos a criança com vocês, e vocês não lhe ensinaram nada.’”

Minha avó não permitiu sequer um tutor. No povoado, havia um homem que poderia pelo menos ter me ensinado o básico da linguagem, da matemática e um pouco de geografia. Ele tinha estudado apenas até o quarto ano – o quarto ano fundamental, que era como chamavam a educação primária na Índia –, mas era o homem mais instruído da cidade. Meu avô insistiu muito: “Ele pode vir e ensinar-lhe. Pelo menos conhecerá o alfabeto, um pouco de matemática, e, assim, quando voltar para seus pais, eles não dirão que ele simplesmente desperdiçou sete anos da sua vida.”

Mas minha avó disse: “Eles que façam o que quiserem depois dos 7 anos. Durante sete anos, ele tem de ser apenas seu ser natural, e nós não vamos interferir.” E seu argumento era sempre: “Você conhece o alfabeto. E daí? Você sabe matemática. E daí? Você ganhou um pouco de dinheiro. Você quer que ele também ganhe um pouco de dinheiro e viva como você?”

Isso era o bastante para manter aquele velho homem quieto. O que ia fazer? Ele não conseguia argumentar, mas sabia que seria considerado responsável, não ela, porque meu pai lhe perguntaria: “O que você fez?” E, na verdade, isso teria mesmo acontecido, mas felizmente ele morreu antes que meu pai pudesse perguntar.

Mais tarde, meu pai sempre dizia: “Aquele homem foi o responsável. Ele estragou o menino! Mas eu já estava bastante forte e lhe deixava isso bem claro: “Na minha frente, nunca diga uma única

palavra contra meu avô materno. Ele me salvou de ser estragado por você, e essa é a verdadeira razão da sua raiva. Mas você tem outros filhos, estrague-os. E no fim verá quem será estragado.”

Ele teve outros filhos. Mais e mais filhos continuavam chegando. Eu costumava implicar com ele: “Por favor, providencie mais um filho, complete uma dúzia. Onze filhos? As pessoas perguntam: ‘Quantos filhos?’ E onze não parece certo; uma dúzia impressiona mais.” E, nos últimos anos, eu costumava lhe dizer: “Você continua estragando todos os seus filhos; eu sou selvagem e vou permanecer selvagem.” De algum modo, permaneci fora das amarras da civilização.

* * *

Meu avô materno era um homem generoso. Ele era pobre, mas rico em sua generosidade. Dava tudo o que tinha. Aprendi com ele a arte de dar. Nunca o vi dizer não para um mendigo ou para ninguém.

Eu o chamava de *nana*, essa é a maneira como o pai da mãe é chamado na Índia. A mãe da mãe é chamada de *nani*. Eu costumava perguntar a meu avô: “*Nana*, onde você arranjou uma esposa tão bonita?” As feições da minha avó não eram indianas; ela parecia grega e era uma mulher forte, muito forte. Meu *nana* morreu antes dos 50 anos. Minha avó viveu até os oitenta e era extremamente saudável. Mesmo então ninguém pensava que ela fosse morrer. Eu havia prometido que iria vê-la quando ela morresse e cumpri minha promessa. Essa foi minha última visita à família. Ela morreu em 1970.

Durante meus primeiros anos, eu considerava *nani* como minha mãe. Esses são os anos em que uma pessoa cresce. Minha própria mãe veio depois, quando eu já estava crescendo, de certa forma já estava feito. E minha avó me ajudou imensamente. Meu avô me amava, mas não pôde me ajudar muito. Ele era bastante amoroso, mas para ajudar é necessário mais, é necessário um tipo especial de força. Ele vivia com medo da minha avó. De certa maneira, era um marido dominado pela mulher. Mas ele me amava, me ajudava... O que eu podia fazer se ele era um marido dominado por sua mulher? Noventa e nove por cento dos maridos o são, então tudo bem.

* * *

Posso entender o velho, meu avô, e a perturbação que minhas travessuras lhe causavam. Ele passava o dia todo sentado em seu *gaddi*, como é chamada a cadeira de um homem rico na Índia, escutando menos seus clientes e mais os queixosos de mim, mas ele costumava dizer-lhes: “Estou pronto para pagar por qualquer dano que ele tenha causado, mas, lembre-se, não vou puni-lo.”

Talvez sua paciência comigo, uma criança travessa... Talvez nem eu pudesse aguentar-me. Se uma criança me fosse entregue por quatro anos... meu Deus! Depois de minutos, eu atiraria a criança porta fora para sempre. Talvez aqueles anos tenham operado um milagre em meu avô, e essa imensa paciência compensou. Ele se tornou cada vez mais silencioso. Eu via o silêncio crescendo a cada dia. De vez em quando, eu dizia: “*Nana*, você pode me castigar. Não precisa ser tão tolerante.” É possível acreditar que ele chorava? Seus olhos se enchiam de lágrimas e ele dizia: “Castigá-lo? Não posso fazer isso. Posso castigar a mim mesmo, mas não a você.”

Nunca, nem por um único momento, eu vi em seus olhos uma sombra de raiva dirigida a mim, e, acreditem, eu fazia tudo o que mil crianças poderiam fazer. Começava pela manhã, mesmo antes do café, e persistia nas minhas travessuras até tarde da noite. Às vezes, eu voltava para casa tarde – três horas da madrugada –, mas que homem ele era! Nunca me disse: “Você chegou tarde demais. Isso não é hora de uma criança chegar em casa.” Não, nem uma vez. Na verdade, na minha frente, ele evitava olhar para o relógio na parede.

Ele nunca me levou ao templo onde costumava ir. Eu também ia àquele templo, mas só quando estava fechado e para furtar prismas, porque naquele templo havia muitos candelabros com belos prismas. Acho que, aos poucos, furtei quase todos. Quando contaram isso ao meu avô, ele disse: “E daí? Eu doei os candelabros e posso doar outros. Ele não está furtando; aquilo é propriedade do *nana*. Eu construí aquele templo.” O sacerdote parou de se queixar. De que adiantava? Ele era apenas um criado do meu *nana*.

Nana costumava ir ao templo toda manhã. Ele nunca disse: “Venha comigo.” Nunca me doutrinou. Isso é incrível... não doutrinar. É tão humano obrigar uma criança indefesa a seguir suas crenças, mas ele não se deixava tentar. Sim, eu chamo isso de a maior tentação, não doutrinar alguém que é dependente de você. Ele nunca me disse: “Você é um jainista.”

Lembro-me perfeitamente. Foi na época da realização do censo. Um funcionário foi à nossa casa e fez muitas perguntas sobre muitas coisas. Perguntou sobre a religião de meu avô. Ele disse que era jainista. Depois, perguntou qual era a religião de minha avó. Meu *nana* disse: “Você pode perguntar a ela. Religião é uma coisa privada. Eu mesmo nunca perguntei.” Que homem!

Minha avó respondeu: “Não acredito em nenhuma religião. Para mim, todas as religiões parecem infantis.” O funcionário ficou chocado. Até eu fiquei desconcertado. Ela não acreditava em nenhuma religião! Na Índia, é impossível encontrar uma mulher que não acredite em nenhuma religião. Mas ela nasceu em Khajuraho, talvez em uma família de tântricos que nunca acreditaram em nenhuma religião. Eles praticavam meditação, mas nunca acreditaram em nenhuma delas.

Isso parece muito ilógico para a mente ocidental. Meditação sem religião? Sim... Na verdade, se você acredita em alguma religião, não consegue meditar. A religião é uma interferência na sua meditação. A meditação não necessita de Deus, não necessita de céu, não necessita de inferno, nem do medo do castigo e do fascínio pelo prazer. A meditação não tem nada a ver com a mente. A meditação está além dela, enquanto a religião é apenas a mente, está dentro da mente.

Eu sei que *nani* nunca ia ao templo, mas ela me ensinou um mantra que vou revelar pela primeira vez. É um mantra jainista, mas também não tem nada a ver com o jainismo em si. Está relacionado com o jainismo por puro acaso...

O mantra é muito bonito. Vai ser difícil traduzi-lo, mas vou fazer o melhor que posso... ou o pior. Primeiro, é preciso ouvir o mantra em sua beleza original:

Namo arihantanam namo

Namo siddhanam namo

Namo uvajjhayanam namo

Namo loye savva sahunam namo

Aeso panch nammukaro

savva pavappanasano

Mangalam cha savvesam padhamam Havaí mangalam

Arihante saranam pavajjhami

Siddhe saranam pavajjhami

Sahu saranam pavajjhami

namo arihantanam namo

Namo siddhanam namo namo

Namo uvajjhayanam namo namo

om, shantih, shantih, shanti...

Agora, meu esforço para traduzi-lo. O primeiro verso diz: “Eu me curvo aos pés dos *arihantas*, inclino-me diante deles.” *Arihanta* é, no jainismo, como *arhat* é no budismo, o nome dado a alguém que atingiu o supremo, mas não se importa com mais ninguém. Alguém que veio para casa e voltou as costas para o mundo, que não cultivava uma religião, nem sequer prega, nem sequer a declara. É claro que ele tem de ser lembrado em primeiro lugar. A primeira lembrança é para todos aqueles que conheceram e permaneceram silentes. O primeiro respeito não é pelas palavras, mas pelo silêncio. Não para serviço aos outros, mas para simples realização de si mesmo. Não importa se a pessoa serve a outras ou não; isso é secundário, não é primário. O primário é que ela tenha alcançado seu próprio ser, e neste mundo é tão difícil conhecer a si mesmo.

Os jainistas chamam de *arihanta* a pessoa que alcançou seu próprio ser e está tão submersa, tão embriagada na beatitude da realização de si, que esqueceu o resto do mundo. A palavra *arihanta* significa literalmente “aquele que matou o inimigo”, e o inimigo é o ego.

O segundo verso, “*Namo siddhanam namo namo*”, foi escrito em *prakrit*, a língua dos jainistas, mais antiga que o sânscrito. A própria palavra “sânscrito” significa “refinado”. É possível entender por essa palavra que deve ter havido algo antes; do contrário, o que se iria aprimorar? *Prakrit* significa “não aprimorado”, natural, bruto, e os jainistas estão certos quando dizem que sua língua é a mais antiga do mundo. Sua religião também é a mais antiga. Esse segundo verso é bruto e não aprimorado. Ele diz: “Eu toco os pés daquele que se tornou seu próprio ser.” Então, qual é a diferença entre o primeiro e o segundo versos? O *arihanta* nunca olha para trás, nunca se preocupa com serviços religiosos, cristãos ou outros quaisquer, mas o *siddha*^[1] de vez em quando estende sua mão para a humanidade que está afundando, só de vez em quando, não sempre. Isso não é uma

necessidade, não é compulsório, é escolha dele. Ele pode ou não fazer.

O terceiro verso, “*Namo uvajjhayanam namo namo*”, diz: “Eu toco os pés dos mestres, os *uvajjhaya*.” Eles também conseguiram fazer isso, mas enfrentam o mundo, servem ao mundo. Eles estão no mundo. Não são dele, mas ainda assim estão nele.

O quarto verso, “*Namo loye savva sahunam namo namo*”, diz: “Eu toco os pés dos professores.” E qual é a sutil diferença entre um mestre e um professor? O mestre conheceu e compartilha aquilo que conheceu. O professor recebeu algo de alguém que conheceu e o transmite intacto para o mundo, mas ele próprio não conheceu. Os autores deste mantra são realmente belos, pois eles tocam até os pés daqueles que não conheceram a si mesmos, mas que pelo menos levam a mensagem dos mestres para as massas.

O quinto verso é uma das frases mais importantes com que me deparei em toda a minha vida. É estranho que ela me tenha sido transmitida por minha avó quando eu ainda era uma criança. Quando eu explicá-la, vocês também vão enxergar sua beleza. Só minha avó seria capaz de transmiti-la para mim. Não conheço ninguém que tenha entranhas para realmente proclamá-la, embora todos os jainistas a repitam em seus templos. Repetir é uma coisa; compartilhá-la com alguém que você ama é totalmente diferente.

Esse verso diz: “Toco os pés de todos aqueles que conheceram a si mesmos.” Aqui, não há qualquer distinção, sejam eles hindus, jainistas, budistas, cristãos, muçulmanos. Pelo que sei, este é o único mantra absolutamente não sectário.

Os quatro versos iniciais não são diferentes do quinto; estão todos contidos nele, mas o último tem uma vastidão que os outros não têm. O quinto verso deveria ser escrito em todos os templos, em todas as igrejas, independentemente da religião à qual pertencem, porque ele diz “Eu toco os pés de todos aqueles que o conheceram.” Ele não diz “que conheceram Deus.” Mesmo o pronome “o” pode ser retirado. O original simplesmente diz: “Toco os pés de todos aqueles que conheceram”. Coloquei esse “o” apenas para satisfazer as exigências da sua língua; do contrário, alguém pode perguntar: “Conheceram? Conheceram o quê? Qual é o objeto do conhecimento?” Não há objeto do conhecimento, não há nada a conhecer, apenas o conhecedor.

Este mantra é a única coisa religiosa, se é que se pode chamá-lo de religioso, que minha avó me deu. Certa noite, ela disse:

— Você parece estar acordado. Não consegue dormir? Está planejando a travessura de amanhã?

— Não, mas de algum modo está surgindo em mim uma pergunta — respondi. — Todo mundo tem uma religião, e quando as pessoas me perguntam a que religião pertença, eu encolho os ombros. Ora, certamente encolher os ombros não é uma religião, então quero lhe perguntar o que devo dizer.

— Eu mesma não pertença a nenhuma religião, mas adoro este mantra, e isto é tudo o que posso lhe dar, não porque é da tradição jainista, mas apenas porque conheci sua beleza. Eu o repeti milhões de vezes e sempre encontrei uma enorme paz, apenas com o sentimento de tocar os pés de todos aqueles que conheceram. Eu posso lhe dar este mantra; mais que isso é impossível para mim.

Agora posso dizer que essa mulher era realmente fantástica, porque, no que se refere à religião, todo mundo está mentido. Cristãos, judeus, jainistas, muçulmanos, todos estão mentindo. Todos falam de Deus, de céu e de inferno, de anjos e de todos os tipos de bobagem sem conhecer absolutamente nada. Ela foi fantástica, não porque conhecia, mas porque era incapaz de mentir para uma criança.

Ninguém deve mentir – para uma criança, pelo menos, é imperdoável. As crianças têm sido exploradas por séculos simplesmente porque são propensas a confiar. Você pode mentir para elas com facilidade, porque elas vão confiar em você. Se você é um pai ou uma mãe, inevitavelmente elas acham que você está falando a verdade. É assim que toda a humanidade vive na corrupção, em uma lama muito escorregadia e grossa de mentiras contadas há séculos para as crianças. Se fizermos apenas uma coisa, uma coisa simples, que é não mentir para as crianças e confessar-lhes nossa ignorância, então seremos religiosos e colocaremos as crianças no caminho da religião. As crianças são apenas inocência. Não lhes deixem o legado do seu pretenso conhecimento. Vocês próprios devem antes de tudo buscar serem inocentes, francos, verdadeiros.

* * *

O jainismo é a religião mais ascética do mundo, ou, em outras palavras, a mais masoquista e a mais sádica. Os monges jainistas torturam-se tanto que se conjectura se são loucos. Não são. São

homens de negócio, e os seguidores dos jainistas também são homens de negócio, mas isso não é realmente estranho, porque a própria religião é motivada pela ideia de lucro no outro mundo. O jainista se tortura para ganhar no outro mundo algo que ele sabe que não poderá conseguir neste mundo.

Eu devia ter 4 ou 5 anos de idade quando vi o primeiro monge jainista nu ser convidado para entrar na casa de minha avó. Não pude deixar de rir. Meu avô me disse:

— Fique quieto! Sei que você é um traquinas. Posso perdoá-lo quando é uma dor de cabeça para os vizinhos, mas não posso perdoá-lo se for maldoso com meu guru. Ele é meu mestre. Ele me iniciou nos segredos profundos da religião.

— Não estou preocupado com os segredos profundos, e sim com os segredos externos que ele está exibindo tão claramente. Por que ele está nu? Não pode pelo menos vestir calças curtas?

Até minha avó riu.

— Você não entende. — disse meu avô.

— Está bem, eu mesmo vou perguntar a ele — falei.

Todos os moradores do povoado se reuniram para o *darshan*^[2] do monge jainista. No meio do sermão, eu me levantei. Isso foi há mais ou menos quarenta anos, e desde então tenho brigado continuamente com esses idiotas. Naquele dia, teve início uma guerra que só vai terminar quando eu estiver morto. Talvez mesmo então ela não termine; meu povo pode continuá-la.

Fiz algumas perguntas simples que o monge não conseguiu responder. Fiquei confuso. Meu avô ficou envergonhado. Minha avó me deu um tapinha nas costas e disse:

— Maravilha! Você conseguiu! Eu sabia que seria capaz disso.

O que eu lhe perguntei? Fiz apenas algumas indagações simples. “Por que você não quer nascer de novo?” Essa é uma pergunta muito simples no jainismo, porque o jainismo não é nada mais do que um esforço para não nascer de novo. É a ciência total da prevenção do renascimento. Então, fiz-lhe outra pergunta básica:

— Você nunca quis nascer de novo?

— Não, nunca — respondeu ele.

Então, perguntei:

— Por que não comete suicídio? Por que ainda está respirando? Por que come? Por que bebe água? Simplesmente desapareça, cometa

suicídio. Por que fazer tanto barulho por uma coisa tão simples? — Ele não tinha mais que 40 anos de idade... — Se você continuar desta maneira, pode viver outros quarenta anos ou até mais. — É um fato científico que pessoas que comem pouco vivem por mais tempo... Então, eu disse ao monge — na época ainda conhecia estes fatos: — Se você não quer nascer de novo, por que está vivendo? Apenas para morrer? Por que não comete suicídio?

Acho que ninguém jamais lhe fez essas perguntas. Na sociedade educada, ninguém formula perguntas reais, e a pergunta do suicídio é a mais real entre todas.

Gabriel Marcel diz que o suicídio é a única questão filosófica real. Na época, eu não tinha nem ideia de quem era Marcel. Talvez nem houvesse Marcel, e seu livro ainda não tivesse sido escrito. Mas foi isso que eu disse ao monge jainista:

— Se você não quer nascer de novo, o que diz ser seu desejo, então por que vive? Para quê? Cometa suicídio! Posso lhe mostrar um jeito. Embora eu não saiba muito sobre as coisas do mundo, posso lhe dar algum conselho no que se refere a suicídio. Você pode pular da colina do lado do povoado ou dentro do rio. — E ainda disse ao monge jainista: — Na estação chuvosa, você pode pular no rio comigo. Podemos fazer companhia um ao outro por um tempinho e depois você pode morrer enquanto eu alcanço a outra margem. Eu nado muito bem.

Ele me lançou um olhar tão feroz, tão cheio de raiva, que tive de lhe dizer:

— Lembre-se de que você terá de nascer de novo porque ainda está cheio de raiva. Esta não é a maneira de se livrar do mundo das preocupações. Por que está me olhando de um jeito tão furioso? Responda a minha pergunta de uma maneira calma e tranquila. Responda com alegria! Se não conseguir responder, diga simplesmente “Eu não sei.” Mas não fique com raiva.

— Suicidar-se é pecado — disse ele. — Não posso cometer suicídio. Mas não quero nascer de novo. Vou atingir esse estado renunciando lentamente a tudo o que possuo.

— Por favor, mostre-me algo que você possui, porque, pelo que posso ver, está nu e não possui nada. Que bens você tem? — Meu avô tentou me deter. Apontei para minha avó e então lhe disse: — Lembre-se, eu pedi permissão a *nani*, e agora ninguém pode me impedir, nem

mesmo você. Falei com ela a seu respeito porque fiquei preocupado que você ficasse zangado comigo se eu interrompesse o seu guru e todo o seu lixo. Ela então me disse: “Simplesmente aponte para mim. Não fique preocupado. Com um olhar meu, ele vai se calar.”

E... estranho... foi verdade! Ele se calou, mesmo sem um olhar da minha *nani*.

Mais tarde, minha *nani* e eu rimos. Eu lhe disse:

— Ele nem olhou pra você.

— Ele não podia. Deve ter ficado com medo de que eu dissesse: “Cale-se! Não interfira com a criança.” Então, me evitou. E a única maneira de me evitar foi não interferir com você.

Na verdade, ele fechou os olhos como se estivesse meditando. Eu lhe disse:

— *Nana*, maravilha! Você está zangado, fervendo, há fogo dentro de você, mesmo quando se senta com os olhos fechados como se estivesse meditando. Seu guru está com raiva porque minhas perguntas o aborrecem. Você está com raiva porque seu guru não é capaz de respondê-las. Mas eu lhe digo que este homem que está fazendo sermão aqui é apenas um imbecil.

E eu não tinha mais que 4 ou 5 anos de idade.

Daquela época em diante, essa foi minha linguagem. Reconheço imediatamente onde está o idiota, quem quer que ele seja. Ninguém consegue escapar dos meus olhos de raios X.

* * *

Não me lembro do nome do monge jainista; talvez seu nome fosse Shanti Sagar, que significa “oceano de felicidade”, mas ele certamente não era isso. Por isso esqueci até seu nome. Ele era apenas uma poça de água suja, não um oceano de felicidade ou paz. E certamente não era um homem de silêncio, porque ficou muito irado.

Shanti pode significar muitas coisas. Os dois significados básicos são paz e silêncio. Ambos estavam faltando nele. Ele não era pacífico nem silente, de jeito nenhum, nem se podia dizer que não havia nenhuma perturbação nele, porque ficou com tanta raiva que gritou comigo e mandou que eu me sentasse.

— Ninguém pode mandar eu me sentar na minha própria casa — falei. — Eu posso lhe dizer para sair, mas você não pode me dizer para

eu me sentar. Mas eu não vou lhe dizer para sair porque ainda tenho mais perguntas para lhe fazer. Por favor, não fique com raiva. Lembre-se do seu nome, Shanti Sagar, oceano de paz e silêncio. Você podia pelo menos ser um pequeno lago. E não ficar perturbado por causa de uma criança pequena.

Sem me incomodar com ele, perguntei à minha avó, que a essa altura só ria:

— O que você diz, *nani*? Devo lhe fazer mais perguntas ou lhe dizer para sair da nossa casa?

Não perguntei ao meu avô, é claro, porque aquele homem era seu guru. Minha *nani* disse:

— Você pode perguntar o que quiser, e, se ele não puder responder, a porta está aberta e ele pode sair.

Essa era a mulher que eu amava. Foi a mulher que fez de mim um rebelde. Até meu avô ficou chocado ao vê-la me apoiar desse jeito. Aquele Shanti Sagar se calou no momento em que viu que eu tinha o apoio da minha avó. E não só dela, pois os aldeões também ficaram imediatamente do meu lado. O pobre monge jainista ficou absolutamente sozinho.

Fiz-lhe mais algumas perguntas.

— Você disse que não devemos acreditar em nada que não tenhamos visto e que não tenhamos experimentado. Vejo a verdade que existe nisso e daí vem esta pergunta... você visitou o sétimo inferno? Se tivesse visitado, não poderia estar aqui. Se não visitou, com que autoridade diz que ele existe? Você deveria dizer que há apenas seis infernos, não sete. Agora, por favor, seja correto e diga que há apenas seis infernos. Ou, se insiste em que são sete, me prove que pelo menos um homem, Shanti Sagar, voltou do sétimo inferno.

Eu lhe perguntei isso porque os jainistas acreditam na existência de sete infernos. Até o sexto, há a possibilidade de voltar, mas o sétimo é eterno. Talvez seja o inferno cristão, porque uma vez que a pessoa está lá, fica lá para sempre. O monge jainista ficou estupefato. Não conseguia acreditar que uma criança pudesse formular tal pergunta. Hoje, até eu tenho dificuldade de acreditar! Como pude lhe fazer tal pergunta? A única resposta que posso dar é que eu não havia sido educado e não tinha absolutamente nenhum conhecimento. O conhecimento torna as pessoas muito astuciosas. Eu não era astucioso. Simplesmente formulei a pergunta que qualquer criança que não

tivesse sido educada formularia. A educação é o maior crime que o homem tem cometido contra as pobres crianças. Talvez a última libertação venha a ser a libertação das crianças.

Eu era inocente e totalmente desinformado. Não sabia ler nem escrever nem contar além dos meus dedos. Mesmo hoje, quando tenho de contar qualquer coisa, começo usando meus dedos e fico confuso se pulo um dedo. Ele não conseguiu responder. Minha avó se levantou e disse:

— Você tem de responder a pergunta. Não pense que é só uma criança que está perguntando. Eu também estou perguntando, e você está na minha casa.

Agora, tenho de introduzir mais uma convenção jainista. Quando um monge jainista visita uma família para receber seu alimento, ele faz um sermão, como uma bênção à família, depois de comer sua refeição. O sermão é direcionado à dona da casa. Minha avó continuou:

— Hoje, eu o estou recebendo na minha casa e estou lhe fazendo a mesma pergunta. Você visitou o sétimo inferno? Se não visitou, diga francamente que não visitou, mas depois não poderá dizer que há realmente sete infernos.

O monge parecia tão perplexo e confuso, mais ainda ao ser confrontado por uma bela mulher, que começou a se retirar. Minha *nani* gritou:

— Pare! Não saia! Quem vai responder a pergunta do meu neto? Ele ainda tem mais algumas perguntas a fazer. Que tipo de homem é você que foge das perguntas de uma criança?!

O homem parou.

— Eu desisto da segunda pergunta — falei —, porque você não pode respondê-la. E também não respondeu a primeira. Então vou lhe fazer a terceira e talvez consiga responder esta. — Ele olhou para mim. — Se você quiser olhar pra mim, olhe nos meus olhos. — Houve um grande silêncio. Ninguém dizia uma palavra. O monge baixou seus olhos e então eu disse: — Minhas duas primeiras perguntas ficaram sem resposta e a terceira eu não farei porque não quero que uma visita fique envergonhada. Eu desisto.

Eu me retirei do local e fiquei muito feliz quando minha avó me acompanhou.

Meu avô despediu-se do monge, mas voltou correndo para dentro

de casa assim que ele saiu e perguntou à minha avó:

— Você está louca? Primeiro, apoiou esse menino que é um encenqueiro e depois saiu com ele sem sequer se despedir do meu mestre.

— Ele não é meu mestre e, portanto, não me importo nem um pouco — respondeu ela. — Além disso, aquele que você acha que é um encenqueiro é a semente. Ninguém sabe o que vai sair dela.

Agora sei o que saiu dela. A menos que se seja um encenqueiro de nascença é impossível se tornar um buda. E eu não sou simplesmente um buda, como Gautama Buda; isso é muito tradicional. Sou Zorba, o Buda. Sou um encontro do Oriente e do Ocidente. Na verdade, não divido o Oriente e o Ocidente, superior e inferior, homem e mulher, bom e mau, deus e o demônio. Não, mil vezes não. Eu não divido, eu uno tudo o que foi dividido até agora. Esse é o meu trabalho.

Aquele dia é imensamente significativo para se compreender o que aconteceu durante toda a minha vida, porque a menos que você entenda a semente, não compreenderá a árvore, seu florescimento e talvez o luar através dos ramos.

Daquele dia em diante, fui contra qualquer coisa masoquista. É claro que vim a conhecer essa palavra muito mais tarde, mas a palavra não importa. Tenho sido contra tudo o que é ascético; também não conhecia essa palavra naquela época, mas eu conseguia sentir o cheiro de algo putrefato. Todos sabem que sou alérgico a todos os tipos de autotortura. Quero que todo ser humano viva o mais plenamente possível; o mínimo não é o meu jeito. Que ele viva o máximo ou, se puder, que vá além do máximo. Então será fantástico. Vá! Não espere! E não desperdice tempo esperando Godot...

Não sou contra a ideia de pôr fim à vida. Se uma pessoa decide terminá-la, é claro que isso é um direito dela. Mas sou certamente contra tornar a vida uma longa tortura. Quando morreu, este Shanti Sagar havia passado cento e dez dias sem comer. Se for saudável, um homem é capaz de fazer o mesmo ou de ficar facilmente noventa dias sem se alimentar. Se for extraordinariamente saudável, pode sobreviver mais tempo.

Portanto, é bom lembrar que não fui rude com aquele homem. No contexto, minha pergunta era absolutamente correta, talvez ainda mais porque ele não pôde respondê-la. E, que estranho dizer isso hoje, aquele não foi apenas o início do meu questionamento, mas também o

início da falta de respostas por parte das pessoas. Encontrei muitas pessoas chamadas espiritualizadas, mas nenhuma jamais pôde responder minhas perguntas. De certa maneira, aquele dia determinou todo o meu jeito de ser, toda a minha vida.

Shanti Sagar foi embora muito aborrecido, mas eu estava imensamente feliz e não escondi isso do meu avô. Eu lhe disse:

— *Nana*, ele pode ter saído aborrecido, mas eu me sinto absolutamente correto. Seu guru era apenas medíocre. Você deve escolher alguém com um pouco mais de valor.

— Talvez você tenha razão, mas, agora, na minha idade, não será muito prático trocar de guru — disse ele, que até riu do meu comentário. E perguntou à minha *nani*: — O que você acha?

Minha *nani*, como sempre fiel ao seu espírito, disse:

— Nunca é tarde demais para mudar. Se vê que aquilo que escolheu não está certo, mude. Na verdade, faça isso rápido, porque você está envelhecendo. Não diga que está velho e por isso não pode mudar. Um homem jovem pode se permitir não mudar, mas não um homem velho, e você já está suficientemente velho.

Alguns anos mais tarde, ele morreu, mas não havia conseguido reunir coragem para mudar de guru. Manteve o mesmo antigo padrão. Minha avó costumava provocá-lo, dizendo:

— Quando você vai mudar seu guru e seus métodos?

— Eu vou, eu vou, eu vou — dizia ele.

Certo dia, minha avó falou:

— Pare com toda esta bobagem! Ninguém muda a menos que mude imediatamente. Não diga “eu vou, eu vou”. Mude ou não mude, mas seja claro.

Aquela mulher poderia ter se tornado uma força tremendamente poderosa. Ela não foi feita para ser apenas uma dona de casa. Não foi feita para morar naquele pequeno povoado. O mundo inteiro deveria conhecê-la. Talvez eu seja o seu veículo; talvez ela tenha se despejado em mim. Ela me amava tão profundamente que eu sempre considerei minha *nani* como minha mãe verdadeira.

Sempre que eu tinha de confessar alguma coisa, qualquer dano que eu tivesse causado a alguém, só conseguia confessá-lo a ela, a ninguém mais. Ela era a minha confiança. Eu podia confiar qualquer coisa a ela porque tinha percebido uma coisa: a sua capacidade de compreender.

Naquele momento da minha vida, ao formular perguntas estranhas,

irritantes e aborrecidas ao monge jainista, não considero que tenha feito nada errado. Talvez eu o tivesse ajudado. Talvez um dia ele entendesse. Se tivesse coragem, teria entendido naquele mesmo dia, mas era um covarde e fugiu. E, desde então, é o que tenho visto: todos os chamados *mahatmas* e santos são covardes. Nunca me vi diante de um único *mahatma* – hindu, muçulmano, cristão, budista – que se pudesse dizer que era realmente um espírito rebelde. A menos que se seja rebelde, não se é religioso. A rebelião é a própria base da religião.

* * *

Nana não era apenas um avô materno. Tenho muita dificuldade em definir o que ele foi para mim. Costumava me chamar de *rajah*, que significa “o rei”, e conseguiu me fazer viver como um rei durante aqueles sete anos. Nos meus aniversários, trazia um elefante de uma cidadezinha próxima... Naquela época, os elefantes eram mantidos por reis – porque sua manutenção, sua alimentação e seu tratamento eram muito caros – ou por santos. Esses dois tipos de pessoas costumavam tê-los. Os santos podiam ter elefantes porque tinham muitos seguidores. Do mesmo modo que os seguidores cuidavam do santo, cuidavam também do elefante. Na nossa vizinhança, havia um santo que tinha um elefante, e, por isso, nos meus aniversários, meu avô costumava me colocar sobre o elefante com duas bolsas, uma de cada lado, cheias de moedas de prata...

Na minha infância, ainda não havia notas de rúpia na Índia, e a prata ainda era usada como dinheiro. Meu avô enchia duas grandes bolsas, e eu percorria a cidade jogando as moedas de prata. Era assim que ele costumava celebrar meus aniversários. Ele vinha atrás de mim em seu carro de boi, trazendo mais rúpias, e me dizia: “Não seja mesquinho, eu tenho bastante! Você não pode jogar mais do que tenho. Continue jogando!”

Ele conseguia, de todas as maneiras possíveis, fazer com que eu me sentisse parte de alguma família real.

* * *

A separação tem sua própria poesia, só é preciso aprender sua linguagem e vivê-la em profundidade. Então, um novo tipo de alegria

surge da própria tristeza... Parece quase impossível, mas acontece. Eu conheci essa realidade por causa da morte do meu *nana*. Foi uma separação total. Nunca mais nos veríamos, mas havia beleza nisso. Ele era velho e estava morrendo, talvez por causa de um grave problema cardíaco. Não sabíamos o que ele tinha, porque não havia médico no povoado, nem mesmo um farmacêutico, nem remédios, por isso não sabemos a causa da sua morte, mas acho que foi um ataque cardíaco agudo.

Perguntei no seu ouvido: “*Nana*, você tem algo a me dizer antes da sua partida? Algumas últimas palavras? Ou quer me dar algo para eu me lembrar de você para sempre?” Ele tirou seu anel e o colocou na minha mão. Esse anel está agora com algum *sannyasin*;^[3] eu o dei a alguém. Mas esse anel sempre foi um mistério. Durante sua vida toda, meu avô jamais deixou que alguém visse o que havia dentro do anel, embora ele mesmo costumasse sempre olhar lá dentro. O anel tinha uma janela de vidro de cada lado, através das quais se podia ver o interior da peça e um diamante no alto.

Meu avô nunca havia permitido que ninguém visse o que ele costumava observar dentro do anel, mas havia ali uma estátua de Mahavira, o *tirthankara*^[4] jainista; era uma imagem realmente bonita e muito pequena, mas os vidros eram lentes de aumento que faziam com que ela parecesse realmente grande.

Com lágrimas nos olhos, meu avô disse: “Não tenho mais nada para lhe dar porque tudo o que tenho também será tomado de você, assim como foi tomado de mim. Só posso lhe dar o meu amor por aquele que conheceu a si mesmo.”

Embora eu não tenha guardado o seu anel, cumpri seu desejo. Conheci aquele que conheceu a si mesmo, e o conheci em mim mesmo. E o que importa um anel? Mas o pobre homem amava seu mestre, Mahavira, e ofereceu seu amor para mim. Eu respeito o seu amor por seu mestre e por mim. Suas últimas palavras foram: “Não fique preocupado porque eu não estou morrendo.”

Todos nós esperamos para ver se ele diria mais alguma coisa, mas isso foi tudo. Seus olhos se fecharam e ele não existia mais.

Ainda me lembro do silêncio. O carro de boi estava atravessando o leito do rio. Recordo-me exatamente de cada detalhe. Não disse nada porque não queria perturbar minha avó. Ela não disse uma palavra. Alguns momentos se passaram; então, fiquei um pouco preocupado

com ela e disse: “Diga alguma coisa, não fique tão quieta, isso é insuportável.”

Vocês não vão acreditar, mas ela cantou! Foi assim que aprendi que a morte tem de ser celebrada. Ela cantou a canção que havia cantado quando se apaixonou por meu avô.

Isto também é algo que vale a pena mencionar: noventa anos atrás, na Índia, ela teve a coragem de se apaixonar. Permaneceu solteira até os 24 anos, o que era muito raro. Certa vez, eu lhe perguntei por que ela permaneceu solteira durante tanto tempo. Era uma mulher tão bonita... E disse-lhe, brincando, que até mesmo o rei de Chhatarpur, o estado onde fica Khajuraho[5], poderia ter se apaixonado por ela.

— É estranho você mencionar isso — disse ela —, porque o rei se apaixonou por mim. Eu o recusei, e não só a ele, mas a muitos outros também. Naquela época, as meninas se casavam com 7 anos ou, no máximo, com 9 anos de idade, simplesmente por medo do amor... Se ficassem mais velhas, podiam se apaixonar. Mas o pai da minha avó era um poeta; suas canções ainda são cantadas em Khajuraho e nos povoados vizinhos. Ele insistiu que, a menos que ela concordasse, não casaria sua filha com ninguém. Por acaso, ela se apaixonou por meu avô.

— Isso é ainda mais estranho! — exclamei. — Você recusou o rei de Chhatarpur e se apaixonou por este homem pobre. Por quê? Ele certamente não era muito bonito, nem extraordinário de nenhuma outra maneira, então por que você se apaixonou por ele?

— Você está fazendo a pergunta errada. Apaixonar-se não tem um por quê. Eu simplesmente o vi e pronto. Eu vi seus olhos e surgiu em mim uma confiança que nunca se abalou.

Também perguntei ao meu avô:

— A *nani* disse que se apaixonou por você, mas por que você permitiu que o casamento acontecesse?

— Não sou um poeta nem um pensador, mas consigo reconhecer a beleza quando a vejo — respondeu ele.

Nunca vi uma mulher mais bonita do que minha *nani*. Eu mesmo me apaixonei por ela e a amei durante toda a sua vida. Quando ela morreu, aos 80 anos, corri para casa e a encontrei deitada, morta. Todos estavam apenas esperando por mim, porque ela havia dito que eles não colocassem seu corpo na pira funerária enquanto eu não chegasse. Havia insistido em que eu acendesse sua pira, e então

estavam esperando por mim. Eu entrei, descobri seu rosto, e ela ainda estava bonita! Na verdade, mais bonita do que nunca, porque tudo estava calmo, sem o ruído da sua respiração, sem o ruído da vida. Ela era apenas uma presença.

Atear fogo em seu corpo foi a tarefa mais difícil que já realizei em minha vida. Era como se eu estivesse pondo fogo em uma das mais belas pinturas de Leonardo da Vinci ou de Vincent van Gogh. É claro que, para mim, ela era mais valiosa do que a *Mona Lisa*, mais bonita do que Cleópatra. E isso não é um exagero. De algum modo, tudo o que é belo na minha visão veio através dela. Ela me ajudou de todas as maneiras a ser o que sou. Sem ela eu poderia ter sido um lojista, ou talvez um médico ou um engenheiro, porque quando passei para o secundário, meu pai era tão pobre, que seria difícil enviar-me para a universidade, mas ele estava disposto até a pedir dinheiro emprestado para fazê-lo. Era absolutamente insistente na ideia de que eu fosse para a universidade. Eu estava disposto a ir, mas não para a faculdade de medicina nem de engenharia. Recusei-me terminantemente a ser um médico ou um engenheiro.

— Se você quer saber a verdade, quero ser um *sannyasin*, um pedinte — disse a ele.

— O quê?! Um pedinte?

— Sim. Quero ir para a universidade para estudar filosofia e ser um pedinte filosófico.

Ele se recusou.

— Nesse caso, não vou pedir dinheiro emprestado e ter todo o trabalho.

Porém, minha avó disse: “Não se preocupe, filho, você vai fazer aquilo que quiser fazer. Estou viva e vou vender tudo o que tenho apenas para ajudá-lo a ser você mesmo. Não vou perguntar para onde você quer ir nem o que quer estudar.”

Ela nunca perguntou, e me enviava dinheiro continuamente, mesmo quando me tornei professor. Em certo momento, tive de lhe dizer que eu estava ganhando dinheiro e que era eu que o mandaria para ela.

Ela disse: “Não se preocupe. Eu não teria onde empregar este dinheiro, e você deve ter um bom uso para ele.”

As pessoas costumavam se perguntar onde eu conseguia dinheiro para comprar meus livros, porque eu tinha milhares de livros. Mesmo

quando era apenas aluno do colegial, tinha milhares de livros na minha casa. Minha avó me disse: “Nunca diga a ninguém que envio dinheiro para você, porque, se souberem, seu pai e sua mãe vão começar a me pedir dinheiro e será difícil recusar.”

E ela continuou mandando o dinheiro. Vocês vão se surpreender ao saber que ela enviou dinheiro até no mês de sua morte. Ela havia assinado o cheque na manhã do dia em que morreu. Vocês também vão ficar espantados ao saber que esse era o último dinheiro que ela tinha no banco. Talvez de alguma maneira soubesse que não precisaria ter nada no dia seguinte.

Sou afortunado de muitas maneiras, mas principalmente por ter meus avós maternos... e esses primeiros anos dourados.

O espírito rebelde

Pelo que me lembro, eu só gostava de um jogo: debater, debater a respeito de tudo. Por isso, poucas pessoas adultas conseguiam me suportar; me entender, então, estava fora de questão.

Jamais tive interesse em ir a escola. Para mim, era o pior lugar. Finalmente fui forçado a ir, mas resisti o máximo que pude, pois na escola só havia crianças que não estavam interessadas nas coisas em que eu estava interessado, e eu não estava interessado nas coisas pelas quais todas elas se interessavam. Portanto, eu era um intruso.

Meu interesse permanecia o mesmo: conhecer a verdade fundamental, o significado da vida, por que estou aqui e não outra pessoa qualquer. E eu estava determinado, a menos que encontrasse a resposta, a não descansar e a não deixar que ninguém à minha volta descansasse.

1939-1951: Gadarwara, Madhya Pradesh, Índia

O falecimento do meu avô marcou meu primeiro encontro com a morte. Sim, um encontro, mas não apenas um encontro; do contrário, eu teria perdido seu real significado. Eu vi a morte, e algo mais que não estava morrendo, que pairava acima da morte, escapando do corpo... os elementos. Esse encontro determinou todo o curso da minha vida. Deu-me uma direção, ou melhor, uma dimensão, que antes eu não conhecia.

Eu havia ouvido falar das mortes de outras pessoas, mas não havia visto, e mesmo que houvesse visto, elas não significariam nada para mim. A menos que se ame alguém e que essa pessoa morra, não se pode realmente encontrar a morte. Isso deve ser enfatizado: a morte só

pode ser encontrada na perda do ser amado.

Quando o amor e a morte cercam uma pessoa, esta sofre uma transformação, uma imensa mutação, como se um novo ser houvesse nascido. Ela nunca será a mesma. Mas as pessoas não amam, e como não amam não conseguem ter a experiência da morte da maneira como eu tive. Sem amor, a morte não lhe traz as chaves para a existência. Com amor, ela lhe entrega as chaves.

Minha primeira experiência de morte não foi um encontro simples. Foi um evento de muitas maneiras complexo. Um homem que eu havia amado estava morrendo. Eu o havia conhecido como meu pai. Ele havia me criado com absoluta liberdade, sem inibições, sem supressões e sem mandamentos...

Amor com liberdade: se alguém tiver isso, é um rei ou uma rainha. Esse é o verdadeiro reino de Deus, o amor com liberdade. O amor lhe dá as raízes fincadas na terra, e a liberdade lhe dá asas.

Meu avô deu-me ambas. Ele me deu o seu amor, mais do que jamais deu à minha mãe ou mesmo à minha avó; e me deu liberdade, que é o maior presente. Quando ele me deu seu anel, já morrendo e com lágrimas nos olhos, disse:

— Não tenho nenhuma outra coisa para lhe dar.

— Nana, você já me deu o presente mais precioso.

Ele abriu os olhos e perguntou:

— Qual foi esse presente?

— Você se esqueceu? — perguntei a ele, sorrindo. — Você me deu seu amor e me deu liberdade. Acho que nenhuma criança jamais teve tanta liberdade quanto eu tive. Do que mais eu preciso? O que mais você pode me dar? Sou-lhe muito agradecido. Você pode morrer em paz.

* * *

Esse foi meu primeiro encontro com a morte, e foi um belo encontro. Não foi de maneira nenhuma feio, como mais ou menos é para quase todas as crianças no mundo. Felizmente fiquei junto com meu avô durante horas, pois ele morreu devagar. De vez em quando, eu podia sentir a morte se aproximando dele e ver seu grande silêncio.

Também tive sorte por minha *nani* estar presente. Sem ela, eu talvez tivesse perdido a beleza da morte, porque o amor e a morte são

tão similares, talvez iguais. Ela me amava e derramava o seu amor sobre mim. E a morte estava ali, acontecendo devagar. O carro de boi – ainda posso ouvir seus sons – o chocalhar de suas rodas sobre as pedras, o condutor gritando continuamente com os animais, o açoite do seu chicote... Ainda consigo ouvir tudo isso. Esses sons estão tão profundamente enraizados na minha experiência que não creio que nem minha morte possa apagá-los. Mesmo quando eu estiver morrendo poderei ouvir de novo os sons daquele carro de boi.

Minha *nani* estava segurando minha mão, e eu estava completamente atordoado, sem saber o que estava acontecendo naquele momento. A cabeça do meu avô estava no meu colo. Coloquei minhas mãos em seu peito e lentamente, lentamente, sua respiração desapareceu. Quando senti que ele não estava mais respirando, disse à minha avó:

— Sinto muito, *nani*, mas parece que ele não está mais respirando.

— Tudo bem — disse ela. — Você não precisa ficar preocupado. Ele viveu bastante e não é necessário pedir mais. — E também me disse: — Lembre-se, porque estes momentos não devem ser esquecidos: nunca peça mais. O que é, é o bastante.

* * *

Os sete primeiros anos são os mais importantes na vida. Nunca mais você terá tantas oportunidades. Esses sete anos decidem os setenta anos seguintes; todas as pedras fundamentais são colocadas nesse período. Por uma estranha coincidência, eu fui salvo de meus pais na infância, e, quando retornei a eles, estava quase vivendo por conta própria, já estava voando. Eu sabia que tinha asas. Sabia que não precisava da ajuda de ninguém para voar. Sabia que todo o céu era meu.

Nunca pedi orientações a meus pais e se algum conselho me era dado, eu sempre retrucava: “Isto é insultante. Vocês acham que eu mesmo não consigo cuidar disso? Entendo que não há má intenção em dar conselho, e sou grato por isso, mas vocês não entendem que eu sou capaz de fazer isso por conta própria. Apenas deem-me a chance de provar minha coragem. Não interfiram.” Naqueles sete anos, eu me tornei realmente um núcleo forte e individualista. Era impossível meus pais terem domínio sobre mim.

A loja de meu pai ficava na parte da frente da casa onde vivíamos. É assim na Índia: a casa e a loja ficam unidas para serem mais facilmente administráveis. Eu costumava passar pela loja de meu pai com os olhos fechados, mesmo que precisasse atravessar apenas um espaço de quatro metros.

Uma vez ele me perguntou: “Estranho! Sempre que você passa pela loja, para entrar ou sair de casa, você fecha os olhos. Que ritual está praticando?”

Eu respondi: “Estou simplesmente evitando que esta loja me destruía como destruiu você. Não quero nem vê-la. Estou absolutamente desinteressado, totalmente desinteressado.” E era uma das mais belas lojas de roupas da cidade, com os melhores materiais disponíveis, mas eu nunca olhei. Simplesmente fechava meus olhos e a atravessava.

Ele disse: “Mas abrir os olhos não lhe causará nenhum dano.”

Eu disse: “Nunca se sabe... Posso me distrair. Não quero que nada me distraia.”

Naturalmente, como eu era seu filho mais velho, meu pai queria que eu o ajudasse e que assumisse a loja depois de concluir minha educação. Ele a havia administrado bem, e pouco a pouco a loja foi crescendo. Ele me disse: “Quem mais vai cuidar dela? Estou ficando velho. Você quer que eu fique aqui para sempre?”

Eu respondi: “Não, não quero, mas você pode se aposentar. Você tem seus irmãos mais novos, que estão interessados na loja. Na verdade, estão bastante interessados, inclusive temendo que você me dê a loja. Eu já lhes disse que não devem temer por mim, pois não sou um concorrente. Dê esta loja para seus irmãos mais novos.”

Mas, na Índia, a tradição é o filho mais velho herdar tudo. Meu pai era o filho mais velho de seu pai, e ele herdou tudo, tudo o que ele supunha que caberia a mim assumir. E, naturalmente, ele estava preocupado, mas não tinha jeito. Ele tentou de todas as maneiras possíveis me deixar interessado.

Ele me dizia: “Mesmo que você se torne médico, não poderá ganhar em um mês o que consigo ganhar em um dia. Caso se torne engenheiro, que salário vai ter? Caso se torne professor... Bom, eu posso contratar todos os seus professores, sem problemas. Você sabe que há milhares de graduados, pós-graduados e PhDs desempregados.”

Primeiro, ele tentou me persuadir a não ir para a universidade

porque tinha muito medo de que indo para longe, eu me tornasse absolutamente independente durante seis anos ou mais. Ele não conseguiria me manter sob sua vigilância. Ele já estava arrependido dos sete anos que me deixou com os pais de minha mãe. Eu lhe disse: “Não tenha medo. O que você teme já aconteceu: eu já me formei! Aqueles sete anos... Nenhuma universidade precisa me corromper. Já fui completamente corrompido – fora do seu alcance. Não dou nenhum valor a esses meios de persuasão: salário, respeito, dinheiro. E não vou me tornar nem médico nem engenheiro, não se preocupe. Na verdade, vou permanecer um vagabundo durante toda a vida.”

Ele disse: “Isso é ainda pior! É melhor se tornar engenheiro ou médico, mas vagabundo? Essa é uma profissão nova! Você tem uma mente estranha para pensar nessas coisas... Quer se tornar um vagabundo! Até aqueles que são vagabundos sentem-se humilhados se alguém lhes chama de vagabundos, mas você está dizendo ao seu próprio pai que quer ser apenas um vagabundo durante toda a vida!”

Eu disse: “É isso o que vai acontecer.”

Então, ele perguntou por que eu queria ir para a universidade.

Eu respondi: “Quero ser um vagabundo educado, não alguém que é um vagabundo por ser fraco. Não quero fazer nada em minha vida por fraqueza – como não consegui ser alguma outra coisa, virei um vagabundo. Esse não é o meu caminho. Primeiro, quero provar ao mundo que eu poderia ser qualquer coisa que quisesse e, ainda assim, optei por ser um vagabundo. Então, mesmo que você seja um vagabundo, há respeitabilidade, porque o respeito não tem nada a ver com sua vocação, com sua profissão, e sim com você estar agindo com força, clareza, inteligência.

“Portanto, esteja absolutamente consciente de que não vou para a universidade para conseguir um bom emprego. Não nasci para fazer essas coisas estúpidas e há gente demais para fazê-las. Mas um vagabundo culto, sofisticado e educado é muito necessário porque não se vê nenhum por aí. Há vagabundos, mas eles são apenas pessoas de terceira classe, são fracassados. Quero ser o primeiro vagabundo completamente bem-sucedido e depois chutar para o alto todo esse sucesso e ser apenas um vagabundo.”

Ele disse: “Não consigo entender sua lógica, mas, se você decidiu ser um vagabundo, sei que não há como fazê-lo mudar de ideia.”

Aqueles sete anos... Ele me lembrava repetidas vezes: “Esse foi

nosso erro básico. Era a época em que poderíamos ter feito de você algo de valor. Mas seu *nana* e sua *nani*, aqueles dois velhos companheiros, destruíram você completamente.”

Depois da morte do meu *nana*, minha *nani* nunca mais voltou ao povoado; ela ficou totalmente desolada. Tenho conhecido muitos casais intimamente, porque me hospedo com diversas famílias enquanto perambulo pela Índia, mas nunca consegui encontrar ninguém que pudesse ser comparado com aqueles dois velhos. Eles realmente se amavam.

Minha *nani* ficou na aldeia de meu pai, mas era uma mulher muito independente. Não gostava das reuniões da grande família: os irmãos de meu pai, suas esposas e seus filhos. Era uma caravana imensa. Ela me disse: “Este não é o lugar para mim. Vivi toda a minha vida com meu marido e em silêncio. Você esteve lá por sete anos, mas nem assim houve muita conversa, porque não havia nada a dizer. Nós já havíamos conversado sobre todas as coisas antes, e por isso não havia nada a dizer. Simplesmente ficávamos sentados, em silêncio.” Ela disse que preferia viver só. Então, encontraram uma casa para ela perto do rio, com alguma semelhança com o lugar onde ela havia vivido com meu avô; ali não havia lago, mas tínhamos um belo rio.

Durante o dia passava pela escola, perambulava pela cidade ou fazia mil e uma coisas, e sempre ficava com minha *nani* à noite. Muitas vezes, ela dizia: “Seus pais se sentem mal. Nós tivemos você por sete anos, e isso eles não podem perdoar. Achávamos que deveríamos deixá-lo tão limpo quanto chegou e tentamos não impor nada a você. Mas eles ficaram zangados. Não falam, mas posso sentir isso e ouvir de outras pessoas que nós o estragamos. E agora você não vai dormir com seu pai, sua mãe e sua família. Você vem para cá todas as noites. Eles vão pensar que estou continuando a mimá-lo – o velho já se foi, mas a velha continua aqui.”

Eu respondia: “Mas se eu não vier, você conseguirá dormir? Para quem você prepara a segunda cama todas as noites? – Porque eu não lhe digo que virei amanhã. Com relação ao amanhã, desde o início eu o acho incerto, por que quem sabe o que vai acontecer amanhã? Por que você prepara a segunda cama? E não apenas a segunda cama...”

Desde minha infância, eu precisava comer doces antes de ir para a cama; do contrário, não conseguia dormir. Foi um hábito meu por muito tempo, que meu médico de algum modo conseguiu eliminar,

mesmo que eu tenha levado quase dois ou três anos para livrar-me dele. Então, minha *nani* não preparava apenas minha cama, mas saía para comprar os doces de que eu gostava e mantinha-os ao lado da minha cama para que eu pudesse comê-los mesmo no meio da noite.

Eu lhe perguntei: “Para quem você traz esses doces? Você não os come. Desde que *nana* morreu, você não comeu mais doces.” Meu *nana* adorava doces. Na verdade, parece que ele me deu essa ideia dos doces, porque também costumava comê-los antes de dormir. Isso não se faz em nenhuma família jainista. Os jainistas não comem à noite, nem sequer tomam água, leite ou qualquer outra coisa. Mas ele vivia em um povoado onde era o único jainista, por isso não havia problema. Talvez tenha sido dele que peguei o hábito, deve ter sido dele, que comia e me chamava para me juntar a ele. Eu devo ter me juntado a ele e, pouco a pouco, comer doces se tornou uma coisa rotineira. Ele me treinou durante sete anos!

Eu não conseguia ir para minha casa à noite por duas razões. A primeira eram os doces, porque na casa da minha mãe havia tantas crianças, que se fosse permitido a uma delas comer doce, todas as outras iam também querer. E, de qualquer forma, isso era contra a religião, simplesmente não se podia sequer pedir. E eu não conseguia dormir sem os doces. A segunda razão era a minha *nani*. Eu achava que ela devia estar se sentindo sozinha – e na casa dos meus pais era difícil se sentir sozinho, com tantas pessoas que sempre parecia uma feira. Eu achava que ninguém sentiria minha falta se eu não estivesse ali. E ninguém sentia. Eles simplesmente se certificavam de que eu estava dormindo com minha *nani* e não havia problema.

Então, mesmo depois daqueles sete anos, eu não fiquei sob a influência de meus pais. Foi por mero acaso que estive por minha própria conta desde o início. Fazer certo ou errado não era o importante, mas sim fazê-lo por minha própria conta. E lentamente, muito lentamente, esse se tornou meu estilo de vida com relação a tudo – por exemplo, com relação a roupas.

Na minha cidade, eu era o único não muçulmano que se vestia como um muçulmano. Meu pai dizia: “Você pode fazer qualquer coisa, mas pelo menos não faça isso, porque eu tenho de viver em sociedade, tenho de pensar nos meus outros filhos. De onde você tirou esta ideia?”

Os muçulmanos do meu povoado usavam, em vez dos *dhoti*^[1] que

os indianos usam, um tipo de pijama que se chama *salvar*. Esse traje também é usado pelos *pachtos*[2] no Afeganistão e no Paschtunistão, aqueles lugares distantes perto do Himalaia e além dele. É um belo pijama, com muitas pregas, e não é feito de uma forma mesquinha como um pijama comum. Se você tiver um verdadeiro *salvar*, pode fazer com ele, pelo menos, dez pijamas, pois ele tem muitas pregas. Estas pregas proporcionam sua beleza quando estão reunidas. E eu vestia um longo *kurtha*[3] *pashtun*, não um *kurtha* indiano. O *kurtha* indiano é curto e suas mangas não são muito folgadas. O *kurtha pashtun* é muito comprido, até abaixo dos joelhos, e suas mangas são muito soltas. E eu usava um gorro turco.

Meu pai costumava me dizer: “Se você entra na loja de olhos fechados e sai de olhos fechados, por que não usa a porta dos fundos? Você pode entrar pela porta dos fundos, pode ter a chave porque ninguém a usa. Isso pelo menos nos pouparia do trabalho de responder a todo cliente que pergunta quem é o muçulmano que entra com os olhos fechados. Você tem essas ideias estranhas... Nós temos uma loja de roupas, temos todos os tipos de roupas aqui, roupas prontas, em qualquer estilo, mas... muçulmanas?”

Na Índia, o estilo muçulmano é considerado terrível. Eu dizia: “É por isso, porque todos vocês acham que o estilo muçulmano é a pior coisa. Estou protestando contra vocês, mostrando que a roupa do muçulmano é a melhor. E você pode ver isso: onde vou, chamo atenção, e ninguém mais é notado. Quando entro na sala de aula, sou notado; em qualquer lugar onde vou sou imediatamente notado.

E a maneira como eu usava esse traje... era realmente elegante, com o gorro turco, que é longo e tem um barbicacho pendendo na lateral. Os turcos muito ricos o usavam. Eu era pequeno, mas esse traje me ajudava de muitas maneiras.

Eu podia ir me encontrar com o comissário do povoado, pois o homem que guardava o portão olhava para mim e me deixava entrar. Vendo aquelas roupas... Ele nunca permitiria que um menino pequeno como eu entrasse, mas, com aquele traje, ele achava que eu era um xeique ou alguém muito importante. E até mesmo o comissário se levantava ao ver meu traje e dizia: “Xeique, *betye*, por favor, sente-se.”

Então, eu dizia ao meu pai: “Este traje me ajuda de muitas maneiras. No outro dia, fui ver um ministro, e ele pensou que eu fosse um xeique pertencente a alguma família rica árabe ou persa. E você

quer que eu tire este traje e simplesmente use um *dhoti* e um *kurtha* que ninguém vai notar?”

Continuei a usar o traje muçulmano até meu ingresso na faculdade. Meus pais se esforçaram muito para me impedir, mas quanto mais tentavam, mais eu dizia: “Se vocês pararem de insistir, eu talvez pare de usá-lo; enquanto continuarem, serei a última pessoa a tirá-lo.”

Certo dia, meu pai fez uma trouxa com todos os meus *salvars*, minhas *kurthas* e meus três gorros turcos e colocou-a no porão, em algum lugar onde havia muitas coisas quebradas, descartadas. Não consegui encontrar minhas roupas, então simplesmente entrei nu, com meus olhos fechados, na loja. Quando eu estava saindo, meu pai disse:

— Espere! Volte aqui! Coloque suas roupas! Vá pegá-las, onde quer que estejam. Jamais imaginei que você faria isso. Pensei que você fosse procurar pelas roupas e não iria encontrá-las, porque eu as coloquei num lugar em que você não iria achá-las. Então naturalmente achei que vestiria as roupas normais, as quais você deveria estar usando. Nunca achei que faria isso!

— Eu parto direto para a ação. Não acredito em conversa desnecessária.

Nem sequer perguntei a ninguém onde estavam minhas roupas. Por que deveria fazê-lo? Minha nudez serviria ao mesmo propósito. Ele disse:

— Você pode ter suas roupas de volta e ninguém mais vai incomodá-lo, mas, por favor, não comece a andar nu porque isso vai criar mais problemas... O filho de um negociante de roupas não ter roupas para vestir... Você tem má reputação e nos fará ter também má reputação: “Olhe aquela pobre criança!” Todos vão achar que não lhe damos roupas.

Eu nunca perdi uma única oportunidade de aguçar minha inteligência. Usava todas as oportunidades possíveis para o aguçamento da minha inteligência, da minha individualidade. Agora vocês podem compreender, vendo o quadro geral, embora em fragmentos... As pessoas que entravam em contato comigo, é claro, foram incapazes de entender que tipo de homem eu sou – louco, maluco... Mas eu fazia aquilo tudo muito metodicamente.

Eu disse a meu pai: “Não.” Essa foi minha primeira palavra antes de ingressar na escola primária. Eu disse a meu pai: “Não, não quero entrar por este portão. Isto não é uma escola, é uma prisão.” O próprio portão e a cor do prédio... É estranho, particularmente na Índia, que as prisões e as escolas sejam pintadas com a mesma cor e que ambas sejam feitas de tijolos vermelhos. É muito difícil saber se o prédio é uma prisão ou uma escola. Talvez algum brincalhão tenha resolvido pregar-nos uma peça, e ele o fez perfeitamente.

— Olhe para esta escola... — falei. — Você chama isso de escola? Olhe para este portão! E você está aqui para me obrigar a passar por ele por pelo menos quatro anos.

— Eu sempre temi que... — Nós estávamos em pé na frente do portão, do lado de fora, é claro, porque eu ainda não tinha permitido que ele me levasse para dentro. — Sempre temi que seu avô, e particularmente sua avó, estivessem estragando você.

— Você estava certo em seu medo, mas o trabalho já foi feito e ninguém pode desfazer a coisa agora; portanto, por favor, vamos voltar para casa.

— O quê?! Você precisa ser educado.

— Que tipo de começo é este? Não tenho liberdade nem de dizer sim ou não. Você chama isso de educação? Se quiser isso, por favor, não me peça: aqui está a minha mão, arraste-me para dentro. Pelo menos eu terei a satisfação de jamais ter entrado nesta instituição horrível por vontade própria. Por favor, faça-me pelo menos este favor.

É claro que meu pai estava ficando muito incomodado e me arrastou para dentro da escola. Embora ele fosse um homem simples, percebeu imediatamente que aquilo não estava certo. Então, ele me disse:

— Embora eu seja seu pai, não me parece certo arrastá-lo para dentro.

— Não se sinta culpado. O que você fez foi perfeitamente certo, porque, a menos que alguém me arrastasse, eu não entraria por conta própria. Minha decisão é não entrar, mas você pode impor sua decisão, porque eu dependo de você para ter alimentos, roupas, abrigo e tudo o mais. Naturalmente, você está em uma posição privilegiada.

A entrada na escola foi o início de uma nova vida. Durante anos, eu havia vivido como um animal selvagem. Sim, não posso dizer que

vivi como um ser humano selvagem, porque não há seres humanos selvagens.

De vez em quando, um homem se torna um ser humano selvagem. Eu o sou agora; Buda era, Zaratustra era, Jesus era, mas é perfeitamente verdadeiro dizer que vivi como um animal selvagem durante anos.

Jamais fui à escola por vontade própria. E estou feliz por ter sido arrastado para dentro, porque eu nunca entraria lá voluntariamente. A escola era realmente feia – todas as escolas são feias. Na verdade, é bom criar uma situação onde as crianças aprendam, mas não é bom educá-las. A educação está fadada a ser feia.

E qual foi a primeira coisa que aconteceu na escola? Foi o embate com o professor da minha classe. Eu já vi pessoas bonitas e pessoas feias, mas nunca vi nada como aquilo! Ele era o mestre e ia me ensinar, mas eu nem conseguia olhar para aquele homem. Deus devia estar com uma enorme pressa quando criou seu rosto. Talvez sua bexiga estivesse cheia, o que o fez terminar o trabalho de qualquer jeito e correr para o banheiro. Que homem ele criou! O professor tinha apenas um olho e um nariz torto. Aquele único olho seria suficiente, mas o nariz torto adicionava uma grande feiura ao rosto. E ele era enorme! Devia pesar pelo menos 180 quilos, não menos que isso.

Ele foi meu primeiro mestre – quero dizer, meu primeiro professor, porque os professores primários indianos são chamados de mestres. Mesmo agora eu começaria a tremer se visse aquele homem. Ele não era um homem, era um cavalo!

Não sei o nome verdadeiro desse primeiro professor, e ninguém na escola sabia; apenas o chamavam de mestre Kantar. *Kantar* significa “caolho”, o que era suficiente para as crianças e também uma condenação para o homem. Em híndi, *kantar* não significa apenas “caolho”; essa palavra é usada também como uma maldição. Esse segundo sentido não pode ser traduzido sem que se perca sua nuance. Assim, todos o chamavam de mestre Kantar na sua presença, e, quando ele não estava presente, nós o chamávamos apenas de Kantar, o caolho.

Ele não era apenas feio: tudo o que ele fazia era feio. E é claro que algo estava destinado a acontecer no meu primeiro dia. Ele costumava punir as crianças impiedosamente. Jamais vi ou ouvi alguém fazer essas coisas com crianças.

Ele estava ensinando aritmética. Eu sabia um pouco sobre aritmética porque minha avó havia me ensinado, assim como um pouco de linguagem também. Então, eu estava olhando pela janela para a bela *pipal*^[4] que brilhava ao sol. Não há outra árvore que seja mais bonita ao sol, porque cada folha da *pipal* dança separadamente e toda a árvore forma quase um coro de milhares de dançarinos e cantores brilhantes movendo-se juntos, mas também de modo independente. Eu olhava para as folhas dançando na brisa e para o sol brilhando em cada folha e para centenas de papagaios saltando de um ramo para outro, se divertindo sem razão aparente. Ah, eles não tinham de ir à escola!

Eu estava olhando para fora quando o mestre Kantar saltou sobre mim.

— É melhor fazer o que é certo desde o início. — disse ele.

— Concordo perfeitamente — respondi. — Também quero fazer tudo como deve ser desde o início.

— Por que você estava olhando para fora quando eu estava ensinando aritmética?

— A aritmética tem de ser ouvida, não vista. Não tenho de ver seu belo rosto, então estava olhando para fora da janela para evitá-lo. No que se refere à matemática, você pode me perguntar. Eu escutei e sei.

Ele me perguntou sobre aritmética, e esse foi o início de um longuíssimo problema – não para mim, mas para ele. O problema foi que eu respondi corretamente. Ele não conseguiu acreditar e disse:

— Quer você esteja certo ou errado, vou castigá-lo porque não é certo olhar para fora quando o professor está ensinando.

Fui chamado até a mesa dele. Ele pegou uma caixa de lápis. Eu havia ouvido falar destes famosos lápis. Ele costumava colocar os lápis entre os dedos do aluno e apertar suas mãos com força, perguntando: “Você quer um pouco mais? Precisa de mais?” E fazia isso com crianças pequenas! Olhei para os lápis e disse:

— Ouvi falar destes lápis, mas, antes que você os coloque entre meus dedos, lembre-se de que isso vai lhe custar muito caro, talvez até seu emprego.

Ele riu. Posso lhe dizer que era como um monstro rindo em um pesadelo.

— Quem vai me impedir?

— Essa não é a questão — falei. — Quero lhe perguntar: é ilegal

olhar para fora na aula de aritmética? Se sou capaz de responder as perguntas sobre o que estava sendo ensinado e se estou pronto para repetir tudo palavra por palavra, como é errado olhar pela janela? Então por que existe uma janela nesta sala de aula? Com que propósito? Durante o dia inteiro alguém estará ensinando algo aqui, e uma janela não é necessária durante a noite, quando não há ninguém para olhar para fora.

— Você é um encrqueiro — disse ele.

— Isso é a pura verdade. Vou falar com o diretor da escola para descobrir se é legítimo ser punido quando eu lhe respondi corretamente.

Ele se tornou um pouco mais moderado. Fiquei surpreso, pois tinha ouvido dizer que ele não podia de modo algum ser dobrado.

Então, eu disse:

— Depois, vou ao presidente do comitê municipal que administra esta escola e amanhã virei com um comissário de polícia para que ele possa ver com seus próprios olhos que tipo de práticas estão sendo usadas aqui. — Ele tremeu. Isso não foi visível para todos, mas eu consigo ver coisas que outras pessoas não percebem. Posso não ver paredes inteiras, mas não consigo perder coisas pequenas, quase microscópicas. — O senhor está tremendo, embora não seja capaz de admitir. Mas vamos ver... Primeiro, deixe-me ir até o diretor.

O diretor disse que sabia que aquele homem torturava crianças e que isso era ilegal, mas que não podia fazer nada a respeito porque o mestre Kantar era o professor primário mais velho do povoado e o pai e o avô de quase todas as crianças haviam sido seus alunos. Por isso, ninguém conseguia erguer um dedo contra ele.

— Não me importo — disse ao diretor. — Meu pai e meu avô foram alunos dele. Não me importo nem com meu pai nem com meu avô; na verdade, eu não pertenço àquela família. Estive vivendo longe deles. Sou um estrangeiro aqui.

— Pude ver imediatamente que você não é daqui, mas, meu menino, não se envolva em um problema desnecessário. Ele vai torturá-lo.

— Isso não será fácil. Deixe que este seja o início da minha luta contra toda tortura. Eu vou lutar.

E eu dei um soco — é claro que era apenas o punho de uma criança pequena — sobre sua mesa e lhe disse:

— Não estou interessado em educação nem em nada disso, mas me interesse por minha liberdade. Ninguém pode me importunar desnecessariamente. O senhor precisa me mostrar o regulamento escolar. Não sei ler, e o senhor terá de me mostrar se é ilegal olhar pela janela mesmo que eu possa responder todas as perguntas corretamente.

— Se você respondeu corretamente, não há nenhum problema em olhar para onde estava olhando.

— Venha comigo — pedi a ele.

Ele veio e trouxe o regulamento, um livro antigo que sempre carregava consigo. Não creio que alguém já o tenha lido. O diretor disse ao mestre Kantar:

— É melhor não incomodar esta criança porque parece que isso poderá se voltar contra o senhor. Ele não vai desistir facilmente.

Mas o mestre Kantar não era esse tipo de homem. Com medo, ele ficava ainda mais agressivo e violento.

— Vou mostrar a esta criança... — disse ele. — Você não precisa se preocupar. E quem se importa com este regulamento? Fui professor aqui durante toda a minha vida e é esta criança que vai me ensinar o regulamento?

— Amanhã, ou eu ou senhor estaremos neste prédio, mas não podemos ambos estar aqui — falei. — Espere até amanhã.

Corri para casa e contei para meu pai. Ele disse:

— Estava preocupado que você criasse problemas para os outros e para si mesmo na escola e que me arrastasse para dentro deles.

— Não, estou simplesmente relatando para que você não diga que não sabia.

Fui até o comissário de polícia. Era um homem adorável; não esperava que um policial fosse tão amável. Ele disse:

— Já ouvi falar deste homem. Na verdade, meu próprio filho foi torturado por ele. Mas ninguém apresentou queixa. É ilegal torturar, mas, a menos que você apresente queixa, nada pode ser feito. E eu não posso me queixar porque fico preocupado que ele reprove meu filho. Então, é melhor deixá-lo continuar torturando. É só por alguns meses e, então, meu filho irá para outra classe.

— Estou aqui para me queixar e não estou nem um pouco preocupado em ir para outra classe. Estou pronto pra ficar nesta classe pelo resto da minha vida.

Ele olhou para mim, deu-me um tapinha nas costas e disse:

— Aprecio o que você está fazendo. Vou até lá amanhã.

Então, corri para visitar o presidente do comitê municipal, que mostrou ser apenas um estrume de vaca. Ele me disse:

— Eu sei, mas nada pode ser feito a respeito. Você tem de conviver com isso, terá de aprender a tolerá-lo.

Eu me lembro exatamente de minhas palavras:

— Não vou tolerar nada que seja errado para minha consciência.

— Se esse é o caso, não posso fazer nada. Vá até o vice-presidente. Talvez ele possa lhe ser mais útil.

E devo agradecer àquele estrume de vaca por isso, porque o vice-presidente, Shambhu Dube, provou ser o único homem de valor de todo aquele povoado. Quando bati à sua porta e entrei, ele pareceu um pouco constrangido, pois esperava ver um cavalheiro – eu tinha apenas 8 ou 9 anos de idade, e ele era o vice-presidente.

— Sinto muito por não ser um pouco mais velho, por favor, desculpe-me — disse a ele. — Além disso, não tenho nenhuma instrução, mas tenho de me queixar do mestre Kantar.

No momento em que ouviu minha história, que soube que aquele homem torturava crianças pequenas colocando lápis entre seus dedos e espremendo suas mãos e que tinha alfinetes que enfiava sob as unhas, ele não pôde acreditar.

— Ouvi rumores, mas por que ninguém jamais se queixou?

— As pessoas têm medo de que seus filhos sejam ainda mais torturados.

— Você não está com medo?

— Não, porque estou pronto para ser reprovado. Isso é tudo o que ele pode fazer.

Eu disse que estava pronto para o fracasso e não insistia no sucesso, mas que lutaria até o fim:

— É esse homem ou eu. Não podemos estar juntos no mesmo prédio.

Shambhu Dube chamou-me para perto dele. Segurando minha mão, ele disse:

— Sempre amei as pessoas rebeldes, mas nunca achei que uma criança da sua idade pudesse ser rebelde. Dou-lhe meus parabéns.

Nós nos tornamos amigos, e esta amizade durou até ele morrer. Aquele povoado tinha uma população de 20 mil pessoas, mas ainda

era uma aldeia. Na Índia, uma cidade deve ter ao menos 100 mil habitantes. Quando há mais de 1,5 milhão de pessoas é uma metrópole. Em toda a minha vida, nunca encontrei naquele povoado ninguém do mesmo calibre, qualidade ou talento de Shambhu Dube. Se me perguntarem, parecerá um exagero, mas nunca encontrei, em toda a Índia, outro Shambhu Dube. Ele era realmente raro.

Quando eu estava viajando por toda a Índia, ele esperava meses pela minha chegada para visitar o povoado por apenas um dia. Foi a única pessoa que sempre veio me ver quando o trem passava pelo povoado. É claro que não estou incluindo meus pai, pois eles tinham de vir. Mas Shambhu Dube não era meu parente; ele apenas me amava. E esse amor teve início naquele encontro, naquele dia em que fui protestar contra o mestre Kantar.

Shambhu Dube disse:

— Não se preocupe. Esse sujeito tem de ser punido; na verdade, seu tempo de serviço está terminado. Ele solicitou uma prorrogação, mas não vamos dar. A partir de amanhã, você não o verá mais naquela escola.

— Isso é uma promessa?

Olhamos nos olhos um do outro. Ele riu e disse:

— Sim, é uma promessa.

No dia seguinte, o mestre Kantar tinha ido embora. Depois disso, ele nunca mais conseguiu olhar para mim. Tentei entrar em contato com ele, bati muitas vezes à sua porta apenas para lhe dizer adeus, mas ele era um covarde, um cordeiro sob a pele de um leão. E aquele primeiro dia na escola se transformou no início de muitas, muitas coisas...

* * *

A primeira coisa que meu pai me ensinou – e a única coisa que ele chegou a me ensinar – foi a amar o pequeno rio que corre do lado do meu povoado. Ele me ensinou a nadar no rio. Isso foi tudo o que ele me ensinou, mas lhe sou enormemente grato porque isso provocou muitas mudanças na minha vida. Exatamente como Sidarta, eu me apaixonei pelo rio.

Fazia parte da minha rotina diária ficar pelo menos cinco a oito horas no rio. A partir das três horas da manhã eu estava no rio,

quando o céu ainda estava cheio de estrelas que se refletiam na água. É um belo rio; sua água é tão doce que as pessoas o chamavam de Shakkar, que quer dizer “açúcar”. É um belo fenômeno.

Eu o vi na escuridão da noite estrelada, dançando em seu curso na direção do oceano. Eu o vi ao nascer do sol. Eu o vi na lua cheia. Eu o vi no pôr do sol. Eu o vi sentado em sua margem sozinho ou com amigos, tocando flauta, dançando, meditando, remando e nadando. Nas chuvas, no inverno, no verão...

Posso entender o Sidarta de Hermann Hesse e sua experiência com o rio. Isso aconteceu comigo. Tanto transpirava do rio! – Porque lentamente toda a existência se tornou um rio para mim. Ela perdeu sua solidez, tornou-se líquida, fluida.

E sou imensamente agradecido ao meu pai. Ele nunca me ensinou matemática, linguagem, gramática, geografia, história. Nunca foi muito preocupado com a minha educação. Ele tem outros dez filhos. E eu vi isto acontecer muitas vezes – as pessoas perguntavam: “Em que classe seu filho está estudando?” E ele tinha de perguntar a alguém, porque ele não sabia. Nunca esteve preocupado com educação. A única educação que me deu foi a comunhão com o rio. Ele próprio era profundamente apaixonado pelo rio.

Quando você está apaixonado por coisas que fluem, coisas que se movem, temos uma visão diferente da vida. O homem moderno convive com estradas asfaltadas e prédios de cimento e concreto. Estes são substantivos, é bom lembrar, não são verbos. Os arranha-céus não continuam crescendo, a estrada permanece a mesma, seja noite ou dia, seja uma noite de lua cheia ou uma noite absolutamente escura. O luar não importa para a estrada asfaltada, não importa para os prédios de cimento e concreto.

O homem criou um mundo de substantivos e enjaulou-se. Ele esqueceu o mundo das árvores, o mundo dos rios, o mundo das montanhas e das estrelas. Esses mundos não conhecem nenhum substantivo, não ouviram falar de substantivos, só conhecem verbos. Tudo é um processo. Deus não é uma coisa, mas um processo.

* * *

Na minha aldeia havia apenas uma igreja. Lá havia poucos cristãos, talvez quatro ou cinco famílias, e eu era o único não cristão que

costumava visitar a igreja. Mas isso não era algo especial, pois eu também visitava as mesquitas, o Gurdwara[5], os templos hindus, os templos jainistas. Sempre tive a ideia de que tudo me pertence. Não pertenço a nenhuma igreja, não pertenço a nenhum templo, mas qualquer templo e qualquer igreja que existam me pertencem.

Ver um menino não cristão ir lá todos os domingos chamou a atenção do padre. Ele me disse:

— Você parece estar muito interessado. Na verdade, em toda a minha congregação – nessa tão pequena congregação –, você parece ser o mais interessado. Outros ficam dormindo, ressonando, mas você está sempre muito alerta, ouvindo e observando tudo. Gostaria de ser como Jesus Cristo?

Ele me mostrou um quadro de Jesus Cristo pendurado na cruz.

— Não, de jeito nenhum! — falei. — Não tenho nenhuma vontade de ser crucificado. E deve haver algo muito errado com um homem que é crucificado; do contrário, quem se daria o trabalho de crucificar alguém? Se todo o seu país, seu povo, decidiram crucificá-lo, deve haver algo errado com ele. Ele pode ser um homem gentil, pode ser um homem bom, mas algo deve tê-lo levado à crucificação. Talvez ele tivesse um instinto suicida. As pessoas com instinto suicida em geral não são tão corajosas a ponto de cometer suicídio, mas podem dar um jeito de ser assassinadas. E então nunca se saberá que elas tinham um instinto suicida.

E continuei:

— Não tenho nenhum instinto suicida. Talvez ele não fosse suicida, mas certamente era algum tipo de masoquista. Quando olho para o seu rosto – e eu tenho visto isso em muitas de suas imagens – eu o vejo tão infeliz, tão mortalmente infeliz, que tenho ficado diante de um espelho e tentado parecer tão infeliz, mas não consigo. Eu me esforço muito, mas não consigo imitar sua expressão. Como posso me tornar um Jesus Cristo? Isso parece impossível. E por que eu deveria me tornar um Jesus Cristo?

O padre ficou chocado.

— Achei que você estivesse interessado em Jesus.

— Certamente estou interessado, mais interessado que o senhor, porque o senhor é um simples pregador assalariado. Se não receber seu salário por três meses irá embora e todo o seu ensino desaparecerá.

E foi isso que aconteceu, porque aquelas famílias cristãs não eram residentes permanentes do povoado, eram apenas funcionários da ferrovia, e, portanto, mais cedo ou mais tarde foram embora. Ele foi deixado só com a pequena igreja que eles haviam construído. Não havia ninguém para lhe dar dinheiro, para sustentá-lo, e ninguém para escutá-lo, exceto eu.

Aos domingos, ele costumava dizer “Caros amigos...”, mas eu dizia: “Espere! Não use o plural. Não há amigos; apenas “Caro amigo” vai bastar. É quase como uma conversa entre dois amantes, não é uma congregação. O senhor pode se sentar... Não há ninguém aqui. Podemos ter uma boa conversa. Por que vai ficar desnecessariamente de pé durante uma hora, falando alto e...?”

E foi assim que aconteceu. Dentro de três meses, ele partiu, porque se não fosse pago... Embora Jesus tenha dito que o homem não pode viver apenas de pão, o homem também não pode viver sem pão. Ele precisa do pão. Mas o pão pode não ser suficiente e ele pode precisar de muito mais coisas, mas essas coisas só vêm mais tarde. O homem certamente pode viver apenas de pão. Ele não será demasiado homem, mas quem é demasiado homem? Mas ninguém pode viver sem pão, nem mesmo Jesus.

Eu também ia à mesquita, onde eles permitiam minha entrada. Cristãos e muçulmanos são parte de religiões de conversão: eles querem que pessoas de outros rebanhos se juntem ao seu rebanho. Ficavam muito felizes em me ver ali, mas a pergunta era sempre a mesma: “Você gostaria de ser como Hazrat Maomé?” Eu ficava surpreso ao ver que ninguém estava interessado em mim por mim mesmo nem queriam me ajudar a ser eu mesmo.

Todos estavam interessados em alguém mais, no ideal, o ideal dele. E eu tinha de ser uma cópia carbono? Deus não me deu uma face original? Tenho de viver com uma face emprestada, com uma máscara, sabendo que não tenho nenhuma face? Como a vida pode ser uma alegria, se nem a sua face é sua?

Se o homem não é ele mesmo, como pode ser feliz?

Toda a existência é feliz porque a pedra é pedra, a árvore é árvore, o rio é rio, o oceano é oceano: ninguém está preocupado em ser outra pessoa; do contrário, todos ficariam loucos. E é isso que tem acontecido com o homem.

Você é ensinado, desde a tenra infância, a não ser você mesmo,

mas o modo como isso é dito é muito engenhoso, astucioso. Eles dizem que a pessoa deve ser como Krishna, como Buda, e pintam Buda e Krishna de tal maneira que surge um grande desejo de ser um Buda, de ser um Jesus, de ser um Krishna. Este desejo é a causa básica da infelicidade.

Também disseram a mim essas mesmas coisas, mas desde a minha infância decidi que, fosse qual fosse a consequência, eu não me desviaria de mim mesmo. Certo ou errado, continuaria sendo eu mesmo. Mesmo que termine no inferno, terei a satisfação de ter seguido meu próprio curso na vida. Se isso me conduzir ao inferno, então que conduza ao inferno. Se eu seguir os conselhos, os ideais e as disciplinas dos outros, não serei feliz mesmo que termine no paraíso, porque terei sido forçado a ir contra a minha vontade.

Tente entender este ponto. Se suas ações forem contra sua vontade, você estará no inferno mesmo estando no paraíso. Mas, seguindo o curso natural do seu ser, você estará no paraíso mesmo estando no inferno.

O paraíso é onde o seu verdadeiro ser floresce.

O inferno é onde você é subjugado e alguma outra coisa lhe é imposta.

* * *

Na minha aldeia, como acontece em todo o Oriente, a *Ramaleela*, a vida de Rama era representada todos os anos. O homem que costumava desempenhar o papel de Ravana, o inimigo de Rama que rouba sua esposa, era um grande lutador. Ele era o campeão de todo o distrito, e no ano seguinte tentaria ser campeão de todo o estado. Costumávamos nos banhar no rio pela manhã, e assim nos tornamos amigos. Eu lhe disse:

— Você se torna Ravana todos os anos, e todos os anos fica decepcionado. Justo no momento em que vai quebrar o arco de Shiva para se casar com Sita, a filha de Janaka, um mensageiro chega correndo e lhe informa que sua Sri Lanka está em chamas. Então, você tem de partir, voltar correndo para o seu país; enquanto isso, Rama consegue quebrar o arco e se casar com a jovem. Você não se aborrece por acontecer a mesma coisa todos os anos?

— Mas é assim que a história se passa — disse ele.

— A história estará em suas mãos se você ouvir minha sugestão. Você deve ter visto que a maioria das pessoas acaba adormecendo porque vê a mesma coisa ano após ano, geração após geração, o que torna a história um pouco cansativa.

— O que você quer dizer?

— Desta vez, você vai fazer uma coisa...

E ele fez! Quando o mensageiro veio com a mensagem sobre a dourada Sri Lanka em chamas, ele disse: “Cale-se, idiota” – ele falou em inglês! Foi isso que eu lhe havia dito para fazer! Todas as pessoas que estavam dormindo acordaram: “Quem está falando inglês no *Ramleela*?” E Ravana disse: “Vá embora. Não me importo. Você me enganou todos esses anos. Desta vez, eu vou me casar com Sita.”

E ele despedaçou o arco de Shiva, que era apenas um arco de bambu, e atirou-o nas montanhas. E perguntou a Janaka: “Onde está sua filha? Traga-a! Meu avião está esperando!”

Foi tão hilário! Mesmo após quarenta anos, qualquer pessoa do meu povoado se lembra daquela representação. Eles dizem que nunca aconteceu nada como aquilo.

O gerente teve de baixar as cortinas. E o homem era um grande lutador. Assim foram necessárias pelo menos doze pessoas para levá-lo para fora.

Naquele dia, a peça não pôde ser encenada. E no dia seguinte tiveram de encontrar outra pessoa para o papel de Ravana.

Depois, Ravana me encontrou ao lado do rio.

— Você acabou com a coisa toda!

— Mas você viu as pessoas aplaudindo, se divertindo, rindo? Você representou esse papel por anos e ninguém jamais aplaudiu, jamais riu. Valeu a pena!

A religião necessita de uma qualidade religiosa. Algumas qualidades estão faltando. Uma das mais importantes é o senso de humor.

Eles me proibiram de falar com os atores e deixaram claro a todo ator que se alguém me ouvisse ou se encontrasse comigo não teria permissão para representar, mas esqueceram de dizer isso a um homem que trabalhava na peça e que não era ator...

Ele era carpinteiro e costumava ir à minha casa para fazer algum trabalho. Então, eu lhe disse:

— Não posso me aproximar dos atores este ano. O ano passado foi

suficiente! Agora estão vigiando todos os atores e não permitem que eu me aproxime. Mas você não é ator, seu trabalho é outro, e você pode me ajudar.

— O que eu puder fazer, eu farei, porque a representação do ano passado foi realmente ótima. Será que posso ser de ajuda?

— Certamente.

E ele ajudou! Na guerra, Lakshmana, irmão mais moço de Rama, é ferido por uma flecha venenosa. É um ferimento fatal. Os médicos dizem que ele não poderia ser salvo e que estará morto pela manhã, a menos que fosse trazida determinada planta da montanha Arunachal; ou na manhã seguinte ele estaria morto. Ele está deitado no palco, inconsciente. Rama está chorando.

Hanuman, seu mais devoto seguidor, diz: “Não fique preocupado. Vou imediatamente a Arunachal, encontrarei a planta e a trarei antes que o dia amanheça. Só quero algumas indicações do médico sobre como ela é e como encontrá-la. Pode haver muitas plantas em Arunachal e o tempo é curto. Logo será noite.”

O médico disse: “Não há dificuldade. Essa planta especial tem uma característica única. À noite, ela irradia luz para que você possa vê-la. Então, em qualquer lugar que vir uma planta luminosa, pegue-a e traga-a.”

Hanuman partiu para Arunachal, mas ficou confuso porque a montanha toda está repleta de plantas luminosas. Não era só uma planta que possuía essa característica especial. O pobre Hanuman, que era um macaco, ficou perdido quanto ao que fazer. Decidiu então levar toda a montanha e colocá-la diante do médico para que ele encontrasse a planta.

O carpinteiro estava no alto do telhado. Seu trabalho era descer a corda na qual Hanuman entra no cenário com uma montanha de papelão iluminada por velas. Eu lhe disse: “Pare exatamente no meio. Deixe-o pendurado no meio do caminho, com a montanha e tudo.” E ele assim fez!

O gerente correu para fora. Toda a multidão estava inquieta e agitada diante do que estava acontecendo. E Hanuman estava transpirando, porque estava pendurado nas cordas, com a montanha na outra mão. O gerente se apressou. Perguntou ao carpinteiro o que tinha havido, e o carpinteiro disse: “Não sei o que deu errado. A corda ficou presa em algum lugar.”

Apressado, sem encontrar o que fazer, o empresário cortou a corda, e Hanuman e sua montanha caíram no palco. E, naturalmente, o ator ficou furioso. As pessoas estavam imensamente felizes, e isso o deixou ainda mais furioso.

Rama continuou dizendo suas falas: “Hanuman, meu devotado amigo...”. Mas Hanuman disse: “Para o inferno! Devo estar todo fraturado.”.

Rama prosseguiu, dizendo: “Meu irmão está morrendo.”.

Hanuman disse: “Ele pode morrer a qualquer momento! O que eu quero saber é quem cortou a corda? Vou matá-lo!”

Novamente, a cortina teve de ser baixada e a peça, adiada. O empresário e as pessoas que a organizaram se aproximaram de meu pai e disseram:

— Seu filho está destruindo tudo. Ele está zombando da nossa religião.

— Não estou zombando da sua religião. Estou simplesmente lhe dando um pouco de senso de humor. Gostaria que as pessoas rissem. Qual é a graça de repetir uma velha história todos os anos? Todos dormem porque conhecem a história, sabem cada palavra. Isso é absolutamente despropositado.

Mas é muito difícil para os velhos tradicionalistas, para as pessoas ortodoxas, aceitarem rir. Não se pode rir em uma igreja.

* * *

O pai de meu pai me amava muito justamente por causa das minhas travessuras. Mesmo em sua velhice, ele era travesso. Nunca gostou de meu pai ou de meus tios porque eles eram contra as travessuras dele. Todos lhe diziam: “Você tem 70 anos e deve se comportar. Seus filhos têm cinquenta, cinquenta e cinco, estão casados, os filhos de seus filhos estão aí, e você continua fazendo coisas que nos envergonham.”

Eu era o único com quem ele tinha intimidade, e eu amava aquele velho pela simples razão de que ele não havia perdido sua infância. Mesmo aos 70 anos ele era travesso como uma criança. E fazia suas travessuras até com seus próprios filhos e genros, e eles ficavam simplesmente chocados.

Eu era seu confidente e conspirávamos juntos. É claro que ele não podia fazer muitas coisas, e eu tinha de fazê-las. Por exemplo, meu

avô não conseguia subir no telhado, mas eu sim. Então, conspirávamos juntos; ele me ajudava, me dava apoio para subir até o telhado e remover uma telha. E tudo isso apenas para, à noite, com uma escova amarrada em um bambu, tocar a face do seu genro enquanto ele dormia e assustá-lo. Com a surpresa, o genro começava a gritar, e toda a casa corria até lá. “O que aconteceu!?”, perguntavam. “Havia algum fantasma ou alguém tocando o meu rosto. Tentei pegá-lo, mas não consegui. Estava escuro.” A essa altura, nós já tínhamos desaparecido do telhado.

Meu avô permanecia completamente inocente, e eu via a grande liberdade que ele tinha. Ele era o mais velho de toda a família. Deveria ser o mais sério e o mais sobrecarregado de problemas e ansiedades, mas nada o afetava. Todos eram sérios e se preocupavam quando havia problemas; só ele não se preocupava. Mas de uma coisa eu nunca gostei: ele tinha o hábito de dormir com o rosto coberto, e eu também tinha de dormir com meu rosto coberto porque ele me mantinha perto do seu coração e me cobria completamente, e isso era sufocante.

Eu lhe disse claramente: “Concordo com tudo, mas isto eu não posso tolerar. Você não pode dormir com seu rosto descoberto, e eu não posso dormir com meu rosto coberto; isso me sufoca. Você faz isso amorosamente, o que está perfeitamente bem, mas meu coração não estará batendo pela manhã! Sua intenção é boa, mas você estará vivo pela manhã, e eu estarei morto. Então nossa amizade fica fora da cama.”

Ele me queria perto porque me amava e sempre dizia: “Por que você não vem dormir comigo?” Eu dizia: “Você sabe que não quero ser sufocado por ninguém, mesmo que sua intenção seja boa.”

Nós também costumávamos sair para longas caminhadas pela manhã e às vezes à noite, quando havia lua, mas nunca lhe permiti segurar minha mão. E ele dizia: “Mas por quê? Você pode cair, pode tropeçar numa pedra ou em qualquer outra coisa.” Eu dizia: “Tanto melhor. Deixe-me tropeçar; isso não vai me matar. Vai me ensinar a não tropeçar, a ficar alerta, a me lembrar onde estão as pedras. Mas se você segurar minha mão... Por quanto tempo poderá segurá-la? Por quanto tempo vai estar comigo? Se puder garantir que sempre estará comigo, então é claro que estarei disposto a lhe dar a mão.”

Ele era um homem muito sincero e disse: “Isso eu não posso

garantir, não posso nem falar sobre amanhã. E uma coisa é certa: você viverá muito, e eu estarei morto, por isso não estarei sempre aqui para segurar sua mão.”

“Então, é melhor que eu aprenda desde agora, porque um dia você vai me deixar desamparado. Por isso, deixe-me só, deixe-me cair. Vou tentar me levantar. Você espera e simplesmente observa. Isso será mais solidário comigo do que segurar minha mão.”

Ele entendeu e disse: “Você está certo. Um dia eu não estarei aqui.”

É bom cair algumas vezes, se machucar, levantar de novo, perder-se algumas vezes. Não há nenhum mal nisso. No momento em que você descobrir que se perdeu, volte atrás. A vida tem de ser aprendida através de tentativa e erro.

Eu costumava dizer a meu pai: “Não me dê nenhum conselho, mesmo que eu lhe peça. Você tem de ser muito direto sobre isso. Diga simplesmente: ‘Descubra seu próprio caminho.’ Não me dê conselhos.” Quando há um conselho barato disponível, quem se dá o trabalho de encontrar seu próprio caminho?

Eu disse muitas vezes aos meus professores: “Por favor, lembrem-se de uma coisa: não quero sua sabedoria. Simplesmente ensinem suas matérias. Você é um professor de geografia e está tentando me ensinar moralidade? Que relacionamento tem moralidade com geografia?”

Lembro-me do pobre homem que dava aulas de geografia. Certa vez, tirei algo do bolso do aluno que estava sentado ao meu lado, tirei dinheiro do seu bolso, e o professor disse: “Não faça isso.” Foi então que eu disse: “Essa não é a sua área. Você é professor de geografia e esta é uma questão de moralidade. Se quiser, estou pronto para ir até o diretor, e você vem comigo. Em lugar algum da matéria de geografia está dito que não se pode tirar dinheiro de outra pessoa. E dinheiro é simplesmente dinheiro, quem o tiver, é dele. Neste exato momento, ele é meu. Alguns minutos antes pode ter sido dele, mas ele o perdeu. Deveria ficar mais alerta. Se você quer dar conselho a alguém, dê a ele. E qual é a necessidade de trazer tanto dinheiro para a aula de geografia? Não há nada para comprar, nada para adquirir, não vai haver nenhuma compra. Por que ele trouxe dinheiro? Se ele trouxe, deve ficar alerta. Isso não é culpa minha, é culpa dele, e eu simplesmente tirei vantagem da situação, o que é um direito meu. Tirar vantagem da situação é um direito de todos.”

Lembro-me daquele pobre homem. Ele estava sempre em

dificuldade, e por minha causa. Ele me via fora da classe e dizia: “Você pode fazer o que quiser, mas não coloque tanta filosofia na pobre geografia. Eu não sei nada sobre filosofia, sei apenas geografia. E você distorce a pergunta de tal maneira que mesmo à noite continuo pensando se ela era geográfica, religiosa ou filosófica.”

Na frente da minha escola havia duas belas árvores *kadambara*. A *kadambara* dá uma flor muito perfumada, e eu costumava me sentar nos galhos daquelas árvores quando conseguia escapar das aulas. Era o melhor lugar, porque os professores passavam embaixo dela, o diretor também, e ninguém podia imaginar que eu estaria me escondendo na árvore. Mas quando o professor de geografia passava por ali, eu não conseguia resistir e deixava cair uma ou duas pedrinhas na sua cabeça. Ele olhava para cima e dizia: “O que está fazendo aí?”

Um dia, eu disse: “Isto não é a aula de geografia. Você perturbou minha meditação.”

E ele disse: “E essas duas pedras que caíram na minha cabeça?”

Eu respondi: “Isso é simplesmente coincidência. Deixei cair as pedras, e é estranho você ter aparecido exatamente nesse momento. Agora vou ponderar sobre isso. Pondere você também sobre isso.”

Ele costumava dizer ao meu pai que as coisas estavam indo longe demais. Ele era um homem calvo, e em hindi a palavra para calvo é *munde*. Seu nome era Chotelal, mas ele era conhecido como Chotelal Munde. Na verdade, Chotelal raramente era usado; Munde era suficiente porque ele era a única pessoa completamente calva. Quando eu estava em frente à sua casa e batia na porta, sua esposa ou outra pessoa abria a porta e dizia: “Por que você o tortura? Você o tortura na escola, no mercado e no rio quando ele vai se banhar.” Um dia, sua esposa abriu a porta e disse: “Você vai parar de torturar Munde ou não?” E ele estava bem ali, atrás dela.

Ele a agarrou e disse: “Até você me chama de Munde! Este menino espalhou por toda a aldeia que meu nome é Chotelal Munde, e agora minha própria esposa foi convertida por ele. Posso perdoar as outras pessoas, mas minha própria esposa, em minha própria casa...”

Mas eu era insistente com meus professores: “Por favor, mantenham-se no seu caminho e não me deem nenhum conselho que não diga respeito à sua matéria, de modo que eu possa explorar a vida à minha maneira. Sim, vou cometer muitos equívocos, muitas falhas,

mas estou disposto a cometer equívocos e falhas porque essa é a única maneira de aprender.”

* * *

Meu avô não era um homem religioso de maneira alguma. Ele estava mais próximo de ser Zorba, o Grego: comia, bebia e era alegre – não há outro mundo, isso é tudo bobagem! Meu pai, sim, era um homem muito religioso, talvez por causa do meu avô, pela reação, pela lacuna geracional. Isso era um transtorno na minha família: meu avô era um ateu e, talvez devido ao seu ateísmo, meu pai veio a se tornar um teísta. E sempre que meu pai ia ao templo, meu avô ria e dizia: “De novo! Vá, desperdice sua vida diante destas estátuas estúpidas!”

Eu adoro Zorba por muitas razões, mas uma delas é que em Zorba reencontrei meu avô. Ele gostava tanto de comer que não confiava em ninguém; ele mesmo preparava sua própria comida. Na minha vida, fui hóspede de milhares de famílias na Índia, mas nunca comi nada tão delicioso quanto a comida do meu avô. Ele adorava tanto cozinhar que fazia uma festa por semana para todos os seus amigos.

Minha mãe, minhas tias, as criadas e as cozinheiras eram expulsas da cozinha. Quando meu avô estava cozinhando, ninguém podia perturbá-lo. Mas ele era muito amoroso comigo, permitia-me assistir e dizia: “Aprenda e não dependa dos outros. Só você conhece seu gosto. Quem mais pode conhecê-lo?”

Eu dizia: “Isso é demais para mim. Sou preguiçoso demais. Posso assistir, mas passar o dia todo cozinhando? Não consigo fazer isso.” Então, não aprendi nada, mas só observá-lo já era uma alegria: ver a maneira como ele trabalhava, quase como um escultor, um músico ou um pintor. Para ele, cozinhar não era apenas cozinhar, era uma arte. E se alguma coisa ficasse um pouquinho abaixo do seu padrão, ele descartava imediatamente, cozinhava de novo e dizia: “Agora está perfeito.” Depois, dizia: “Você sabe quando não está perfeito, está apenas bom: mas sou um perfeccionista. Até que corresponda ao meu padrão, não vou oferecer a ninguém. Eu adoro minha comida.”

Ele costumava fazer muitos tipos de drinques, mas a família recriminava qualquer coisa que fizesse, dizendo que ele era um problema. Ele não permitia ninguém na cozinha, e à noite reunia todos os ateístas da aldeia. E, apenas para desafiar o jainismo,

esperava até o sol se pôr. Não comia antes porque o jainismo diz: coma antes do pôr do sol; depois do pôr do sol é proibido comer. Ele me mandava, várias vezes, ver se o sol já havia se posto.

Ele aborrecia toda a família. Ninguém podia ficar zangado com ele, porque ele era o chefe da família, o homem mais velho, mas ficavam zangados comigo. Isso era mais fácil. Diziam: “Por que você sai a toda hora para ver se o sol se pôs? Esse homem está deixando você perdido, totalmente perdido.”

Fiquei muito triste por só me deparar com o livro *Zorba, o grego* quando meu avô estava morrendo. A única coisa que senti diante da sua pira funerária foi que ele teria adorado que eu o tivesse traduzido e lido para ele. Li muitos livros para ele. Ele era analfabeto e só sabia escrever seu nome. Nunca aprendeu a ler nem a escrever, mas tinha muito orgulho disso.

Ele dizia: “É bom que meu pai não tenha me levado para a escola; do contrário, ele teria me estragado. Estes livros estragam muito as pessoas.” Ele me dizia: “Lembre-se: seu pai foi estragado, seus tios foram estragados. Eles estão sempre lendo livros religiosos, escrituras e todo esse lixo. Enquanto estão lendo, eu estou vivendo, e é bom aprender com a vida.” E temia que me mandassem para a universidade: “Vão mandá-lo para a universidade... Não vão me ouvir. E não poderei ser de muita ajuda se seu pai e sua mãe insistirem, mas tome cuidado e não se perca nos livros.”

Ele adorava coisas pequenas, mas não a Deus. Eu lhe perguntava: “Todos acreditam em Deus. Por que você não acredita, *baba*?” Eu o chamava de *baba*, que significa “avô”. Ele dizia: “Porque não tenho medo.”

Era uma resposta muito simples: “Por que eu deveria ter medo? Não é necessário ter medo, não fiz nada errado, não prejudiquei ninguém. Apenas vivi minha vida com alegria. Se Deus existir, em algum momento vou encontrá-lo, e ele não poderá estar zangado comigo. Eu é que vou estar zangado com ele e direi: ‘Por que você criou este tipo de mundo?’ Eu não tenho medo.”

Quando ele estava morrendo e os médicos disseram que era uma questão de minutos, eu lhe perguntei outra vez. Seu pulso estava ficando fraco, seu coração estava parando, mas ele estava totalmente consciente. Eu lhe disse: “*Baba*, uma pergunta...”

Ele abriu os olhos e disse: “Sei o que vai perguntar: ‘Por que você

não acredita em Deus?’ Eu sabia que você faria esta pergunta quando eu estivesse morrendo. Você acha que a morte vai me deixar temeroso? Eu vivi com tanta alegria e tão intensamente que não lamento estar morrendo. O que mais eu faria amanhã? Eu fiz tudo, não deixei nada para trás. E se meu pulso está desacelerando e meus batimentos cardíacos estão diminuindo; acho que está tudo muito bem, porque estou me sentindo muito tranquilo, muito calmo, muito sossegado. Se vou morrer completamente ou viver, não posso dizer agora, mas uma coisa você deve lembrar: eu não estou com medo.”

* * *

Quando fui aprovado no exame de vestibular, toda a minha família ficou muito animada, porque todos esperavam alguma coisa de mim. Alguns queriam que eu fosse médico, alguém queria que eu fosse cientista, outro queria que eu fosse engenheiro, porque são profissões respeitáveis, com bons salários. Você se torna rico, você se torna conhecido, você é honrado. Mas eu disse que estudaria filosofia.

Todos disseram: “Que bobagem! Nenhum homem sensato estuda filosofia. O que vai fazer depois? Seis anos desperdiçados estudando coisas inúteis na universidade. Elas não têm nenhum valor, você não conseguirá nem um empregueinho qualquer.”

E eles estavam certos. Na Índia, mesmo que você se candidate a um emprego modesto, como funcionário dos correios, e você tem mestrado em filosofia, chegou ao topo na universidade, tem uma medalha de ouro – você será recusado. Só por causa dessas coisas! Elas são *des* qualificações: você é uma pessoa difícil! Um escriturário não deve ser um filósofo ou haverá necessariamente dificuldades.

Então, eles disseram: “Você vai sofrer durante toda a sua vida. Pense melhor.”

Eu disse: “Vocês sabem que nunca penso. Simplesmente vejo. E não é uma questão de escolha. Sei o que vou estudar. Não é uma questão de ponderar que emprego será mais lucrativo. Mesmo que eu me torne um mendigo, vou estudar filosofia.”

Eles não sabiam o que fazer. “Por que você quer estudar filosofia?”, perguntaram. Eu disse: “Porque vou lutar contra os filósofos durante toda a minha vida. Tenho de saber tudo a respeito deles.”

Eles disseram: “Meu Deus! É isso que você quer? Nunca imaginamos que um homem devesse estudar filosofia para lutar contra os filósofos durante toda a sua vida.” Mas eles sabiam que eu era louco e disseram: “Já era de se esperar uma coisa dessa”. Mesmo assim, persistiram: “Você ainda pode pensar a respeito. As universidades só abrirão daqui a um mês. Você ainda pode mudar de opinião.”

Eu disse: “Um mês, um ano, uma vida não fazem diferença, porque não tenho escolha. Esta é minha responsabilidade sem escolha.”

Um de meus tios, que tinha estudado em uma universidade, disse: “É absolutamente impossível falar com ele. Ele usa palavras que não parecem ter nenhum significado. Inexistência de escolha... responsabilidade... O que estas coisas têm a ver com a vida? Ele vai precisar de dinheiro, vai precisar de uma casa, vai precisar sustentar uma família.”

Eu disse: “Não vou ter família. Não vou ter casa e não vou sustentar ninguém!” E não sustentei ninguém nem construí nenhuma casa. Sou o homem mais pobre do mundo!

Eles não conseguiram me obrigar a ser médico, engenheiro ou dentista, mas todos ficaram zangados. Quando me tornei professor e passei a perambular pelo país, fazendo o trabalho para o qual estudei lógica e filosofia – somente para estar perfeitamente familiarizado com o inimigo – e não encontrei um único homem que estivesse pronto para aceitar meu desafio. Então, minha família começou a se sentir culpada, sentindo que tinha sido bom eles não terem sido capazes de fazer de mim um médico, um engenheiro, um dentista. Eu provei que eles estavam errados, e eles começaram a me pedir perdão.

Eu disse: “Não há problema, porque nunca levei seus conselhos a sério. Nunca me incomodei! Eu faria o que fiz apesar de tudo estar contra mim. Portanto, não se sintam culpados. Nunca encarei seriamente seus conselhos; eu escutei, mas não ouvi. Tinha em mim uma decisão, uma determinação.”

Em busca do imortal

P: Você sabe que vai viver em alguma forma além desta vida?

R: Não em alguma forma. Vou viver sem forma.

P: Eternamente?

R: Eternamente. Estive aqui eternamente e vou estar aqui eternamente.

P: Você terá consciência depois da morte?

R: Sim, porque a morte não tem nada a ver com consciência.

P: Você terá identidade depois da morte?

R: Nenhuma identidade.[1]

No Oriente, temos assistido à experiência de morte de muitas pessoas. A maneira como uma pessoa morre reflete toda a sua vida. Vendo apenas a sua morte, posso escrever sua biografia, porque nesse momento sua vida é condensada. Nesse momento, como um relâmpago, ela mostra tudo.

Uma pessoa mesquinha morrerá com os punhos cerrados, ainda segurando e agarrando-se, ainda tentando não morrer, ainda tentando não relaxar. Uma pessoa amorosa morrerá com as mãos abertas, compartilhando sua morte da mesma forma como compartilhou sua vida. É possível ver tudo na face do morto. Se ele viveu sua vida totalmente alerta, consciente, haverá uma luz brilhando no seu rosto e uma aura em torno do seu corpo. Se nos aproximarmos, sentiremos o silêncio – não tristeza, mas silêncio. Se uma pessoa morrer feliz, nós nos sentiremos felizes perto dela.

Isso aconteceu na minha infância. Um homem muito santo da aldeia onde eu vivia morreu. Eu tinha certa ligação com ele. Ele era sacerdote de um pequeno templo. Era um homem muito pobre, mas sempre que eu passava por lá – e isso costumava acontecer pelo menos duas vezes por dia, pois a escola ficava perto do templo – ele me chamava e me dava uma fruta, um doce.

Quando ele morreu, fui a única criança a ir vê-lo. Toda a cidade se reuniu. De repente, eu não podia acreditar no que acontecia – e comecei a rir. Meu pai estava lá e tentou me deter, sentindo-se constrangido. A morte não é um momento para risos. Tentou me calar várias vezes: “Fique quieto!”

Nunca mais senti aquele ímpeto de rir novamente. Nem mesmo antes eu havia sentido – rir tão alto como se algo bonito estivesse acontecendo. E não conseguia me conter. Eu ria alto, e todos ficaram furiosos. Fui mandado embora. Meu pai me disse: “Sua presença nunca mais será permitida em uma situação séria! Por sua causa, até eu me senti constrangido. Por que você estava rindo? O que estava acontecendo ali? O que pode ser motivo de riso na morte? Todos estavam chorando e lamentando, e você estava rindo.”

E eu disse: “Algo aconteceu. Aquele velho homem liberou algo e foi incrivelmente belo. Ele teve uma morte orgástica.” Não usei exatamente estas palavras, mas lhe disse que senti que ele estava muito feliz, muito bem-aventurado, e eu quis participar do seu riso. Ele estava rindo, sua energia estava rindo.

Acharam que eu estava louco. Como um homem pode rir na sua morte? Depois, eu vi muitas mortes, mas nunca vi aquele tipo de morte outra vez. Quando uma pessoa morre, libera sua energia e, juntamente com ela, toda a sua experiência de vida. Essa energia carrega as vibrações de toda a sua vida, o que quer que a pessoa tenha sido: triste, feliz, amorosa, zangada, apaixonada, compassiva. Quando um santo morre, o simples fato de estar perto dele é um grande presente, sua energia é uma grande inspiração. Pode-se ir a uma dimensão totalmente diferente. A pessoa ficará entorpecida com sua energia, ficará inebriada. A morte pode ser uma satisfação completa, mas só se a vida tiver sido vivida.

* * *

Um dos passatempos da minha infância era acompanhar qualquer procissão funerária. Meus pais ficavam preocupados: “Você não conhece o homem que morreu, não tinha relacionamento com ele, não tinha amizade. Por que se dá o trabalho e desperdiça seu tempo?” Eles diziam isso porque um funeral indiano demora três, quatro ou cinco horas.

Primeiro, a saída da cidade, a procissão carregando o corpo morto, que depois era incinerado na pira funerária... E quem conhece os indianos sabe que eles não conseguem fazer nada com eficiência. A pira funerária não pega fogo ou fica acesa por pouco tempo e não queima o corpo; e todos farão todo tipo de esforço porque querem sair dali o mais depressa possível. Mas os mortos também são astutos. Eles vão tentar manter as pessoas ali pelo máximo de tempo.

Eu disse a meus pais: “Não se trata de estar relacionado com alguém. Certamente estou relacionado com a morte, isso vocês não podem negar. Não importa quem morre... Isso para mim é simbólico. Um dia morrerei. Tenho de saber como as pessoas se comportam diante da morte, como o morto se comporta com as pessoas vivas; do contrário, como vou aprender?”

Eles disseram: “Você usa argumentos estranhos.”

Eu disse: “Se puderem me convencer de que a morte não está relacionada comigo, de que não vou morrer, deixarei de ir; do contrário, deixem-me explorá-la.” Eles não conseguiram me dizer que eu não iria morrer. E eu disse: “Então fiquem quietos. Não estou dizendo para vocês irem. Eu gosto de tudo o que acontece lá.”

A primeira coisa que observei nesses funerais foi que ninguém fala sobre a morte. A pira funerária está queimando o pai de alguém, o irmão de alguém, o tio de alguém, o amigo de alguém, o inimigo de alguém. O morto está relacionado a muitas pessoas de muitas maneiras. Ele está morto... e todos estão ocupados com trivialidades.

Estão conversando sobre filmes, estão conversando sobre política, estão conversando sobre o mercado. Estão conversando sobre todos os tipos de coisas, exceto sobre a morte. Eles se reúnem em pequenos grupos e se sentam em torno da pira funerária. Eu passo por um grupo e por outro, mas ninguém está falando sobre a morte. E eu sei, com certeza que eles estão conversando sobre outras coisas para se manterem ocupados, de forma a não verem o corpo ardendo – porque aquele era o corpo delas também.

Se pudessem ver, se tivessem uma pequena percepção das coisas, poderiam ver que são eles que estão ardendo ali na pira funerária, ninguém mais. É apenas uma questão de tempo. Amanhã uma daquelas pessoas estaria na pira funerária; depois de amanhã, seria outra pessoa que estaria lá. Todos os dias pessoas são conduzidas à pira funerária. Um dia, eu serei levado à pira funerária, e este é o tratamento que estas pessoas me darão. Este será seu último adeus, falando sobre os preços que estão subindo, a rúpia que está desvalorizando, sentadas com suas costas voltadas para a pira funerária.

Elas tinham de estar ali, por isso estavam, mas nunca quiseram estar. Então tentam estar presentes de uma forma quase ausente, apenas para corresponder a uma conformidade social, apenas para mostrar que estão ali. E também para se certificarem de que quando morrerem não serão simplesmente conduzidas pelo rabeção da prefeitura. Já que elas participaram no funeral de tantas pessoas, naturalmente torna-se obrigatório para as outras pessoas dar-lhes também uma boa despedida. Elas sabem por que estão ali: porque querem que as outras pessoas estejam lá quando for sua vez de arder

na pira funerária.

Mas o que aquelas pessoas estavam fazendo? Eu perguntava às pessoas que eu conhecia. Às vezes, um dos meus professores estava nos funerais, falando sobre coisas estúpidas, sobre alguém que estava flertando com a esposa de alguém... Eu dizia: “Este é o momento de falar sobre a esposa de alguém e o que ela está fazendo? Pense na esposa deste homem que morreu. Ninguém está preocupado com ela, ninguém está falando sobre ela. Pense em sua esposa quando você estiver morto. Com quem ela estará flertando? O que ela fará? Você já fez algum arranjo nesse sentido? E não consegue enxergar a estupidez disso? A morte está presente, e você está tentando evitá-la de todas as maneiras possíveis.” Mas todas as religiões fazem isso, e estas pessoas estavam simplesmente representando certas tradições de algumas religiões.

* * *

O pai de minha mãe costumava me dizer que, quando eu nasci, ele consultou um dos astrólogos mais conhecidos daquela época. O astrólogo estava prestes a fazer meu mapa astral, mas ele estudou-o um pouco e disse: “Se esta criança completar 7 anos, então farei seu mapa. Parece impossível que ele possa sobreviver por mais de sete anos e, se a criança vai morrer, é inútil fazer seu mapa. A menos que eu esteja certo de que o mapa será útil, não o faço.”

Ele morreu antes de fazer meu mapa, e por isso a tarefa ficou para seu filho, mas ele também ficou confuso e disse: “É quase certo que esta criança morrerá aos 21 anos. A cada sete anos ele terá de enfrentar a morte.” Então, meus pais e minha família, estiveram sempre preocupados com a minha morte. Sempre que eu chegava ao fim de um ciclo de sete anos, eles ficavam temerosos. E eles estavam certos. Já aos 7 anos, eu tive uma profunda experiência da morte – não da minha própria morte, mas da morte de meu avô materno, mas eu era tão ligado a ele que sua morte pareceu ser minha própria morte.

À minha maneira infantil, imitei sua morte. Não consegui comer por três dias e não bebi água porque achei que isso seria uma traição. Ele era uma parte de mim. Eu havia crescido com sua presença, com seu amor.

Quando ele morreu, achei que comer seria uma traição. Eu não queria viver. Era uma atitude infantil, mas algo muito profundo aconteceu. Durante três dias, permaneci deitado sem conseguir sair da cama. Eu dizia: “Agora que ele está morto, não quero viver.” Sobrevivi, mas aqueles três dias foram uma experiência de morte. De certa maneira eu morri e tive a percepção de que a morte é impossível. Agora consigo falar sobre isso, mas naquela época foi apenas uma experiência vaga.

Quando fiz 14 anos, minha família ficou perturbada novamente, achando que eu iria morrer. Sobrevivi, mas experimentei a morte conscientemente mais uma vez. Eu lhes disse: “Se a morte ocorrer, como o astrólogo disse, é melhor estar preparado. E por que não dar uma chance à morte? Por que não encontrar a morte no meio do caminho? Se vou morrer, é melhor morrer conscientemente.”

Então, fiquei sete dias sem ir à escola. Fui até o diretor e lhe disse que morreria. Ele disse: “Que tolice você está falando! Vai suicidar-se? O que quer dizer com essa história de que vai morrer?” Eu lhe contei sobre a previsão do astrólogo e lhe disse: “Vou me recolher durante sete dias para esperar a morte. Se ela vier, é bom encontrá-la conscientemente, para que ela se torne uma experiência.”

Fui até um templo que ficava na saída do meu povoado. O sacerdote concordou em não me perturbar. Era um templo muito solitário, não visitado, velho e em ruínas. Ninguém ia lá. Então, eu lhe disse: “Vou ficar no templo. Dê-me algo para comer e algo para beber apenas uma vez por dia. Passarei o dia inteiro deitado ali, esperando pela morte.”

Esperei durante sete dias, que se tornaram uma bela experiência. A morte não chegou, mas tentei de todas as maneiras estar morto. Tive sensações estranhas. Muitas coisas aconteceram, mas a nota básica foi esta: se você está sentindo que vai morrer, fique calmo e silente. Nada gera preocupação então, porque todas as preocupações estão relacionadas à vida. A vida é a base de todas as preocupações. Se você vai morrer um dia, por que se preocupar?

Permaneci deitado ali. No terceiro ou quarto dia, uma cobra entrou no templo. Ela estava à minha vista, eu a via, mas não sentia medo. De repente, me senti muito estranho. A cobra estava cada vez mais próxima de mim, e eu me sentia muito estranho. Não havia medo. Então, pensei: “A morte pode estar chegando através desta cobra,

então por que ter medo? Espere!” A cobra passou por mim e foi embora. Se aceitamos a morte, não existe medo. Se nos apegamos à vida, então todo o medo está presente.

Muitas vezes, as moscas me cercavam. Elas voavam à minha volta, andavam pela minha pele, pelo meu rosto. Às vezes, eu ficava irritado e queria expulsá-las, mas então pensava: “Para quê? Mais cedo ou mais tarde vou morrer e ninguém estará aqui para proteger meu corpo. Então deixe que elas sigam seu caminho.”

No momento em que decidi deixá-las seguir o seu caminho, a irritação desapareceu. Elas ainda estavam na minha pele, mas era como se eu não tivesse nada a ver com aquilo. Era como se estivessem na pele de outra pessoa. Imediatamente criou-se uma distância. Se aceitamos a morte, cria-se uma distância. A vida se afasta com todas as suas preocupações, suas irritações, tudo. De certa maneira, eu morri, mas soube que algo imortal estava ali. Quando aceitamos totalmente a morte, nós nos tornamos conscientes dela.

Então, mais uma vez, quando eu estava para completar 21 anos, minha família voltou a esperá-la. Eu disse: “Por que continuam esperando a morte? Não esperem. Agora eu não vou morrer.” Um dia morrerei fisicamente, é claro, mas a previsão do astrólogo me ajudou muito porque me tornou consciente da morte desde muito cedo. Eu pude meditar e aceitar sua chegada.

Iluminação: uma descontinuidade com o passado

Uma bela história budista:

Certa vez uma linda jovem de repente apareceu do nada em uma cidade. Ninguém sabia de onde ela vinha, mas ela era tão bonita, tão encantadoramente bonita, que ninguém conjecturou sobre seu passado. Toda a cidade se reuniu, e todos os jovens, quase trezentos, queriam se casar com ela.

Ela disse: “Olhem, eu sou uma, e vocês são trezentos. Só posso me casar com um. Eu voltarei amanhã e me casarei com aquele que conseguir repetir o Sutra do Lótus de Buda.”

Todos os jovens correram para suas casas; eles não comeram, não dormiram, recitaram o sutra a noite inteira, tentaram abarrotar-se dele. Dez foram bem-sucedidos. Na manhã seguinte, a jovem veio, e os dez rapazes se ofereceram para recitá-lo. A jovem escutou. Eles haviam conseguido.

Ela disse: “Certo, mas eu sou uma só. Como posso me casar com dez? Dou-lhes mais 24 horas. Eu me casarei com aquele que puder explicar o significado do Sutra de Lótus. Então, tentem entender. Recitar é uma coisa simples, mas vocês não entendem seu significado.”

Não havia tempo – apenas uma noite! –, e o sutra era longo. Mas, quando se está apaixonado, faz-se qualquer coisa. Eles correram para casa e se esforçaram ao máximo. No dia seguinte, três rapazes apareceram. Eles haviam entendido o significado.

E a jovem disse: “O número foi reduzido, mas o problema persiste. De trezentos para três é um grande progresso, mas continuo não podendo me casar com três rapazes. Então, dou-lhes mais 24 horas... Aquele que puder experimentar o sutra será meu marido. A explicação que me deram é intelectual. Está melhor do que ontem, pois vocês têm alguma compreensão, mas eu gostaria de sentir um sabor meditativo,

uma fragrância. Gostaria de ver que o lótus tornou-se parte da presença de vocês, que vocês assimilaram algo do lótus. Gostaria de sentir sua fragrância. Amanhã eu volto novamente.”

No dia seguinte, só um rapaz compareceu. E ele certamente conseguiu. A jovem o levou para sua casa, que era fora da cidade. O homem nunca havia visto a casa dela. Era muito bonita, quase uma casa dos sonhos. E os pais da jovem estavam de pé no portão. Receberam o jovem e disseram que estavam muito contentes.

A jovem entrou enquanto ele conversava um pouquinho com os pais. Então, os pais disseram: “Entre. Ela deve estar esperando por você. Aquele é o quarto dela.” Ele entrou e abriu a porta, mas não havia ninguém ali. O quarto estava vazio. Havia uma porta que dava para o jardim, então ele pensou que talvez ela tivesse ido para o jardim. Sim, até havia pegadas. Ele seguiu as pegadas e caminhou quase dois quilômetros. O jardim terminou. Ele estava na margem de um belo rio, mas a mulher não estava lá. As pegadas também desapareceram. Havia apenas dois sapatos, sapatos dourados, pertencentes à jovem.

Então, ele ficou confuso. O que havia acontecido? Ele olhou para trás. Não havia jardim, não havia casa, não havia pais, nada. Tudo havia desaparecido. Ele olhou para frente. Os sapatos haviam sumido, o rio havia sumido. Tudo o que havia era o vazio – e uma grande risada.

E ele também riu. Ele havia se casado.

Esta é uma bela história budista sobre um homem que se casou com o vazio, com o nada. Este é o casamento que todos os grandes santos buscam. Este é o momento em que uma pessoa se torna “noiva de Cristo” ou *gopi* de Krishna. Tudo desaparece: o caminho, o jardim, a casa, a jovem, até as pegadas, tudo. Há apenas uma risada, uma risada que surge do ventre do universo.

* * *

Desde a minha infância sou apaixonado pelo silêncio. Sempre que podia, ficava apenas sentado em silêncio. Naturalmente minha família achava que eu não prestaria para nada – e estava certa! Certamente não me provei que não presto para nada, mas não lamento isso.

As coisas chegaram a tal ponto que, certo dia, minha mãe me disse

algo como: “Parece não haver ninguém em casa. Preciso que alguém vá até o mercado e busque alguns legumes.” Eu estava sentado na frente dela e disse: “Se eu vir alguém, aviso.”

Era aceito por todos que a minha presença não significava nada; não importava se eu estava ou não ali. Uma ou duas vezes, eles tentaram mas depois concluíram que “é melhor deixá-lo de lado, fazer de conta que ele não existe”. Uma vez, de manhã eles me mandaram comprar legumes. E eu cheguei em casa à noite: “Eu esqueci o que vocês me mandaram comprar. E agora o mercado já está fechado...”.

Minha mãe disse: “Não é sua culpa, é nossa culpa. Esperamos o dia inteiro; mas em primeiro lugar não deveríamos ter lhe pedido. Onde você esteve?” Eu disse: “Quando saí de casa, havia uma bela árvore *bodhi* perto daqui...” *Bodhi* é a espécie de árvore debaixo da qual Gautama Buda se iluminou. Aliás, a árvore recebeu o nome *bodhi* por causa de Gautama Buda. Não se sabe como ela era chamada antes. Deve ter tido algum nome, mas depois foi associada ao nome de Buda.

Uma bela árvore *bodhi* era muito tentador para mim. Costumava haver tanto silêncio, tanto frescor, ninguém para me perturbar. Eu não conseguia passar sem me sentar ali por algum tempo. E, nesses momentos de paz, acho que algumas vezes posso ter passado ali o dia todo.

Após alguns desapontamentos, eles acharam melhor não me incomodar. E eu fiquei imensamente feliz que eles houvessem aceitado o fato de que eu quase não existia. Isso me dava uma imensa liberdade. Ninguém esperava nada de mim. Quando ninguém espera nada de uma pessoa, ela cai no silêncio. O mundo a aceita e não há mais expectativas em relação a ela.

Quando eu demorava a voltar para casa, eles me procuravam em dois lugares: na casa da minha *nani* e embaixo da árvore *bodhi*. Como eles começaram a me procurar embaixo da árvore *bodhi*, comecei a subir e me sentar no alto dela. Eles iam até lá, davam uma olhada e achavam que eu não estava lá.

E eu acenava com a cabeça e dizia: “Sim, é verdade. Não estou aqui.”

* * *

Minha primeira experiência fora do meu corpo foi caindo de uma

árvore. Eu costumava meditar atrás da universidade, onde havia um belo morrinho com três árvores altas e muito silêncio, porque ninguém ia lá. Eu me sentava em uma das árvores e meditava. Um dia, de repente, vi que estava sentado na árvore e que, ao mesmo tempo, meu corpo tinha caído e eu estava deitado no chão. Por um momento, não consegui imaginar como voltaria para dentro do meu corpo. Foi uma coincidência que uma mulher de uma aldeia próxima, que costumava levar leite para a universidade, tenha visto meu corpo cair e se aproximou. Ela deve ter ouvido que, em situações em que o corpo interno se separa do corpo externo, deve-se abrir caminho para que o espírito possa voltar ao corpo esfregando um ponto entre os olhos – o terceiro olho.

Ela esfregou meu terceiro olho. Eu a vi esfregando minha testa e, no momento seguinte, abri os olhos, agradeci e perguntei como ela sabia o que fazer. Ela disse que simplesmente havia ouvido falar sobre isso. Vivia numa aldeia primitiva, mas conhecia a ideia tradicional de que o terceiro olho é o lugar por onde uma pessoa sai e por onde ela pode voltar.

* * *

Tenho procurado a porta para a iluminação desde a infância. Devo ter trazido essa ideia da minha vida passada, porque não me lembro de um único dia da minha infância em que não estivesse buscando por ela. Naturalmente, todos me achavam louco. Nunca brinquei com nenhuma criança. Nunca consegui encontrar uma maneira de me comunicar com as crianças da minha idade. Para mim, elas pareciam estúpidas fazendo todos os tipos de coisas estúpidas. Nunca pertenci a um time de futebol, voleibol ou hóquei. Todos me achavam louco. No que me diz respeito, comecei a encarar o mundo como louco.

Quando eu tinha 21 anos, foi um período de colapso e de um repentino despertar.

Naturalmente, aqueles que me amavam – minha família, meus amigos, meus professores – conseguiam entender um pouco o que estava acontecendo comigo, por que eu era tão diferente das outras crianças, por que ficava sentado durante horas com os olhos fechados, por que me sentava na margem do rio e ficava olhando durante horas para o céu, às vezes durante a noite toda. Naturalmente, as pessoas

que não conseguiam entender essas coisas – e eu não esperava que elas entendessem – achavam que eu era louco.

Tornei-me quase ausente na minha própria casa. Pouco a pouco, eles pararam de me pedir qualquer coisa e começaram a viver como se eu não estivesse ali. E eu adorava a maneira como havia me tornado um nada, um ninguém, uma ausência.

Foi um ano extraordinário. Eu estava cercado de nada, de vazio. Havia perdido todo o contato com o mundo. Se alguém me lembrasse de tomar banho, eu passava horas tomando banho. Então, eles tinham de bater na porta. “Agora saia do banheiro. Você já tomou banho por um mês! Agora saia.” Se me lembravam de comer, eu comia; do contrário, os dias passavam e eu não comia. Não que eu estivesse jejuando... Eu não tinha nenhuma ideia sobre comer ou jejuar. Todo o meu interesse era entrar cada vez mais profundamente dentro de mim mesmo. E a porta era tão magnética, a atração era tão imensa, como se fosse um buraco negro.

Os físicos dizem que há buracos negros no espaço. Se uma estrela se aproxima de um buraco negro, ela é atraída para dentro dele; não há como resistir a essa atração, mesmo que entrar no buraco negro seja entrar na destruição. Não sabemos o que acontece do outro lado. Minha ideia, para a qual algum físico tem de encontrar evidências, é que o buraco negro neste lado é um buraco branco do outro lado. Não é um buraco, é um túnel. Eu o experienciei em mim mesmo. Talvez o mesmo aconteça em uma escala maior no universo. A estrela morre; pelo que podemos ver, ela desaparece, mas a todo momento novas estrelas estão nascendo. De onde? Onde é o seu útero? É simples aritmética que o buraco negro seja apenas um útero em que o velho desaparece e o novo nasce.

Isso eu experienciei em mim mesmo... Não sou um físico. Naquele ano, uma atração extraordinária me afastou cada vez mais das pessoas, tanto que eu não reconheceria minha própria mãe e poderia não reconhecer meu próprio pai. Havia momentos em que esquecia meu nome. Eu me esforçava muito, mas não havia maneira de lembrar qual era meu nome. Para os outros, eu estava louco, mas para mim aquela loucura tornou-se meditação, e o pico da loucura abriu a porta.

Meus pais me levaram a um *vaidya*, um médico *ayurveda*[1]. Na verdade, fui levado a muitos médicos, mas só um *vaidya* disse a meu pai que eu não estava doente. É claro que eles continuaram me arrastando de um lugar para outro e muitas pessoas me deram medicações. Eu dizia ao meu pai: “Por que você está preocupado? Estou perfeitamente bem.” Mas ninguém acreditava em mim. Diziam: “Fique quieto e tome o remédio; que mal ele pode fazer?” Então, eu tomei todo tipo de remédio.

Só um *vaidya* poderia ser um homem de visão. Seu nome era Pundit Bhaghirath Prasad. Ele já partiu, mas era um raro homem de visão. Olhou para mim e disse: “Ele não está doente.” Então, começou a chorar e disse: “Eu tenho buscado este estado. Ele é afortunado. Eu perdi este estado. Não o levem a ninguém. Ele está chegando ao lar.” E ele chorou lágrimas de felicidade.

Ele era um buscador. Tinha buscado de um lado ao outro deste país. Toda a sua vida foi uma busca e uma indagação. Ele tinha alguma ideia do que eu estava vivendo e tornou-se meu protetor contra os outros médicos. Disse a meu pai: “Deixe-o comigo. Vou cuidar dele.” E nunca me deu nenhum remédio. Quando meu pai insistia, dava-me pílulas de açúcar e me dizia: “São pílulas de açúcar. Você pode tomá-las só para acalmá-los. Elas não vão lhe fazer mal nem vão ajudá-lo. Na verdade, não há ajuda possível.”

* * *

Quando se entra pela primeira vez no mundo da não mente, parece loucura – “a noite escura da alma”, a noite louca da alma. Todas as religiões observaram esse fato, por isso insistem em que se tenha um mestre para ajudar, para apoiar. A pessoa estará desmoronando, mas o mestre estará ali para encorajá-la, para lhe dar esperança. Estará ali para interpretar o novo para ela. Esse é o trabalho de um mestre: interpretar aquilo que não pode ser interpretado, indicar aquilo que não pode ser dito, mostrar aquilo que é inexprimível. Ele estará ali, descobrirá métodos e maneiras de manter a pessoa no caminho; do contrário, ela pode começar a escapar dele.

E lembre-se, não há como escapar. Se começar a escapar, simplesmente você perderá o controle sobre si. Os sufistas chamam essas pessoas de *mastas*. Na Índia, são conhecidas como *paramahansas*.

A pessoa não consegue voltar atrás porque não há mais atrás e não consegue ir em frente porque está tudo escuro. Ela fica paralisada. Por isso, Buda diz: “Feliz do homem que encontrou um mestre.”

Eu estava me desenvolvendo sem um mestre. Procurei e não consegui encontrar. Não foi por falta de busca; eu busquei durante muito tempo, mas não consegui achar. É muito raro encontrar um mestre, é raro encontrar um ser que tenha se tornado um não ser, é raro encontrar uma presença que seja quase uma ausência, é raro encontrar um homem que seja simplesmente uma porta para o divino, uma porta aberta para o divino que não vai obstruí-lo, uma porta através da qual você possa passar. É muito difícil.

Os siques chamam seu templo de *gurdwara*, que significa “a porta do mestre”. É exatamente isso que um mestre é: a porta. Jesus disse repetidas vezes: “Eu sou a porta, sou o caminho, sou a verdade. Sigam-me, passem através de mim. A menos que passem através de mim, não conseguirão chegar.”

Mas às vezes acontece de uma pessoa ter de trabalhar sem um mestre. Se um mestre não está disponível, então é preciso trabalhar sem ele, mas a jornada é muito perigosa.

Durante um ano, vivi em um estado em que era quase impossível saber o que estava acontecendo. Até me manter vivo era muito difícil, porque todo o meu apetite desapareceu. Eu passava dias sem sentir fome ou sede. Tinha de me obrigar a comer, me obrigar a beber. Meu corpo ficou tão não existencial que eu me machucava para sentir que ainda estava dentro do corpo. Tinha de bater minha cabeça contra a parede para sentir se minha cabeça ainda estava ali. Só quando me machucava eu me sentia um pouco dentro do meu corpo.

Pela manhã e pela tarde, eu corria oito a treze quilômetros. As pessoas achavam que eu estava louco. Por que corria tanto? Até 25 quilômetros por dia! Era apenas para sentir a mim mesmo, para sentir que eu ainda existia, para não perder o contato comigo mesmo, para esperar até meus olhos ficarem sintonizados com o novo.

E eu tinha de me manter próximo a mim mesmo. Não falava com ninguém porque tudo se tornara tão inconsistente que até mesmo formular uma frase era difícil. No meio da frase eu esquecia o que estava dizendo. No meio do caminho eu esquecia para onde estava indo. Então, tinha de voltar. Eu lia cinquenta páginas e percebia que não me lembrava de nada. Minha situação era como a do homem que

escancara a porta do consultório do psiquiatra, entra apressado e grita: “Doutor, você precisa me ajudar. Tenho certeza de que estou enlouquecendo. Não consigo me lembrar de nada, nem do que aconteceu um ano atrás nem do que aconteceu ontem. Devo estar ficando louco!” “Hum”, pondera o psiquiatra. “Quando você começou a perceber este problema?” O homem parece confuso e diz: “Que problema?”

Esta era a minha situação! Até completar uma frase era difícil. Tinha de me manter trancado em meu quarto. Decidi não falar porque dizer qualquer coisa era dizer que estava louco. Isso se prolongou por um ano. Eu simplesmente me deitava no chão, olhava para o teto e contava até cem. Depois, contava de cem até um. Pelo menos ainda era capaz de contar. Repetidas vezes eu me perdia na contagem. Demorei um ano para recuperar meu foco e ter uma perspectiva.

Por fim, a iluminação aconteceu. Foi um milagre. Não havia ninguém para me ajudar, não havia ninguém para me dizer aonde eu estava indo e o que estava acontecendo. Na verdade, todos estavam contra... Meus professores, meus amigos, meus admiradores. Todos estavam contra aquilo. Mas não podiam fazer nada. Só podiam condenar, só podiam perguntar o que eu estava fazendo.

Eu não estava fazendo nada! Aquilo estava além de mim; estava acontecendo. Eu havia feito algo; sem saber, havia batido na porta e agora a porta estava aberta. Eu vinha meditando havia tantos anos, simplesmente sentado em silêncio sem fazer nada, e pouco a pouco tinha começado a entrar naquele espaço em que você *está* e não *está* fazendo nada. Você simplesmente *está* ali, é uma presença, um espectador.

Você não é bem um espectador porque não *está* observando. É apenas uma presença. As palavras não são adequadas para explicar porque qualquer palavra que seja usada é como se algo estivesse sendo feito.

E eu não estava fazendo nada. Estava simplesmente deitado, sentado, andando... No fundo, não havia um agente. Eu havia perdido toda a ambição. Não havia desejo de ser ninguém, não havia desejo de atingir nada. Eu havia sido simplesmente lançado para dentro de mim mesmo. Era um vazio, e o vazio enlouquece uma pessoa. Mas o vazio é a única porta para Deus. Isso significa que só aqueles que estão prontos para enlouquecer atingem, ninguém mais.

Você pode querer saber o que aconteceu quando me tornei iluminado. Eu ri, dei uma verdadeira gargalhada quando vi o total absurdo de tentar se iluminar. A coisa toda é ridícula, porque nascemos iluminados e é a coisa mais absurda tentar ser algo que já se é. Se uma pessoa já tem algo, não pode atingi-lo; só coisas que você não tem, que não são partes intrínsecas do seu ser podem ser atingidas; mas a iluminação é sua própria natureza.

Eu lutei por ela durante muitas vidas. Ela foi o único alvo de muitas, muitas vidas. E fiz tudo o que era possível para atingi-la, mas sempre fracassei. Tinha de ser assim, porque isso não pode ser atingível. Se é a natureza do homem, como ele pode atingi-la? A iluminação não pode ser transformada em uma ambição.

A mente é ambiciosa por dinheiro, por poder, por prestígio. E, então, um dia, quando ela já está farta dessas atividades extrovertidas, ela se torna ambiciosa por iluminação, por libertação, por nirvana, por Deus. É a mesma ambição, só o objeto mudou. Primeiro, o objeto estava fora; agora, o objeto está dentro. A atitude do homem, sua abordagem, não mudou; ele é a mesma pessoa na mesma rota, na mesma rotina.

“O dia em que me tornei iluminado” significa simplesmente o dia em que compreendi que não há nada a atingir, não há lugar algum para ir, não há nada a ser feito. Nós já somos divinos e já somos perfeitos como somos. Nenhum aprimoramento é necessário, absolutamente nenhum. Deus não cria ninguém imperfeito. Mesmo que um iluminado se depare com um homem imperfeito, verá que a imperfeição dele é perfeita. Deus não cria nada imperfeito.

Ouvi falar sobre um mestre zen chamado Bokuju que estava dizendo essa verdade para seus discípulos, ensinando que tudo é perfeito. Um homem muito velho e corcunda se levantou e disse: “E quanto a mim? Eu sou corcunda. O que você diz sobre mim?” Bokuju disse: “Nunca, em minha vida, vi uma corcunda tão perfeita.”

Quando eu digo “o dia em que me tornei iluminado”, estou usando a linguagem errada – porque não há outra linguagem, porque a nossa linguagem é criada por nós. Ela consiste de palavras como realização, obtenção, objetivos, melhoria, progresso, evolução. Nossas línguas não são criadas por pessoas iluminadas, e essas pessoas não poderiam criar

línguas mesmo que quisessem, porque a iluminação acontece no silêncio. Como se poderia traduzir esse silêncio em palavras? Qualquer coisa que se faça, as palavras vão destruir algo desse silêncio.

Lao Tsé disse que no momento em que uma verdade é afirmada, ela se torna falsa. Não há como dizer a verdade. Mas a linguagem tem de ser usada, não há outra maneira. Temos de usar a linguagem mesmo com a condição de que ela não seja adequada à experiência. Por isso eu digo “o dia em que atingi minha iluminação”. Mas ela não é uma conquista nem é minha.

Naquele dia, eu ri por causa de todos os meus esforços estúpidos e ridículos para atingi-la. Naquele dia, eu ri de mim mesmo e ri de toda a humanidade, porque todos estão tentando conseguir, tentando alcançar, tentando melhorar.

Para mim, ela aconteceu em um estado de total relaxamento. Ela sempre acontece nesse estado. Ao ver a inutilidade de qualquer esforço, desisti de todo o projeto. Esqueci tudo a respeito dele. Durante sete dias, vivi da maneira mais corriqueira possível. As pessoas com quem eu convivia ficaram muito surpresas, porque era a primeira vez que me viam ter uma vida comum. Até então, toda a minha vida tinha sido em uma perfeita disciplina.

Minha família sabia que eu me levantava às três horas da manhã e saía para uma longa caminhada ou corrida de seis ou oito quilômetros, e depois me banhava no rio. Tudo era absolutamente rotineiro. Mesmo que estivesse com febre ou doente, eu simplesmente me comportava da mesma maneira.

Eles sabiam que eu ficava horas meditando. Até aquele dia nunca havia comido muitas coisas. Não bebia chá nem café e tinha regras rígidas sobre o que comer e o que não comer. Quando relaxei durante esses sete dias, quando desisti de tudo aquilo, acordei às nove horas da manhã e tomei chá, minha família ficou confusa. Perguntaram: “O que aconteceu? Você caiu?” Eles achavam que eu era um grande iogue.

Ainda existe uma foto daquela época. Eu usava uma única peça de roupa. Durante o dia, cobria meu corpo com ela; à noite, usava-a como um lençol para me cobrir. Eu dormia em uma esteira de bambu. Esse era todo o meu conforto: um lençol e uma esteira de bambu. Eu não tinha nada, nenhuma outra posse. Eles ficaram confusos quando acordei às nove horas. Disseram, “Algo está errado. Você deve estar

muito doente, seriamente doente.”

Eu disse: “Não, não caí nem estou seriamente doente. Estive doente por muitos anos, mas agora estou perfeitamente saudável. Agora só vou me levantar quando o sono deixar e só vou dormir quando o sono vier. Não vou ser um escravo do relógio. Vou comer qualquer coisa que o meu corpo queira de comer e vou beber qualquer coisa que eu sinta que queira beber.” Em sete dias, esqueci completamente todo o projeto, e esqueci para sempre todo o projeto.

E no sétimo dia aconteceu, veio simplesmente do nada. E quando eu ri, o jardineiro ouviu o riso. Ele achava que eu era um pouquinho louco, mas nunca me vira rir daquele jeito. Ele veio correndo e perguntou o que havia acontecido.

Eu disse: “Não fique preocupado. Você sabe que sou louco... Agora fiquei completamente louco! Estou rindo de mim mesmo. Não se sinta ofendido. Volte a dormir.”

* * *

Durante muitas vidas estive trabalhando em mim mesmo, lutando, fazendo qualquer coisa que pudesse ser feita, mas nada acontecia. Agora entendo por que nada acontecia. O próprio esforço era a barreira, a própria escada estava impedindo, a própria urgência da busca era o obstáculo. Não que se possa atingir algo sem buscar – a busca é necessária –, mas chega-se a um ponto em que se deve desistir da busca. O barco é necessário para cruzar o rio, mas em certo momento você tem de sair do barco, esquecer-se dele e deixá-lo para trás. O esforço é necessário, sem esforço nada é possível. Mas também *somente* com esforço, nada é possível.

Pouco antes de 21 de março de 1953, sete dias antes, parei de trabalhar em mim mesmo. Chega um momento em que se vê a total inutilidade do esforço. Você fez tudo o que era possível fazer e nada aconteceu. Tudo o que era humanamente possível foi feito. Então, o que mais se pode fazer? Em total desamparo, toda busca à abandonada. E, no dia em que a busca cessou, no dia em que não mais buscava mais nada, no dia em que eu não mais esperava que algo acontecesse, começou a acontecer, vindo de lugar nenhum e de todos os lugares. Estava nas árvores, nas rochas, no céu, no sol e no ar, em toda parte. Eu havia buscado tão intensamente, achando que estava

muito longe, e estava tão perto, tão próximo! Os olhos estavam focados na distância, no horizonte, e perdiam a capacidade de enxergar aquilo que estava tão perto.

O dia em que o esforço cessou, eu também parei, porque não se pode existir sem esforço, não se pode existir sem desejo, não se pode existir sem empenho. O fenômeno do ego, do *self*, não é uma coisa, e sim um processo. Não é uma substância assentada ali dentro de você; é preciso criá-la a cada momento. É como pedalar uma bicicleta: se a pedalamos, ela vai em frente; se não a pedalamos, ela para. Ela pode seguir um pouquinho por causa do impulso, mas começa a parar no momento em que paramos de pedalar. Ela não tem mais energia, não tem mais potência para ir em frente. Ela vai cair e colapsar.

O ego existe porque continuamos pedalando desejos, porque continuamos nos esforçando para obter algo, porque continuamos saltando à frente de nós. Esse é o verdadeiro fenômeno do ego, seu salto para a frente de si mesmo, seu salto para o futuro, seu salto para o amanhã. O salto para o não existencial cria o ego. Como mesmo vem do não existencial, é criada uma miragem que consiste apenas de desejo e de nada mais. Consiste apenas de sede e de nada mais.

O ego não está no presente, está no futuro. Se você está no futuro, então o ego parece muito substancial. Se está no presente, o ego é uma miragem e começa a desaparecer.

No dia em que parei de buscar... Não é certo dizer que parei de buscar. É melhor dizer “o dia em que a busca cessou”. Deixe-me repetir: a melhor maneira é dizer “o dia em que a busca cessou”. Porque se digo que cessei a busca, então “eu” estou ali de novo. Então o cessar torna-se meu esforço, o cessar torna-se meu desejo, e o desejo continua existindo de uma maneira muito sutil.

Não se pode parar o desejo, pode-se apenas compreendê-lo. Na própria compreensão é que acontece a sua cessação. É bom lembrar que ninguém pode parar o desejo e que a realidade só acontece quando o desejo cessa.

Assim, este é o dilema. O que fazer? O desejo está ali, e os budas continuam dizendo que o desejo tem de ser detido, e no momento seguinte dizem que não podemos deter o desejo. Então, o que fazer? A pessoa fica num dilema. Ela certamente está em desejo. Diz-se que ele precisa ser detido, muito bem. E diz-se que ele não pode ser detido. Então o que fazer?

O desejo deve ser entendido. Você pode compreendê-lo, você pode simplesmente ver sua inutilidade. Uma percepção direta e imediata é necessária, uma penetração é necessária.

No dia em que o desejo cessou me senti muito desesperançado, muito desamparado. Estava sem esperança porque não havia futuro, porque toda esperança provou-se inútil, não conduziu a parte alguma. É como andar em círculos. A esperança continua acenando à sua frente, criando novas miragens, chamando: “Venha, corra mais rápido, você vai me alcançar.” Mas não importa quão rápido você corra, nunca a alcança. Ela é como o horizonte que vemos em volta da terra. Nós o vemos, mas ele não está ali. Se você se aproxima, ele se afasta. Quando mais você corre, mais rápido ele se afasta. Quanto mais lentamente você anda, mais lentamente ele se distancia. Mas uma coisa é certa: a distância entre você e o horizonte permanece absolutamente a mesma. Você não pode reduzir nem mesmo um único centímetro da distância entre você e o horizonte.

Você também não pode reduzir a distância entre você e sua esperança. A esperança está no horizonte. Você tenta criar uma ponte entre você e ela com um desejo projetado. O desejo é a ponte – uma ponte de sonho, porque o horizonte não existe. Assim, você não pode criar uma ponte até ele, só pode sonhar com essa ponte. Não pode se unir ao não existencial.

No dia em que o desejo cessou, no dia em que olhei dentro dele e compreendi que ele era simplesmente inútil, fiquei impotente e desesperançado. Mas nesse exato momento algo começou a acontecer. Começou a acontecer aquilo pelo qual eu vinha trabalhando há tantas vidas e não acontecia. Em sua desesperança está seu único preenchimento, e em sua ausência de desejo está seu único preenchimento, em seu imenso desamparo, de repente, toda a existência começa a ajudá-lo.

A existência está esperando. Quando vê que você está trabalhando por si mesmo, ela não interfere. Ela espera. Pode esperar infinitamente porque a existência não tem pressa. Ela é a eternidade. Mas no momento em que você não está mais agindo por si mesmo – no momento em que você desiste, no momento em que você desaparece – toda a existência se precipita na sua direção, penetra dentro de você. E pela primeira vez as coisas começam a acontecer.

Eu passei sete dias em um verdadeiro estado de desesperança e

desamparo, mas, ao mesmo tempo, algo estava surgindo. Quando eu digo desesperança não quero dizer o que em geral se entende por essa palavra. Simplesmente quero dizer que não havia esperança. Simplesmente não havia esperança em mim. A esperança estava ausente. Não estou dizendo que eu estava desesperançado e triste. Na verdade eu estava feliz; estava tranquilo, calmo, senhor de mim e centrado. Estava desesperançado, mas num sentido totalmente novo. Não havia esperança, então como poderia haver desesperança? Ambas desapareceram.

A desesperança era absoluta e total. A esperança havia desaparecido e, junto com ela, sua contraparte, a desesperança, também desaparecera. Era uma experiência totalmente nova estar sem esperança. Não era um estado negativo. Tenho de usar palavras, mas não era um estado negativo. Era absolutamente positivo. Não era apenas ausência; uma presença era sentida. Algo estava transbordando em mim, inundando-me.

E quando eu digo que estava desamparado, não uso a palavra no sentido dado pelo dicionário. Apenas quero dizer que eu não tinha nenhum *eu*. É a isso que me refiro quando digo que estava desamparado. Havia reconhecido o fato de que eu não existia – então não podia depender de mim, não podia me posicionar em minha própria base. Não havia solo debaixo de mim, eu estava num abismo sem fundo. Mas não havia medo porque não havia nada a proteger. Não havia medo porque não havia ninguém a quem temer.

Aqueles sete dias foram de enorme transformação. E, no último dia, a presença de uma energia totalmente nova, de uma nova luz e um novo êxtase, tornou-se tão intensa que era quase insuportável, como se eu estivesse explodindo, como se fosse enlouquecer de felicidade. A geração ocidental mais jovem tem a expressão certa para isso: eu estava inebriado, “chapado”.

Era impossível extrair qualquer sentido dos acontecimentos. Era um mundo absurdo, difícil de compreender, de dispor em categorias, de colocar em palavras, linguagem, explicações. Todas as escrituras pareciam mortas e todas as palavras que haviam sido utilizadas para explicar esta experiência pareciam muito pálidas, anêmicas. Tudo era tão incrivelmente vivo. Era como uma gigantesca onda de felicidade.

O dia foi estranho, deslumbrante, tomado por essa experiência arrasadora. O passado estava desaparecendo como se nunca houvesse

pertencido a mim, como se eu tivesse lido a respeito dele em algum lugar, como se eu tivesse sonhado com ele, como se fosse a história de outra pessoa. Eu estava me desligando do meu passado, estava sendo desenraizado da minha história, estava perdendo minha autobiografia, estava me tornando um não ser, o que Buda chama de *anatta*. As fronteiras estavam desaparecendo, as distinções estavam desaparecendo.

A mente estava desaparecendo; estava a milhões de quilômetros de distância. Era difícil se apossar dela; ela corria cada vez para mais longe e não havia o desejo de mantê-la próxima. Eu estava simplesmente indiferente a tudo. Estava tudo bem. Não havia vontade em permanecer com o passado. Ao anoitecer, tornou-se muito difícil suportar – machucava, era doloroso. Era como a dor de uma mulher em trabalho de parto, a imensa dor que a mulher sente quando uma criança está para nascer – a dor do nascimento.

Naqueles dias, eu costumava ir dormir por volta de meia-noite ou uma hora da manhã, mas nesse último dia foi impossível permanecer acordado. Meus olhos estavam fechando, era difícil mantê-los abertos. Algo estava iminente, algo ia acontecer. Era difícil dizer o que aconteceria, talvez minha morte, mas eu não sentia medo. Estava pronto para ela. Aqueles sete dias haviam sido tão belos que eu estava pronto para morrer; nada mais era necessário. Os dias haviam sido tão incrivelmente felizes, eu estava tão contente, que, se viesse, a morte seria bem-vinda.

Algo ia acontecer, algo como a morte, algo muito drástico, que seria uma morte ou um novo nascimento, uma crucificação ou uma ressurreição, algo de imenso significado. E era impossível manter meus olhos abertos. Eu estava drogado.

Fui dormir por volta das oito horas, mas não foi como um sono comum. Agora eu podia entender o que Patanjali quis dizer quando falou que o sono e o *samadhi* são similares. Somente uma diferença – que no *samadhi* a pessoa está totalmente desperta e adormecida ao mesmo tempo. O corpo todo relaxado, cada célula do corpo relaxada, todo o funcionamento orgânico relaxado, mas ainda há uma chama de consciência queimando dentro de você, clara, sem fumaça. Você permanece alerta e, no entanto, relaxado, solto mas totalmente desperto. O corpo está no sono mais profundo possível e a consciência está em seu pico. É um encontro do pico da consciência e do vale do

corpo.

Tive um sonho muito estranho. O corpo estava dormindo, mas eu estava acordado, como se eu tivesse sido separado e enviado em duas direções, duas dimensões, como se eu fosse as duas polaridades juntas, o positivo e o negativo se encontrando, o sono e o despertar se encontrando, a morte e a vida se encontrando. Este é o momento em que se pode dizer que o criador e a criação se encontram.

Foi tão estranho! Pela primeira vez, você é abalado até as raízes, sacudido os alicerces. Você nunca será o mesmo depois dessa experiência. Ela traz uma nova visão para sua vida, uma nova qualidade.

Perto da meia-noite, meus olhos de repente se abriram. Eu não os abri. O sono foi rompido por alguma coisa. Senti uma forte presença em torno de mim no quarto. O quarto era muito pequeno. Senti uma vida pulsando em toda a minha volta, quase como um furacão, uma grande tempestade de luz, de alegria, de êxtase. Eu estava me afogando nela. Era algo tão incrivelmente real que todo o resto se tornou irreal. As paredes do quarto tornaram-se irreais, a casa tornou-se irreal, meu próprio corpo tornou-se irreal. Tudo era irreal porque agora, pela primeira vez, havia realidade.

Quando Buda e Shakara dizem que o mundo é *maya*, é uma miragem, temos dificuldade para entender, porque só conhecemos este mundo e não temos com o que compará-lo. Esta é a única realidade que conhecemos. Sobre o que eles estão falando? Isto é *maya*, é uma ilusão? Esta é a única realidade que conhecemos. A menos que venhamos a conhecer aquilo que é realmente real, nossas palavras não podem ser entendidas. Nossas palavras permanecem teóricas, parecem hipóteses. Talvez este homem esteja propondo uma filosofia de que o mundo é irreal.

No ocidente, quando Berkeley falou que o mundo é irreal, ele estava caminhando com um de seus amigos, um homem muito lógico, quase um cético. O amigo pegou uma pedra e deu um golpe forte nos pés de Berkeley. Este gritou e enrubesceu. E o cético disse: “E agora, o mundo é irreal? Você ainda acha que o mundo é irreal? Então por que você gritou? Esta pedra é irreal? Então por que você gritou? Então por que está segurando sua perna e por que está demonstrando tanta dor e angústia? Tudo isso é irreal.”

Ora, este tipo de homem não pode entender o que Buda quis dizer

quando falou que o mundo é uma miragem. Ele não quis dizer que você pode passar através de uma parede nem que você pode comer pedras e que não faz diferença se você come pão ou pedras. Ele não quis dizer isso.

Ele está dizendo que existe uma realidade e uma vez que você passa a conhecê-la, *esta* chamada realidade simplesmente empalidece, simplesmente se torna irreal comparada a uma realidade mais elevada.

No sonho, os acontecimentos parecem reais. Você sonha todas as noites, e todas as manhãs diz que era um sonho, era irreal, e à noite, quando você volta a sonhar, o sonho torna-se novamente real. Em um sonho é tão difícil lembrar que se trata de um sonho, mas pela manhã é muito fácil. O que acontece? Você é a mesma pessoa. No sonho, porém, há apenas uma realidade. Como comparar? Como dizer que ele é irreal? Em comparação com o quê? Ele é a única realidade, por isso não há comparação. Pela manhã, quando você abre os olhos, outra realidade está presente. Agora você pode dizer que o sonho era irreal. Comparado com esta realidade, o sonho torna-se irreal.

Há um despertar – comparada à realidade deste despertar, toda esta nossa realidade do mundo torna-se irreal.

Naquela noite, eu entendi o significado da palavra *maya*. Não que eu não conhecesse a palavra, não que não soubesse o seu significado. Assim como vocês, eu sabia o significado da palavra – mas nunca tinha compreendido antes. Como se pode entender sem a experiência? Naquela noite, outra realidade abriu sua porta, outra dimensão tornou-se disponível. De repente, ela estava ali, a outra realidade, a realidade separada, a realidade real ou como quer que você queira chamá-la. Chame-a de Deus, chame-a de verdade, chame-a de *dhamma*[2], chame-a de *tao*[3], ou do que quer que queira. Ela não tinha nome. Mas estava ali, tão transparente e, no entanto, tão sólida que eu podia tocá-la. Ela quase me sufocou naquele quarto. Era demais, e eu ainda não era capaz de absorvê-la.

Uma urgência profunda me impeliu a sair correndo do quarto, a ficar sob o céu, pois estava ficando sufocado. Aquilo era demais! Ela ia me matar! Teria me sufocado se eu tivesse permanecido ali mais alguns momentos. Corri para fora do quarto e fui para a rua. Senti uma grande urgência de estar abaixo do céu com suas estrelas, com as árvores, com a terra... de estar com a natureza. E a sensação de estar

sufocado desapareceu imediatamente. O quarto era um lugar muito pequeno para um fenômeno tão grande. Até mesmo o céu é um lugar pequeno para aquele grande fenômeno. Ele é maior que o céu. Nem o céu é o limite para ele, mas ali, ao ar livre, eu me sentia mais à vontade.

Caminhei em direção ao jardim mais próximo. Foi uma caminhada totalmente nova, como se a gravidade houvesse desaparecido. Eu estava caminhando ou estava correndo ou estava simplesmente voando? Era muito difícil saber. Não havia gravidade, e eu me sentia desprovido de peso, como se alguma energia me levasse. Eu estava nas mãos de alguma energia.

Pela primeira vez, eu não estava só; pela primeira vez, eu não era mais um indivíduo; pela primeira vez, a gota havia caído no oceano. Agora todo o oceano era meu, e eu era o oceano. Não havia limitação. Um enorme poder surgiu e era como se eu pudesse fazer qualquer coisa. Eu não estava ali; só o poder estava ali.

Cheguei ao jardim onde eu costumava ir todos os dias. Ele estava fechado. Era tarde demais, quase uma hora da manhã. Os jardineiros estavam dormindo. Tive de entrar como um ladrão, pulando o portão, mas algo me atraía para o jardim. Estava além da minha capacidade impedir-me de entrar. Eu estava simplesmente flutuando.

É isso que quero dizer quando falo repetidamente: “flua com o rio, não empurre o rio”. Eu estava relaxado, deixando-me levar. Eu não estava ali, *aquilo* estava ali, chame-o de Deus, se quiser. Deus estava ali. Eu gostaria de chamá-lo de *aquilo*, porque Deus é uma palavra humana demais e tornou-se suja demais por ser tão usada. Foi poluída por seu uso por tantas pessoas. Cristãos, hindus, muçulmanos, sacerdotes e políticos corromperam a beleza dessa palavra. Então, deixe-me chamá-lo de “aquilo”. Aquilo estava ali, e eu era simplesmente carregado por uma onda monumental.

No momento em que entrei no jardim, tudo ficou luminoso, aquilo estava em toda parte: a bênção, a bem-aventurança. Consegui ver as árvores pela primeira vez, seu verde, sua vida, sua seiva escorrendo. Todo o jardim estava dormindo, as árvores estavam dormindo. Mas eu podia ver todo o jardim vivo, até as pequenas folhas de grama, que eram tão belas!

Olhei em volta. Uma árvore estava tremendamente luminosa, a árvore *maulshree*. Ela me atraía, me puxava para si. Eu não a havia

escolhido; o próprio Deus a escolheu. Fui até a árvore e sentei-me debaixo dela. Quando me sentei, as coisas começaram a se assentar. Todo o universo tornou-se uma bênção.

É difícil dizer quanto tempo fiquei nesse estado. Quando voltei para casa eram quatro horas da manhã, então, pelo horário do relógio, devo ter ficado lá pelo menos três horas, mas foi uma infinidade. Aquilo não tinha nada a ver com o horário do relógio. Aquilo era atemporal.

Aquelas três horas tornaram-se toda a eternidade, a infinita eternidade. Não houve tempo, não houve passagem do tempo. Era a realidade virgem, não corrompida, intocável, imensurável.

E o que aconteceu naquele dia continuou – não como uma continuidade, mas ainda assim continuou como uma corrente subterrânea. Não como uma permanência. A cada momento ocorreu repetidas vezes. Cada momento é um milagre. E, desde aquela noite, eu nunca mais estive no meu corpo. Estou pairando à sua volta. Tornei-me incrivelmente poderoso e, ao mesmo tempo, muito frágil. Tornei-me muito forte, mas essa força não é a força de um Muhammad Ali. Essa força não é a força de uma rocha, e sim a força de uma rosa, que é tão frágil, tão sensível, tão delicada...

A rocha permanecerá ali; a flor pode partir a qualquer momento, mas ainda assim é mais forte do que a rocha porque é mais viva. Ou então a força de uma gota de orvalho sobre uma folha de grama ao sol da manhã, tão bela, tão preciosa e no entanto passível de deslizar a qualquer momento. Tão incomparável em sua graça; e a qualquer momento, ao toque de uma pequena brisa, ela pode deslizar e se perder para sempre.

Os budas têm uma força que não é deste mundo. Sua força é totalmente feita de amor, como a força de uma rosa ou de uma gota de orvalho. Sua força é muito frágil, vulnerável. É a força da vida, não da morte. Seu poder não é aquele que mata; seu poder é aquele que cria. Seu poder não é o da violência, da agressão, é aquele da compaixão.

Mas eu nunca estive no meu corpo novamente; estou apenas pairando em volta do corpo. E por isso digo que foi um tremendo milagre. A cada momento, eu me surpreendo de ainda estar aqui, pois não deveria estar. Deveria ter sumido a qualquer momento, mas ainda estou aqui. Todas as manhãs, abro meus olhos e digo: “Então, mais

uma vez, ainda estou aqui?” Isso parece quase impossível. O milagre tem permanecido continuamente.

Outro dia, alguém me fez uma pergunta: “Osho, você está ficando tão frágil e delicado, tão sensível aos odores dos óleos e xampus, que parece que não poderemos mais vê-lo a menos que todos fiquemos calvos.” A propósito, não há nada de errado em ser calvo... A calvície é bonita! Assim como o negro é bonito, a calvície é bonita. Mas isso que foi dito é verdade, e é preciso ser cuidadoso a respeito.

Sou frágil, delicado e sensível. Essa é a minha força. Se você atirar uma pedra em uma flor, nada acontecerá com a pedra, mas a flor morrerá. Ainda assim, você não pode dizer que a pedra é mais poderosa que a flor. A flor morrerá porque estava viva. E a pedra continuará igual porque está morta. A flor morrerá porque não tem força para destruir. A flor simplesmente desaparecerá e dará seu lugar à pedra. A pedra tem o poder de destruir porque está morta.

É bom lembrar que desde aquele dia nunca estive realmente no corpo; apenas um fio delicado me une ao meu corpo, e fico continuamente surpreso que, de alguma forma, o todo queira que eu esteja aqui – não tenho mais minha própria força, não estou mais aqui por conta própria. Deve ser a vontade do todo que me mantém aqui, que permite que eu me demore um pouco mais nesta margem. Talvez o todo queira compartilhar algo com você através de mim.

Desde aquele dia, o mundo é irreal. Outro mundo me foi revelado. Quando digo que o mundo é irreal, não quero dizer que estas árvores são irreais. Estas árvores são absolutamente reais, mas a maneira como enxergamos é irreal. Estas árvores não são em si irreais, pois elas existem em Deus, existem na realidade absoluta, mas, da maneira como as vemos, nunca as vemos de fato. Estamos vendo outra coisa, uma miragem.

Criamos nosso próprio sonho à nossa volta e, a menos que despertemos, continuaremos a sonhar. O mundo é irreal porque o mundo que conhecemos é o mundo dos nossos sonhos. Quando o sonho cessa e simplesmente encontramos o mundo que está ali, o mundo real aparece.

Não há duas coisas: Deus e o mundo. Deus é o mundo se tivermos olhos, olhos limpos, sem nenhuma poeira de sonhos, sem nenhuma névoa de sono. Se tivermos olhos limpos, clareza, percepção, apenas Deus existe. Então, em algum lugar Deus é uma árvore verde, e em

outro lugar Deus é uma estrela brilhante, e em outro lugar Deus é um cuco, e em outro lugar Deus é uma flor, e em outro lugar Deus é uma criança e em outro lugar Deus é um rio, então só Deus existe. No momento em que começamos a enxergar, só Deus existe.

Mas o que enxergamos neste exato momento não é a verdade, é uma mentira projetada. Esse é o significado de uma miragem. E quando enxergamos, mesmo que por uma única fração de segundo, se conseguimos enxergar, se conseguimos nos permitir enxergar, encontramos uma imensa bênção presente por todos os lados, em toda parte, nas nuvens, no sol, na terra.

Este é um belo mundo. Não estou falando sobre o mundo dos outros; estou falando sobre o meu mundo. Seu mundo é muito feio, seu mundo é criado por um *eu*, seu mundo é projetado. Você usa o mundo real como uma tela e projeta nela suas próprias ideias.

Quando eu digo que o mundo é real, que é incrivelmente belo, que é infinitamente luminoso, que é luz e encanto, que é uma celebração, eu me refiro ao meu mundo – ou ao seu mundo, se você abandonar seus sonhos.

Naquela noite, tornei-me vazio e tornei-me pleno. Tornei-me não existencial e tornei-me existência. Naquele dia, eu morri e renasci, mas aquele que renasceu não tem nada a ver com aquele que morreu; é uma coisa descontínua. Na superfície, parece contínua, mas é descontínua. Aquele que morreu, morreu totalmente e nada dele permaneceu.

Conheci muitas outras mortes, mas não eram nada se comparadas a essa morte; eram apenas mortes parciais. Às vezes o corpo morreu, às vezes uma parte da mente morreu, às vezes uma parte do ego morreu, mas, no que se refere à pessoa, ela permaneceu. Muitas vezes renovada, muitas vezes decorada, mudada um pouquinho aqui e ali, mas permaneceu. A continuidade permaneceu.

Naquela noite, a morte foi total. Foi um encontro com a morte e com Deus simultaneamente.

* * *

A iluminação é um processo muito individual, mas, devido à sua individualidade, há muitos problemas. Em primeiro lugar, não há estágios pelos quais a pessoa necessariamente terá que passar. Cada

pessoa passará por diferentes fases, porque cada um reuniu diferentes tipos de condicionamentos em suas muitas vidas.

Então, não é uma questão de iluminação, e sim de condicionamentos que vão moldar seu caminho. E todos têm condicionamentos diferentes, então os caminhos de duas pessoas não serão os mesmos. Por isso, insisto repetidamente em que não há via expressa, há apenas caminhos que não vêm prontos. Uma pessoa não os encontrará ali e precisará apenas caminhar por eles. Não. À medida que caminha, vai construindo os caminhos. O seu caminhar os constrói.

Diz-se que o caminho da iluminação é como o voo de um pássaro no céu, pois não deixa pegadas. Todo pássaro tem de criar suas próprias pegadas, mas elas desaparecem imediatamente à medida que ele continua a voar. A situação da iluminação é similar, por isso não há possibilidade de haver um líder e um seguidor. Por isso eu digo que pessoas como Jesus, Moisés, Maomé e Krishna, que disseram “Acreditem em mim e sigam-me”, não sabem nada sobre iluminação.

Se soubessem, não teriam dito isso. Qualquer um que se tenha tornado iluminado sabe que não deixou nenhuma pegada, portanto dizer às pessoas “Venham e sigam-me” é totalmente absurdo.

Assim, o que aconteceu comigo, ninguém necessariamente tem de passar. É possível que uma pessoa permaneça normal e, de repente, torne-se iluminada.

Se cinquenta pessoas dormirem no mesmo aposento, cada uma terá seu próprio sonho. Não poderão ter um sonho comum. Não há como criar um sonho comum. Seu sonho será seu, meu sonho será meu, e estaremos em lugares diferentes, em sonhos diferentes. E, quando acordarmos, posso acordar em determinado estágio do meu sonho e você pode acordar em determinado estágio do seu sonho. Como eles podem ser os mesmos?

A iluminação é simplesmente um despertar. Para a pessoa iluminada, nossas vidas são apenas sonhos. Podem ser bons ou maus sonhos, podem ser pesadelos, podem ser ótimos e belos sonhos, mas são sonhos.

Uma pessoa pode acordar a qualquer momento. Existe sempre essa potencialidade. Às vezes, ela pode fazer um esforço para acordar e achar difícil. Pode ter tido sonhos em que tenta gritar, mas não consegue, em que quer sair da cama, mas não consegue, como se todo

o seu corpo estivesse paralisado.

De manhã, ela acorda e simplesmente ri daquilo, mas, no momento em que estava acontecendo, não havia motivo nenhum para rir. Era realmente sério. Todo o seu corpo estava quase morto, ela não conseguia mover as mãos, não conseguia falar, não conseguia abrir os olhos. Sabia que estava acabado! Mas, pela manhã, simplesmente ela não presta atenção nisso; nem sequer considera o que foi aquilo. Ao saber que foi um sonho, ele se torna sem sentido. Ela está desperta e não importa se teve sonhos bons ou ruins.

O mesmo acontece com a iluminação. Todos os métodos usados são simplesmente maneiras de criar uma situação em que seu sonho seja interrompido. A ligação ao sonho será diferente de indivíduo para indivíduo, a profundidade do sono será diferente de indivíduo para indivíduo, mas todos os métodos são apenas para sacudi-lo e fazê-lo acordar. Não importa em que ponto você vai acordar.

Então, meu “colapso e ruptura” não acontecerá da mesma forma com todos. Comigo aconteceu dessa maneira. Há razões para ter acontecido assim. Eu estava trabalhando sozinho, sem amigos, sem companheiros de viagem, sem comunidade. Trabalhar só pode trazer problemas para a pessoa, porque há momentos que só podem ser chamados de noites escuras da alma. Tão escuros e tão perigosos que parece que chegamos ao último suspiro de vida, à morte e nada mais. Essa experiência é um colapso nervoso.

Encarar a morte sem ninguém para apoiá-lo e encorajá-lo, sem ninguém que lhe diga para não ficar preocupado, que isso vai passar... Ou sem ninguém que diga “isso é apenas um pesadelo, e a manhã está muito próxima; quanto mais escura é a noite, mais perto está o amanhecer; não fique preocupado.” Sem ninguém em quem você confie, que confie em você... Essa foi a razão do colapso nervoso. Mas não foi nefasto. Pareceu nefasto naquele momento, mas logo a noite escura se foi e o sol nasceu. O colapso se tornou a ruptura, o avanço.

Acontecerá de maneira diferente para cada indivíduo. E o mesmo é verdadeiro após a iluminação: a expressão da iluminação será diferente. Isso também cria uma grande dificuldade, pois as religiões impõem uma mesma experiência a toda humanidade, sem levar em consideração a singularidade de cada indivíduo. Mahavira, por exemplo, permaneceu nu após sua iluminação, por isso seus seguidores permaneceram nus por 25 séculos. Estar nu era

absolutamente necessário. Os jainistas não acham que Buda é iluminado porque ele não está nu! Um fenômeno pessoal torna-se um critério universal, e isso também é falso.

Mahavira viveu seu florescimento individual daquela maneira. Ele realmente foi um dos mais belos homens de todo o sempre e teria sido uma pena se tivesse usado roupas. Seu corpo era digno de ser visto.

Era filho de um rei imensamente interessado pela arte da luta indiana, que preparou Mahavira para esse esporte. Seu pai queria que ele fosse o campeão nacional – e teria sido um campeão, porque seu corpo era como aço sólido. Foi criado para que as 24 horas do dia fossem dedicadas a um único tema: tornar-se campeão dos lutadores de todo o país. Naturalmente, seu corpo estava preparado. Ele tinha as proporções certas, cada polegada era trabalhada. Grandes lutadores o treinavam e especialistas recomendavam ervas e medicamentos. Ele estava sendo preparado de todas as maneiras possíveis.

E de repente ele renunciou ao mundo. Em vez de tornar-se um lutador, tornou-se um meditador. E, quando se iluminou, abandonou as roupas. Ele usava apenas um tecido para cobrir seu corpo, mas, quando estava descendo uma colina, um mendigo pediu-lhe algo para vestir porque estava muito frio. E Mahavira olhou para si mesmo: ele só tinha uma manta, então dividiu o tecido ao meio e deu metade para o mendigo. A outra metade ele guardou para si. Mas agora já não era suficiente para cobrir seu corpo e, quando ele estava descendo da colina para o vale, uma roseira prendeu aquele pedaço da manta em seus espinhos. Mahavira olhou para trás, riu e disse: “Essa é demais! Eu nunca recusei nada a ninguém; então você pode ficar com essa metade. De todo modo, ela não tem utilidade. Desnecessariamente eu a deixei ficar com aquele mendigo, porque o que ele vai fazer só com a outra metade? Não vai cobri-lo, se essa metade não me cobre. Você pode ficar com ela. Talvez aquele mendigo passe por aqui e pegue também esta outra metade.” Foi assim que ele ficou nu.

Mas Mahavira gostava do sol da manhã e do ar frio de Bihar, que é a parte mais quente da Índia. E ele se sentia tão leve que pensou: “Qual é a necessidade deste tecido?” E nunca pediu nada para ninguém. Dava aos outros tudo o que pediam, mas nunca pediu nada a ninguém. Permaneceu nu. Porém, este não é necessariamente um estágio pelo qual toda pessoa iluminada tem de passar. Buda nunca ficou nu, Lao Tsé nunca ficou nu, Kabir nunca ficou nu.

Assim, este tem sido um problema muito significativo para as religiões. Elas não podem aceitar pessoas iluminadas que não sigam suas ideias. Elas estabelecem determinado conceito, derivado de seu próprio fundador, e, como ninguém pode se ajustar a esse conceito, todos são denunciados como não iluminados.

A iluminação é muito individual, sempre desconhecida, nova, única. Nunca chega como uma repetição. Portanto, nunca se deve comparar duas pessoas iluminadas; do contrário, pode-se ser injusto com uma, com outra ou com ambas. E não se deve ter nenhuma ideia estabelecida sobre a iluminação. Apenas qualidades muito fluidas devem ser lembradas.

Por exemplo, toda pessoa iluminada apresentará um silêncio profundo e quase tangível. Em sua presença, aqueles que estejam abertos e receptivos, irão ficar silenciosos. Ela terá um contentamento tão extraordinário que o que quer que aconteça não afetará seu descontentamento.

Ela não terá carregado nenhuma questão, pois todas as questões se dissolveram – não que ela saiba todas as respostas, mas todas as questões se dissolveram. E, nesse estado de completo silêncio, de não mente, ela será capaz de responder qualquer pergunta com enorme profundidade. Isso não exige preparação. Ela própria não sabe o que vai dizer. A resposta surgirá espontaneamente; às vezes, ela mesma ficará surpresa. Isso não significa que ela tenha as respostas dentro de si, já prontas. Ela não tem resposta alguma. Não tem pergunta alguma. Tem apenas uma clareza, uma luz que pode ser concentrada em qualquer pergunta, e todas as implicações da questão e todas as possibilidades de resposta de repente se tornam claras.

Às vezes, você pode achar que perguntou ou uma coisa e o homem iluminado respondeu outra. Isso acontece porque você não está ciente das implicações da sua própria pergunta. Ele não responde apenas às suas palavras. Ele responde à mente que produziu a pergunta. Muitas vezes, a pergunta e a resposta podem parecer desajustadas, mas certamente se correspondem. Você só precisa se aprofundar um pouco mais na pergunta para descobrir que ele respondeu exatamente a questão. Muitas vezes, você compreenderá, pela primeira vez, a própria pergunta só depois dela ter sido respondida, porque você não está consciente dessa dimensão, não está consciente da sua própria mente, do seu próprio inconsciente, do lugar de onde aquelas palavras

vieram.

O homem iluminado não tem respostas, não tem escrituras, não tem aspas. Ele está simplesmente disponível e responde como um espelho, com intensidade e totalidade.

Assim, essas são qualidades fluidas, não qualificações. Não devemos prestar atenção às pequenas coisas – o que ele come, o que veste, onde ele vive –, pois tudo isso é irrelevante. Devemos observar apenas seu amor, sua compaixão, sua confiança. Mesmo que você tire proveito da sua verdade, isso não muda essa verdade. Mesmo que você abuse de sua compaixão, traia o amor dele, isso não faz nenhuma diferença. Isso é problema seu. A verdade, a compaixão, o amor dele permanecerão exatamente os mesmos.

Seu único esforço será no sentido de fazer as pessoas despertarem. O que quer que ele faça, este é o único propósito por trás de todo ato: tornar as pessoas cada vez mais despertas, porque foi através do despertar que ele conheceu a bênção suprema da vida.

Afiando a espada

Eu sempre adorei contar histórias, quer reais ou irreais. Na infância, eu não sabia, de maneira alguma, que contar histórias me proporcionaria uma articulação e que seria de enorme ajuda após a iluminação.

Muitas pessoas tornam-se iluminadas, mas nem todas tornam-se mestres, pela simples razão de que não são articuladas, não conseguem transmitir o que sentem, não conseguem comunicar suas experiências. Isso simplesmente aconteceu de forma acidental comigo e acho que deve ter acontecido da mesma maneira com aquelas poucas pessoas que também se tornaram mestres, porque não há curso de treinamento para isso.

Quando a iluminação veio, não consegui falar durante sete dias; o silêncio era tão profundo que não surgia nem mesmo a ideia de dizer alguma coisa. Mas, após sete dias, lentamente, quando me acostumei com o silêncio, com a beatitude, com aquela tremenda felicidade, o desejo de compartilhar – um grande anseio de compartilhar aquilo com aqueles que eu amava – tornou-se muito natural.

Comecei falando com quem estava envolvido de alguma forma, os amigos. Falei com essas pessoas durante anos, sobre todos os tipos de coisas. Eu sempre gostei de apenas um exercício: falar. Por isso não foi difícil começar a falar sobre a iluminação, embora eu tenha demorado anos para refinar e colocar em palavras algo do meu silêncio, algo da minha alegria.

O estudante universitário (1953-1956)

Os eruditos são muito hábeis em destruir tudo o que é belo com seus comentários e interpretações, com sua chamada aprendizagem. Tornam tudo tão pesado que até a poesia se torna não poética. Eu

mesmo não frequentei aulas de poesia na universidade. Fui chamado repetidas vezes pelo chefe do departamento, que me perguntava: “Você assiste outras aulas. Por que não assiste às aulas de poesia?”

Eu disse: “Porque quero manter vivo o meu interesse na poesia. Eu amo poesia, esse é o motivo. E sei perfeitamente bem que seus professores são absolutamente não poéticos; eles nunca conheceram nenhuma poesia em suas vidas. Conheço-os perfeitamente bem. O homem que ensina poesia na universidade sai para caminhar comigo todas as manhãs. Eu nunca o vi observando as árvores, ouvindo os pássaros, admirando um belo amanhecer.”

Na universidade em que eu estava, o nascente e o poente eram incrivelmente belos. A universidade ficava em uma colina cercada por outeiros menores. Viajei por toda a Índia e nunca vi nascentes e poentes mais belos. Por alguma razão desconhecida e misteriosa, a Universidade de Sagar parece estar situada em um local onde as nuvens se tornam tão coloridas ao nascer e ao por do sol, que até um homem cego percebe que algo belo está acontecendo.

Mas nunca vi o professor que ensinava poesia observar o por do sol ou se deter ali por um único momento. E, quando ele me via observando o nascente, o poente, as árvores ou os pássaros, me perguntava: “Por que você está sentado aqui? Você veio fazer uma caminhada matinal? Faça seu exercício!” Eu lhe dizia: “Isto não é um exercício para mim. Para você é um exercício, mas para mim é um caso de amor.”

Quando chovia, ele não saía. Eu batia à sua porta e lhe chamava. Ele dizia: “Mas está chovendo!” E eu respondia: “Esse é o melhor tempo para sair para uma caminhada, porque as ruas estão absolutamente vazias. E sair para uma caminhada quando está chovendo é tão bonito, tão poético!”

Ele achava que eu era louco, mas um homem que nunca saiu na chuva, que nunca ficou debaixo das árvores, não pode entender a poesia. Eu disse ao chefe do departamento: “Aquele homem não é poético. Ele destrói tudo. Ele é tão erudito, e a poesia é um fenômeno tão pouco literato, que não há ponto de encontro entre os dois.”

As universidades destroem o interesse e o amor das pessoas pela poesia. Elas destroem toda a ideia de como uma vida deveria ser; fazem dela cada vez mais uma mercadoria. Ensinam como ganhar mais, mas não ensinam como viver profundamente, como viver

totalmente – e somente assim é possível ter os vislumbres. Somente assim pequenas portas e janelas se abrem para o fundamental. As universidades ensinam o valor do dinheiro, mas não o valor de uma rosa. Ensinam o valor de ser primeiro-ministro ou presidente, mas não o valor de ser poeta, pintor, cantor, dançarino. Imaginam que essas coisas foram feitas para os loucos.

* * *

Depois de receber meu grau de bacharel, saí de Jabalpur porque um dos professores da Universidade de Sagar, S. S. Roy, procurou-me persistentemente, escrevendo e telefonando para pedir que eu fizesse minha pós-graduação em Sagar.

A Universidade de Jabalpur não era muito longe da Universidade de Sagar – apenas 160 quilômetros –, mas a Universidade de Sagar era de muitas maneiras singular. Era pequena se comparada à Universidade de Benares ou à Universidade de Aligarh, que tinham 10 mil alunos, 12 mil alunos. Elas são exatamente como Oxford ou Cambridge, grandes universidades com grandes nomes. A Universidade de Sagar tinha apenas mil alunos e quase trezentos professores; portanto, um professor para cada três alunos. Era um lugar raro. Talvez em nenhuma outra parte do mundo se consiga encontrar uma universidade onde haja um professor para cada três alunos.

O homem que fundou a universidade conhecia os melhores professores do mundo. Sagar era sua cidade natal. Seu nome era Dr. Harisingh Gaur. Ele era uma autoridade mundialmente reconhecida em direito e ganhou muito dinheiro, mas nunca deu um único *pai*^[1] a um mendigo, a uma instituição, a uma obra de caridade. Era conhecido como a pessoa mais avarenta de toda a Índia. Então, fundou essa universidade e doou a ela tudo o que ganhou na vida. Foram milhões de dólares.

Ele me disse: “Por isso fui avarento; do contrário, a universidade não seria possível. Eu era um homem pobre, nasci um homem pobre. Se eu tivesse feito caridade e doações a um hospital, a mendigos, a órfãos, esta universidade não teria existido.” Pela vida afora, ele carregou uma única ideia: que sua cidade natal deveria ter uma das melhores universidades do mundo. E certamente conseguiu, levando

para lá professores do mundo todo. Dobrava os salários, triplicava os salários, oferecia qualquer coisa que quisessem. E havia pouco trabalho, porque eram apenas mil alunos. Ele abriu todos os departamentos de uma universidade como Oxford podia oferecer. Havia dezenas de departamentos sem alunos, mas repletos de docentes: o chefe do departamento, o professor, o professor assistente, o palestrante. Ele dizia: “Não fiquem preocupados. Primeiro, criem a universidade e tornem-na a melhor. Os alunos virão. Terão de vir.”

Então, os professores e os decanos estavam em busca dos melhores alunos. E, de algum modo, este professor S. S. Roy, que era o chefe do departamento de filosofia, pôs os olhos em mim.

Eu costumava ir à Universidade de Sagar para a competição interuniversitária de debates. Durante quatro anos seguidos, venci a competição e recebi o troféu. Ele era um dos juízes. No quarto ano, ele me convidou para ir a sua casa e disse: “Olhe, eu espero por você todos os anos. Sei que daqui a um ano, quando houver a próxima competição, você estará aqui. A maneira como apresenta seus argumentos é estranha. Às vezes, é tão esquisita que fico imaginando como você conseguiu olhar o assunto por tal ângulo. Eu mesmo tenho pensado sobre alguns problemas, mas nunca os analisei a partir daquele aspecto. Impressiona-me vê-lo desistir de qualquer aspecto que possa ocorrer à mente comum e escolher o aspecto mais improvável.

“Durante quatro anos você ganhou o troféu pela simples razão de que seu argumento é único e ninguém está pronto para respondê-lo. Eles sequer pensaram pelo seu ângulo e, portanto, ficam simplesmente em choque. Você supera seus oponentes de tal forma que chegamos a sentir pena deles, mas o que podemos fazer? Eu tenho lhe dado nota 99. Gostaria de lhe dar até mais de cem, mas até mesmo com 99 as pessoas ficam sabendo que tenho uma preferência por determinado aluno. E elas dizem isso repetidamente, porque ninguém obtém notas além de cinquenta.

“Eu o convidei para jantar em minha casa para sugerir que deixe a Universidade de Jabalpur e venha para cá. Você está no quarto ano e logo terminará o curso. Venha fazer sua pós-graduação aqui. Não posso deixar de tê-lo como meu aluno, então, se você não vier para cá, terei de me juntar à Universidade de Jabalpur.”

E ele era uma autoridade bastante conhecida; se quisesse ir, a

Universidade de Jabalpur ficaria imensamente feliz em aceitá-lo como chefe de departamento. Eu disse: “Não, não se dê tanto trabalho. Eu posso vir para cá. Adoro o lugar.” Talvez seja a universidade mais bem localizada do mundo, em colinas próximas a um lago incrivelmente vasto. É tão silenciosa, com árvores imensas e antigas, que só o fato de estar ali é educação suficiente.

E o Dr. Harisingh Gaur deve ter sido um tremendo amante dos livros. Ele doou toda a sua biblioteca à universidade e ainda conseguiu adquirir o maior número possível de livros vindos de todos os cantos do mundo. O esforço de um único homem... Isso é raro. Ele criou uma Oxford absolutamente sozinho. E a Universidade de Oxford levou mais de mil anos para ser criada, com o trabalho de milhares de pessoas. O trabalho deste homem foi realmente uma obra de arte. Sozinho, e com seu próprio dinheiro, ele apostou tudo na criação de uma universidade.

Eu adorava aquele lugar e disse ao professor: “Não se preocupe, eu virei, mas o senhor só me viu nas competições de debate. Não sabe muito a meu respeito. Posso me tornar um problema para o senhor, um estorvo. Gostaria que soubesse tudo a meu respeito antes de decidir.” O professor S. S. Roy disse: “Não quero saber nada sobre você. O pouquinho que sei só de vê-lo, ver seus olhos, sua maneira de dizer as coisas, sua maneira de abordar a realidade, já é suficiente. E não tente me assustar com problemas e estorvo. Você pode fazer o que quiser.”

* * *

No primeiro dia em que estive em sua aula, o professor S. S. Roy estava explicando o conceito do absoluto. Ele era uma autoridade em Bradley e Shankara, ambos pensadores que acreditam no absoluto. Esse é o nome que davam a Deus.

Perguntei-lhe uma coisa que me tornou muito íntimo dele, pois ele abriu todo o seu coração para mim. Perguntei-lhe apenas: “Seu absoluto é perfeito? Ele chegou a um ponto final ou ainda está em desenvolvimento? Se ainda está se desenvolvendo, então não é absoluto, é imperfeito, pois só assim ele pode se desenvolver. Se estiver completo, totalmente completo, e esse é o significado da palavra absoluto, então não há possibilidade de desenvolvimento. Ele

está morto.” Então, lhe disse: “Seja claro, porque o absoluto representa Deus para Bradley e Shankara. Esse é o nome filosófico que dão a Deus. Seu Deus está vivo ou morto? Você tem de responder esta pergunta.”

Ele era realmente um homem honesto e pediu tempo para pensar. Ele tinha um doutorado sobre Bradley, feito em Oxford, e outro doutorado sobre Shankara, feito em Benares, e era considerado a maior autoridade nesses dois filósofos por sua tentativa de provar que Bradley, no Ocidente, e Shankara, no Oriente, chegaram à mesma conclusão.

Eu disse: “Durante toda a sua vida, o senhor escreveu sobre Bradley, Shankara e o absoluto. Eu li seus livros. Li sua tese. E o senhor tem ensinado aqui a vida inteira. Nunca ninguém lhe fez essa pergunta tão simples?” Ele me disse: “Ninguém jamais me perguntou e eu jamais pensei sobre isso, mas, certamente, se algo é perfeito, então tem de estar morto. Qualquer coisa viva tem de ser imperfeita. Esta ideia nunca me ocorreu. Então, por favor, dê-me tempo.”

Eu disse: “O senhor pode ter o tempo que quiser. Eu virei aqui todos os dias e lhe farei a mesma pergunta.” E isso continuou por cinco, seis dias. Todos os dias, eu entrava na classe, e ele se aproximava, agitado, e eu me levantava e dizia: “A minha pergunta.” No último dia, ele disse: “Por favor, perdoe-me, mas não consegui decidir. Com ambos os lados há uma dificuldade. Não posso dizer que Deus é imperfeito e não posso dizer que Deus está morto. Mas você conquistou meu coração.”

Ele transferiu minhas coisas, que estavam no albergue, para sua casa. E disse: “Chega, você não pode morar no albergue. Tem de vir morar comigo e com minha família. Tenho muito a aprender com você, porque uma questão tão simples jamais me ocorreu! Você invalidou todos os meus diplomas.”

Morei com ele durante quase seis meses até ele ser transferido para outra universidade. Ele queria que eu me mudasse com ele, mas meu vice-reitor foi relutante. Ele disse: “Professor Roy, o senhor pode ir. Professores vêm e vão, mas podemos nunca mais encontrar outro aluno como ele. Assim, não darei a ele o certificado e não vou permitir que ele deixe esta universidade. E vou escrever para sua nova universidade dizendo que meu aluno não deve ser recebido lá!”

O professor continuou a me amar e costumava ir quase todos os

meses a Sagar para me ver, mesmo que fosse uma distância de quase 3.200 quilômetros. Ele aparecia pelo menos uma vez por mês apenas para me ver, apenas para se sentar comigo. Certa vez, ele me disse: “Agora estou recebendo um salário melhor e tudo é mais confortável, mas sinto sua falta. A classe parece morta. Ninguém faz perguntas como você, perguntas que não podem ser respondidas.” E eu lhe disse: “Este é um acordo entre o senhor e eu, que só acho que uma pergunta é uma pergunta quando ela não pode ser respondida. Se puder ser respondida, que tipo de pergunta é?”

* * *

Eu tinha o hábito de usar uma sandália indiana feita de madeira e utilizada pelos *sannyasins* há séculos, quase 10 mil anos ou talvez mais tempo. Usava uma sandália de madeira para evitar qualquer tipo de couro, que com certeza teria vindo da pele de um animal talvez morto apenas para este propósito, pois o melhor couro vem da pele de animais bem jovens. Por isso, os *sannyasins* usam sandálias de madeira, mas elas fazem tanto barulho que se pode ouvir os passos de alguém a muitos metros de distância. Quando eu caminhava no pátio da universidade, toda a universidade sabia que eu estava chegando ou indo embora. Não havia necessidade de me ver; minhas sandálias eram suficientes.

* * *

No primeiro dia das aulas de filosofia da universidade, conheci o Dr. Saxena. Por poucos professores senti realmente grande amor e respeito. Meus dois professores mais amados foram o Dr. S. K. Saxena e o Dr. S. S. Roy, pela simples razão de que nunca me trataram como aluno.

Quando entrei na classe do Dr. Saxena usando minhas sandálias de madeira, ele pareceu um pouco intrigado. Olhou para as sandálias e me perguntou: “Por que você está usando sandálias de madeira? Elas fazem tanto barulho!” Respondi: “Apenas para manter minha consciência alerta.” Ele disse: “Consciência? Você está tentando manter sua consciência alerta de outras maneiras também?” Eu respondi: “Tento fazer isso o tempo inteiro e de todas as maneiras

possíveis: caminhando, sentando, comendo, até dormindo. O senhor pode acreditar ou não, mas recentemente tenho conseguido me manter consciente e alerta até mesmo durante o sono.”

Ele dispensou a classe e convidou-me para ir ao seu gabinete. Toda a classe achou que eu havia criado problemas para mim logo no primeiro dia. Ele me levou até seu gabinete e tirou da prateleira a sua tese de doutorado que havia escrito trinta anos antes. Era sobre a consciência. Ele disse: “Tome-a. Ela foi publicada em inglês. Muitas pessoas me pediram permissão para traduzi-la para o híndi, inclusive grandes eruditos, que conhecem perfeitamente bem o inglês e o híndi. Mas não permiti que o fizessem, porque a questão não é conhecer bem ou não a língua. Eu estava buscando um homem que soubesse o que é consciência... E posso ver em seus olhos, em seu rosto, pela maneira como me respondeu... que você tem de traduzir este livro.”

Eu disse: “Isto vai ser difícil porque não conheço muito bem o inglês e também não conheço muito bem o híndi. O híndi é minha língua materna, mas só conheço o que todos conhecem de sua língua materna. E acredito na definição de língua materna. Por que é chamada de língua materna? Porque a mãe fala e o pai escuta, e é assim que as crianças aprendem. Foi como eu aprendi. Meu pai é um homem calado. Minha mãe fala, e ele escuta, e assim eu aprendi a língua. É só uma língua materna, não a conheço muito bem. O híndi nunca foi meu objeto de estudo. De inglês, eu sei só um pouquinho, o bastante para os chamados exames, mas para traduzir uma tese de doutorado... E o senhor a está entregando a um aluno?”

Ele disse: “Não fique preocupado... Sei que será capaz de traduzi-la.” Eu disse: “Se o senhor confia em mim, farei o melhor que puder, mas devo lhe dizer que se eu encontrar algo errado, vou colocar uma nota dizendo como o texto deve ser corrigido. Se encontrar algo faltando, vou pôr uma nota explicando o que está faltando.”

Ele disse: “Concordo. Sei que muitas coisas estão faltando nela. Mas você me surpreende... Ainda nem viu o livro, nem sequer o abriu. Como sabe que faltarão coisas?” Respondi: “Olhando para o senhor. Da mesma forma que, apenas olhando para mim, o senhor consegue ver que sou a pessoa certa para traduzir a tese, consigo ver perfeitamente, Dr. Saxena, que o senhor não era a pessoa certa para escrevê-la.”

Ele adorou tanto o que eu disse que contou para todo mundo! Toda

a universidade conhecia este diálogo entre ele e mim. Nas férias de verão seguintes, traduzi o livro e redigi aquelas notas editoriais. Quando lhe mostrei as notas, vi lágrimas de alegria em seus olhos. Ele disse: “Eu sabia perfeitamente bem que algo estava faltando aqui, mas não conseguia descobrir o que era porque nunca pratiquei. Eu estava apenas tentando coletar todas as informações sobre consciência que encontrei nas escrituras do Oriente. Coletei muitas informações e comecei a organizá-las. Demorei quase sete anos para terminar minha tese.” Ele havia feito um excelente trabalho acadêmico, mas era apenas acadêmico. Eu disse: “É acadêmico, mas não é o trabalho de um meditador. Eu fiz todas estas notas – mostrei que aquilo só poderia ter sido escrito por um acadêmico, não por um meditador.”

Ele olhou para todas aquelas páginas e disse: “Se você tivesse sido um dos examinadores da minha tese eu não teria conseguido o doutorado! Você encontrou todos os pontos em que eu tive dúvidas, mas aqueles tolos nem sequer desconfiaram. O trabalho foi muito elogiado.” Ele foi professor nos Estados Unidos durante muitos anos, e seu livro é realmente uma obra acadêmica monumental, mas ninguém o criticou, ninguém apontou essas coisas. Então, eu lhe perguntei o que faria com a tradução.

Ele disse: “Não posso publicá-la. Finalmente encontrei um tradutor, mas você é mais um examinador que um tradutor! Vou guardá-la, mas não posso publicá-la. Com suas notas e com seus comentários, minha reputação estará destruída... Mas eu concordo com você. Na verdade, se eu pudesse, lhe concederia um doutorado apenas por seus comentários e notas de rodapé, porque você encontrou exatamente os pontos que só um meditador consegue encontrar; um não meditador não poderia encontrá-los.”

Toda a minha vida, desde o início, foi voltada para três coisas: nunca permitir que qualquer coisa não inteligente me fosse imposta, lutar contra todos os tipos de estupidez, quaisquer que fossem as consequências, e ser racional e lógico até o fim. Este foi um lado, que eu usava com todas as pessoas com quem estava em contato. Por outro lado, absolutamente privado, eu buscava tornar-me cada vez mais alerta para não terminar sendo apenas um intelectual.

Lembro-me de um de meus vice-reitores. Era um historiador mundialmente famoso. Havia sido professor de história em Oxford por quase vinte anos e, após sua aposentadoria, voltou para a Índia e foi escolhido para ser vice-reitor da universidade onde eu estudava. Era um homem notável, com uma bela personalidade, imensa cultura, erudição, reconhecimento e muitos livros com seu nome.

Por acaso, ele assumiu o cargo de vice-reitor no dia do aniversário de Gautama Buda, um dia muito importante porque é também o dia de sua iluminação e o dia do abandono do seu corpo. Gautama Buda nasceu, tornou-se iluminado e morreu no mesmo dia do ano. Toda a universidade se reuniu para ouvir este homem falar sobre Gautama Buda. Ele era um grande historiador, havia escrito sobre Gautama Buda e falava com grande emoção. Com lágrimas nos olhos, ele disse: “Eu sempre achei que se tivesse vivido no tempo de Gautama Buda, jamais sairia de seus pés.”

Seguindo meu hábito, levantei-me e disse: “Por favor, retire suas palavras.”

Ele perguntou: “Mas por quê?”

Eu disse: “Porque elas são falsas. O senhor estava vivo na época de Raman Maharshi. Ele era o mesmo tipo de homem, tinha a mesma iluminação, e sei que o senhor nem sequer o visitou. Então, a quem está tentando fazer de tolo? Também não teria visitado Gautama Buda. Enxugue suas lágrimas. São lágrimas de crocodilo. O senhor é simplesmente um erudito e não sabe nada sobre iluminação ou sobre pessoas como Gautama Buda.”

Houve um grande silêncio no auditório. Meus professores temeram que eu pudesse ser expulso. Eles estavam sempre temerosos de que isso pudesse acontecer a qualquer momento. Eles me adoravam e me queriam lá, mas criar uma situação dessas, uma situação tão constrangedora... Ninguém sabia o que fazer nem como quebrar o gelo. Naqueles poucos segundos, pareceu que se passaram horas. O vice-reitor ficou parado, de pé, mas era certamente um homem de qualidade superior. Enxugou suas lágrimas e pediu desculpas à audiência, dizendo que talvez ele estivesse errado. E me convidou para ir à sua casa para discutirmos o assunto mais detalhadamente.

Diante de toda a universidade, ele disse: “Você está certo. Eu não teria ido até Gautama Buda, sei disso. Não estava consciente quando disse que teria ido e estado aos seus pés; estava sendo sentimental e

perdi o controle. Sim, nunca fui até Raman Maharshi, mesmo tendo estado muitas vezes próximo à sua casa. Eu costumava dar palestras na Universidade de Madras, a poucas horas de Arunachal. Vários amigos me disseram que eu deveria ir vê-lo, mas sempre adiei e, então, ele morreu.”

Toda a universidade não conseguia acreditar naquilo. Meus professores não conseguiam acreditar. A humildade dele tocou a todos. O respeito por ele cresceu enormemente e nós nos tornamos amigos. Ele era muito velho, tinha quase 68 anos, e eu tinha apenas 24, mas nos tornamos amigos. E nem por um momento ele permitiu que eu sentisse que ele era um grande erudito, que era o vice-reitor, que tinha a idade do meu avô.

Ao contrário, ele me disse posteriormente: “Não sei o que aconteceu naquele dia; não sou um homem tão humilde. Tendo sido professor em Oxford por vinte anos, tendo sido professor visitante em muitas universidades do mundo, tornei-me muito egoísta. Mas você destruiu tudo com um único golpe. E lhe serei grato por isso durante toda a minha vida: se você não tivesse se levantado, eu poderia ter continuado acreditando que ficaria aos pés de Gautama Buda. Mas agora gostaria de... se você conseguir encontrar alguém, eu gostaria de me sentar aos seus pés e ouvi-lo.”

E eu disse: “Então, sente-se e ouça.”

Ele pareceu não ter entendido.

Eu disse: “Apenas olhe para mim. Não se incomode com a minha idade. Sente-se e ouça-me.” É difícil acreditar, mas aquele homem velho sentou-se e ouviu tudo o que eu queria lhe falar. Raras são as pessoas que têm tanta coragem e tanta abertura.

Depois disso, ele passou a ir ao albergue para me visitar. Todo mundo estava intrigado. O que havia acontecido? E eu havia criado uma situação tão constrangedora para ele! Ele costumava me levar à sua casa, nós nos sentávamos juntos, e ele me pedia: “Diga algo. Quero ouvi-lo. A minha vida toda eu falei e me esqueci de ouvir. E tenho falado coisas que não sei.” E ele me ouvia como um discípulo ouve um mestre.

Meus professores estavam intrigados. Eles diziam: “Você fez alguma mágica com aquele velho? Ele está senil? O que aconteceu? Para vê-lo, temos de marcar um horário e esperar em uma longa lista. Só podemos vê-lo quando chega a nossa vez. E ele vem até você... E

não só isso: ele escuta você. O que aconteceu?” Eu respondia: “O mesmo pode acontecer com vocês, mas não são tão inteligentes, tão sensíveis, tão compreensivos. Aquele velho é realmente raro.”

O professor (1957-1966)

Eu gostava imensamente da minha vida de aluno, quer as pessoas estivessem contra mim, a meu favor, indiferentes ou me amassem. Todas essas experiências foram belas. Tudo isso me ajudou quando me tornei professor, porque pude enxergar o ponto de vista dos alunos ao mesmo tempo que apresentava o meu.

E minhas aulas tornaram-se clubes de debate. Todos tinham permissão para duvidar, para argumentar. De vez em quando, alguém começava a se preocupar com o conteúdo do curso, porque havia muita discussão sobre cada ponto isolado. Eu dizia: “Não fiquem preocupados. Tudo o que é necessário é aguçar a inteligência. O curso é uma coisa pequena. Vocês podem ler a matéria em uma noite. Se tiverem uma mente aguçada, poderão entender mesmo sem lê-la. Mas, se não tiverem uma mente aguçada, não acharão a resposta nem mesmo no livro. Em um livro de quinhentas páginas, a resposta pode estar em algum lugar em um único parágrafo.”

Minhas aulas eram totalmente diferentes. Tudo tinha de ser discutido, tudo tinha de ser perscrutado da maneira mais profunda possível, a partir de cada canto, de cada aspecto, e só era aceito se a inteligência dos alunos se sentisse satisfeita. Do contrário, não havia necessidade de aceitar o que havia sido dito; podíamos continuar a discussão no dia seguinte.

E eu fiquei admirado ao perceber que quando discutimos alguma coisa e descobrimos seu padrão lógico, o tecido como um todo, não precisamos nos lembrar dela. Esta descoberta permanece conosco. Não conseguimos esquecê-la.

Meus alunos certamente me adoravam porque ninguém mais lhes dava tanta liberdade, ninguém mais tinha tanto respeito por eles. Ninguém mais lhes dava tanto amor, ninguém os ajudava a aguçar sua inteligência. Todos os professores estavam preocupados com seus salários. Eu nunca fui pegar o meu salário. Apenas dava uma procuração a um aluno e dizia: “Quando chegar o primeiro dia do

mês, você pega meu salário e me entrega. E, se precisar de parte dele, pode pegar.”

Todos os anos em que dei aulas na universidade, um aluno ou outro me trazia o salário. Certa vez, o encarregado de distribuir os salários me procurou apenas para dizer: “O senhor nunca aparece. Eu estive esperando que o senhor aparecesse algum dia e eu pudesse vê-lo, mas, vendo que talvez nunca vá à minha sala, vim à sua casa para ver que tipo de homem o senhor é, porque há professores que começam a fazer fila pela manhã, no primeiro dia de cada mês, para pegar seu salário. O senhor nunca está entre eles. Algum aluno aparece com sua assinatura e procuração, e eu não sei se o salário chega ou não até o senhor.” Eu disse: “Não precisa se preocupar. Ele sempre chegou até mim.” Quando se confia em alguém, é muito difícil ser decepcionado.

Durante todos os anos em que fui professor, nem um único aluno a quem dei autorização, pegou parte do salário, embora eu lhes dissesse que podiam pegar tudo se precisassem. E não era um empréstimo, porque eu não queria ser incomodado com preocupações de quem me devia e quanto. Mas nunca um único aluno pegou qualquer parte do meu salário.

Todos os professores estavam interessados apenas nos salários, na competição para galgar postos mais altos. Nunca vi ninguém que estivesse realmente interessado nos alunos, no seu futuro e, particularmente, em seu crescimento espiritual.

Vendo isso, abri uma pequena escola de meditação. Um dos meus amigos me ofereceu seu belo bangalô com jardim e construiu um templo de mármore para mim, para as meditações, para que pelo menos cinquenta pessoas pudessem se sentar e meditar no templo. Muitos alunos e professores, até os vice-reitores, iam lá para entender o que é a meditação.

* * *

Na Índia, os muçulmanos usam um tipo de vestimenta, os hindus outro tipo de vestimenta, os punjabis usam outro tipo de vestimenta, os indianos do sul usam outro tipo de vestimenta. Estes últimos, por exemplo, podem vestir um *lungi*^[2] ou um *dhote*^[3] enrolado no corpo. E não é só isso: eles o puxam para cima para que fique no nível dos

joelhos. Até os professores universitários dão aulas com essa vestimenta.

Eu adorava o *lungi* porque é muito simples, é o mais simples, não necessita de costureira, não necessita de alfaiate, de nada; qualquer peça de tecido pode ser muito facilmente transformada em um *lungi*. Mas eu não estava no sul da Índia. Eu estava na Índia central, onde o *lungi* é usado apenas por vagabundos, vadios, elementos insociáveis. É um símbolo de que a pessoa é indiferente à sociedade, de que não se importa com o que você pensa sobre ela.

Quando comecei a ir para a universidade usando um *lungi*, tudo parou por um momento: os alunos saíram das classes, os professores saíram das classes. Quando passei ao longo do corredor, todos que estavam ali me observaram, e eu acenei para eles. Foi uma boa recepção!

O vice-reitor saiu de seu gabinete: “O que está acontecendo?”, perguntou. “As aulas foram interrompidas, os professores estão fora das salas e reina um silêncio...” Ele me viu. Eu acenei para ele, mas ele não teve nem mesmo coragem de responder ao meu aceno. Eu disse: “O senhor deveria pelo menos responder ao meu aceno. Todas estas pessoas vieram ver meu *lungi*.”

Na verdade, acho que adoraram, porque os professores usavam belas roupas, as mais caras, todos os dias. O vice-reitor era muito exigente com suas próprias roupas e era famoso por causa delas. Se você fosse à casa dele, ficaria surpreso: não havia nada além de roupas espalhadas por toda a casa. Ele, seu criado e suas roupas.

Eu disse: “Quando o senhor chega, ninguém sai da classe, mas um simples *lungi*, que os mais pobres vestem, tirou os alunos e os professores das classes! Eu virei todos os dias com este *lungi*.”

Ele disse: “Uma piada, tudo bem; um dia, tudo bem; mas não leve isso longe demais.”

Eu disse: “Quando faço alguma coisa, faço-a até o fim.” Ele disse: “O que quer dizer? Quer dizer que realmente virá todos os dias vestido com um *lungi*? Respondi: “Neste exato momento, é o que pretendo fazer. Se me perturbarem, posso até vir sem o *lungi*. Pode acreditar na minha palavra. Se eu for de alguma maneira incomodado, se o senhor tentar dizer que isto não é adequado para um professor... Se conseguir ficar quieto, continuarei usando o *lungi*; se fizer qualquer coisa contra mim, então o *lungi* some. Eu virei sem... E então o senhor vai ver o que

é uma cena de verdade!”

E foi hilário, porque todos os alunos começaram a bater palmas, e ele ficou tão constrangido que simplesmente voltou para sua sala. Nunca mais disse uma única palavra sobre o *lungi*. Eu lhe perguntei muitas vezes: “E meu *lungi*? Está sendo tomada alguma medida contra ele?” Ele dizia: “Deixe-me em paz... Faça o que quiser. Eu não quero dizer nada porque qualquer coisa que lhe disser é perigosa. Nunca se sabe como você vai reagir. Eu não estava dizendo para tirar o *lungi*, estava dizendo para voltar a usar suas velhas roupas.” E eu concluí: “Minhas velhas roupas não existem mais, e o que se foi, se foi... Nunca olho para trás. Agora estarei usando um *lungi*.”

Então, primeiro comecei a ir à universidade de *lungi*, com uma túnica longa. Então, um dia, tirei a túnica e comecei a usar simplesmente *lungi*. De novo, houve um grande drama, mas o vice-reitor manteve a calma. Todos saíram da sala, menos ele, talvez porque temesse que eu tivesse tirado o *lungi*! Ele não saiu da sua sala. Eu bati à sua porta e ele perguntou: “Você tirou o *lungi*?” Eu disse: “Ainda não. O senhor pode sair.” Ele abriu a porta e só olhou para fora para ver se eu estava vestido ou se havia tirado tudo.

Então, ele disse: “Então você mudou a túnica também?” Eu concordei e perguntei se ele tinha algo a dizer. Ele respondeu: “Não quero dizer uma única palavra. Sobre você, nem sequer falo com outras pessoas. Jornalistas estão telefonando e perguntando como isso é permitido na universidade, porque vai se tornar um precedente e os alunos e professores poderão começar a vir vestidos com *lungis*. Eu lhes disse que, mesmo que todos comecem a vir vestidos com *lungis*, por mim, tudo bem; que eu não iria perturbar você, porque, se o fizesse, você poderia vir nu. E você diz que a nudez é um modo de vida espiritual aceitável na Índia, que a nudez não pode ser de maneira alguma desrespeitada aqui, que Mahavira andava nu, que os 24 *tirthankaras* dos jainistas andavam nus, que milhares de monges ainda andam nus, e, se um *tirthankara* pode andar nu, então por que não um professor?” E ele acrescentou: “Estou explicando às pessoas que, se quiser realmente criar o caos, você tem seguidores na universidade e há muitos alunos prontos para fazerem qualquer coisa que você mandar. Então, é melhor deixá-lo em paz.”

Na minha vida, descobri que se você estiver apenas um pouquinho disposto a sacrificar sua respeitabilidade, pode seguir seu caminho

com muita facilidade. A sociedade joga conosco. Ela colocou a respeitabilidade em um pedestal alto demais na mente de vocês e, em oposição a ela, todas aquelas coisas que ela não quer que você faça – se as fizer, perderá a respeitabilidade. Quando você estiver pronto para dizer: “Eu não me importo com a respeitabilidade, a sociedade ficará absolutamente impotente e nada poderá fazer contra a sua vontade.

* * *

Quando me tornei professor universitário, a primeira coisa que fiz foi misturar os alunos. Quando entrei na classe, vi as garotas sentadas em um canto, quatro ou cinco fileiras vazias em frente a mim, e os garotos sentados no outro canto. Eu disse: “A quem eu vou ensinar? A estas mesas e cadeiras? Que bobagem é esta? Quem lhes disse para se sentarem assim? Podem ir se misturando e sentando aqui na frente.”

Eles hesitaram. Nunca haviam ouvido um professor dizer para se misturarem. Eu repeti: “Misturem-se imediatamente; do contrário, vou relatar ao vice-reitor que algo absolutamente antinatural está acontecendo aqui.” Eles começaram a se mover de forma lenta e hesitante. Eu disse: “Não hesitem! Apenas se movam e se misturem. Vocês não podem se sentar separados na minha aula. E não me importo que toquem em uma garota ou que uma garota tente puxar sua camisa; qualquer coisa que for natural será aceita por mim. Mas não quero que vocês se sentem aí, travados e encolhidos. Isso não vai acontecer na minha aula. Desfrutem estar juntos. Sei que vocês jogam papeizinhos, pedrinhas, cartinhas. Não há necessidade disso. Sente-se ao lado da garota, dê o bilhete a ela ou faça o que quiser. Na verdade, todos vocês já são sexualmente maduros; precisam fazer alguma coisa. E estão apenas estudando filosofia... Vocês são totalmente loucos! Este é o momento de estudar filosofia? Este é o momento de sair e fazer amor. A filosofia é para a velhice, quando vocês não puderem fazer mais nada... Aí vocês podem estudar filosofia.”

Todos estavam muito temerosos. Muito lentamente, eles relaxaram, mas logo as outras classes começaram a sentir inveja. Outros professores relataram o fato ao vice-reitor, dizendo: “Este homem é perigoso. Ele está permitindo que rapazes e garotas façam coisas que proibimos. Em vez de impedir que eles entrem em contato, ele ajuda!

Ele diz: ‘Se vocês não souberem como escrever uma carta de amor, me procurem. Eu lhes ensino. A filosofia é secundária... Não é muita coisa. Vamos terminar o curso de dois anos em seis meses. No tempo restante, divirtam-se, dancem, cantem. Não fiquem preocupados.’”

O vice-reitor finalmente teve de me chamar e disse:

— Ouvi todas essas coisas. O que tem a dizer?

— O senhor deve ter estudado em uma universidade — respondi.

— Sim, estudei. Do contrário, como poderia ser vice-reitor?

— Então volte um pouquinho no tempo e lembre-se daqueles dias em que as garotas se sentavam longe. O que passava pela sua mente?

— Você parece ser um sujeito estranho — disse ele. — Eu lhe pedi para vir aqui porque queria indagar algo.

— Vamos deixar isso para depois. Primeiro, responda à minha pergunta. E seja sincero; do contrário, vou lhe fazer um desafio aberto diante de toda a universidade, de todos os professores, de todos os alunos. Podemos discutir o assunto abertamente e deixá-los votar.

— Não fique animado. Talvez você tenha razão. Eu me lembro daqueles dias. Agora sou velho, e espero que você não diga isto a ninguém, mas eu ficava pensando nas garotas. Não estava ouvindo o professor, ninguém estava ouvindo o professor. As garotas mandavam bilhetes, nós mandávamos bilhetes, cartas eram trocadas.

— Posso ir, então? — perguntei.

— É claro. Vá e faça o que quiser. Não quero um confronto público com você, pois sei que vai ganhar. Você está certo. Mas sou uma pessoa pobre... Preciso ter cuidado com o meu posto. Se eu começar a fazer tais coisas, o governo vai me tirar desta vice-reitoria.

— Não estou interessado na sua vice-reitoria. O senhor continua sendo vice-reitor, mas, lembre-se, nunca me chame aqui de novo. Muitas queixas virão, mas deixo claro ao senhor que sempre serei justo.

— Entendi — disse ele.

Então, outros alunos, rapazes e garotas que não cursavam minha matéria, começaram a perguntar se também podiam ir às minhas aulas. Eu dizia: “A filosofia nunca foi tão interessante. Venham! Todos são bem-vindos. Eu nunca faço chamada. Todo mês, quando o registro de presença tem de ser entregue, eu o preencho aleatoriamente: ausente, presente, ausente, presente. Só preciso me certificar de que todos tenham mais de 75 por cento de presença para poderem fazer a

prova. Não me incomodo. Portanto, podem vir.”

Minhas turmas passaram a ficar lotadas. Pessoas se sentavam até nas janelas. E elas deveriam estar em alguma outra classe.

Então, ocorreram novas queixas, e o vice-reitor disse: “Não me tragam queixas contra esse homem. Se os alunos não vão para suas aulas, o problema é de vocês. O que eu posso fazer? O que posso fazer se preferem as aulas dele? E eles não são alunos de filosofia, mas não querem ir às suas aulas de história, economia, política... O que posso fazer? E esse homem me desafiou: “Nunca mais me chame à sua sala, caso contrário terá que encarar um confronto público comigo.”

Mas houve tantas queixas de todos os departamentos que, finalmente, ele teve de vir até mim. Sabia que era melhor não fazê-lo, mas foi obrigado. Ele não conseguia acreditar.

Havia poucos alunos de filosofia, porque não é uma profissão rentável, mas a classe estava tão lotada que não havia sequer espaço para ele entrar. Eu o vi de pé na porta, atrás dos alunos. Disse a eles: “Deixem o vice-reitor entrar. Deixem-no desfrutar também do que está acontecendo aqui.”

Ele entrou e não conseguiu acreditar no que via, naquelas garotas e naqueles rapazes sentados juntos e me escutando com tanto prazer, sem um único distúrbio, porque eu havia cortado o mal pela raiz. Agora, o rapaz estava sentado ao lado da sua namorada e não havia necessidade de atirar uma pedrinha, um bilhete. Isso não era necessário.

— Não consigo acreditar que esta classe está lotada e, mesmo assim, é possível ouvir um alfinete caindo — disse ele.

— Certamente, porque não há repressão — respondi. — Eu disse aos alunos que não precisam pedir minha permissão quando quiserem sair; eles podem simplesmente sair e entrar. Não precisam pedir minha permissão. Não é da minha conta para onde eles vão ou não vão. Gosto de ensinar. Vou continuar ensinando... Se o senhor quiser se sentar, sente-se; do contrário, retire-se.

— Isso deveria acontecer em todas as aulas — disse ele. — Mas não sou um homem forte como você, não posso dizer ao governo esta é a forma como as aulas deveriam ser.

Fui convidado para um seminário onde se reuniram muitos reitores e vice-reitores de universidades. Eles estavam muito preocupados com a falta de disciplina nos estabelecimentos de ensino fundamental, de ensino médio e universitários. Estavam preocupados com a atitude desrespeitosa da nova geração para com os professores.

Ouvi suas opiniões e lhes disse: “Estou percebendo que em algum lugar está faltando a própria base. Um professor é aquele que é naturalmente respeitado, portanto um professor não pode exigir respeito. Se um professor exige respeito, ele simplesmente mostra que não é um professor, que escolheu a profissão errada, que essa não é sua vocação. A verdadeira definição de um professor é aquele que é naturalmente respeitado, não aquele a quem os alunos devem respeitar. Se alguém for obrigado a respeitá-lo, que tipo de respeito será esse? Apenas observe que na ideia de ‘ser obrigado a respeitar’ toda a beleza se perdeu, o respeito não está vivo. Se ele *tem* de ser feito, então ele não existe. Quando o respeito está presente, ninguém se dá conta dele. Ela simplesmente flui. Sempre que um professor está presente, ele simplesmente flui. Em vez de pedirem aos alunos que respeitem os professores, por favor olhem de novo a situação... Os senhores devem estar escolhendo os professores errados, aqueles que não são de modo algum professores.

Os professores já nascem prontos, assim como os poetas... É uma grande arte. Nem todos podem ser professores, mas, por causa da educação universal, milhões de professores são requeridos. Pensem em uma sociedade que acha que todos têm de aprender poesia e que a poesia precise ser ensinada por poetas. Então, serão requeridos milhões de poetas. É claro que haverá escolas para a formação de poetas. E esses poetas serão falsos e pedirão: “Aplaudam-nos porque somos poetas! Por que não estão nos respeitando?” É isso que tem acontecido com os professores.

No passado, havia poucos professores. As pessoas viajavam milhares de quilômetros para encontrar um professor, para estar com ele. Havia um enorme respeito, que dependia da qualidade do professor. Ele não era exigido do aluno. Simplesmente existia.

Na estrada

Apenas pensem em mim perambulando pela Índia durante anos e sendo alvo de pedras, sapatos e facas atirados contra mim. Vocês não conhecem as ferrovias e as salas de espera indianas, não sabem como os indianos vivem. É anti-higiênico, feio, mas eles estão acostumados com isso. Durante esses anos sofri tanto – ou talvez mais – do que Jesus sofreu na cruz. Estar na cruz é uma questão de apenas algumas horas. Ser assassinado é ainda mais rápido. Mas ser um mestre errante na Índia não é brincadeira.

* * *

A situação do mundo mudou dramaticamente. Há apenas trezentos anos, o mundo era muito grande. Se Gautama Buda tivesse querido ter acesso a todos os seres humanos, não teria sido possível, simplesmente porque não havia meios de comunicação disponíveis. As pessoas viviam em muitos mundos, quase isoladas umas das outras. Isso traz simplicidade.

Como judeu, Jesus teve de enfrentar seus companheiros judeus, mas não o mundo todo. Não teria sido possível, sentado em seu burrinho, percorrer o mundo. Mesmo percorrer todo o pequeno reino da Judeia teria sido demais. A educação das pessoas era muito limitada. Elas não tinham sequer consciência da existência de outros povos. Gautama Buda, Lao-Tsé e Sócrates foram contemporâneos, mas não sabiam da existência uns dos outros.

Antes da revolução científica na comunicação e nos transportes havia muitos mundos suficientes em si mesmos. Eles nunca pensavam em outros; não tinham ideia de que existiam outros. À medida que os povos foram cada vez mais se tornando familiarizados com os outros, o mundo se tornou menor. Agora, um Buda não seria capaz – nem Jesus nem Moisés nem Confúcio – de guiar o mundo, pois todos eles

têm mentes e atitudes muito localizadas.

Somos afortunados pelo mundo agora ser tão pequeno, que não possamos ser locais. A despeito de nós mesmos, não conseguimos ser locais, temos de ser universais. Temos de pensar em Confúcio, temos de pensar em Krishna, temos de pensar em Sócrates, temos de pensar em Bertrand Russell. A menos que você pense no mundo como uma unidade, e em todas as contribuições de diferentes gênios, você não será capaz de se comunicar com o homem moderno. Existe uma lacuna de tempo tão grande – vinte séculos, vinte e cinco séculos... quase impossível de transpor.

A única maneira de transpô-la é que o homem moderno não se detenha em seu próprio conhecimento, não se contente apenas em dar expressão ao que veio a saber, e faça um enorme esforço para conhecer todas as linguagens.

O trabalho é vasto, porém é excitante – a exploração da genialidade humana a partir de diferentes dimensões. Se tiver dentro de você a luz do entendimento, você pode criar, sem nenhuma dificuldade, uma síntese. E a síntese deve incluir todos os artistas e seus *insights*: todos os músicos, todos os poetas, todos os dançarinos, seus *insights*. Todas as pessoas criativas que contribuíram para a vida, que tornaram a humanidade mais rica, precisam ser levadas em conta. Ninguém jamais pensou nos artistas nem considerou que sua contribuição é também religiosa.

E, mais importante que tudo: o desenvolvimento científico. No passado, não se pôde conduzi-lo na direção de uma visão sintética junto com o coração e a religião. Em primeiro lugar, não havia ciência – e ela mudou mil e uma coisas. A vida nunca mais pôde ser a mesma.

Na minha visão, ciência, religião e arte formam um triângulo. E são dimensões totalmente diferentes: falam línguas diferentes, contradizem uma à outra e não estarão de acordo a menos que você tenha um profundo *insight* em que todas elas se fundam e se tornem uma.

Meu esforço tem sido fazer quase o impossível.

Na minha época de estudante universitário, meus professores ficavam perdidos. Eu era um aluno de filosofia que frequentava aulas de física, química e biologia. Os professores estranhavam e perguntavam por que eu estava ali. Eu dizia: “Minha formação não tem nada a ver com química. Só quero ter uma visão clara do que a

química fez, do que a física fez. Não quero entrar em detalhes. Só quero a contribuição essencial.”

Raramente eu estava em minhas aulas; na maior parte do tempo, estava na biblioteca. Meus professores me perguntavam o que eu fazia o dia todo na biblioteca, porque o bibliotecário apresentava muitas críticas sobre mim, dizendo que eu era o primeiro a entrar na biblioteca e quase precisava ser retirado dali à força no fim do dia: “Ele fica o dia todo ali, e não só na seção de filosofia, mas perambulando por todas as seções.”

Eu lhes dizia: “É difícil para mim explicar-lhes isso, mas meu esforço é para reunir tudo o que tem alguma verdade e formar um todo sintético. Criar um modo de vida que seja inclusivo, que não seja baseado em discussões e contradições, mas numa profunda percepção do âmago essencial de todas as contribuições que têm sido feitas ao conhecimento humano, à sabedoria humana.”

Eles achavam que eu iria enlouquecer, que a tarefa que eu havia escolhido conduziria qualquer um à loucura por ser vasta demais. Eles não sabiam que a loucura é impossível para mim, que havia deixado minha mente para trás; eu sou apenas um observador.

A mente é um computador muito delicado e complicado. O homem criou grandes computadores, mas, por enquanto, nenhum é comparável à mente humana. Apenas uma mente humana tem a capacidade de conter todas as bibliotecas do mundo. E uma única biblioteca, como a biblioteca do Museu Britânico, possui livros que, se dispostos em uma parede, podem dar três voltas ao redor do planeta. E essa é apenas uma das grandes bibliotecas. Há outra em Moscou, talvez maior. Em Harvard também. Mas uma mente humana individualmente é capaz de conter tudo o que está escrito em todos estes livros, é capaz de memorizar tudo. Em um único cérebro há bilhões de células, e cada célula isolada é capaz de conter milhões de dados de informação. Certamente uma pessoa enlouquecerá se já não estiver fora da sua mente. Se ainda não atingiu o estado de meditação, a loucura é certa. Eles não estavam errados em sua preocupação, mas não sabiam dos meus esforços de meditação.

Na época, eu estava lendo livros estranhos, escrituras estranhas do mundo todo, mas era apenas um observador, porque, no que me dizia respeito, eu já havia voltado para casa. Não tinha nada a aprender de toda aquela loucura. Aquela leitura teve o propósito diferente de

tornar minha mensagem universal, libertá-la das limitações locais, e estou feliz por ter sido completamente bem-sucedido nesse propósito.

Porque as pessoas me amam, elas têm me chamado de “mestre dos mestres”. Isso vem do seu amor. Quanto a mim, eu apenas penso em mim mesmo como um ser humano comum que foi teimoso o bastante para permanecer independente, resistir a todo condicionamento, nunca pertencer a uma religião, nunca pertencer a um partido político, nunca pertencer a uma organização, nunca pertencer a uma nação ou a uma raça. Tentei de todas as maneiras possíveis ser apenas eu mesmo, sem nenhum adjetivo, e isso me deu muita integridade, individualidade e autenticidade, além da enorme bênção de estar realizado.

Essas eram as necessidades da época. Depois de mim, qualquer um que tentar ser um mestre terá de se lembrar de que precisará passar por todas as coisas que eu passei; do contrário, não poderá ser chamado de mestre. Permanecerá apenas localizado – um professor hindu, um missionário cristão, um sacerdote muçulmano –, mas não será um mestre para seres humanos. Depois de mim será realmente difícil ser um mestre!

* * *

O homem que despertou entende profundamente a humanidade. Entendendo a si mesmo, ele entendeu a condição miserável de todos os seres humanos. Ele se compadece das pessoas e é compassivo. Não reage ao mal com o mal pela simples razão de que, em primeiro lugar, ele não se sente ofendido. Em segundo lugar, ele lamenta pelos outros e não se sente seu antagonista.

Certa vez, falei para uma grande multidão em Baroda. Alguém sentado bem na primeira fileira ficou tão perturbado pelo que eu disse que saiu do controle, perdeu o senso e atirou um de seus sapatos em mim. Naquele momento, como eu costumava jogar voleibol quando era estudante, peguei seu sapato no ar e pedi-lhe o outro. Ele ficou desconcertado! Eu disse: “Atire o outro também... O que vou fazer com apenas um? Se você quiser me presentear com algo...” Ele não reagiu. Eu disse: “O que está esperando? Atire o outro também, porque assim nem eu poderei usar os sapatos nem você poderá usá-los. E não vou devolvê-lo, porque o mal não pode ser respondido com

o mal! Então, por favor, dê-me o outro também.”

Ele ficou muito chocado. Não conseguia acreditar naquilo. Primeiro, não podia acreditar no que havia feito, pois era um homem muito bom, um intelectual, um conhecido estudioso de sânscrito, um *pandit*[1]. Não se esperava que ele se comportasse daquela maneira, mas aconteceu... As pessoas são muito imprevisíveis. Se eu agisse da maneira que ele inconscientemente estava esperando, então estaria tudo bem, mas eu lhe pedi o outro sapato, e isso o chocou muito. Ele estava atordoado. Eu disse para alguém que estava sentado ao seu lado: “Tire o outro sapato dele. Não vou deixar por menos... Quero os dois sapatos. Na verdade, eu estava pensando em comprar sapatos, e este homem parece ser tão generoso!” E o sapato era realmente novo.

O homem me procurou à noite, caiu aos meus pés e me pediu que o perdoasse. Eu disse: “Esqueça tudo o que aconteceu, não há problema... Eu não fiquei zangado, então por que deveria perdoá-lo? Para perdoar, primeiro tem-se de estar zangado. Eu não fiquei zangado e gostei da cena. Na verdade, foi algo tão bonito que muitas pessoas que haviam caído no sono de repente despertaram! Eu estava pensando, no caminho, que esta é uma boa ideia. Deveria colocar alguns membros do meu povo para atirarem um sapato de vez em quando, fazendo todos os adormecidos acordarem. Pelo menos eles permanecerão alertas por alguns momentos, porque algo estará acontecendo! Sou grato ao senhor.”

Durante anos, ele me escreveu: “Por favor, me perdoe! A menos que você me perdoe, vou continuar lhe escrevendo.”

Mas eu lhe dizia: “Primeiro, eu tenho de ficar zangado. Perdoá-lo significa que eu aceito que me zanguei. Como posso perdoá-lo? É o senhor quem deve me perdoar, porque sou incapaz de me zangar com o senhor, incapaz de perdoá-lo. Perdoe-me!” Não sei se ele me perdoou ou não, mas me esqueceu. Agora não me escreve mais.

* * *

Eu adoraria não ser associado de maneira nenhuma à palavra religião. Toda a história da religião cheira mal. Ela é feia e mostra a degradação do homem, sua inumanidade e tudo o que é ruim. E isso não diz respeito a uma religião isoladamente... É a mesma história em todas as religiões do mundo: o homem explorando o homem em nome

de Deus. Ainda me sinto desconfortável por estar associado à palavra religião. Mas há alguns problemas na vida: às vezes temos de escolher coisas que odiamos.

Na juventude, eu era conhecido na universidade como ateu, irreligioso, alguém contra todos os sistemas morais. Essa era a minha postura e ainda é. Não mudei nem um milímetro; minha opinião é exatamente a mesma. Mas ser conhecido como ateu, irreligioso, amoral, tornou-se um problema. Era difícil me comunicar com as pessoas e quase impossível criar qualquer tipo de relacionamento com elas. Essas palavras – ateu, irreligioso, amoral – funcionavam como muros impenetráveis. Eu teria permanecido assim, para mim não haveria problema, mas vi que era impossível difundir minha experiência, compartilhá-la.

No momento em que ouviam dizer que eu era ateu, irreligioso, amoral, as pessoas se fechavam completamente. Não acreditar em nenhum Deus, não acreditar em céu e inferno, era o bastante para se afastarem de mim. Isso acontecia até mesmo com pessoas muito instruídas, porque eu era professor universitário e vivia cercado por centenas de estudiosos, pesquisadores. Pessoas inteligentes e educadas simplesmente me evitavam porque não tinham coragem de defender aquilo em que acreditavam, não tinham argumentos próprios.

Eu discutia continuamente nas esquinas das ruas, na universidade, na padaria, em qualquer lugar em que pudesse ter acesso a alguém. Eu martelava sobre a religião, tentando livrar as pessoas de toda essa bobagem. Mas o resultado foi me tornar uma ilha; ninguém nem sequer queria conversar comigo, porque até me cumprimentar era perigoso. Finalmente, tive de mudar minha estratégia.

Cheguei à conclusão de que, estranhamente, as pessoas interessadas na busca da verdade estavam envolvidas em religiões. E, como me achavam irreligioso, eu não podia comungar com elas, mas elas eram as pessoas que realmente estariam interessadas em saber o que eu tinha a dizer. Eram as pessoas que estariam prontas para viajar comigo para espaços desconhecidos. Porém, já estavam envolvidas em alguma religião, em alguma seita, em alguma filosofia, e pensar em mim como irreligioso, como ateu, criava uma barreira. E essas eram as pessoas que eu tinha de buscar.

Havia pessoas que não estavam envolvidas em religiões, mas estas não eram de modo algum buscadoras e estavam apenas interessadas

nas coisas triviais da vida: ganhar mais dinheiro e ser um grande líder – um político, um primeiro-ministro, um presidente. Seus interesses eram muito mundanos. Elas não tinham utilidade para mim e não estavam interessadas no que eu tinha a oferecer. Um homem que quer se tornar primeiro-ministro de um país não está interessado em encontrar a verdade. Se a verdade e a presidência forem oferecidas a ele, ele escolherá a presidência. E dirá sobre a verdade: “Não há pressa. Podemos alcançar a verdade depois. Temos toda a eternidade, mas a oportunidade da presidência pode não existir de novo. Ela raramente chega, e só para pouquíssimas pessoas, de tempos em tempos. A verdade é a natureza de todos, então algum dia poderemos encontrá-la. Primeiro, deixe-me fazer aquilo que é momentâneo, temporal, fugaz. Este belo sonho pode não acontecer de novo. A verdade não vai a lugar nenhum, mas este sonho é fugaz.”

Seu interesse estava no sonho, na imaginação. Essas pessoas não eram o meu povo, e a comunicação com elas também era impossível, mas porque nossos interesses eram diametralmente opostos. Tentei muito mas, aquelas pessoas não estavam interessadas em religião, não estavam interessadas na verdade nem em nada que fosse significativa.

As pessoas que *estavam* interessadas eram cristãs, hindus, muçulmanas, jainistas, budistas. Elas já estavam seguindo alguma ideologia, alguma religião. Então, tornou-se óbvio para mim que eu teria de fingir ser religioso. Não havia outra maneira. Só então eu poderia encontrar autênticos buscadores.

Odeio a palavra religião. Sempre a odiei, mas tive de falar sobre religião. Porém, aquilo que eu falava sob a capa da religião não era a mesma coisa que as pessoas entendiam por religião. Era simplesmente uma estratégia. Eu estava usando as palavras que conheciam – Deus, religião, libertação *moksha*^[2] –, mas dando-lhes meu significado. Dessa maneira, eu pude começar a encontrar pessoas e as pessoas puderam começar a vir até mim.

Demorei alguns anos para mudar minha imagem aos olhos das pessoas. Elas só ouvem as palavras, mas não entendem os significados. As pessoas só entendem o que você diz, não o que é transmitido sem ser dito. Então, usei suas próprias armas contra elas, falando sobre livros religiosos, mas dando-lhes um significado totalmente meu! Eu teria dito as mesmas coisas sem comentar qualquer livro, e teria sido bem mais fácil, porque estaria falando diretamente com as pessoas e

não haveria necessidade de envolver Krishna, Mahavira e Jesus e fazê-los dizer coisas que nunca disseram. Porém, a estupidez da humanidade é tal que a mesma coisa que eu estava dizendo antes, e que as pessoas não estavam prontas para ouvir... agora milhares começaram a se reunir em torno de mim, só porque eu incluí o nome de Krishna.

Mas o que eu tinha a ver com Krishna? O que Krishna havia feito por mim? Que relacionamento eu tinha com Jesus? Se eu o tivesse conhecido, teria lhe dito: “Você é um fanático e não está em seu juízo perfeito. Não posso dizer às pessoas que querem crucificá-lo que está absolutamente errado, porque elas não têm outra maneira de lidar com você.”

Assim, esse era o único jeito. Quando comecei a falar sobre Jesus, as universidades e os institutos teológicos cristãos passaram a me convidar para palestras. E eu estava, na verdade, sempre rindo internamente, porque aqueles tolos achavam que Jesus havia dito tais coisas. Sim, usei as palavras de Jesus, e eles achavam que era a mensagem real de Jesus, mas um pequeno jogo de palavras pode fazer cada palavra significar qualquer coisa... “Nossos próprios missionários e sacerdotes não fizeram tanto por Jesus quanto você fez”, eles diziam.

Eu tinha de me manter calado, sabendo que não tinha nada a ver com Jesus e que talvez Jesus tivesse sido incapaz sequer de entender aquilo que eu estava dizendo. Eu disse em nome de Jesus coisas que já vinha dizendo antes, mas nenhuma comunidade cristã, nenhuma universidade cristã, nenhum instituto teológico cristão teria me convidado antes. Convite? Se eu tivesse querido entrar em suas instituições, eles teriam fechado as portas. Eu era proibido de entrar no templo central da minha própria cidade, e era a polícia que garantia que não fosse permitida a minha entrada. Sempre que havia um monge hindu falando lá dentro, um policial estava do lado de fora para evitar que eu entrasse.

Eu dizia: “Mas eu quero ouvir aquele homem.”

O policial dizia: “Nós sabemos, mas todos sabem que quando você está lá, todos têm de ouvir *você*. E fomos chamados aqui apenas para impedi-lo, não a qualquer outra pessoa, de entrar. Todos os demais têm permissão para entrar. Se você parar de vir, não teremos mais esse trabalho, não precisaremos ficar de plantão aqui por duas ou três horas todos os dias. Enquanto a pregação continuar, eu estarei aqui

apenas por sua causa, por causa de uma pessoa.”

Agora, o mesmo templo começava a me convidar para falar. A polícia estava ali, mas para evitar aglomerações! Um policial que ainda estava lá me disse: “Você é incrível! Ficávamos aqui para mantê-lo fora do templo, e agora ficamos aqui para evitar excesso de gente, pois o templo é velho.”

O templo tinha sacadas e podia acomodar pelo menos 5 mil pessoas, mas, quando eu falava, cerca de 15 mil pessoas apareciam. Então, as pessoas iam para as sacadas, que nunca eram usadas. Um dia, o lugar ficou tão cheio que foi aventada a possibilidade de as sacadas desmoronarem. Então, naturalmente, eles tiveram de providenciar para que fosse permitida apenas a entrada de certo número de pessoas.

Isso criou problemas. Aquele policial disse: “Agora há um novo problema! Você fala por duas horas, mas as pessoas começam a chegar duas horas mais cedo porque não conseguirão entrar se chegarem mais tarde.” Ele disse: “Você é especial! Achei que fosse contra Deus.” E eu disse ao seu ouvido: “Ainda sou, mas não diga nada porque ninguém acreditará. E sempre permanecerei contra Deus. Antes de partir deste mundo, revelarei tudo. Mas você não deve dizer nada, porque ninguém vai acreditar em você e negarei categoricamente ter-lhe dito qualquer coisa.”

Eu tive de encontrar meu próprio jeito. Falaria sobre Deus e depois diria que “divindade” é uma palavra bem melhor. Essa era uma maneira de descartar de Deus. Mas, como eu estava falando sobre Deus, as pessoas envolvidas – que eram verdadeiros buscadores sendo explorados pelo sacerdócio religioso – começaram a ficar interessadas em mim. Encontrei a nata de todas as religiões.

De outra maneira, eu não teria sido capaz de penetrar em seus rebanhos e as pessoas não teriam conseguido vir até mim. Apenas algumas palavras teriam bastado para afastá-las. E eu não poderia culpá-las, teria de culpar a mim mesmo. Tinha de encontrar alguma maneira de aproximar-me delas. E encontrei essa maneira. Era muito simples... Pensei: “Use as palavras deles, use sua linguagem, use suas escrituras. E se você usar a arma de outra pessoa, não quer dizer que você não possa colocar os seus próprios cartuchos nela. A arma é de outro; os cartuchos são meus! O trabalho real vai resultar dos cartuchos, não da arma. Então, qual é o dano?”

E foi fácil, muito fácil, porque eu podia usar palavras hindus e jogar o mesmo jogo podia usar palavras muçulmanas e jogar o mesmo jogo; podia usar palavras cristãs e jogar o mesmo jogo.

Não só pessoas comuns estavam vindo até mim, mas monges jainistas, hindus, budistas, freiras, missionários e sacerdotes cristãos. Todos os tipos de pessoas começaram a vir até mim. E acreditem... ninguém me via rir, porque eu havia rido tanto por dentro que não havia mais necessidade disso. Tenho contado anedotas para vocês, mas eu mesmo não rio, porque tenho me divertido a minha vida toda! O que pode ser mais divertido? Consegui enganar todos aqueles sacerdotes e grandes intelectuais muito facilmente. Eles começaram a vir até mim e fazer perguntas. Eu só tinha de ficar alerta para usar o vocabulário deles e, entre as linhas, entre as palavras, prosseguir colocando o que verdadeiramente eu estava interessado.

Aprendi essa arte com um pescador. Eu costumava passar horas sentado à beira do rio, porque era o lugar mais belo do meu povoado. De manhã era belo e ao anoitecer era belo. Havia árvores grossas inclinadas sobre o rio. E no calor do verão, era possível sentar-se dentro do rio, dentro da água; e era tão fresco, que se podia esquecer que era verão.

Eu ficava sentado olhando o sol da manhã. Por toda parte, os pescadores colocavam iscas em anzóis. Eles cortavam pequenos insetos aos pedaços, que são deliciosos para os peixes, e os enganchavam na linha de pesca. Os peixes vêm, pegam o inseto, e o anzol pega o peixe. Quando engole o inseto, o peixe é capturado pelo anzol e pode ser puxado imediatamente.

Olhando para um pescador, pensei: “Tenho de encontrar alguma forma de fisgar meu povo. As pessoas estão em diferentes rios, ninguém é meu.” Eu estava só. Ninguém era corajoso o bastante para se associar a mim ou caminhar comigo porque o povo iria pensar que essa pessoa também tinha se perdido.

Encontrei minha isca: as palavras. No início, as pessoas ficaram realmente chocadas. Aquelas que me conheciam havia anos, que sabiam que eu sempre fui contra Deus, ficaram absolutamente confusas. E isso aconteceu repetidas vezes. Certa vez, eu estava falando em um instituto muçulmano em Jabalpur. Um dos meus antigos professores muçulmanos se tornara diretor deste instituto e não sabia que o palestrante seria a mesma pessoa que ele havia

conhecido como aluno. Alguém lhe disse que me ouvira falar sobre os sufis e que fora algo inacreditável: “Nós não havíamos pensado nos sufis dessa maneira, e nosso instituto ficaria honrado com uma visita deste homem.”

Se um muçulmano falar sobre a Bíblia, os cristãos se sentirão muito lisonjeados. Seus egos ficarão enormemente fortalecidos. Se um muçulmano, um hindu, um budista falar sobre Jesus, elogiando-o e às suas palavras... Particularmente na Índia, onde os muçulmanos e os hindus matam-se uns aos outros, se alguém que não é muçulmano for capaz de falar sobre sufismo... Bem, meu velho professor ficou muito contente e convidou-me para falar. Eu estava em busca de todos esses convites, porque queria encontrar meu povo, e as pessoas estavam escondidas em diferentes lugares.

Quando meu professor me viu, disse:

— Eu só tinha ouvido falar de milagres, nunca os vira, mas este é um milagre! Você está falando sobre sufismo, sobre a filosofia fundamental do islã?

— Não vou mentir... O senhor é meu antigo professor — respondi a ele. — Falarei apenas sobre a minha filosofia. Sim, eu aprendi a arte de lançar de vez em quando a palavra “islã” para as pessoas. Esse tanto eu farei.

— Meu Deus! — disse ele. — Mas agora não tem saída... As pessoas estão esperando por você no auditório. E você é a mesma pessoa travessa, não mudou nada. Está de brincadeira? Um de nossos apreciados professores, que é uma autoridade em sufismo, elogiou-o. E por causa do seu elogio, convidei você.

— O senhor também elogiará minha fala. Mas lembre-se sempre de que vou dizer apenas o que quero dizer. É algo muito simples; se um budista me convida, tenho apenas de mudar algumas palavras em minha fala. E, partindo do sufismo, falo sobre zen, não sobre os sufis. Digo a mesma coisa. O sufismo é apenas um pouquinho modificado aqui e ali. E eu tenho de estar alerta. Não devo me esquecer de com quem estou falando, isso é tudo.

E eu falei. Ele se sentou para ouvir. Estava muito infeliz, mas, quando me ouviu, ficou muito feliz. Veio até mim, me abraçou e disse:

— Você estava brincando.

— Estou sempre brincando... Não leve isso a sério.

— Você é um sufi — disse ele.

— É o que as pessoas dizem...

* * *

Por toda parte, por todo o país, as pessoas me perguntavam milhares de vezes por que eu deixava a barba crescer. Acostumei-me com a pergunta e gostava de respondê-la de diferentes maneiras a diferentes pessoas. Certa vez, no Templo Dourado dos siques em Amritsar, falando sobre Nanak e sua mensagem, um *sardar*^[3] muito velho veio até mim, tocou meus pés e disse:

— *Sardarji*, por que você cortou seu cabelo? — Era uma pergunta nova, feita a mim pela primeira vez. — Sua barba está perfeita, mas por que cortou seu cabelo, sendo um homem tão religioso?

Apenas cinco coisas são necessárias para ser um sique – coisas muito simples, que você pode lidar com elas, qualquer um pode. Elas são chamadas os “cinco Ks”, porque cada palavra começa com K. *Kesh* significa cabelo, *katar* significa faca; *kachchha* significa roupa íntima – o que não consegui compreender. É a única pergunta que não consigo responder. Que filosofia está sendo ensinada? Estranho, mas deve haver alguma razão. Perguntei aos sacerdotes siques e ao seu supremo sacerdote também: “Está tudo bem – deixe crescer seu cabelo e tenha uma espada ou uma faca – mas este *kachchha*...? Que significado teológico, teosófico, filosófico tem *kachchha*?”

Eles respondiam: “Ninguém jamais perguntou sobre isso; temos apenas que seguir estes cinco Ks.”

Aquele velho *sardar* achava que eu também era um *sardar*, porque somente *sardars* haviam falado no Templo Dourado. Minha presença ali era algo inédito. Ele certamente estava confuso por um *sardar* ter cortado o cabelo. Naquela época, eu tinha apenas 30 anos.

— Há uma razão. Ainda não me sinto um perfeito *sardar* e não quero reivindicar ser qualquer coisa que não sou. Então, tenho quatro coisas^[4], mas cortei meu cabelo. Vou deixá-lo crescer quando for um perfeito *sardar*.

— Isso está certo — disse ele. — É extremamente importante que um homem pense sobre isso, que não finja ser um perfeito *sardar*. Você é um *sardar* melhor do que nós! Achamos que somos perfeitos porque temos todas as cinco coisas.

Entre essas pessoas encontrei meu povo. Não foi difícil. Na

verdade, foi muito fácil. Eu usei sua linguagem, seus idiomas religiosos, citei suas escrituras e transmiti minha mensagem. As pessoas inteligentes entendiam imediatamente e começaram a se reunir a meu redor.

Por toda a Índia, comecei a criar grupos do meu próprio povo. Depois de um tempo, não precisei mais falar sobre siquismo, hinduísmo, jainismo. Não havia mais necessidade, mas havia falado sobre essas religiões por dez anos. Lentamente, conforme formava meu próprio povo, parei de falar sobre outros. Parei também de viajar, porque não era mais necessário. Agora eu tinha meu povo. Se quisessem vir até mim, podiam vir.

Falar sobre outras religiões tinha sido uma necessidade absoluta; não havia outra maneira de atrair meu povo. Todos já estão divididos em grupos, não é um mundo aberto: alguém já é um cristão, um hindu, um muçulmano. É muito difícil encontrar uma pessoa que não seja nada. Eu tive de encontrar meu povo nesses rebanhos fechados e, para entrar nos rebanhos, tive de falar a língua deles. Muito lentamente abandonei a linguagem deles, à medida que a minha mensagem se tornava cada vez mais clara.

Naquela época, eu tinha de falar em nome da religião, em nome de Deus. Era compulsório. Eu não tinha alternativa. Não que eu não tivesse tentado outras coisas: eu tentei, mas descobri que as portas estavam simplesmente fechadas.

Até meu pai ficou confuso, mais do que qualquer outra pessoa, porque ele me conhecia desde que nasci e sabia que era contra a religião, contra os sacerdotes. Quando comecei a falar em conferências religiosas, ele me perguntou se eu havia mudado. Eu disse: “Nem um pouco. Apenas mudei minha estratégia; do contrário, seria difícil falar na conferência mundial hindu. Eles não permitiriam um ateuista em seu palco, um amoral, uma pessoa ímpia. Mas me convidaram e, em nome da religião, eu disse tudo *contra* a religião.”

O *shankaracharya*, chefe da religião hindu, presidiu a conferência. O rei do Nepal, único reino hindu do mundo, abriu a conferência. O *shankaracharya* ficou em uma situação de grande dificuldade porque minha fala foi uma absoluta sabotagem a toda a conferência, mas a maneira como eu falava deixava as pessoas impressionadas. Ele ficou tão zangado que se levantou e tentou arrancar o microfone das minhas mãos... – pobre velho! Enquanto ele estava tentando arrancá-lo, eu

pedi apenas mais um minuto. Então, ele parou por um minuto, e em um minuto eu me impus!

Havia ali pelo menos 100 mil pessoas, e eu lhes perguntei: “O que vocês querem? Ele é o presidente, pode me deter se quiser, e eu certamente pararei. Mas vocês vieram aqui para ouvir. Se quiserem me ouvir, ergam as mãos. E, para deixar claro, ergam as duas mãos.”

Duzentas mil mãos... Olhei para o velho e disse: “Agora, sente-se. O senhor não é mais presidente. Duzentas mil mãos o aboliram completamente. Quem o senhor representa? O senhor era presidente. Estas pessoas o elegeram presidente e agora revogaram seus poderes. Então, vou falar pelo tempo que quiser.”

Falar a essas pessoas teria sido impossível de outra maneira. E conversei com centenas de pessoas nesse encontro. Bihar tornou-se uma fonte de muitos dos meus *sannyasins*. Da mesma maneira, movimente-me pelo país, indo a conferências religiosas e atraindo pessoas. E uma vez que tivesse meu próprio grupo em uma cidade, nunca mais me preocupava com suas conferências; meu grupo passava a conduzir suas próprias conferências, seus encontros, mas isso leva tempo.

* * *

Uma vez, falei em uma conferência com Chandan Muni, um monge jainista que era muito respeitado entre os seus. Ele falou primeiro sobre o eu, e sobre a realização e o êxtase do eu. Eu estava sentado ao seu lado, observando o homem. Todas as suas palavras eram vazias; não tinham o apoio da sua experiência. Eu podia ver em seus olhos que não havia profundidade.

Quando chegou minha vez, a primeira coisa que eu disse foi: “Chandan Muni simplesmente repetiu as escrituras como um papagaio. Ele fez um bom trabalho. Sua memória é boa, mas ele não tem a experiência.”

Houve um grande rebuliço porque se tratava de uma conferência de jainistas. Algumas pessoas começaram a se levantar e sair. Eu disse: “Esperem! Vocês devem me ouvir por pelo menos cinco minutos e então poderão sair. Sou novo para vocês. Vocês não me conhecem. Peço pelo menos cinco minutos para terem uma pequena introdução sobre o tipo de homem que estarão deixando para trás e então estarão

livres.”

Falar durante cinco minutos foi o bastante. Após esse tempo, eu disse: “Agora, quem quiser ir embora deve sair imediatamente”.

Ninguém se levantou. Então, falei por quase duas horas. Não havia pensado em falar durante tanto tempo, pois fora convidado para falar por apenas dez minutos. Mas, vendo que as pessoas estavam ouvindo e que ninguém havia saído, o presidente ficou temeroso. Até Chandan Muni ouvia alerta e intensamente. O presidente estava com medo de me perturbar porque sabia que eu não podia ser detido. Eu não iria parar. Eu poderia expulsar aquele presidente. Ele entendeu isso e permaneceu sentado e quieto.

Depois de ouvir-me por duas horas, Chandan Muni me enviou uma mensagem naquela tarde pedindo que eu fosse ao seu encontro no templo jainista, já que ele, como monge jainista, não poderia sair do templo e vir até mim. Fui até lá, onde havia no mínimo duzentas pessoas reunidas. Ele queria privacidade absoluta, então me fez entrar em uma sala, fechou as portas, sentou-se comigo no chão e disse:

— Você estava certo. Eu não tenho coragem de dizê-lo em público, mas você estava certo. Não tenho nenhuma experiência sobre o “eu”, não tenho nenhuma experiência de autorrealização. Não sei se tal coisa existe ou não, e você está absolutamente certo ao dizer que apenas repito as escrituras como um papagaio. Mas ajude-me... Estou aprisionado. Não posso ir a lugar nenhum. Sou o chefe de uma comunidade e não posso sequer lhe fazer perguntas na frente de outras pessoas. Elas acham que já sou autorrealizado, então por que faria perguntas? Eu deveria conhecer as respostas.

E havia lágrimas em seus olhos.

— Farei o melhor de mim para ajudá-lo — respondi — porque conheci muitos líderes religiosos, mas não com um coração tão sincero. E sei perfeitamente bem que o senhor não pode permanecer nesta escravidão por muito tempo. Encontrou um homem perigoso, e foi o senhor mesmo quem me convidou!

E em dois anos, aconteceu. Ele manteve contato comigo, trocando cartas, aprendendo a meditar, praticando meditação e, após dois anos, saiu da comunidade jainista. Ele era muito respeitado e a comunidade jainista é muito rica, mas ele se desligou dela. Então, veio ao meu encontro. Eu não podia acreditar naquilo. Quando entrou na minha casa, disse:

— Sou Chandan Muni.

— O senhor mudou muito!

— Estar livre de uma prisão, estar livre do conhecimento emprestado foi um alívio tão grande que me tornei novamente jovem — disse ele, que já estava com 70 anos. — Agora estou pronto para fazer o que você quiser. Arrisquei tudo. Eu era rico e renunciei à minha riqueza para me tornar um monge jainista. Agora renunciei ao jainismo, ao mosteiro, apenas para ser ninguém, para ter total liberdade para experimentar.

* * *

Se vejo pessoas sentadas em silêncio, atentas, meditativas, posso dizer coisas muito elevadas, coisas muito mais complicadas, mas, se não há amigos diante de mim, sempre tenho de começar com o abecê. Nesses casos, o avião nunca pode decolar e funciona como um ônibus. Você pode usar um avião como um ônibus, mas ele só pode decolar quando ganha velocidade e é necessário certa situação para que ele ganhe velocidade.

Eu falava para milhares de pessoas na Índia, então tive de parar. Falava para milhares – em um único encontro, chegava a falar para 50 mil pessoas. Viajei pelo país durante quinze anos, de um canto a outro, mas simplesmente me cansei, porque a cada dia eu tinha de começar com o abecê. Era sempre o abecê, e ficou claro que eu nunca conseguiria chegar ao fim. Tive de parar de viajar.

Expressando o inexprimível: os silêncios entre as palavras

Durante 35 anos, falei continuamente sem nenhum propósito. Falando tanto assim poderia ter me tornado um presidente ou um primeiro-ministro sem problemas. Falando tanto assim poderia ter feito qualquer coisa. O que ganhei com isso?

Em primeiro lugar, não é verdade que não ganhei nada, porque eu gostei. Era a minha pintura, a minha canção, a minha poesia. Os momentos em que falo e sinto a comunhão acontecer, os momentos em que os olhos das pessoas flamejam, quando vejo que elas entenderam o fundamental, proporcionam-me tamanha alegria que não consigo pensar em nada a ser adicionado a ela.

* * *

Vocês não têm informações sobre milhares de pessoas iluminadas que viveram e morreram, porque elas não tinham talentos especiais para se tornarem visíveis ao homem comum. Elas podem ter tido algo único, por exemplo, a imensa qualidade de serem silenciosas, mas isso não seria algo muito percebido.

Conheci um homem iluminado quando estive em Bombaim. Seu único talento era fazer belas esculturas de areia. Nunca vi esculturas tão belas! O dia todo ele esculpia na praia, e milhares de pessoas as viam e ficavam impressionadas. Elas já haviam visto estátuas de Gautama Buda, Krishna e Mahavira, mas não havia comparação. E ele não trabalhava com mármore, apenas com areia molhada. As pessoas atiravam notas de rúpias, mas ele nem se incomodava. Vi outras pessoas levarem embora as notas, e ele também não se importava com isso. Estava totalmente absorvido em suas esculturas. Mas elas não duravam. Bastava uma onda do mar chegar, e o Buda desaparecia.

Antes da sua iluminação, ele ganhava a vida dessa maneira, mudando-se de uma cidade para outra e fazendo esculturas de areia. E elas eram tão belas que era impossível não lhe dar algo. Ele ganhava muito, o bastante para um homem. Então, tornou-se iluminado, mas só tinha esse talento de fazer esculturas de areia. É claro que ele fará esculturas de areia que apontem para a iluminação, mas essa é a única coisa que ele pode oferecer. A existência usará isso. Suas esculturas serão mais meditativas. Sentando-se ao lado de suas esculturas de areia é possível sentir que ele deu uma proporção à obra, certa forma, certa face que cria algo dentro das pessoas.

Eu lhe perguntei por que continuava fazendo esculturas de Gautama Buda e Mahavira em um país que não é budista e onde poucos são janistas. Ele poderia ganhar mais fazendo Rama ou Krishna, ele disse: “Eles não servirão ao propósito. Eles não apontam para a lua. Serão belas esculturas, e já fiz todas essas esculturas antes, mas agora só posso fazer aquilo que representa um ensinamento, mesmo que seja invisível para milhões de pessoas, para quase todas.

Quando fui viver permanentemente em Bombaim, ele já havia morrido, mas antes eu fazia questão de visitá-lo na praia de Juhu. Lá, boa parte do dia é silenciosa; as pessoas só iam à praia à tarde, e a essa hora a escultura já estava pronta. Antes disso, não havia nenhuma agitação.

— Você sabe fazer esculturas... Por que não trabalha com mármore? — perguntei-lhe certa vez. — Elas permanecerão para sempre.

— Nada é permanente — respondeu ele, citando Buda. — Essas esculturas representam Gautama Buda melhor do que qualquer peça de mármore. Uma escultura de mármore tem certa permanência, e estas são momentâneas: basta um vento forte e elas se vão, basta uma onda do mar e elas se vão. Uma criança pode tropeçar na escultura e ela se vai.

— Mas você não se sente mal quando trabalha o dia todo, a escultura está quase terminada, então alguma coisa acontece e o trabalho desaparece?

— Não. Toda existência é momentânea; não existe frustração. Eu gostei de fazer a escultura, e se uma onda do mar gostou de desfazê-la, nós dois sentimos prazer no que fizemos! Eu gostei de fazê-la, e a onda gostou de desfazê-la. Então, houve uma quantidade dupla de prazer...

Por que eu deveria estar frustrado? A onda tem tanto poder quanto eu sobre a areia, talvez tenha mais.

Em outro momento da conversa, ele disse:

— Você é um pouco estranho... Ninguém fala comigo. As pessoas simplesmente jogam rúpias. Elas gostam da escultura, mas ninguém gosta de mim. Mas, quando você vem, eu me sinto tão feliz, porque há alguém que gosta de mim, que não está interessado apenas com a escultura, mas com seu significado interno, com seu porquê. Não sei fazer outra coisa. Toda a minha vida fiz esculturas. Essa é a única arte que conheço. E agora estou rendido à existência, agora a existência pode me usar.

Estas pessoas permanecerão desconhecidas. Um dançarino pode ser um buda, um cantor pode ser um buda, mas estas pessoas não serão reconhecidas como iluminadas pela simples razão de que a sua maneira de fazer coisas não se torna um ensinamento: ela não pôde ajudar as pessoas a realmente sair do seu sono. Mesmo assim, essas pessoas estão dando o melhor de si, o que podem fazer, estão fazendo...

As poucas pessoas que se tornam mestres são aquelas que ganharam, em suas muitas vidas, certa articulação, certa percepção das palavras, da linguagem, do som das palavras, da simetria e da poesia da linguagem. Isso é algo totalmente diferente. Não é uma questão de simples linguística ou gramática; é mais uma questão de encontrar, na linguagem comum, uma música extraordinária, de criar uma qualidade de alta poesia na prosa comum. Essas pessoas sabem como jogar com as palavras para que os outros possam ser ajudados a ir além das palavras.

Não que elas tenham escolhido tornar-se mestres e não que a existência as tenha escolhido. É apenas uma coincidência: antes da iluminação, eram ótimos professores, e por causa da iluminação tornaram-se mestres. Agora podem elevar seu ensino à maestria – e certamente esta é a parte mais difícil.

Aqueles que permanecem silentes e desaparecem pacificamente sem serem conhecidos têm um caminho fácil, mas um homem como eu não poderia ter um caminho fácil. Não foi fácil quando eu era professor... Como poderia ser fácil quando sou um mestre? Tem que ser difícil.

Quase todos apontam que a maneira como eu falo é um pouco estranha. Nenhum palestrante fala como eu. Tecnicamente, meu modo de falar está errado, porque leva quase o dobro do tempo! Mas os outros palestrantes têm um propósito diferente. Eles falam porque estão preparados para isso; simplesmente repetem algo que já ensaiaram. Em segundo lugar, eles buscam impor certa ideologia, certa ideia ao seu público. Em terceiro lugar, eles consideram que falar é uma arte a ser continuamente aperfeiçoada.

No que me diz respeito, não sou o que eles chamam de palestrante ou orador. Para mim, falar não é uma arte nem exige uma técnica; em teoria, vou me tornar cada dia pior! Mas nossos propósitos são totalmente diferentes. Não quero impressionar as pessoas para manipulá-las. Não quero persuadi-las. Não falo para convertê-las em cristãs, hindus ou muçulmanas, em teístas ou em ateístas. Essas não são minhas preocupações.

Minha fala é, na verdade, um dos meus mecanismos para a meditação. A fala nunca foi usada desta maneira: eu não falo para transmitir uma mensagem às pessoas, mas para deter o funcionamento da sua mente. Não falo nada que foi preparado anteriormente. Eu mesmo não sei o que vai acontecer quando proferir a palavra seguinte, por isso nunca cometo erros. Só se comete um erro quando se está preparado. Eu nunca esqueço nada porque uma pessoa só esquece se tiver algo de que se lembrar. Então, eu falo com uma independência com a qual ninguém jamais falou.

Não me preocupa ser consistente, porque esse não é o meu propósito. Um homem que quer convencê-lo e manipulá-lo através da fala tem de ser consistente, tem de ser lógico, tem de ser racional para dominar sua razão. Ele quer dominar através das palavras.

Um dos livros mais famosos de Dale Carnegie é sobre a arte de falar e influenciar pessoas, mas eu teria sido reprovado em suas provas. Ele dava um curso para treinar missionários, professores e oradores. Eu teria sido reprovado em todos os pontos. Em primeiro lugar, não tenho motivação para converter as pessoas e não tenho absolutamente nenhum desejo de impressioná-las. E não me lembro do que disse ontem, por isso não posso me preocupar em ser consistente... Isso é preocupação demais. Posso me contradizer facilmente porque

não tento estabelecer uma comunicação com sua mente intelectual e racional.

Tenho o único propósito de usar palavras para criar intervalos de silêncio. Para mim, as palavras não são importantes; por isso eu posso dizer coisas contraditórias, coisas absurdas, coisas não relacionadas, porque meu propósito é apenas criar intervalos de silêncio. As palavras são secundárias; os silêncios entre essas palavras são o principal. A fala é simplesmente um artifício para proporcionar ao ouvinte um vislumbre da meditação. E quando você sabe que isso é possível para você, é porque já viajou para bem longe na direção do seu próprio ser.

A maior parte das pessoas acha que não é possível manter a mente silenciosa. E porque acham que não é possível, não experimentam. A razão básica da minha fala é dar às pessoas uma amostra da meditação e, para isso, posso continuar falando eternamente, não importa o que esteja dizendo. Tudo o que importa é que eu lhes dê algumas chances de estarem silenciosos, o que, no início, vocês acham difícil de conseguir por sua própria conta.

Não posso obrigá-las a serem silenciosas, mas posso criar um dispositivo em que elas sejam espontaneamente impelidas a sê-lo. Se no meio de uma frase, quando os ouvintes esperam pela próxima palavra, eu faço um intervalo, suas mentes procurarão ouvir o que virá a seguir e se tornarão naturalmente silenciosas. O que as pobres mentes podem fazer? Se soubessem em que pontos eu ficaria em silêncio, elas poderiam usar esses momentos para pensar e não estariam em silêncio. Mas esses momentos surgem absolutamente de repente... Eu mesmo não sei por que paro em certos pontos.

Qualquer orador no mundo seria condenado por algo assim, pois parar repetidas vezes significaria que ele não está bem preparado, que não fez sua lição de casa, que sua memória não é confiável, que às vezes não consegue encontrar a palavra certa. Mas, como o que faço não é oratória, não estou preocupado com as pessoas que me condenarão: estou preocupado com as pessoas que querem me ouvir.

E isto não acontece apenas aqui, na minha presença física, mas em lugares bem distantes, onde quer que estejam assistindo o vídeo ou escutando o áudio, as pessoas farão o mesmo silêncio. Meu sucesso não está em convencer vocês, e sim em dar-lhes um verdadeiro sabor, de modo que vocês possam ficar certos de que a meditação não é uma

ficção e de que o estado de não mente não é apenas uma ideia filosófica, mas uma realidade; de vocês são capazes de alcançá-lo sem necessidade de nenhuma qualificação especial.

Não importa se a pessoa é pecadora ou santa. Se o pecador puder ficar em silêncio, ele atingirá a mesma consciência que o santo. A existência não é tão mesquinha quanto as religiões têm ensinado. A existência não é como a KGB ou o FBI, observando todos para ver o que estão fazendo, se o homem vai ao cinema com sua esposa ou com a esposa de outro. A existência não está nem um pouco interessada nessas coisas. A esposa ser ou não sua é apenas um problema criado pelo homem. Na existência não há nada como casamento. A existência não pode ver diferença entre tirarmos dinheiro do nosso próprio cofre ou do cofre de outra pessoa. Estamos tirando dinheiro do cofre – esse é um fato –, mas a quem o cofre pertence não interessa absolutamente à existência.

Certa vez, perguntaram a George Bernard Shaw se um homem pode viver a vida preguiçosamente, apenas mantendo as mãos nos bolsos e divertindo-se, e Shaw respondeu: “Sim, só que os bolsos devem ser de outra pessoa!”

Mantendo suas mãos nos próprios bolsos, as pessoas não podem sobreviver! E o fato é que quase todos têm suas mãos nos bolsos de outra pessoa. E essa pessoa pode ter as mãos *dela* nos bolsos de outra; assim, ela não pode impedi-lo de fazer isso também, porque ao impedi-lo, ela será impedida. Então, a pessoa tem de aceitar o fato, e, se tem suas mãos em um bolso mais rico, ela não se importará com você. Preferirá que continue o que está fazendo, que não crie confusão.

A existência não tem moralidade. Ela é amoral. Para a existência, não há nada errado nem nada certo. Só uma coisa é certa – a pessoa tem de estar alerta e consciente. Então você será feliz.

É muito estranho que nenhuma religião tenha definido que fazer o certo é ser feliz ou que ter virtude é ser feliz. Elas têm dificuldade para definir a felicidade porque as pessoas pecadoras parecem mais felizes que aquelas que se acham santas! Os santos parecem absolutamente infelizes. E se disserem que a felicidade é o resultado de fazer o certo ou o errado, destruirão toda a sua superestrutura. Os santos vão parecer pecadores e os pecadores vão parecer santos.

Este é meu critério porque eu não me importo com as escrituras,

não me importo com os profetas, não me importo com o passado. Tenho meus próprios olhos para ver, por que iria depender dos olhos de outra pessoa? E tenho minha própria consciência, por que deveria depender de Gautama Buda, Bodhidharma ou Jesus Cristo? Eles viveram suas vidas segundo seu próprio entendimento e percepção, e eu vivo minha vida de acordo com meu entendimento e minha percepção.

Meu esforço ao falar com as pessoas é para dar-lhes uma chance de ver que são capazes de se tornar não mentes como qualquer Gautama Buda, que essa não é uma qualidade especial dada a poucas pessoas, não é um talento. Nem todos podem ser pintores e nem todos podem ser poetas, pois esses são talentos. Nem todos podem ser gênios se não nasceram com essa qualidade. Mas todos podem ser iluminados. Essa é a única coisa na qual o comunismo poderia existir. E, estranhamente, é a única coisa que o comunismo nega.

A iluminação é a única experiência em que todos são iguais e igualmente capazes. Não depende de seus atos, não depende de suas orações, não depende de acreditar ou não em Deus. Depende apenas de sentirem-se confiantes de que são capazes. Minha fala é apenas para dar-lhes confiança. Para isso, posso contar uma história ou uma piada absolutamente não relacionada com o assunto.

Qualquer intelectual me condenará, dizendo: “Que espécie de fala é esta?”, mas eles não entendem meu propósito. Não é uma palestra, não é uma conferência. É simplesmente um dispositivo para proporcionar confiança a vocês e aos seus corações de que podem ficar em silêncio. Quanto mais confiantes vocês se tornarem, mais capazes serão. Sem a minha fala, vocês encontrarão seus próprios dispositivos. Por exemplo, vocês podem ouvir os pássaros, que começam e param de cantar a qualquer momento. Escutem... Não há razão para um corvo grasnar e, em seguida, parar. Ele está lhes dando uma oportunidade. As pessoas poderão encontrar essas oportunidades quando souberem percebê-las. Poderão encontrá-las até mesmo no mercado, onde há tanto ruído, tanto movimento.

Então, minha fala não é oratória, não é uma doutrina que eu estou pregando às pessoas. É simplesmente um dispositivo arbitrário para dar-lhes uma amostra do que é o silêncio e para torná-los confiantes de que perceber o silêncio não é um talento de uma pessoa especialmente qualificada, não tem nada a ver com uma longa

austeridade, ou com aqueles que se dizem virtuosos. Isto pertence a todos, sem qualquer condição; basta vocês ficarem conscientes do silêncio. Este é o meu propósito ao falar com as pessoas.

Quando vocês tiverem certeza de que podem ficar em silêncio, todo o seu foco irá mudar. Não é uma questão de disciplina, não é uma questão de estar orando, não é uma questão de acreditar em Deus e todos esses tipos de coisas. É uma questão de sentir sua própria possibilidade. Uma vez que você conheça a possibilidade e confie nela, toda a sua visão terá uma cor diferente.

Minha própria experiência é que se você puder estar em silêncio, se conseguir transcender a mente e sua consciência puder crescer, não importa o que você faz; suas ações não serão levadas em conta, apenas sua consciência. As ações são coisas muito pequenas, mas até agora todas as religiões têm prestado atenção nas ações, não na consciência. Elas treinam as pessoas para agirem corretamente e para saberem o que deve ser evitado, mas ninguém lhes diz que não serão autenticamente religiosas a menos que sua consciência se eleve.

Para mim foi uma surpresa descobrir que quando você se torna silencioso, quando se torna consciente e mais alerta, suas ações começam a mudar – e não vice versa. Você pode mudar suas ações, mas isso não o tornará mais consciente. Quando você se tornar mais consciente, é que suas ações vão mudar... Isso é absolutamente simples e científico. Você estava fazendo algo estúpido; à medida que você se tornar mais alerta e mais consciente, não poderá mais fazê-lo.

Não é uma questão de recompensa ou de punição. É simplesmente sua consciência, seu silêncio, sua paz, que farão com que olhe profundamente para tudo o que faz. Você não poderá ferir ninguém; não poderá ser violento, não poderá ficar com raiva, não poderá ser ganancioso. Sua consciência proporcionou-lhe tanta felicidade... O que a ganância pode oferecer exceto ansiedade? O que a ambição pode lhe dar? Apenas uma luta contínua para subir cada vez mais alto em alguma escada.

Quando a consciência torna-se mais assentada, todos os padrões de vida mudam. O que as religiões chamam de pecado desaparece, e o que chamam de virtude automaticamente flui de seu ser, de suas ações. Mas as religiões têm feito exatamente o contrário, tentando mudar primeiro os atos. É como se as pessoas estivessem em uma casa escura, tropeçando nos móveis e nos objetos, e dissessem a elas que

não terão luz a menos que parem de tropeçar. O que estou dizendo é: traga a luz e os tropeços desaparecerão. Se houver luz, por que você tropeçaria nas coisas? Toda vez que você tropeça, toda vez que bate a cabeça na parede, dói. Isto é em si uma punição, um ato errado é em si uma punição, não há ninguém registrando os seus atos. E toda bela ação é em si uma recompensa. Mas primeiro traga luz para sua vida.

A meditação é um esforço para trazer luz, alegria, silêncio e felicidade e, no belo mundo da meditação, é impossível você fazer algo errado. Então, eu mudei o caminho completamente. As religiões insistem na ação; minha insistência é na consciência que só pode se desenvolver no silêncio. O silêncio é o solo certo para a consciência. Quando as pessoas são ruidosas, não podem ficar muito alertas nem conscientes. Quando as pessoas estão alertas e conscientes, não podem ser ruidosas, pois estes dois estados não podem coexistir.

Então, a minha fala, a minha conversa, não deve ser categorizada como qualquer outro tipo de oratória. É um dispositivo para a meditação, para proporcionar às pessoas a confiança que foi tirada pelas religiões. Em vez de confiança, as religiões lhes deram culpa, que as deprimem e as mantêm tristes. Uma vez que você se torne confiante de que grandes coisas estão disponíveis para você, não se sentirá inferior, não se sentirá culpado, e sim abençoado. Sentirá que a existência o preparou para ser um dos picos de consciência.

É preciso um pouco de tempo para ganhar confiança, por isso eu venho falando continuamente, de manhã até a noite, por quase trinta anos. Talvez eu tenha parado duas ou três vezes nestes trinta anos por não estar me sentindo bem. Mas, como não posso continuar falando sem parar para mantê-los em momentos de meditação, quero que vocês se tornem responsáveis. Aceitar que são capazes de ficar em silêncio vai ajudá-los quando estiverem meditando sozinhos. Conhecer sua capacidade... e uma pessoa só vem a conhecer sua própria capacidade quando a vivencia. Não há outra maneira.

Prestem mais atenção a isso, ao que os tornam silenciosos. Não me tornem totalmente responsável por seu silêncio, porque isso vai criar uma dificuldade para vocês. O que farão quando estiverem sozinhos? Eu passaria a ser uma espécie de vício, e não quero que sejam viciados em mim. Não quero ser uma droga para vocês.

Os chamados mestres e professores de religião de todo o mundo – e eu já cruzei com quase todos os tipos de professores – querem que

seus discípulos sejam viciados neles, dependentes deles. Essa é sua viagem de poder. Eu não tenho nenhuma viagem de poder. Eu amo as pessoas, estejam ou não comigo. Quero que elas sejam independentes e confiantes de que podem atingir esses preciosos momentos sozinhas.

Se vocês conseguem atingi-los quando estão comigo, não há razão para não poderem atingi-los sem mim, porque eu não sou a causa. É preciso entender o que acontece: ao me ouvir, você coloca sua mente de lado. Ao ouvir o oceano, o ruído das nuvens ou a chuva pesada, coloque seu ego de lado, porque não há necessidade dele... O oceano não vai atacá-lo, a chuva não vai atacá-lo, as árvores não vão atacá-lo, portanto não há necessidade de qualquer defesa. Estando vulnerável à vida como tal, à existência como tal, você estará desfrutando desses momentos continuamente, e logo isso se tornará sua própria vida.

SEGUNDA PARTE



REFLEXOS EM UM ESPELHO VAZIO

As muitas faces de um homem que nunca existiu

P: Quem é você?

R: Quem você quiser achar que sou, porque isso depende de você. Se olhar para mim com total vazio, eu serei de um jeito. Se olhar para mim com ideias, essas ideias vão me colorir. Se vier até mim com preconceito, então serei diferente. Sou apenas um espelho. Sua própria face estará refletida nele. Há um ditado que diz que se um macaco se olhar no espelho não encontrará um apóstolo olhando para ele. Encontrará apenas um macaco.

Assim, essa resposta depende da maneira como você olha para mim. Eu desapareci completamente, portanto não posso impor quem eu sou. Não tenho nada a impor. Há apenas um vazio, um espelho. Você tem completa liberdade. Se você realmente quer saber quem eu sou, precisa estar absolutamente vazio como estou. Então, dois espelhos estarão olhando um para o outro, e só o vazio estará espelhado. Um vazio infinito estará espelhado: dois espelhos olhando um para o outro. Mas, se você tiver alguma ideia, então verá sua própria ideia em mim.

O guru do sexo

P: As pessoas têm falado sobre você como um guru do sexo livre, que acredita no sexo promíscuo em sessões que envolvem encontros violentos e controle da mente. Isso é verdadeiro ou falso?

R: Você acha que o sexo deve ser cobrado? Que não deve ser livre? Que deve ser pago? Para mim, o sexo é um fenômeno simples, belo, natural. Se duas pessoas quiserem compartilhar energia uma com a outra, não cabe a ninguém interferir. E falar em sexo livre implica em querer que o sexo seja também uma mercadoria que seja adquirida – de uma prostituta por uma noite ou de uma esposa por toda a vida, mas tem que ser adquirida e paga. Sim, então eu acredito no sexo livre. Acredito que o sexo é um direito de nascença de todos e deve ser compartilhado e desfrutado. É divertido. Não há nada de sério no sexo. As pessoas que falam que eu ensino o sexo livre são realmente patéticas. São pessoas sexualmente reprimidas.[1]

* * *

Escrevi um livro – na verdade não o escrevi, meus discursos foram coletados nele – chamado *Do sexo à supraconsciência*. Desde então, publiquei centenas de livros, mas ninguém parece ter lido nenhum outro, pelo menos na Índia. Todos leram *Do sexo à supraconsciência*. E todos o criticam e são contra ele. Artigos e livros ainda são escritos contra ele e os *mahatmas* continuam contra ele. E nenhum outro livro meu é mencionado, nenhum outro livro é examinado. É possível entender isso? É como se eu tivesse escrito apenas um livro. As pessoas estão sofrendo de uma ferida. O sexo tornou-se uma ferida que precisa ser curada.

* * *

O orgasmo sexual, na minha opinião, proporciona às pessoas o primeiro vislumbre da meditação, porque a mente e o tempo param. Nesses momentos, não há tempo e não há mente, as pessoas ficam totalmente silenciosas e felizes. Eu digo isso, uso essa abordagem científica do tema, porque não há outra maneira de o homem entender que quando não existe nem mente nem tempo, ele entra em um estado de felicidade. Fora do sexo, não há como entender que há uma forma de ir além da mente, além do tempo. Foi certamente o sexo que proporcionou o primeiro vislumbre do estado meditativo, mas estou sendo condenado porque estou falando a verdade às pessoas.

Ninguém teve outra ideia para explicar como o homem descobriu a meditação. Não se pode encontrar a meditação simplesmente caminhando em uma estrada – como se ela estivesse lá, disponível, e bastasse ir lá para pegá-la. Onde o homem encontrou a meditação?

Minhas ideias têm sido discutidas e condenadas mundo afora só porque estou falando de partir do sexo para a supraconsciência, mas ninguém deu uma explicação de por que estão me condenando, pois meu livro, que foi traduzido para 34 idiomas, passou por doze edições e é lido até por monges! Sejam eles hindus, jainistas, cristãos ou budistas, os monges são os melhores clientes para esse livro. Houve uma conferência de monges jainistas em Puna alguns meses atrás, e minha secretária me informou: “É estranho. Os monges jainistas vieram aqui e só pediram um livro: *Do sexo à supraconsciência*. E o escondem embaixo das roupas para ninguém perceber.”

O livro *Do sexo à supraconsciência* não é sobre sexo, é sobre supraconsciência, mas a única maneira de o homem descobrir que há uma porta, uma forma de ir além dos seus pensamentos para o silêncio eterno, é o orgasmo sexual. Mesmo que ele dure apenas um momento, esse momento é uma eternidade, pois tudo o mais para. Todas as preocupações e todas as tensões são esquecidas.

* * *

Tenho falado às pessoas que é possível ir do sexo à supraconsciência, e elas ficam muito felizes, mas só ouvem “do sexo” e não ouvem “para a supraconsciência”. Isso acontece tanto com aqueles que estão contra mim como com aqueles que estão a meu favor... Acontece a mesma coisa com ambos! O homem é sempre o mesmo; amigos e inimigos

não são muito diferentes. Estou sendo mal-entendido por oponentes, o que é compreensível, mas também sou mal-entendido por aqueles que me apoiam, o que não é absolutamente compreensível. Os oponentes podem ser perdoados, mas os apoiadores, não.

Muitas perguntas zangadas chegaram até mim porque eu disse que o sexo é estúpido. Uma das minhas *sannyasins* me escreveu: “Foi muita audácia sua dizer que o sexo é estúpido!” Ela deve ter ficado magoada. E posso entender: quando uma pessoa vive de certa maneira, não quer ser descrita como estúpida. Ninguém quer ser chamado de estúpido. Não é com o sexo que ela está preocupada, é com sua vida: se ele for estúpido e você o estiver vivendo, então *sua vida* é estúpida. Isso magoa. Mas eu tenho de dizer que o sexo é uma estupidez mesmo que isso magoe, porque é a única maneira de conscientizar as pessoas de que há alguma coisa a mais na vida, algo mais elevado, algo maior, algo bem-aventurado, mais orgástico. O sexo é apenas um começo, não o fim. E nada é errado se a pessoa a encarar como um início. Porém, se começar a se apegar, as coisas vão começar a dar errado.

Se você passar pelo menos uma hora sentada em *zazen*[2] depois de fazer amor, compreenderá o que estou dizendo quando digo que o sexo é estúpido. Depois de fazer amor, sente-se em *zazen* durante uma hora observando o que aconteceu. Você era mestre do sexo ou apenas um escravo dele? Se você foi o mestre, então o sexo não é estúpido. Se foi um escravo, então ele é estúpido, porque repetindo-o estará tornando sua escravidão cada vez mais forte, estará alimentando sua escravidão.

Somente através da meditação uma pessoa será capaz de entender o que venho dizendo. Não é uma questão a ser decidida por argumentos. Ela só pode ser decidida por sua própria meditação, seu próprio entendimento, sua própria consciência.

* * *

Nunca ensinei o sexo livre, e sim a sacralidade do sexo. Ensino que o sexo não deve ser rebaixado do reino do amor para o reino da lei. No momento em que um homem ama uma mulher porque ela é sua esposa, e não porque simplesmente a ama, ocorre um ato de prostituição legalizada. Sou contra a prostituição, seja ela legalizada

ou não. Eu acredito no amor. Se duas pessoas se amam, podem viver juntas. No momento em que o amor desaparece, elas devem se separar.

Nunca ensinei nada relacionado ao sexo livre, mas o jornalismo idiota da Índia confinou minha filosofia a essas duas palavras. Publiquei quatrocentos livros, apenas um livro fala sobre sexo. Trezentos e noventa e nove livros com os quais ninguém se incomodou e apenas um livro relacionado ao sexo – e que também não é *a favor* do sexo, ele aborda como transformar energia sexual em energia espiritual. É, na verdade, anti-sexo!

O que se fez desde o início foi informar mal as pessoas e, depois, condenar essa má informação. Nunca me representaram honestamente; de outra forma, não acho que a Índia seja tão pouco inteligente. Um país que produziu a filosofia do tantra, um país que construiu templos como Khajuraho e Konarak, não pode ser tão estúpido a ponto de não entender minhas palavras. Khajuraho é minha prova. Toda a literatura do tantra é minha prova. E este é o único país onde algo como o tantra existiu. Em nenhum outro lugar do mundo foi feito qualquer esforço para transformar energia sexual em energia espiritual, e é isso que estou fazendo. Mas os jornalistas não estão interessados na realidade, e sim em sensacionalismo.

O líder de um culto

P: O que cresceu em torno de você tem sido apresentado pelos jornais como um culto, como uma seita. Isso é verdade? Se não for, pode explicar o que é?

R: É simplesmente um movimento, nem um culto nem uma seita nem uma religião, mas um movimento rumo à meditação, um esforço para criar uma ciência do interior. É uma ciência da consciência. Assim como a ciência existe para o mundo objetivo, este movimento está preparando outra ciência para o mundo subjetivo.

O cientista estudará todas as coisas, e nós estudaremos o cientista. Caso contrário, ele ficará de fora! Será capaz de conhecer tudo exceto a si mesmo. Esta é a verdadeira vergonha: que Albert Einstein conheça tanto sobre física, que só doze pessoas no mundo todo possam entendê-lo, mas que não saiba nada sobre si mesmo. Essa é uma condição muito feia. Então, meu trabalho não é um movimento para criar uma religião, mas para criar religiosidade. Eu encaro a religiosidade como uma qualidade – não como uma parte de uma organização, mas como uma experiência interior do próprio ser.^[1]

* * *

As pessoas certamente sofrem lavagens cerebrais. Eu uso uma máquina de lavar a seco; não sou antiquado. E naturalmente as pessoas são viciadas. Quem não é? Um vício nem sempre é mau. Se você for viciado em beleza, poesia, teatro, escultura ou pintura, ninguém lhe dirá para abandonar seu vício. O vício só deve ser abandonado quando torna a pessoa inconsciente. Diz-se aos alcoólicos que eles devem abandonar o vício, mas, aqui, meus ensinamentos são sobre a consciência – viciem-se cada vez mais nela.

E o que há de errado em lavagens cerebrais? Deve-se lavar o cérebro todos os dias, mantê-lo limpo. Alguém gosta de baratas?

Quando lavo o cérebro das pessoas, encontro baratas. São animais muito especiais. Foi comprovado cientificamente que onde há homens há também baratas. Eles estão sempre juntos, são os mais antigos companheiros.

O que você tem em seu cérebro? Se você tem baratas em seu cérebro, lavá-lo está perfeitamente certo. Mas as pessoas têm dado a isso uma conotação muito errada. Essas são as pessoas erradas.

Os cristãos têm medo de que alguém lave o cérebro de outros cristãos porque então eles não serão mais cristãos. Os hindus têm medo, porque então essas pessoas não serão mais hindus. Os muçulmanos têm medo e os comunistas têm medo. Todos têm medo da lavagem cerebral, mas eu sou absolutamente a favor dela. Há um velho ditado que diz que a limpeza está perto de Deus. Agora não há Deus, então só restou a limpeza. A limpeza é Deus.

Não tenho medo de lavagens cerebrais porque não estou pondo baratas na cabeça de ninguém. Estou dando-lhes uma oportunidade de ter a mente limpa, e quem tem a mente limpa não permite que alguém atire lixo e estrume nela. Estes são os criminosos.

A lavagem cerebral não é um crime. Quem sujou o cérebro? Sujar a mente de outra pessoa é um crime, mas todas as religiões, todos os líderes políticos, usam sua mente como um vaso sanitário. Esses maus companheiros condenam lavagens cerebrais, mas elas são uma atividade perfeitamente benéfica.

Sou um lavador de cérebros, e aqueles que vêm até mim devem ter a concepção clara de que estão procurando um homem que com certeza lhes fará uma lavagem cerebral para limpar suas mentes de todos os tipos de baratas. Hindus, muçulmanos e cristãos são contra mim pela simples razão de que continuam introduzindo suas baratas e eu continuo lavando as mentes das pessoas. É simplesmente uma lavanderia religiosa moderna.

* * *

Meu esforço é no sentido de remover todas as tradições, ortodoxias, superstições e crenças da mente do homem, para que ele possa atingir um estado de não mente, o estado fundamental do silêncio, em que nem um único pensamento se move, em que não há nem uma onda no lago da sua consciência.

E a coisa toda precisa ser feita pela própria pessoa. Não digo: “Sigam-me, eu sou o salvador, eu salvarei vocês”. Tudo isso é bobagem. Ninguém salva ninguém; só a própria pessoa pode se salvar. E a independência espiritual é a única digna de ser chamada de independência. Todas as outras independências – política, econômica etc. – são apenas passáveis, superficiais. A independência verdadeira e autêntica consiste em não depender de ninguém para seu crescimento interior.

Aqueles que vieram até mim tornaram-se cada vez mais independentes, cada vez mais si mesmos. Por isso me amam. Não os transformo em uma multidão, mas faço-os ser absolutamente individuais. Não transmito ideologias e disciplinas a serem praticadas, simplesmente compartilho minha própria experiência. A partir dessa experiência, cabe a eles encontrarem sua própria disciplina.

Esta é uma companhia, mas não de um mestre e seus discípulos. Esta é uma companhia de um mestre e potenciais mestres.

O charlatão

Tenho de trabalhar em dois níveis: o nível onde as pessoas vivem, onde elas estão, e o nível onde eu estou e quero que vocês também estejam. Do alto de uma montanha, tenho de descer ao vale onde vocês estão; do contrário, não ouvirão e não acreditarão que existe um topo ensolarado. Tenho de tomar suas mãos nas minhas, persuadi-los – e, no caminho, contar histórias que não são verdadeiras. Mas elas os mantêm engajados, sem criar problemas na caminhada; vocês seguem em frente, envolvidos pela história. E, quando atingirem o alto da montanha, saberão por que eu contei longas histórias e se sentirão gratos por eu tê-las contado; do contrário, não teriam suportado aquela longa subida até o alto da montanha.

Todos os mestres contam histórias e parábolas. Por quê? A verdade pode ser dita de maneira simples e não há necessidade de contar tantas histórias, mas a noite é longa, e as pessoas têm de ser mantidas acordadas; sem as histórias, elas dormiriam. Há uma necessidade absoluta de mantê-las envolvidas até que a manhã chegue, e as histórias que os mestres contam são as mais intrigantes possíveis. A verdade não pode ser dita, mas as pessoas podem ser conduzidas ao ponto de onde poderão vê-la.

* * *

Lembrei-me de uma história: um rei – disfarçado, é claro – costumava dar uma volta em sua cidade todas as noites. Ele estava muito intrigado com um homem, um jovem muito bonito, que estava sempre sentado, todas as noites, sob uma mesma árvore à margem de uma rua. Finalmente, a curiosidade venceu, e o rei parou seu cavalo diante do homem:

— Por que você não vai dormir? — perguntou ele.

— As pessoas vão dormir porque não têm nada para guardar, e eu

tenho tantos tesouros que não posso dormir. Tenho de guardá-los — disse o homem.

— Estranho, não vejo nenhum tesouro aqui.

— Os tesouros estão dentro de mim. O senhor não pode vê-los.

O rei partiu, mas voltava todas as noites, porque o homem era bonito e aquilo que havia dito fizera o rei pensar durante horas. O rei tornou-se tão ligado e interessado no homem que começou a achar que ele era realmente um santo, porque a consciência, o amor, a paz, o silêncio e a iluminação eram os tesouros que ele estava guardando. Ele não conseguia dormir, não podia se dar esse luxo. Apenas os mendigos podem.

Pouco a pouco, o rei começou a respeitar e honrar o homem quase como um guia espiritual. Um dia, disse-lhe:

— Sei que você não irá comigo ao palácio, mas penso em você todos os dias. Você me vem à mente muitas vezes. Gostaria que pudesse ir ao meu palácio.

O rei achava que o homem não iria concordar, conforme a velha ideia de que os santos renunciavam ao mundo, mas o homem disse:

— Se o senhor sente tanto a minha falta, por que não me chamou antes? Traga outro cavalo, e eu irei com o senhor.

O rei ficou desconfiado: “Que tipo de santo é esse, que se mostraria tão acessível?”. Mas agora era tarde demais, ele já tinha convidado. Deu-lhe seu melhor quarto no palácio, reservado apenas para convidados especiais e outros reis, pensando que o homem iria recusar, dizendo “Sou um santo e não posso viver nesse luxo”. Mas o homem não disse nada desse tipo. Ele disse: “Muito bom.”

O rei não conseguiu dormir, achando que fora enganado e que o homem não era um santo. Duas ou três vezes, ele foi olhá-lo pela janela, e o santo estava dormindo. Mas, antes, ele nunca dormia! Ficava sempre sentado debaixo da árvore guardando seu tesouro. O rei pensou: “Fui enganado. Este homem é um charlatão.”

No segundo dia, o convidado comeu com o rei todos os alimentos deliciosos, sem comedimento, e adorou a comida. O rei ofereceu-lhe novas roupas, dignas de um imperador, e ele amou as roupas. O rei já pensava em como se livrar do charlatão que o enganara. No sétimo dia, o rei disse àquele estranho homem:

— Quero lhe fazer uma pergunta.

— Sei qual será sua pergunta — disse o homem. — O senhor quis

formulá-la há sete dias, mas, por cortesia e boas maneiras, manteve-a reprimida. Eu o estava observando. Mas não vou respondê-la aqui. O senhor pode me fazer a pergunta e então sairemos para uma longa caminhada. Escolherei o lugar certo para respondê-la.

— Muito bem — concordou o rei. — Minha pergunta é: qual é a diferença entre você e eu? Você está vivendo como um rei, mas costumava ser um santo. Agora não é mais um santo.

— Mande preparar os cavalos! — exclamou o homem.

Eles saíram, e o rei lembrou-o muitas vezes da pergunta que fizera. Finalmente, chegaram ao rio que marcava o limite do seu reino.

— Chegamos ao fim dos meus domínios — disse o rei. — O outro lado do rio pertence a outro reino. Este é um bom lugar para me responder.

— Sim, eu já vou embora. O senhor pode levar os dois cavalos de volta ou, se quiser, pode vir comigo.

— Aonde você vai? — perguntou o rei.

— Meu tesouro está comigo. Aonde eu for, meu tesouro ainda estará comigo. O senhor virá comigo ou não?

— Como posso ir com você? Meu reino, meu palácio, o trabalho da minha vida toda estão atrás de mim.

O estranho riu e disse:

— Agora o senhor vê a diferença? Eu posso ficar nu debaixo de uma árvore ou posso viver em um palácio como um rei porque meu tesouro está dentro de mim. Se estou sob uma árvore ou no interior de um palácio, não faz diferença. Então, o senhor pode voltar, mas eu vou para o outro reino. Não vale mais a pena permanecer em seu reino.

O rei se sentiu arrependido.

— Perdoe-me — pediu ele, tocando os pés do estranho. — Pensei coisas erradas sobre você. Você é realmente um grande santo. Não vá, não me deixe assim; do contrário, esta ferida vai doer durante toda a minha vida.

— Isso não é difícil para mim. Posso voltar com o senhor... Mas no momento em que chegarmos ao palácio essa pergunta vai surgir de novo em sua mente. Então é melhor me deixar ir. Eu posso lhe dar um tempo para pensar. Eu posso voltar. Para mim, isso não faz diferença. Mas para o senhor é melhor que eu saia do reino. Pelo menos o senhor vai pensar em mim como um santo. Se eu voltar ao palácio, o senhor

vai voltar a suspeitar que sou um charlatão. Mas, se insiste, estou pronto. Posso partir daqui a sete dias, quando a pergunta novamente se tornar pesada demais para o senhor.

O autoproclamado *bhagwan*

Os críticos que escrevem contra mim fazem questão de dizer que eu sou um *bhagwan* autoproclamado. E sempre me perguntei se eles conhecem alguém – Rama, Krishna, Buda, Maomé – que foi proclamado assim por outra pessoa. Se Rama foi proclamado *bhagwan* por alguém, então certamente a autoridade que o proclamou é mais elevada, e se uma pessoa pode ser proclamada também pode ser rejeitada!

Isso é absolutamente estúpido. Eles não entenderam a ideia de que *bhagwan* é um estado de experiência que não tem nada a ver com uma proclamação, uma eleição, um título ou um grau. É a experiência do *bhagwata*, da divindade, de que toda a existência está repleta de divindade, de que não há outra coisa senão divindade.

Deus não existe, mas em cada flor, em cada árvore, em cada pedra, há algo que só pode ser chamado de divindade. Porém, vocês só conseguirão enxergá-la, quando a tiverem enxergado dentro de si; do contrário, não conhecem a linguagem.

* * *

De certa maneira, sou muito estranho, pois as pessoas não conseguem me caracterizar como teísta, ateuista, agnóstico. Não há uma quarta categoria, e eu pertencço à quarta categoria, à categoria sem nome. Eu procurei, busquei. Não encontrei Deus, é verdade, mas encontrei algo bem mais importante: a divindade. Não sou um ateuista, não sou um teísta, não sou um agnóstico. Minha posição está absolutamente clara.

Então, se Deus não existe, por que fui chamado de *bhagwan* pelo meu povo?

Essa questão é um pouco complexa. Para entendê-la será preciso penetrar na linguística da palavra. É uma palavra muito estranha. Nas escrituras hindus, *bhagwan* é quase um sinônimo de Deus. Eu digo

quase porque em certas línguas, como o inglês, só existe uma palavra para Deus. Em sânscrito, no hinduísmo, há três palavras: *bhagwan*, *iswar* e *paramatma*. Os hinduístas usam essas três palavras por três diferentes razões.

Paramatma significa “a alma suprema” – *param* significa o supremo, *atma* significa alma; portanto *paramatma* é a alma suprema. Assim, aqueles que entendem, usam a palavra *paramatma* para designar Deus.

A segunda é uma bela palavra. *Iswar* significa “o mais rico”; de modo literal, aquele que tem tudo, que é tudo. Isso certamente é uma realidade. No momento em que você vivencia a divindade, você possui tudo, tudo que é valioso. Talvez você não tenha absolutamente coisa alguma; não importa. Você tem tudo o que é significativo na vida.

E a terceira, *bhagwan*, é uma palavra muito difícil de entender e de ser explicada em qualquer outra língua. Nas escrituras hinduístas... porque *bhagwan* é usada por dois tipos de pessoas na Índia: hinduístas, o primeiro tipo; jainistas e budistas, o segundo. Os jainistas e os budistas não acreditam em um Deus, mas usam a palavra *bhagwan*. Para Buda, os budistas usam Bhagwan Gautama Buddha. E os jainistas também não acreditam em Deus, mas, para Mahavira, ele usam Bhagwan Vardhman Mahavira. Assim, os significados são totalmente diferentes.

Os hinduístas são muito práticos. As pessoas podem ficar surpresas, até chocadas, mas, no hinduísmo, a raiz original de *bhagwan* é *bhag*, que significa vagina. Ninguém pode imaginar! E *bhagwan* significa “aquele que usou a vagina do universo para criar”, ou seja, o criador. Os hinduístas veneram a vagina feminina e o símbolo fálico masculino, o *shivalinga*. Se você já viu um *shivalinga*, o mármore saliente é apenas um símbolo do órgão sexual masculino, que está colocado dentro de uma vagina. Debaixo dele, se você observar, há uma vagina de mármore, da qual ele está emergindo. Os hinduístas o veneram simbolicamente, e isso parece significativo na sua referência ao fato de que qualquer criação está destinada a ser o encontro do masculino e do feminino, do yin e do yang. Então, para o “criador” eles usam a palavra *bhagwan*. Mas a origem da palavra é muito estranha.

Os budistas e os jainistas não acreditam em Deus, não acreditam que alguém tenha criado o mundo, mas também usam a palavra

bhagwan. Eles têm uma origem diferente para sua palavra. Na referência dos jainistas e dos budistas, *bhag* significa fortuna e *bhagwan* significa o afortunado, o abençoado; aquele que atingiu o seu destino, que amadureceu.

Então, quando comecei a dar minhas palestras, 44 anos atrás, as pessoas começaram a chamar-me de mestre porque, na Índia, se você respeita um homem, não usa seu nome, o que é considerado desrespeitoso. As pessoas começaram a sentir algo por mim e por conta própria começaram a chamar-me de *acharya*, que significa não apenas “o mestre”, mas algo mais. Na verdade, é usada para alguém que diz apenas o que vivencia, alguém cujas ações e pensamentos estão em perfeita harmonia. Durante quase vinte anos, as pessoas me chamaram de *acharya*. Isso foi antes de eu começar a iniciar pessoas.

Havia anos que as pessoas me pediam para serem iniciadas por mim no *sannyas*, mas eu sempre dizia: “Esperem. Deixem-me sentir o momento certo.” Esse dia chegou. Eu estava conduzindo um campo de meditação no Himalaia, em Kulu Manali, um dos lugares mais bonitos do mundo. É chamado de Vale dos Deuses e é muito bonito e transcendental. Quando se entra em Kulu Manali, sente-se que está entrando em outro mundo. No último dia no campo senti que chegara o momento e declarei para aqueles que quisessem ser iniciados, que eu estava pronto. Vinte e uma pessoas se levantaram imediatamente. Elas entraram no *sannyas*. Agora não era suficiente para elas chamar-me de *acharya*. Para elas, eu havia me tornado bem mais importante, mais significativo, mais íntimo. Estavam muito próximas do meu ser e decidiram que me chamariam de *bhagwan*. Quando me perguntaram o que eu achava, eu disse: “Tudo bem. Essa é uma palavra muito significativa para mim: o abençoado.”

Esse nome não significa Deus para mim, não significa o criador, simplesmente significa o abençoado, aquele que está em casa, que chegou, que se encontrou. Então, não há nada mais além de bênçãos, e as bênçãos continuam chovendo sobre ele todos os dias. É preciso lembrar que *bhagwan* não tem nada a ver com Deus. Certamente tem algo a ver com divindade, pois isto é o que chegar significa: a vinda para casa. É isso que faz um homem ser o abençoado.

Bhagwan não é um termo comparativo. Ninguém pode ser mais divino do que Deus, ninguém pode ser mais deus do que Deus. Então, não é um termo comparativo. E não mostra nenhuma realização, simplesmente mostra sua natureza. Não que a pessoa tenha de tornar-se um deus; a pessoa *é* Deus, ela só precisa reconhecer isso.

Isso não demonstra nenhum talento. Existem grandes poetas, grandes videntes, grandes visionários, grandes pintores, grandes músicos, grandes dançarinos. Todos esses são talentos. Nem todos podem ser grandes dançarinos; nem todos podem ser Nijinski. E nem todos podem ser grandes pintores; nem todos podem ser Van Gogh. E nem todos podem ser grandes poetas; nem todos podem ser Tagore ou Pablo Neruda. Mas todos vocês podem ser *bhagwan*. Isso não é um talento nem uma realização, é simplesmente sua universalidade, sua verdadeira natureza. Cada um de vocês já é um deus.

Quando as pessoas sugeriram chamar-me de *bhagwan*, eu adorei. Eu disse: “Isso vai servir pelo menos durante alguns anos. Depois podemos abandoná-lo.” Eu escolhi o termo com um propósito específico e serviu-me bem, porque as pessoas que costumavam vir até mim somente para reunir conhecimento pararam de vir. No dia em que passei a chamar a mim mesmo de *bhagwan*, elas pararam de vir. Era demais para elas, para seus egos. Alguém que se autoproclamou *bhagwan*? Isso fere o ego. Elas pararam de vir. Elas vinham até mim para reunir conhecimento. Então, mudei totalmente a minha função e comecei a trabalhar em um nível diferente, em uma dimensão diferente. Passei a dar-lhes o ser, não conhecimento. Antes, eu era um *acharya* e tinha alunos que estavam aprendendo. Agora não sou mais um professor e não tenho mais alunos.

Se alguém vier a mim como aluno, mais cedo ou mais tarde terá de ir embora, porque estará no lugar errado e não se adequará. Se for um discípulo, então poderá se sentir no lugar certo, porque agora estou dando algo mais. Quem estiver aqui para adquirir conhecimento, mais cedo ou mais tarde, verá que terá de partir para algum outro lugar.

Estou aqui para revelar a experiência do ser. Estou aqui para fazê-los despertar. Não estou aqui para dar conhecimento. Eu vou dar saber, e essa é uma dimensão totalmente diferente. Chamar a mim mesmo de *bhagwan* foi simplesmente simbólico, indicando que meu trabalho havia entrado em uma dimensão diferente. E esse nome foi incrivelmente útil. Todas as pessoas erradas desapareceram e pessoas

de uma qualidade totalmente diferente começaram a chegar.

Isso funcionou bem. Só permaneceram aqueles que estavam prontos para pôr de lado o seu conhecimento. Todos os outros fugiram. Criou-se um espaço em volta de mim. Eles estavam ocupando demasiadamente o espaço, e era muito difícil, para os reais buscadores, aproximarem-se de mim. As multidões desapareceram. A palavra *bhagwan* funcionou como uma explosão atômica. Estou feliz por tê-la escolhido.

Agora, os que me procuram, não mais são pessoas argumentativas. Agora, as pessoas que vêm até mim são grandes aventureiros da alma prontos para arriscar – arriscar tudo e qualquer coisa.

Chamar a mim mesmo de *bhagwan* foi um estratagema. Mais cedo ou mais tarde, quando as pessoas tiverem entendido a questão e quando sua presença aqui tiver criado um tipo diferente de vibração, pararei de chamar a mim mesmo de *bhagwan*. Não haverá mais necessidade. Toda a atmosfera já estará palpitando de divindade. As pessoas que vierem serão banhadas por essa atmosfera. Ela penetrará em seus corações. Não haverá necessidade de chamar-me de nada – vocês saberão. Mas no início foi necessário e foi uma enorme ajuda.

Uma última coisa a esse respeito: não sou um filósofo. Lembrem-se de mim como um poeta. Minha abordagem da vida é aquela da poesia, é aquela do romance. É romântica, é imaginativa. Eu gostaria que todos vocês fossem deuses e deusas. Gostaria que revelassem seu ser verdadeiro. Chamar a mim mesmo de deus é um desafio sutil. Há apenas duas maneiras de enfrentá-lo: uma é você dizer: “Esse homem não é Deus; portanto vou-me embora – o que estou fazendo aqui? Se esse homem não é Deus, para que perder meu tempo?” Ou então você aceita que esse homem é Deus, e começa a estar comigo até sua própria divindade começar a florescer.

Um dia, você também será um deus, uma deusa. Aceitar-me como deus é, na verdade, aceitar profundamente a possibilidade de que você também pode ser um deus – isso é tudo. A simples aceitação de que este homem poder ser um deus, desperta algo que estava profundamente adormecido dentro de você. Então, você não pode permanecer como está; alguma coisa tem de ser feita. Algo terá de ser transformado, algo terá de ser conhecido...

Se você decidir seguir comigo, você se tornará cada vez mais atento. E, quanto mais alerta você se tornar, mais será capaz de

entender o que aconteceu dentro da minha alma. Você se tornará cada vez mais participante neste acontecimento, nesta dança, nesta canção.

E, pouco a pouco, você verá que o Mestre está chegando. E não está vindo de fora, está vindo do âmago mais recôndito do seu ser, está surgindo das suas profundezas. Eu olhei para dentro e o encontrei ali. Minha mensagem é simples: eu encontrei o deus que existe dentro de mim. Todo o meu esforço é para persuadir as pessoas a olharem para dentro de si mesmas. E a única questão é se tornar um observar nas colinas. Torne-se uma testemunha – alerta, observando – e você será preenchido.

* * *

A propósito, eu vinha chamando a mim mesmo de *bhagwan* apenas como um desafio aos cristãos, aos muçulmanos e aos hindus. Eles me condenaram, mas ninguém foi suficientemente corajoso para explicar essa condenação. Recebi artigos e cartas enviados de lugares distantes perguntando por que eu me autoproclamava um *bhagwan*. E eu ri, porque, afinal, por que motivo Rama se autoproclama um *bhagwan*? Ele foi indicado por um comitê? E um *bhagwan* indicado por um comitê não será bem um *bhagwan*, porque o comitê não consiste de *bhagwans*, então que direito eles teriam?

Krishna foi escolhido pelo povo como *bhagwan*? Essa é uma questão de escolha? Quem indicou essas pessoas? Nenhum hindu tem a resposta. Krishna roubou 16 mil mulheres de diferentes povos – fossem elas mães, fossem casadas ou solteiras, sem discriminação –, mas nenhum hindu tem a coragem de objetar que tal homem seja chamado de *bhagwan*. Eles chamam até seu deus Kalki, um cavalo, de *bhagwan*. Que pessoas estranhas! E elas me perguntam por que me autoproclamo *bhagwan*! Eu não tenho nenhum respeito por essa palavra. Na verdade, eu a condeno peremptoriamente. Não é uma palavra bonita, embora eu tenha tentado, à minha própria maneira, transformá-la, mas os estúpidos hindus não permitiram. Tentei dar-lhe um novo nome, um novo significado, uma nova significância. Disse que ela significa “o abençoado”, um homem com um ser abençoado, embora tenha sido uma invenção minha.

A palavra *bhagwan* é muito feia, mas os hindus não têm consciência do seu significado. Eles acham que é algo muito especial.

Detesto essa palavra e estive esperando que algum idiota hindu se apresentasse em sua defesa, mas eles acham que é uma palavra muito dignificada e que eu não tenho o direito de me autoproclamar *bhagwan*. Mas hoje eu digo, “Sim, eu tenho todo o direito de denunciar essa palavra. Ninguém pode me impedir. Não quero mais ser chamado de *bhagwan*. Já basta. A brincadeira acabou!

O guru dos ricos

Sempre gasto antes de receber. E digo ao meu povo para gastar assim que algum dinheiro estiver chegando! Quem sabe o que pode acontecer amanhã? Gastem hoje! Não temos nenhum dinheiro, mas somos perfeitamente autossuficientes. Nada nos falta e tudo está perfeitamente bem. E o dinheiro continua chegando. Eu vivi sem nenhum dinheiro por 35 anos. E ele sempre aparece. Alguém, em algum lugar, acha que deve me mandar dinheiro, e ele chega. E agora começo a acreditar que a existência toma conta até mesmo de um homem oneroso como eu.

* * *

Já me perguntaram por que sou o guru dos ricos. Eu o sou porque só um homem rico pode vir até mim. Mas quando digo um homem rico refiro-me a alguém que é internamente muito pobre. Quando digo um homem rico, refiro-me àquele que é rico em inteligência, àquele que tem tudo o que o mundo pode lhe dar e descobriu que isso é fútil.

Sim, só uma pessoa rica pode tornar-se religiosa. Não estou dizendo que uma pessoa pobre não pode tornar-se religiosa, mas isso é muito raro, é excepcional. Uma pessoa pobre continua tendo esperança. Uma pessoa pobre não sabe o que é ser rica, ainda não se sentiu frustrada. Como ela poderá ir além das riquezas se não for frustrada por elas? Às vezes, um homem pobre vem até mim, mas vem em busca de algo que eu não posso lhe dar. Ele quer sucesso. Seu filho não está conseguindo emprego; então ele me pede: “Abençoe-o, Osho.” Sua esposa está doente ou ele está perdendo dinheiro em seu negócio. Esses são problemas de um homem pobre, de um homem que está buscando as coisas deste mundo.

Uma pessoa rica tem dinheiro, tem emprego, tem uma casa, tem saúde, tem tudo o que uma pessoa pode ter, mas, de repente, chega à

conclusão de que nada a preenche. Então, começa sua busca por Deus. Um homem pobre também pode ser religioso, mas é necessária uma enorme inteligência. Um homem rico que *não* é religioso é estúpido. Um homem pobre que é religioso é incrivelmente inteligente. Um homem pobre que não é religioso deve ser perdoado. Um homem rico que não é religioso não pode ser perdoado.

Sou um guru do homem rico. Com certeza. Se não fosse por seu dinheiro, as pessoas não estariam aqui. Elas estão aqui porque estão frustradas com seu dinheiro, com seu sucesso, com sua vida. Um mendigo não pode vir até mim porque ainda não está frustrado.

A religião é um luxo. Eu a chamo de o luxo derradeiro, porque ela é o valor mais elevado. Quando está faminto, o homem não se importa com música... Ele não pode se importar. E, se alguém começar a tocar uma cítara diante dele, ele terá vontade de matá-lo! Vai dizer: “Você está me insultando! Estou faminto, e você está tocando cítara... Isto é hora de tocar cítara? Alimente-me primeiro! Estou tão faminto que não consigo entender a música. Estou morrendo!” Que utilidade tem um quadro de Van Gogh para um homem que está morrendo de fome? Ou um sermão de Buda? Ou belos *upanishads*,^[1] ou música? Não têm nenhuma utilidade. Ele precisa de pão.

Quando um homem está feliz em seu corpo, quando tem bastante para comer e uma bela casa onde morar, começa a interessar-se por música, poesia, literatura, pintura e arte. Surge uma nova fome. As necessidades corporais estão preenchidas e surgem as necessidades psicológicas. Há uma hierarquia nas necessidades. Primeiro, vem o corpo, que é a base, o andar térreo do nosso ser. Sem o térreo, o primeiro pavimento não pode existir. Quando as necessidades corporais estão satisfeitas, surgem as necessidades psicológicas. Quando as necessidades psicológicas também estão satisfeitas, surgem as necessidades espirituais. Quando uma pessoa já escutou toda a música disponível no mundo, já viu toda a beleza e descobriu que tudo isso é um sonho, já ouviu todos os grandes poetas e descobriu que a poesia é apenas uma forma de se esquecer de si mesmo, de intoxicar-se sem conduzir a lugar algum; quando já viu todas as pinturas e a grande arte, divertimentos, entretenimentos... E então? Suas mãos permanecem vazias, mais vazias do que nunca. A música e a poesia não são suficientes. Surge o desejo de meditar, de rezar, junto com uma fome de Deus, uma fome de verdade. Uma grande paixão

toma conta da pessoa, e ela passa a buscar a verdade porque sabe que, a menos que conheça a verdade mais secreta da existência, nada poderá satisfazê-la. Tudo o mais falhou.

A religião é o luxo fundamental. Para conseguir esse luxo, a pessoa precisa ser muito rica ou extremamente inteligente. Mas em ambos os casos ela é rica, seja de dinheiro seja de inteligência. Nunca vi uma pessoa realmente pobre – de inteligência e de riquezas – tornar-se religiosa.

Kabir tornou-se religioso. Ele não era milionário, mas era extremamente inteligente. Buda tornou-se religioso porque era extremamente rico. Krishna, Rama e Mahavira tornaram-se religiosos porque eram extremamente ricos. Dadu, Raida, Farid tornaram-se religiosos porque eram extremamente inteligentes. De qualquer forma, certo tipo de riqueza é necessário.

Sim, quem perguntou está certo: sou o guru do homem rico.

O piadista

P: Quem é o melhor *showman* (em termos metafóricos, se você quiser): você ou o presidente Ronald Reagan?

R: Ninguém consegue me superar! Sou o melhor *showman* de toda a história da humanidade.

P: Se isso é verdade, que tipo de show você prefere? Teatro ou circo?

R: Este é o meu circo, meu carnaval. E eu gosto imensamente dele!^[1]

P: Em uma coletiva de imprensa, você descreveu sua comuna como um circo e a si mesmo como um grande *showman*, o maior *showman* do mundo. Estava zombando de si mesmo e da sua comuna? Por que disse isso?

R: Você está trazendo o passado. Esqueça essa bobagem. Sou um *showman*? Meu povo é um circo? Eu contradigo isso completamente.

P: Como você se descreveria agora?

R: Não há circo aqui. Este é o único lugar onde não há um circo.

P: Você é um professor sério?

R: Sou um professor nada sério! E já esqueci a coletiva de imprensa a que você se referiu! Apenas respondo a você. Por que desencavar desnecessariamente os mortos de suas tumbas? Deixem-nos dormir em paz. Você está vivo e eu estou vivo. Podemos ter um encontro existencial. E vejo potencial em você. Essa é a razão de eu estar lhe dizendo isso. Não o teria dito a outra pessoa. Tenho sido entrevistado todas as noites há semanas, mas não teria dito isso a outro jornalista. Não o vejo apenas como um jornalista; eu o vejo mais como um buscador. Eu o vejo mais como um ser humano. E vejo seu coração pulsando em sintonia comigo, é por isso que estou lhe dizendo isso. Do contrário, posso continuar respondendo sobre o passado, sobre qualquer coisa que venha à minha mente. Não há problema quanto a isso.

Adoro piadas, mas fazer piada à custa de outra pessoa não é muito bom, não é amável. De vez em quando, eu faço piada sobre mim

mesmo, sobre meu povo. Aquilo foi simplesmente uma piada, mas aqueles jornalistas idiotas acharam que era sério. Você acha que um *showman* estaria sentado aqui no deserto? Este é o lugar para um *showman*? Se fosse eu um *showman*, teria escolhido Hollywood! Mas, ao contrário, eu trouxe todo o meu povo de Hollywood para cá.

Neste deserto de 200 quilômetros quadrados, passo os dias sentado dentro do meu quarto. Só saio duas vezes: pela manhã, para conversar com os *sannyasins*, e à noite, para conversar com um entrevistador. Que tipo de *showman* você acha que eu sou? Um *showman* não age assim.

Não tenho tempo para encenações. Vou lhe contar como é a minha rotina e você verá: onde eu poderia arrumar tempo? Eu me levanto às seis horas da manhã. Minha cuidadora, Vivek, me acorda; do contrário, não me levanto. Quem se importa em acordar de novo? Tenho acordado todos os dias durante meio século! Já é suficiente!

Ela me acorda e me dá uma xícara de chá. Eu tomo o chá somente em respeito a ela. Não é muita coisa, apenas água e folhas de chá. Sem açúcar, sem leite... Se esse tipo de chá fosse servido no céu, todos os santos se mudariam para o inferno. Então, passo uma hora e meia na banheira ou no chuveiro. Sempre adorei água, desde a minha infância. Faço a mesma coisa à tarde, mais uma hora e meia.

Depois do meu banho, entro imediatamente no carro e vou ao auditório onde meu povo está esperando por mim. Quando volto para o meu lugar, já está na hora de almoçar. Almoço às onze horas e volto a dormir, algo que fiz durante a maior parte da minha vida. Eu tinha de faltar às aulas quando era estudante, e meus professores permitiam porque, caso contrário, eu dormiria na classe. Eu dizia a eles: “Não tem outro jeito... Eu tenho de dormir estas duas horas.”

Às duas horas, eu acordo e saio para dar uma volta de carro por uma hora. Adoro dirigir e tenho uma das mais belas estradas à minha disposição porque foi feita por meus *sannyasins* apenas para mim. Não há tráfego, por isso não preciso me preocupar em dirigir à direita ou à esquerda. A estrada inteira me pertence. Uma hora ali e volto para casa.

Durante uma hora e meia, eu simplesmente fico sentado em silêncio na minha cadeira, sem fazer nada. Depois, tomo meu banho, janto e venho para cá para uma entrevista. Estarei de volta ao meu quarto às nove, nove e meia. Então, minha secretária pessoal traz

cartas do mundo inteiro e notícias sobre mim publicadas em todo o planeta, qualquer coisa que ela ache que eu preciso saber, porque eu mesmo não leio. Parei de ler tudo: livros, jornais, revistas, tudo. Os recortes que minha secretária traz, *ela* lê, e eu simplesmente escuto. Por volta das onze horas, vou de novo para a cama. Então, onde eu encontraria tempo para ser um *showman*? Você pode olhar para a minha roupa e achar que parece o traje de um *showman*. Mas não é. Uso-as por amor ao meu povo. Eu me visto para eles. Eles fazem belos trajes e gostam de fazê-los para mim. Não posso recusá-los. E para quem vou mostrá-los? Nunca saio deste lugar.

Está vendo o meu relógio? Eu tenho centenas. Meu povo é realmente inteligente... Nenhum mestre em toda a história pode afirmar que teve um grupo tão inteligente. Veja. Este relógio foi feito por meus *sannyasins*. Ele já derrotou o Piaget – e é feito de pedras de verdade, não com diamantes.

P: Pedras de verdade?

R: Pedras de verdade, não diamantes. Então, não saia daqui pensando que este é um relógio falso. As pedras de verdade são tão reais quanto os diamantes de verdade. Não existe a questão de elas serem falsas. Ouvi um jornalista estúpido dizer na televisão que eu uso relógios falsos. Não consigo entender... Estas pedras são autênticas, e vocês dizem que o relógio é falso? Seu mecanismo funciona perfeitamente; em um ano, ele atrasará apenas um segundo, e isso é o melhor que qualquer relógio pode fazer. E é tão bonito quanto qualquer diamante. O mesmo relógio, feito por Piaget, custa meio milhão de dólares, só por causa da ideia de que os diamantes têm algum valor. Este relógio não custou nada, mas eu não o venderia nem por 10 milhões de dólares, porque ele é inestimável. É feito com tanto amor que não pode ser vendido. O amor não pode ser vendido.

Mas a quem vou mostrar o relógio? Meu povo conhece meus trajes, meu povo conhece meus relógios, meu povo me conhece. Não cruzo mais com outras pessoas. Não vou a lugar nenhum. No que me diz respeito, a terceira guerra mundial pode ter acontecido e só este lugar ter sido poupado. Não há outro lugar para ir.

Meu povo trabalha duro, doze horas, quatorze horas, transformando um deserto em um oásis... Você acha que estas pessoas constituem um circo? Eu estava apenas brincando... Você não vai encontrar nenhum lugar no mundo onde as pessoas trabalhem tanto, e

elas não são remuneradas, porque não acreditamos que deva haver dinheiro dentro da comuna. Não há necessidade. Nós preenchemos nossas necessidades, fazemos nossa comida, nossas roupas, tudo, e por isso ninguém precisa de dinheiro. As pessoas podem ter o que quer que precisem. Estas pessoas estão trabalhando tanto por quê? Para divertir alguém? Estas pessoas são criativas. Elas me amam e querem transformar a minha visão em realidade.[2]

* * *

Tenho de contar anedotas porque receio que vocês sejam pessoas religiosas. Tenho de fazer cócegas para que às vezes se esqueçam da sua religiosidade, das suas filosofias, teorias e sistemas, e voltem para a terra. Tenho de estar sempre trazendo-os de volta à terra, caso contrário vocês tenderão a se tornar cada vez mais sérios. E a seriedade é cancerosa.

Até a medicina concorda que o riso é um dos remédios mais eficientes que a natureza forneceu ao homem. Se as pessoas conseguirem rir quando estão doentes, conseguirão recuperar sua saúde em menos tempo. Se não puderem rir, mais cedo ou mais tarde vão perder sua saúde e vão ficar doentes.

O riso traz alguma energia da sua fonte interior para a superfície. A energia começa a fluir e segue o riso como uma sombra. Você já observou isso? Quando você realmente ri, você entra em um estado meditativo profundo. O pensamento para. É impossível rir e pensar ao mesmo tempo. São duas coisas diametralmente opostas: ou se ri ou se pensa. Se você realmente rir, o pensamento parará. Se ainda estiver pensando, o riso será apenas sofrível, atrasado. Será um riso aleijado.

Quando você ri, a mente desaparece. Toda a metodologia zen visa a atingir a não mente, e o riso é uma das mais belas portas para se chegar a ela.

Pelo que sei, a dança e o riso são as melhores portas, as mais naturais e acessíveis. Quando você realmente dança, o pensamento para. Você continua dançando, girando e se transforma num redemoinho – todas as fronteiras, todas as divisões são perdidas. Você nem mesmo sabe onde seu corpo termina e onde a existência começa. Você se funde à existência, e a existência se funde a você. Há uma sobreposição das fronteiras. E se você estiver realmente dançando não

conduzindo a dança, mas permitindo que ela o conduza, permitindo que ela o possua, o pensamento parará.

O mesmo acontece com o riso. Se você é possuída pelo riso, o pensamento para. E, se você conhecer alguns momentos do estado de não mente, esses vislumbres serão promessas de que muitas outras recompensas virão. Você só precisa se tornar cada vez mais, da mesma qualidade da não mente. Mais e mais, o pensamento tem de ser abandonado. O riso pode ser uma bela introdução a um estado de não pensamento.

* * *

Tenho de contar anedotas porque as coisas que estou dizendo são tão sutis, tão profundas e fundamentais, que se eu simplesmente continuar a falar dessas coisas, vocês que estão aqui, cairão no sono e não serão capazes de ouvir ou compreender. Vocês permanecerão quase surdos.

Quanto mais profunda é a verdade que tenho a dizer, pior é a anedota que escolho para ela. Quanto mais elevada é a verdade que quero relatar, mas baixo eu tenho de ir em busca de uma piada. Por isso, mesmo as piadas sujas... não me importo. Até mesmo uma anedota suja pode ser útil – e às vezes bem mais, porque ela pode chocar o ouvinte até a raiz, até suas entranhas. E esse é o ponto principal! Ela o ajuda a voltar, repetidamente, ao estado de alerta. Quando vejo que vocês estão alertas, volto a relatar aquilo que gostaria de relatar. Quando vejo que vocês estão dormindo, tenho de introduzir novamente uma anedota.

Se vocês estiverem realmente alertas ao me ouvir, isso não será necessário e poderei dizer-lhe a verdade diretamente. Mas isso é difícil. Vocês começam a bocejar... e é melhor rir do que bocejar.

O guru dos Rolls-Royce

Osho: Eu gostaria que o mundo todo vivesse com tanto luxo que as pessoas comessem a se entediar com o luxo. Você deveria me perguntar como eu fico entediado com os Rolls-Royce.

P: Como o senhor fica entediado com os Rolls-Royce?

R: Com noventa Rolls-Royce, qualquer um ficaria incomodado! E meu povo vai tentar ter 365 Rolls-Royce. Eles estão determinados a me entender. O que se pode fazer? E toda a terra é capaz, pela primeira vez, de ser tão luxuriante, que você não sente qualquer necessidade material. Quando todas as necessidades materiais estiverem satisfeitas, o que você vai fazer? Não restará nada além da meditação. Essa será a única porta que restou aberta. Em todas as outras portas você já bateu, e não havia nada. Só uma porta ainda estará aberta, convidando-o.

E qualquer um que tenha entrado por essa porta jamais voltou frustrado ou desapontado – não há um único caso, em toda a humanidade, de alguém que tenha alcançado o centro do seu ser e ficado desapontado, vazio, infeliz. Nem uma única exceção! Por isso eu digo que a meditação é uma coisa científica. É assim que a ciência funciona: se você encontra algo sem qualquer exceção, torna-se uma regra. A meditação é um método científico porque, em toda a história, ninguém nunca disse que ela não leva você à suprema bem-aventurança.[1]

* * *

Puna, Índia, 1978

Alguns dias atrás, eu pedi à minha secretária Laxmi que me comprasse o carro mais caro do país. Uma coisa boa é que ela nunca pergunta por quê. Ela o comprou. E meu plano funcionou. Foi uma artimanha.

Laxmi vinha batendo nas portas dos bancos para conseguir dinheiro para a nova comuna. Precisávamos de muito dinheiro, cerca de um milhão de dólares. Quem me emprestaria tanto dinheiro? No dia em que ela comprou o carro, vendo que tínhamos mesmo dinheiro, os bancos começaram a procurá-la e oferecer empréstimos. “Pegue a quantia que quiser.” Então, ela ficou confusa sobre a quem pedir o empréstimo. Todos queriam dar as melhores vantagens e estavam atrás dela.

Trabalhei na Índia durante vinte anos sem parar. Milhares de pessoas foram transformadas por mim, milhões me ouviram e muitas mais leram meus livros, mas o *Times of India*, o jornal mais convencional do país, o mais britânico, nunca havia publicado um único artigo sobre mim ou meu trabalho. Porém, no dia em que Laxmi comprou o carro, foi publicado um grande artigo... sobre o carro, não sobre mim!

De repente, todos estavam interessados. A notícia do carro foi publicada em todo o país, em todos os jornais, em todas as línguas. Ora, que tipo de pessoas são essas? Elas não estavam interessadas em mim, na meditação, nos milhares de pessoas que meditam aqui. Não têm a mínima ideia do que está acontecendo aqui, mas ficaram interessadas no carro. Elas vieram aqui. Muitas pessoas vêm aqui não para me ver ou para ver a comuna – elas perguntam: “Podemos ver o carro?” Laxmi lhes diz: “Vocês podem vir à palestra pela manhã e ver o carro também.” E os pobres sujeitos são obrigados a me ouvir durante noventa minutos só para ver o carro. Que tortura! E são pessoas ricas, pessoas educadas. Pode imaginar um país mais materialista?

E elas ficam muito inquietas! Editoriais são escritos sobre o carro. Elas perguntam por que não posso viver uma vida simples. Minha vida é absolutamente simples – na verdade, tão simples que sempre fico satisfeito com as melhores coisas. Isso é absolutamente simples, que simplicidade maior é possível? Pode ser dito em uma única frase: as melhores coisas. Não há complexidade nisso. Eu gosto de qualidade. Não estou interessado em quanto custa, mas na qualidade. Eu gosto de qualidade nas pessoas, não de quantidade. Gosto de qualidade em tudo, não de quantidade. Poderíamos ter comprado trinta carros indianos, mas isso teria sido quantidade, e trinta carros indianos não teriam utilidade alguma.

Mas a perplexidade das pessoas, a razão de não conseguirem entender isso, está em fingirem que são religiosas enquanto, no fundo, toda a sua obsessão é materialista. Elas carregam uma hipocrisia com a qual todo o mundo religioso indiano precisa pactuar. Se alguém quer se tornar um santo, deve viver na mais absoluta pobreza. É quase uma espécie de masoquismo, pois ele precisa se torturar. Quanto mais se tortura, mais as pessoas acham que é religioso: “Vejam como ele vive religiosamente!”

Viver religiosamente significa viver alegremente, meditativamente, viver o mundo como um presente de Deus! Mas a mente das pessoas está obcecada, e elas não conseguem entender. Quando o propósito do carro for satisfeito, ele será descartado. Eu posso vir num carro de boi. Seria algo até mais vivo, e eu me divertiria muito no percurso.

As pessoas vêm aqui, olham e preocupam-se apenas com um *ashram*^[2] tão bonito. Elas querem algo sujo, maltrapilho, um lugar descuidado, pois é isso que consideram um *ashram*. Não conseguem acreditar que um *ashram* pode ser limpo, belo, com árvores e flores, confortável. Não conseguem acreditar. Não que não queiram conforto para si, elas querem e, na verdade, estão com inveja. A mente indiana tornou-se materialista, grosseiramente materialista.

Uma mente espiritual não faz distinções entre matéria e espírito. Toda existência é única: essa é a mente espiritual. O materialista, mesmo que ame uma mulher, irá reduzi-la a uma coisa. E o espiritualista? O espiritualista é alguém que, ao tocar em uma coisa, transforma-a em uma pessoa.

Você ficará surpreso com essa definição. Uma pessoa espiritual é aquela que, ao dirigir um carro, transforma-o em uma pessoa. Ela sente o carro, ouve seu roncar. Tem toda afeição e cuidado com ele. Até mesmo uma coisa começa a se tornar uma pessoa viva, pois há uma comunhão com ela. E uma pessoa materialista é aquela que, mesmo que ame um homem ou uma mulher, uma pessoa, irá reduzi-la a um objeto. A mulher torna-se uma esposa, e a esposa é um objeto. O homem torna-se um marido, e o marido é um objeto, uma instituição. E todas as instituições são feias e mortas.

Oregon, 1981-1985

Os americanos acham que são as pessoas mais ricas do mundo, mas eu criei uma parábola simples com os 93 Rolls-Royce e todo o orgulho deles desapareceu. Até mesmo o presidente sentiu inveja, os governadores sentiram inveja, os clérigos sentiram inveja. Um clérigo do condado de Wasco podia se esquecer completamente de Jesus Cristo em seu sermão de domingo, mas não se esquecia dos meus 93 Rolls-Royce. Ele tinha de encontrar alguma maneira de condená-los. E você ficará surpreso ao saber que, quando eu fui tirado da cadeia, ele me escreveu uma carta perguntando se eu poderia fazer o grande ato de caridade de doar um Rolls-Royce para sua igreja. Agora vocês podem ver a mentalidade... Eu estava ensinando meditação a milhares de pessoas, mas a América não estava interessada. Milhares de pessoas estavam indo à comuna mas a América não estava interessada. Cada festival recebia 20 mil pessoas do mundo todo, mas os Estados Unidos não estavam interessados nisso. A mídia só estava interessada em divulgar os 93 Rolls-Royce.

Eu pensava que, talvez num país mais pobre, essa atitude seria esperada... mas eu destruí o orgulho norte-americano! Eu não preciso de 93 Rolls-Royce. Essa foi uma piada com um objetivo prático.

* * *

As pessoas são tristes e invejosas e acham que um Rolls-Royce não combina com a espiritualidade. Não acho que haja contradição alguma. Sentado em um Rolls-Royce tenho sido tão meditativo quanto... Na verdade, é muito difícil ser meditativo sentado em um carro de boi. Um Rolls-Royce é melhor para o crescimento espiritual.

O mestre

Em uma bela manhã, Gautama Buda saiu para uma caminhada com seu discípulo cuidador, Ananda. Era outono; as árvores estavam quase nuas e todas as folhas estavam no chão. O vento agitava as árvores e as folhas produziam belos sons. Caminhando sobre essas folhas, Buda sentia-se imensamente feliz... a música das folhas secas.

Ele pegou na mão algumas folhas. Ananda lhe perguntou:

— *Bhagwan*, tenho pensado em lhe perguntar uma coisa, mas a privacidade é tão difícil... O senhor está sempre cercado por pessoas. Hoje, estamos sós nesta floresta e não posso resistir à tentação. Quero lhe perguntar se o senhor disse tudo a nós ou se guardou alguns segredos.

Buda disse:

— Você vê estas folhas em minha mão? E você vê as folhas por toda a floresta?

— Sim, mas não estou compreendendo. — Ananda respondeu.

— Eu disse apenas esse pouco, essas folhas, e mantive em segredo todas as folhas que existem nesta floresta.

Minha situação é diferente. Eu disse toda a floresta e só mantive em segredo uma folha. Buda declarou, antes de sua morte, que ele voltaria 25 séculos depois e que seu nome seria Maitreya, que significa “o amigo”.

Os budas não voltam. Nenhuma pessoa iluminada jamais volta, portanto o que ele disse não tem nada a ver com sua volta. Ele não pode voltar. O que ele queria dizer era que o antigo relacionamento entre o mestre e o discípulo se tornaria irrelevante dali a 25 séculos. Ele não estava prevendo nada. Era apenas sua clareza de ver que à medida que as coisas mudam, como mudaram no passado e continuam a mudar, demoraria pelo menos 25 séculos para o relacionamento entre mestre e discípulo tornar-se ultrapassado. Então, o mestre iluminado será apenas um amigo.

Eu nunca quis ser um mestre para ninguém, mas as pessoas querem um mestre, querem ser discípulas. Por isso, eu desempenhei o papel.

* * *

Os mestres não dizem a verdade. Mesmo que queiram, não podem. Então, qual é sua função? O que continuam fazendo? Eles não podem dizer a verdade, mas podem convocar a verdade que está adormecida dentro do discípulo. Podem provocá-la, podem desafiá-la. Podem sacudir o discípulo, podem despertá-lo. Não podem lhe dar Deus, a verdade, o nirvana, porque, em primeiro lugar, cada um já tem tudo isso dentro de si. A pessoa nasce com isso. É inato, é intrínseco, é sua própria natureza. Portanto, qualquer um que finja estar lhe dando a verdade está simplesmente explorando sua estupidez, sua credulidade. Está sendo astuto e extremamente ignorante. Não sabe nada e nunca teve sequer um vislumbre da verdade. É um pseudomestre.

A verdade não pode ser dada; ela já está dentro da pessoa. Ela pode ser convocada, pode ser provocada. Um contexto pode ser criado, certo espaço pode ser preparado em que ela apareça dentro de você e deixe de estar adormecida, torne-se desperta.

A função do mestre é muito mais complexa do que se pensa. Seria bem mais fácil, mais simples, se a verdade pudesse ser transmitida, mas ela não pode ser transmitida, por isso têm de ser criados maneiras e meios indiretos.

O Novo Testamento conta a bela história de Lázaro. Os cristãos perderam o sentido dela. Cristo foi muito desafortunado... Ele caiu no meio das companhias erradas. Nem um único teólogo cristão conseguiu descobrir o significado da história de Lázaro, de sua morte e de sua ressurreição.

Lázaro é irmão de Maria Madalena e de Marta e um grande devoto de Jesus. Ele morre. Jesus está longe. Quando ele recebe a informação e o pedido para que venha imediatamente, dois dias já se passaram. E, quando ele chega à casa de Lázaro, quatro dias já decorreram, mas Maria e Marta estão esperando por ele, tal é sua confiança nele. Toda a aldeia ria delas. Aos olhos dos outros, elas estavam sendo estúpidas, mantendo o cadáver em uma caverna; elas o velaram o tempo todo. O cadáver já começava a apodrecer; estava se deteriorando. O povo da aldeia dizia: "Vocês são tolas! Jesus nada pode fazer. Quando alguém

morre, está morto!”

Jesus chega. Ele vai até a caverna – ele não entra – e chama Lázaro. Uma multidão tinha se formado ali. Deviam estar rindo e comentando: “Esse homem parece ser louco. Alguém lhe diz: “O que está fazendo? Ele está morto! Está morto há quatro dias. Na verdade, seu corpo está fedendo. É impossível! A quem o senhor está chamando?” Sem se perturbar, Jesus grita repetidas vezes: “Lázaro, venha para fora!”

E a multidão tem uma enorme surpresa: Lázaro sai da caverna. Está abalado, chocado, como que saindo de um grande torpor, como se estivesse saindo de um coma. Ele próprio não consegue acreditar no que aconteceu.

Isto, na verdade, é apenas uma forma de dizer qual é a função de um mestre. Se Lázaro estava realmente morto ou não, não é o ponto principal. Se Jesus era capaz ou não de ressuscitar os mortos, não importa. Atentar para essas questões estúpidas é absurdo. Só os eruditos podem ser tão tolos. Nenhum homem de entendimento pensará que isso é algo histórico. É muito mais! Não é um fato, é uma verdade. Não é algo que aconteceu no tempo, é algo mais: é algo que acontece na eternidade.

Todas as pessoas estão mortas. Estão na mesma situação de Lázaro. Todas vivem em suas cavernas escuras. Todas estão fedendo e se deteriorando, porque a morte não é algo que acontece de repente. Estamos morrendo a cada dia, desde o dia do nosso nascimento. É um longo processo, que demora setenta, oitenta, noventa anos para ser completado. *A cada momento* uma parte sua morre, mas você está absolutamente inconsciente da situação e vai em frente como se estivesse vivo, continua vivendo como se soubesse o que é a vida.

A função do mestre é convocá-lo: “Lázaro, saia da caverna! Saia do seu túmulo! Saia da sua morte!” O mestre não pode lhe dar a verdade, mas pode agitar algo dentro de você, pode desencadear um processo dentro de você. Pode acionar um processo em você, que irá acender um fogo, uma chama. A verdade está dentro de você, mas muita poeira se reuniu à sua volta. A função do mestre é dar-lhe um banho em você, uma chuva, para que a poeira desapareça.

Esse é exatamente o significado do batismo cristão. Era o que João Batista estava fazendo no rio Jordão, mas as pessoas continuam entendendo mal. Atualmente o batismo também é feito nas igrejas,

mas não tem significado. João Batista estava preparando as pessoas para um banho interior. Quando elas estavam prontas, entravam simbolicamente no rio Jordão. Esse banho era simbólico – simbólico do banho que o mestre pode lhe dar. Ele pode retirar a poeira, a poeira de séculos, de você. E, de repente, está tudo limpo, tudo é claridade. Essa claridade é a iluminação.

O grande mestre zen Daie diz: “Todos os ensinamentos dos sábios, dos santos, dos mestres não expuseram nada mais do que isto: são comentários sobre o nosso grito repentino, ‘Ah, é isto!’.”

De repente, você está límpido, e uma grande alegria e um grande júbilo surgem em você e de todo o seu ser. Cada fibra do seu corpo, da sua mente e da sua alma dança e ela diz: ‘Ah, é isto! Aleluia!’ Um grito de alegria sai do seu ser.” Isso é iluminação. De repente, estrelas descem das vigas. A pessoa se torna parte da dança eterna da existência.

Auden escreveu: “Dance até as estrelas descerem das vigas! Dance, dance, dance até cair!”

Sim, isso acontece – não é algo que você tenha de fazer. É algo que, mesmo que você não queira fazer, descobrirá ser impossível resistir. Você terá de dançar.

A beleza *disto*, a beleza do *agora*, a alegria de saber que a existência *existe* e sentir a proximidade dela... Sim, as estrelas descem das vigas. Estão tão próximas que quase se consegue tocá-las, é quase possível segurá-las com as mãos.

Daie estava certo quando disse que todos os ensinamentos que os sábios expuseram não são nada mais que comentários sobre seu grito repentino: *Ah, é isto!* Todo o coração dizendo “Ah!” e o silêncio que se segue, e a paz, a alegria, o encontro, a fusão, a experiência orgástica, o êxtase...

Os mestres não ensinam a verdade; não há como ensiná-la. Ela está além das escrituras, além das palavras. É uma transmissão. É energia provocando energia em você. É uma espécie de sincronia.

O mestre desapareceu como ego. Ele é pura alegria. E o discípulo senta-se ao lado do mestre e compartilha lentamente da sua alegria, do seu ser, comendo e bebendo daquela fonte eterna e inesgotável: *Aes Dhammo Sanantano*. Um dia, e não se pode prever quando esse dia virá, isso acontecerá. Um processo se iniciará dentro da pessoa e revelará a verdade do seu ser. Você se encontrará frente a frente

consigo mesmo. Deus não está em nenhum outro lugar. Ele está aqui, agora.

A pessoa deve aproximar-se do mestre com grande amor, com grande confiança, com o coração aberto. Você não tem consciência de quem é. O mestre sabe quem ele é e quem você é. Pode-se dizer que a lagarta não tem consciência de que um dia será uma borboleta. As pessoas são lagartas, *bodhisattvas*. Todas as lagartas são *bodhisattvas* e todos os *bodhisattvas* são lagartas. Um *bodhisattva* é alguém que pode se tornar uma borboleta, pode se tornar um buda, pois é um buda na semente, na essência. Mas como a lagarta tomará consciência de que pode ser uma borboleta? A única maneira de fazê-lo é comungando com as borboletas, observando-as ao vento, ao sol. Vendo-as subindo alto, vendo-as movendo-se de uma flor para outra flor, vendo sua beleza, suas cores. Então, talvez um profundo desejo, um anseio, surja na lagarta: “Será que eu posso ser igual a ela?” Nesse exato momento, a lagarta iniciou o despertar; um processo foi desencadeado.

O relacionamento entre mestre e discípulo é o relacionamento entre uma lagarta e uma borboleta, é uma amizade entre uma lagarta e uma borboleta. A borboleta não pode provar à lagarta que ela se tornará uma borboleta, pois não há maneira lógica de fazê-lo. Mas a borboleta pode provocar um anseio na lagarta – isso é possível.

O mestre ajuda a pessoa a atingir sua própria experiência. Ele não lhe dá os Vedas, o Alcorão, a Bíblia. Ele atira a pessoa para si mesma. Ele a torna consciente de suas fontes internas, do seu próprio sumo, da sua própria divindade. Ele a liberta das escrituras. Ele a liberta das interpretações dos outros. Ele a liberta de toda crença. Ele a liberta de toda especulação, de todas as conjecturas. Ele a liberta da filosofia, da religião e da teologia. Ele a liberta, em suma, do mundo das palavras, porque a palavra é o problema.

Vocês ficam tão obcecados com a palavra “amor” que esquecem que o amor é uma experiência, não uma palavra. Vocês ficam tão obcecados com a palavra “Deus” que se esquecem de que Deus é uma experiência, não uma palavra. A palavra “Deus” não é Deus, e a palavra “fogo” não é fogo, e a palavra “amor” não é amor. O mestre liberta as pessoas das palavras, liberta-as de todos os tipos de filosofias imaginativas. Ele as conduz a um estado de silêncio sem palavras.

O fracasso da religião e da filosofia é que elas se tornaram substitutos da experiência real. Cuidado com elas!

O mestre é um médico, não de doenças comuns, mas de seus conflitos existenciais. Por isso, venho lutando em duas frentes. Tenho de combater as velhas tradições, as velhas religiões, as velhas ortodoxias, porque elas não permitem às pessoas serem saudáveis e plenas. Elas vão aleijá-los. Quanto mais aleijados estiverem, mais santos vocês vão se tornar. Então, por um lado, tenho de lutar contra qualquer tipo de pensamento ou teologia que divida as pessoas. Em segundo lugar, tenho de atuar no crescimento do seu ser interno.

Ambas são partes de um mesmo processo: como ajudar vocês a se tornarem pessoas plenas, como destruir todo o lixo que está impedindo vocês de tornarem-se plenos. Essa é a parte negativa. A parte positiva é como torná-los despertos com a meditação, com o silêncio, com o amor, com a alegria e com a paz. Essa é a parte positiva do meu ensinamento.

Com a parte positiva, não há problema algum; eu poderia ter saído pelo mundo afora ensinando às pessoas meditação, paz, amor, silêncio, e ninguém teria se oposto a mim. Mas eu não teria sido de nenhuma ajuda a ninguém, porque quem iria destruir todo o lixo? E o lixo tem de ser destruído primeiro, pois está bloqueando o caminho.

O homem sábio quer apenas que as pessoas penetrem nas coisas para terem sua própria luz. Mas elas não querem o *insight*, e sim instruções claras. Não querem enxergar a si mesmas, e sim ser guiadas. Não querem aceitar sua responsabilidade para consigo mesmas, e sim atirar toda a responsabilidade nos ombros do mestre, nos ombros do homem sábio. Então, sentem-se à vontade. Agora, elas são as responsáveis; se algo der errado, elas são as responsáveis. E tudo vai dar errado, porque, a menos que você assuma sua responsabilidade, nada jamais vai dar certo.

Ninguém pode colocar uma pessoa no caminho certo, exceto ela mesma. Uma pessoa realmente religiosa nasce no momento em que aceita sua responsabilidade por si mesma, no momento em que diz: “O que quer que eu seja, a escolha é minha – não do passado, mas do presente. É a minha escolha deste momento, e sou absolutamente livre

para mudá-la. Ninguém pode me impedir: nem forças sociais, nem o Estado, nem a história, nem a economia, nem o inconsciente. Se eu estiver determinado a mudá-la, posso mudá-la.

* * *

Desde sua infância, o homem é ensinado a não ser responsável. Ele é ensinado a depender. É ensinado a ser responsável por seu pai, por sua mãe, por sua família, por sua terra natal, por todos os tipos de bobagem, mas não lhe foi dito que ele tem de ser responsável por si mesmo, que ninguém vai assumir sua responsabilidade... Eu o ensino a não ser responsável por ninguém – pai, mãe, país, religião, partido. Não seja responsável por ninguém. Você não é!

Uma pessoa deve ser responsável apenas por si mesma e fazer qualquer coisa de que sinta vontade. Se for algo errado, a punição virá imediatamente. Se for algo certo, a recompensa virá instantaneamente. Não há outra maneira. Desse modo, ela começará a descobrir sozinha o que está errado e o que está certo. Crescerá nela uma nova sensibilidade, que os indianos chamam de terceiro olho. Ela vai começar a enxergar com uma nova visão, um novo olho. Instantaneamente saberá o que é errado, porque terá feito tal coisa tantas vezes no passado e sempre sofrido as consequências. Ela vai saber o que é certo porque quando fez tal coisa a existência fez chover grandes bênçãos sobre ela. A causa e o efeito seguem juntos; eles não são separados pelos anos e pelas vidas...

É isso que quero dizer com ser responsável por si mesmo. Não há Deus sobre o qual o homem possa despejar sua responsabilidade, mas ele está sempre procurando despejá-la sobre alguém, até mesmo sobre um homem pobre como eu, que digo repetidamente que não sou responsável por nada nem por ninguém. Ainda assim, de alguma forma, vocês podem carregar a ilusão de que estou brincando. Não estou brincando. Você pode pensar: “Ele é nosso mestre. Como pode dizer que não é responsável?”. Você não entende. Se você continuar colocando sua responsabilidade nas minhas costas, você permanecerá retardado, infantil. Nunca crescerá.

A única maneira de crescer é aceitar todo o bem e todo o mal, o alegre, o triste. Tudo o que acontece ao homem é responsabilidade dele. Isso lhe proporciona grande liberdade. Se eu for responsável por

alguma coisa, a chave para suas ações estará em minhas mãos. Você será um escravo meu. Será uma marionete cujos fios estarão em minhas mãos. Eu desejarei que dance, e você dançará; eu desejarei que pare, e você parará. É claro que a marionete não pode ser responsável por nada. O mestre de marionetes, que está atrás da tela, é o responsável. Deus é o grande mestre de marionetes.

No momento em que eu digo que não há um mestre de marionetes, que não há Deus, que não há santo, que tudo isso é lixo, estou tentando lhe dar sua total liberdade. Estou tornando-o absolutamente responsável por tudo o que acontece ou não com você. Regozije-se nessa liberdade, nesse grande entendimento de que é responsável por tudo em sua vida. Isso fará de você aquilo que eu chamo de um *indivíduo*. E tornar-se um indivíduo é saber tudo o que vale a pena saber, viver tudo o que vale a pena ser vivido. Ser um indivíduo é estar livre, é estar iluminado.

* * *

O movimento do *sannyas* não é meu. Não é de vocês. Ele já existia antes de eu nascer e continuará existindo quando eu não estiver mais aqui. O movimento do *sannyas* significa simplesmente o movimento dos buscadores da verdade. Eles sempre existiram. Claro que sempre foram torturados pelas massas ignorantes, tendo sido assassinados, crucificados – ou venerados. Lembrem-se: é a mesma coisa, quer eles sejam crucificados ou venerados; ambas são maneiras de se livrar dessas pessoas. Venerar é mais refinado. Dizemos: “O senhor é uma encarnação de Deus e vamos venerá-lo, mas não faremos o que diz... Como poderíamos fazer? Nós somos seres humanos comuns, e o senhor é extraordinário. Quer seja um profeta enviado por Deus, um mensageiro, quer seja o filho unigênito de Deus ou uma encarnação Dele, é capaz de fazer milagres.”

Nós criamos todos os tipos de milagres apenas para estabelecer uma distância entre as pessoas que vêm buscar a verdade e as pessoas que finalmente encontraram a verdade. Não estamos prontos para seguir com elas.

Sempre houve uma linha de buscadores da verdade... Eu a chamo de *sannyas*. Ela é eterna. Não tem nada a ver comigo.

Milhões de pessoas têm contribuído para ela. Eu também tenho

contribuído com minha parte. Ela vai se tornar cada vez mais rica. Quando eu me for, haverá cada vez mais pessoas chegando e tornando-a mais rica. O antigo *sannyas* era sério; eu contribuí com ele, dando-lhe senso de humor. O antigo *sannyas* era triste; eu contribuí com ele trazendo o canto, a dança, o riso... Eu o tornei mais humano.

O antigo *sannyas* tinha uma atitude de certo modo negativa diante da vida; eu contribuí tornando-a positiva. Contudo é o mesmo *sannyas*. É a mesma busca. Eu a tornei mais rica. Eu a tornei mais enraizada no mundo porque o meu ensinamento é “estejam no mundo, mas não sejam do mundo”.

Não há necessidade de renunciar ao mundo. Somente os covardes renunciam a ele. O mundo deve ser vivido. É uma escola. Você não pode crescer no Himalaia, você só pode crescer no mundo. Cada passo é uma prova. Cada passo que você dá é um teste. A vida é uma oportunidade.

Eu morrerei. Isso não significa que o movimento dos *sannyas* morrerá. Ele não pertence a ninguém. Assim como a ciência não pertence a Albert Einstein. Por que a busca da verdade deveria pertencer a alguém? A Gautama Buda? A J. Krishnamurti? Ou a mim? Ou a qualquer pessoa?

Assim como a ciência segue em desenvolvimento e todo gênio científico contribui com ela, assim como o Ganges torna-se cada vez maior e mais amplo, oceânico, da mesma forma o mundo interior necessita de uma ciência. O mundo objetivo tem uma ciência. O mundo interior necessita de uma ciência, e eu chamo de *sannyas* essa ciência do mundo interior. Ela tem crescido, mas vai contra os apegos, a ignorância, as superstições da humanidade – as chamadas religiões, as igrejas, os padres, os papas, os *shankaracharyas*... Esses são os inimigos da busca interior, porque a busca interior não necessita de organização.

O movimento *sannyas* não é uma organização, e por isso eu o chamo de “movimento”. Ele é individual. As pessoas se juntam a ele. Eu comecei sozinho e, então, as pessoas começaram a vir e se juntar a mim e, muito lentamente, a caravana foi ficando cada vez maior. Mas não se trata de uma organização, não sou líder de ninguém. Ninguém tem de me seguir. Sou grato por terem me permitido compartilhar minha bênção, meu amor, meu êxtase. Sou grato a vocês. Ninguém é meu seguidor, ninguém é inferior a mim. Não existe hierarquia. Não é

uma religião. É religiosidade pura, a própria essência. Não é uma flor, mas apenas uma fragrância, e não se pode tomar posse dela. Só é possível vivê-la, ser cercado pelo seu perfume, mas não se pode tê-la.

As religiões são como flores mortas que vocês encontram nas Bíblias, nos Gitas... Quando elas foram colocadas na Bíblia, elas estavam vivas, tinham fragrância, mas agora são apenas cadáveres. Todos os livros sagrados são cadáveres, flores mortas e nada mais.

A verdade, a autêntica verdade, tem de ser descoberta pelos indivíduos, um a um. Ninguém pode dá-la a ninguém.

É claro que alguém que atingiu a verdade pode desencadear uma sede em outros, um desejo enorme de também atingi-la. Não posso lhe dar a verdade, mas posso lhe proporcionar o desejo por ela.

Não posso lhe dar a verdade, mas posso lhe mostrar a lua... Por favor, não fique preso ao dedo que está lhe apontando a lua. Este dedo vai desaparecer. A lua vai permanecer e a busca vai continuar.

Enquanto houver um único ser humano na Terra, as flores do *sannyas* continuarão desabrochando.

TERCEIRA PARTE



O LEGADO

Posso morrer, mas estou criando uma ondulação que vai permanecer. Uma pessoa pode partir, mas, se amou alguém, esse amor criou uma ondulação que vai permanecer para sempre. Ela nunca desaparecerá, terá suas próprias repercussões e continuará vibrando. Se alguém atira um pequeno seixo em um lago, as ondulações surgem. O seixo logo se assenta no fundo do lago, mas a ondulação continua até a margem e não há margens para a existência.

Estou falando com vocês agora... Neste momento, algo está exalando entre mim e vocês. Eu morrerei, vocês morrerão, mas o que está exalando irá perdurar. Então, minhas palavras continuarão ecoando. Aquele que falou não estará mais aqui, os ouvintes não estarão mais aqui, mas o que existe entre eles torna-se parte da eternidade. E, como não há margem, estas ondulações vão continuar, continuar e continuar.

Religião sem religião

Tenho sido constantemente inconsistente para que as pessoas nunca extraiam um dogma de mim. Vão simplesmente enlouquecer se tentarem fazê-lo. Estou deixando algo terrível para os estudiosos, pois eles não serão capazes de extrair nenhum sentido. Vão enlouquecer, e merecem isso, devem enlouquecer! Mas ninguém poderá criar uma ortodoxia a partir de mim, será impossível. As pessoas podem ser chamuscadas pelas minhas palavras, mas não conseguirão encontrar nenhum tipo de teologia ou de dogmatismo.

Poderão encontrar uma forma de viver, mas não um dogma para pregar. Poderão encontrar uma qualidade rebelde a ser assimilada, mas não um tema revolucionário a ser organizado. Minhas palavras não apenas pegam fogo. Também estou colocando pólvora aqui e ali, que irá explodir por séculos. Estou colocando mais que o necessário e nunca desperdiço uma oportunidade. Quase todas as frases criarão problemas para quem quiser organizar uma religião em torno de mim.

Uma pessoa pode ter uma comunidade solta, uma comuna. É bom se lembrar desta palavra: solta. Todos são independentes, livres para viver à sua própria maneira, para interpretar-me ao seu próprio modo, para encontrar o que quiserem encontrar. Podem encontrar a maneira como querem viver, e cada um de seu jeito.

Não há necessidade de estabelecer qual é a minha religião. Estou deixando isso em aberto. Você pode desenvolver uma definição para si mesmo, mas apenas para si mesmo, e essa definição também sofrerá mudanças. À medida que você for entendendo mais e mais, terá de mudá-la. Não poderá continuar apegado a essa definição como uma coisa morta em suas mãos. Você terá de mudá-la, e ela continuará mudando você.

O cristianismo, o hinduísmo, o budismo, o jainismo e o islamismo são apenas ideologias, dogmas, credos, cultos. A verdadeira religião não tem nome, não pode ter nome. Buda a viveu, Jesus a viveu, mas é bom lembrar que Jesus não era um cristão e que Buda não era um budista. As pessoas realmente religiosas não são dogmáticas. Há trezentas religiões no mundo... É um número absurdo! Se a verdade é uma só, como pode haver trezentas religiões? Há apenas uma ciência, mas há trezentas religiões?

Se a ciência que está interessada na verdade objetiva é uma, então a religião também deve ser uma, porque está interessada na verdade subjetiva, no outro lado da verdade. Mas essa religião não pode ter nome, não pode ter ideologia.

Eu ensino apenas essa religião. Ninguém é capaz de dizer qual é o meu ensinamento porque eu não ensino princípios, ideologias, dogmas e doutrinas. Eu ensino uma religião sem religião, ensino-lhes o sabor que ela tem. Dou-lhes o método para se tornarem receptivos ao divino. Não digo nada sobre o divino. Simplesmente digo: “Esta é a janela: abram-na e verão a noite estrelada.” Essa noite estrelada é indefinível. Uma vez que a vejam através da janela aberta, vocês a conhecerão. Ver é *conhecer* e ver deve ser *ser*, também. Não deve haver outra crença.

Então, todo o meu esforço é existencial, não intelectual. E a verdadeira religião é existencial. Ela tem acontecido para poucas pessoas e depois desaparecido da terra porque os intelectuais imediatamente a agarram e, a partir dela, começam a criar belas ideologias, claras, limpas e lógicas. Nesse grande esforço, destroem sua beleza. Ao criarem filosofias, a religião desaparece. O erudito, o intelectual e o teólogo são inimigos da religião.

Então, lembrem-se de que vocês não estão sendo iniciados em determinada religião, e sim na religiosidade. Ela é vasta, imensa, ilimitada... É como todo o céu. Nem o céu é o limite, por isso abram suas asas sem medo. Toda esta existência nos pertence, é o nosso templo, é a nossa escritura. Se é menos do que isso, é invenção do homem, manufaturada pelo homem. Não importa muito onde ela é manufaturada, mas tenham cuidado para que possam conhecer a verdade que não é criada pelo homem. Ela está disponível nas árvores, nas montanhas, nos rios, nas estrelas, em você e nas pessoas que o cercam. Está disponível em toda parte.

A ciência é a busca da verdade no mundo objetivo e a religião é a busca da verdade no mundo subjetivo. Na verdade, elas são as duas asas de uma ave, de uma investigação. Fundamentalmente, não haveria necessidade de dois nomes. Para mim, “ciência” é um nome perfeitamente belo, porque significa “conhecer”. E a ciência tem dois lados, como toda moeda tem dois lados. Quando se trata de conhecer na dimensão da matéria, você pode chamar de ciência objetiva; quando se trata de conhecer na dimensão da sua interioridade – do seu ser interno, da sua consciência –, você pode chamar de ciência subjetiva. Não há necessidade da palavra “religião”.

A palavra ciência é perfeitamente boa, e é a mesma busca, apenas em direções diferentes. E será bom que tenhamos uma ciência suprema, que seja uma síntese, uma sincronia da ciência externa com a ciência interna. Então, não haverá necessidade de tantas religiões nem de que alguém seja ateu. Quando não houver mais teístas, não haverá necessidade de ateístas, pois eles são apenas reações. Há os crentes em Deus, assim como há os descrentes de Deus. Quando não houver mais crentes, qual será a necessidade dos descrentes?

O ponto fundamental da ciência é que não há necessidade de acreditar em nada. Essa é a abordagem científica da realidade: não acredite, investigue. No momento em que as pessoas acreditam, a investigação para. Mantenham suas mentes abertas: não creiam nem descreiam, mas permaneçam alertas e duvidem de tudo até chegarem a um ponto em que seja indubitável – isso que é a verdade. Você não pode duvidar da verdade. Não é uma questão de acreditar nela. É um fenômeno totalmente diferente. É tanta certeza, dominando você completamente, que não há como duvidar dela.

Isto é conhecer. E este conhecer transforma o homem em um buda, em um iluminado. Esse é o objetivo de todo crescimento humano.

O crédito de provocar um salto quantitativo na religião remonta a séculos antes de Gautama Buda até Adinatha que foi o primeiro a pregar uma religião sem Deus. Foi uma revolução incrível porque em parte alguma do mundo se havia concebido tal coisa. Deus é a parte

essencial, o centro, de todas as religiões, mas colocá-lo no centro da religião torna o homem apenas a periferia. Conceber Deus como o criador do mundo torna o homem apenas uma marionete.

Por isso, em hebraico, que é a língua do judaísmo, o homem é chamado de *adam*, que significa lama. Em árabe, o homem é chamado de *admi*, que tem a mesma raiz de *adam* e também significa lama. Em inglês, que se tornou em geral a linguagem do cristianismo, a palavra *human* vem de “húmus”, que significa lama, barro. Naturalmente, se é o criador, Deus tem de criar a partir de alguma coisa. Tem de fazer o homem como uma estátua e soprar a vida para dentro dela. Mas, se é assim, o homem perde toda a dignidade.

E, se Deus é o criador do homem e de tudo o mais, essa ideia toda é esquisita. O que Deus fez durante toda a eternidade, antes de criar o homem e o universo? Segundo o cristianismo, ele criou o homem apenas 4.004 anos antes da vinda de Jesus Cristo. Então, o que esteve fazendo ao longo de toda a eternidade? Sua criação parece um capricho. Não deve haver nenhuma causa, porque isso significaria que para haver uma causa para Deus ter criado a existência significa que há poderes mais elevados do que Deus, há causas que podem fazê-lo criar. Há a possibilidade de que tenha surgido um desejo de criação, mas isso não é muito filosoficamente consistente, porque durante toda a eternidade ele ficou sem desejos – e estar sem desejos é uma bem-aventurança. É impossível imaginar que de uma experiência de eterna bem-aventurança tenha nascido em Deus um desejo de criação. Desejo é desejo, seja para fazer uma casa, seja para tornar-se primeiro-ministro ou criar o mundo. Deus não pode ser concebido como alguém que tem desejos, então a única possibilidade que resta é ser caprichoso e excêntrico. Nesse caso, não há necessidade de uma causa nem de um desejo, apenas de um capricho.

Mas, se toda esta existência foi criada a partir de um capricho, ela perde todo o significado, toda a significância. Amanhã outro capricho pode surgir em Deus para destruir todo o universo. Então, somos simplesmente bonecos nas mãos de um Deus ditatorial que tem todos os poderes, mas não tem uma mente sã e é caprichoso.

Adinatha deve ter sido um meditador muito profundo, contemplativo, para ter chegado à conclusão de que, se há Deus, não há significado no mundo. Se quisermos que o mundo tenha significado, Deus tem de ser descartado. Ele deve ter sido um homem

de enorme coragem. As pessoas continuam venerando-o nas igrejas, nas sinagogas, nos templos, e esse homem, Adinatha, 5 mil anos antes de nós, chegou a uma conclusão científica muito clara de que não há nada mais elevado que o homem e de que qualquer evolução só poderá acontecer no interior do homem e em sua consciência.

Adinatha foi o primeiro dos 24 mestres do jainismo e seu salto quantitativo foi descartar Deus. Esse crédito não vai para Buda, que veio 25 séculos depois de Adinatha, mas Gautama Buda deve receber outro crédito. Adinatha descartou Deus, mas não conseguiu colocar a meditação em seu lugar. Ele criou o ascetismo, as austeridades e as torturas do corpo – o jejum, permanecer nu, comer apenas uma vez por dia, não beber à noite, não comer à noite, só comer determinados alimentos etc. Ele chegou a uma bela conclusão filosófica, mas parece que sua conclusão foi só filosófica, não meditativa.

Quando se descarta Deus não se pode ter nenhum ritual, não se pode ter culto, não se pode ter oração. Algo tem de ser substituído. Ele substituiu Deus pelas austeridades, porque o homem se tornou o centro da sua religião e o homem precisa se purificar. A pureza em sua concepção era desprender-se do mundo, desprender-se do próprio corpo. Isso distorceu tudo. Ele chegou a uma conclusão muito importante, mas sua conclusão permaneceu sendo apenas um conceito filosófico.

Adinatha descartou Deus, mas deixou um vácuo que Buda preencheu com a meditação. Adinatha criou uma religião sem deus; Buda criou uma religião meditativa. Essa foi a contribuição de Buda. O importante não é torturar o corpo, e sim tornar-se mais silencioso, tornar-se mais relaxado, tornar-se mais pacífico. É uma jornada interna para atingir o centro da própria consciência, e o centro da consciência é o centro de toda a existência.

Mais 25 séculos se passaram. Assim como o conceito revolucionário de religião sem Deus se perdeu em um deserto de austeridade e autotortura, a ideia de meditação de Buda – algo interior, que ninguém mais pode ver, e no qual só a própria pessoa sabe se está ou não progredindo – ficou perdida em outro deserto, o deserto da religião organizada.

A religião diz que não se pode confiar nos indivíduos isoladamente, quer meditem quer não. Eles necessitam de comunidades, mestres, mosteiros onde possam viver juntos, onde

aqueles que estão em um nível de consciência mais elevado possam observar os outros e ajudá-los. Tornou-se essencial que as religiões não fossem deixadas nas mãos dos indivíduos, que fossem organizadas e estivessem nas mãos daqueles que chegaram a um ponto de meditação elevado.

No início, foi bom. Enquanto Buda estava vivo, muitas pessoas atingiram a autorrealização, a iluminação. Mas quando Buda morreu, e essas pessoas morreram, a própria organização que deveria ajudar as pessoas a meditar caiu nas mãos de sacerdotes que começaram a criar rituais em torno da imagem de Buda. Buda tornou-se outro Deus. Adinatha descartou Deus e Buda nunca aceitou a existência de Deus, mas esse sacerdócio não poderia existir sem um Deus. Então, pode não existir um Deus criador, mas Buda atingiu a divindade. Para outros, a única coisa importante é adorar Buda, ter fé em Buda, seguir seus princípios e viver de acordo com sua doutrina. Buda foi perdido na organização, na imitação. E todos esqueceram o básico, que era a meditação.

Então, todo o meu esforço é no sentido de criar uma religião sem religião. Vimos o que acontece com as religiões que têm Deus como centro. Vimos o que aconteceu com o conceito revolucionário de Adinatha. Vimos o que aconteceu com Buda e a religião organizada sem Deus.

Agora, meu esforço é, assim como dissolveram Deus, dissolver também a religião e deixar apenas a meditação, para que ela não possa ser esquecida de modo algum. Não há com o que substituí-la. Não há Deus e não há religião. Por religião, eu me refiro a doutrina, credo, ritual e sacerdócio organizados.

Pela primeira vez, quero que a religião seja absolutamente individual, porque todas as religiões organizadas, com Deus ou sem Deus, desencaminharam a humanidade. E a única causa foi sua organização, que tem suas próprias maneiras, que vão contra a meditação. A organização é, na verdade, um fenômeno político, não é religioso. É outro caminho para o poder e o desejo de poder. Todo padre cristão espera se tornar bispo, para se tornar depois cardeal, para se tornar depois papa. Essa é uma nova hierarquia, uma nova burocracia, e, como ela é espiritual, ninguém lhe faz objeção. A pessoa pode ser bispo, pode ser papa, pode ser qualquer coisa. Isso não é objetável porque ela não vai obstruir a vida de ninguém. É apenas

uma ideia abstrata.

Meu esforço é para destruir completamente o sacerdócio. Ele permaneceu com Deus e permaneceu na religião sem Deus. Agora, a única maneira é descartarmos tanto Deus como a religião, para que não haja possibilidade de nenhum sacerdócio. Então, o homem será absolutamente livre e responsável por seu próprio crescimento.

Para mim, quanto mais um homem for responsável por seu próprio crescimento, mais difícil será para ele adiá-lo por muito tempo, porque isso significa que, se você está infeliz, *você* é o responsável por sua infelicidade. Se estiver tenso *você* é o responsável. Se não estiver relaxado, *você* é o responsável. Se estiver em sofrimento, *você* é o responsável. Não há Deus, não há sacerdócio ou ritual ao qual recorrer. Você é deixado só com sua infelicidade, e ninguém quer ser infeliz.

Os padres continuam dando ópio ao povo, continuam dando esperança: “Não fiquem preocupados. Trata-se apenas de um teste para sua fé, para sua confiança. E se conseguirem superar esta infelicidade e este sofrimento em silêncio e pacientemente, vocês serão imensamente recompensados depois da morte.” Se não houver o sacerdócio, você terá de entender que, o que quer que você seja, você mesmo é o responsável – ninguém mais. E a sensação de que “eu sou responsável pela minha infelicidade” abre a porta. Então, você começará a buscar métodos e meios para sair deste estado infeliz.

A meditação é simplesmente o estado oposto à infelicidade, ao sofrimento, à angústia, à ansiedade. É o estado em que há um florescimento pacífico e bem-aventurado do ser, tão silencioso e tão atemporal que não se pode conceber nada melhor. E nada é melhor do que o estado de uma mente meditativa.

Então, podemos dizer que houve três saltos quantitativos.

Primeiro, Adinatha descartou Deus porque achou que Deus estava se tornando pesado demais sobre o homem. Em vez de ajudá-lo em seu crescimento, Deus se tornara um fardo. Mas Adinatha se esqueceu de substituí-lo por algo. O homem necessita de algo em seus momentos infelizes, em seu sofrimento. Ele costumava rezar para Deus – Adinatha descartou Deus, levou sua oração embora, e agora, quando ele estiver infeliz, o que vai fazer? No jainismo não há lugar para a meditação.

Buda percebeu que a lacuna deixada por Deus devia ser

preenchida; do contrário, essa lacuna destruiria o homem. Ele insere a meditação, algo realmente autêntico que pode mudar todo o ser, mas ele não tinha consciência – talvez não pudesse ter, porque há coisas que você não pode perceber a menos que aconteçam – de que não deveria haver nenhuma organização, de que não deveria haver sacerdócio, de que assim como Deus, a religião também deveria ser descartada. Ele pode ser perdoado, por não ter pensado sobre sobre isso, pois não havia passado para ajudá-lo a ver. Tudo isso veio depois dele.

O problema real é o sacerdote. Deus é invenção do sacerdote. A menos que se possa descartá-lo, o sacerdote encontrará novos rituais e criará novos deuses.

Meu esforço é no sentido de que exista apenas a meditação, sem mediador entre o homem e a existência. Quando você não está em meditação, você está separado da existência, e esse é seu sofrimento. É a mesma coisa que tirar um peixe do mar e atirá-lo na areia: a infelicidade, o sofrimento e a tortura pelos quais ele passa e o anseio e o esforço para voltar ao mar, porque é lá o seu lugar, porque ele é parte do mar e não pode ficar separado dele. Qualquer sofrimento é simplesmente indicativo de que o homem não está em comunhão com a existência, de que o peixe não está no mar.

A meditação não é nada além da retirada de todas as barreiras – pensamentos, emoções e sentimentos – que criam uma parede entre o homem e a existência. No momento em que elas caem, o homem se vê em sintonia com o todo; não só se vê em sintonia, mas realmente descobre que ele é o todo. Quando uma gota de orvalho escorrega de uma folha de lótus e cai dentro do oceano, ela não acha que é parte do oceano, e sim descobre que ela é o oceano. E descobrir isso é o objetivo fundamental, a última realização. Não há nada além disso.

Então, Adinatha descartou Deus, mas não descartou a organização, e, como não havia Deus, a organização criou rituais. Buda, vendo o que aconteceu com o jainismo, que se tornou ritualismo, descartou Deus e descartou todos os rituais, insistindo precisamente na meditação, mas esqueceu-se de que os sacerdotes que criaram os rituais no jainismo faziam o mesmo com a meditação. E fizeram, tornando o próprio Buda um deus. Os budistas falam sobre meditação, mas, basicamente, são adoradores de Buda – eles vão ao templo e, em vez das estátuas de Krishna ou de Cristo, adoram a estátua de Buda.

Deus não estava lá e o ritual em torno da meditação era difícil. Eles criaram uma estátua e começaram a dizer, da mesma forma que todas as religiões fazem: “Tenha fé em Buda, confie em Buda e você será salvo.”

As duas revoluções se perderam. Eu quero que aquilo que estou fazendo não seja perdido. Então, estou tentando de todas as maneiras possíveis descartar as coisas que, no passado, foram barreiras impedindo que a revolução continuasse e crescesse. Não quero que ninguém fique entre o indivíduo e a existência. Nenhuma oração, nenhum padre. A própria pessoa, sozinha, é suficiente para olhar o nascer do sol; ela não precisa de ninguém para interpretar o que é um belo nascer do sol.

Você está aqui, todo indivíduo está aqui, toda existência está disponível. Tudo o que você precisa é ficar em silêncio e escutar a existência. Não há necessidade de religião, não há necessidade de nenhum Deus, não há necessidade de qualquer sacerdócio, não há necessidade de qualquer organização.

Eu confio categoricamente no indivíduo. Ninguém jamais confiou dessa maneira no indivíduo. Então, todas as coisas podem ser removidas. Tudo o que restou para vocês é um estado de meditação, que simplesmente significa um estado de completo silêncio. A palavra meditação faz parecer algo mais pesado. É melhor chamá-lo apenas de um simples e inocente silêncio, e a existência abre todas as suas belezas para você.

E, à medida que esse processo for crescendo, o homem continuará crescendo, e chegará o momento em que ele terá atingido o verdadeiro pico da sua potencialidade. Você pode chamá-lo de estado búdico, iluminação, *bhagwatta*, estado de divindade, como queira – ele não tem nome; portanto qualquer nome serve.

Meditação para o século XXI

Há dez anos seguidos, venho ensinando relaxamento direto. Como era simples para mim, achei que seria simples para todos. Então, pouco a pouco, percebi que é impossível. Eu estava enganado! Quando eu dizia “Relaxem”, as pessoas pareciam entender o significado da palavra, mas não conseguiam relaxar. Então, tive de criar novos métodos para meditação, que de início criam mais tensão. Então, eu digo: “Relaxem”.

Quando uma pessoa atinge o clímax, todo o seu corpo e toda a sua mente tornam-se ávidos por relaxamento. Com tanta tensão, ela quer parar, e eu prossigo, insistindo para que ela continue até o fim. Faça o que puder para criar tensões e, então, quando parar, simplesmente você cairá do pico de tensão para um abismo profundo. O abismo é o fim, a ausência de esforço é o fim, mas pode-se usar a tensão como meio.

* * *

Quando eu ainda era professor na universidade, um dos meus colegas quis aprender meditação. Eu tinha uma pequena escola de meditadores ali. No primeiro dia em que vivenciou o silêncio, ele simplesmente deu um salto do pequeno templo onde costumávamos meditar e fugiu! Eu não entendi o que havia acontecido. Tive de segui-lo. Ele olhou para trás e, quando me viu, correu mais depressa.

Eu gritei: “Espere, Nityananda! Espere um momento!” Ele abanou a mão, querendo dizer “acabou” e disse: “Eu não quero meditar! Você é um homem perigoso!”

Finalmente, consegui alcançá-lo pouco antes que entrasse em sua casa. Ele já não poderia correr para lugar nenhum.

— Seria melhor você me contar o que aconteceu — pedi a ele.

— O que você fez eu não sei, mas fiquei mudo, sem pensamentos!

E você me conhece, sou um tagarela. Começo a falar pela manhã e continuo até cair no sono quase no meio de uma frase. Falo o tempo todo. Isso me mantém ocupado, despreocupado, sem problemas. Eu sei que há problemas, mas converso com todo mundo... Se não tiver ninguém por perto, converso comigo mesmo. Mas ali, sentado com você, de repente a conversa parou. Eu fiquei em branco. E pensei: “Meu Deus, eu vou enlouquecer! Se isso acontecer comigo durante 24 horas... Estou acabado!”

“Se minha mente não voltar... É melhor fugir daqui antes que este silêncio vá mais longe. E por que estas trinta, quarenta pessoas estão sentadas aqui com os olhos fechados? Isso é problema delas. Cada um tem de cuidar de si. Foi o que pensei e, então, fugi.”

— Não fique preocupado — disse a ele. — O silêncio não destrói sua mente; ele simplesmente ajuda sua mente a descansar. E isso aconteceu muito facilmente porque você é um tagarela e sua mente está cansada. Em geral, isso não acontece com tanta facilidade. Não é fácil sua mente se tornar silenciosa na primeira vez que você se senta para meditar.

Eu lhe disse:

— Você incomodou tanto sua mente durante toda a sua vida que as pessoas até têm medo de você. Sua esposa tem medo, seus filhos têm medo. Na universidade, os professores têm medo. Quando você se senta na sala comum, toda a sala se esvazia, todos fogem dali. Isso porque você usa demais a mente. Ela é um mecanismo e precisa de um pequeno descanso. Os cientistas dizem que até os metais ficam cansados e necessitam de descanso. A mente é muito sofisticada, a coisa mais sofisticada em todo o universo, e você a tem usado tanto que, encontrando uma chance, ela ficou imediatamente em silêncio. Você deveria estar feliz.

— Mas ela voltará ao que era ou não? — perguntou ele.

— Sim, quando você quiser.

— Fiquei com medo de que ela não retornasse... então, Nityananda Chaggerji, sua vida estaria acabada. Eu iria parar num hospício... Por que fui perguntar a esse homem sobre meditação?

— Eu também estava me perguntando por que você quis meditar.

— Eu estava simplesmente falando sobre o assunto. Era apenas uma conversa sobre qualquer coisa, e então você me agarrou e disse: “Tudo bem. Você vai de carro comigo.” Eu nunca quis... Eu falo sobre

tudo, conheça ou não o assunto. Não importa, eu posso falar durante horas. Você estava sentado na sala, e lá não havia ninguém, e achei que meditação seria o único tema sobre o qual você estaria interessado em conversar. E você me agarrou, me colocou no carro... E eu pensei: “Que mal pode fazer? Minha casa fica a poucos minutos da casa dele e é bom dar uma volta de carro. E posso falar durante todo o caminho.” E durante todo o caminho falei sobre meditação. E foi assim que caí na sua armadilha, porque então não pude voltar atrás. Você me empurrou para dentro daquele templo onde havia quarenta pessoas sentadas. Então tive de me sentar. Eu queria escapar dali desde o início! Nunca quis meditar, porque não quero entrar em nada que não sei aonde vai me levar. E, justamente quando eu estava sentado ali, tudo se tornou silencioso. Abri meus olhos, olhei em volta e todos estavam com os olhos fechados e em silêncio. Eu tinha de escapar. E você não me deixou sequer fugir. Toda a rua viu que eu estava fugindo e você estava me seguindo... e eu dizia para mim mesmo que não ia parar. Eu só... fiquei com muito medo. Tenho medo do silêncio. Falar, está tudo bem.

— Você é feliz porque falou tanto que sua mente está pronta para relaxar — disse a ele. — Não perca esta oportunidade e não tenha medo! Você não consegue me ver? Eu posso falar. Você conseguirá falar sempre que quiser. Neste exato momento, a fala não está em seu poder. Ela sai sozinha, você é simplesmente um disco. O silêncio vai torná-lo um mestre.

— Bem, se você promete... Confio em você e irei lá todos os dias. Mas lembre-se de que não quero ficar louco. Eu tenho filhos, tenho esposa, tenho pais idosos...

— Não se preocupe. Você não vai enlouquecer — garanti a ele.

E você ficará surpreso ao saber que aquele homem progrediu melhor do que qualquer outro. Isso me deu a ideia de uma meditação especial e comecei a usar uma nova técnica, a algaravia, o *gibberish*. Ela não era nova, mas ninguém a havia usado como um dispositivo para muitas pessoas entrarem em meditação.

— Não fique preocupado — insisti. — Você tem feito tanta algaravia que certamente vai atingir um profundo silêncio.

E ele se tornou mesmo muito silente. Toda a universidade ficou chocada. Não conseguiam acreditar... O que eu lhe havia feito? Agora as pessoas se aproximavam dele, queriam que ele falasse, e ele dizia:

“Não, chega. Quando eu falava, todos vocês fugiam. Agora, chega. Deixem-me em paz.”

Ele foi promovido, mas recusou a promoção e pediu a aposentadoria para que sua esposa e os filhos pudessem sobreviver enquanto ele continuava em seu silêncio. Eu o vi depois de dez anos. Era um homem totalmente novo, tão renovado e tão jovem como um botão se abrindo para tornar-se uma rosa. E ele não falava. Ele vinha e ficava sentado durante horas. Não havia conversa.

A mente é apenas um mecanismo que pode falar ou ficar em silêncio. O único problema é que ela não deve ser o mestre, e sim o servo. Como um servo, ela é ótima; como um mestre, é perigosa. O homem deve ser o mestre da mente.

* * *

Você não pode fazer meditação, só pode estar em meditação. Não é uma questão de fazer alguma coisa, é uma questão de ser. Não é um ato, mas um estado.

* * *

Muitas vezes acontece de um ateu vir até mim e perguntar: “Posso meditar também?” – porque se tornou prevalente a ideia de que é preciso acreditar em Deus para meditar. Ora, essa é uma ideia muito tola. Meditação não tem nada a ver com Deus. De fato, a verdade é que acreditar em Deus torna mais difícil meditar. Sua crença se tornará um estorvo.

Uma pessoa que não acredita em nada pode ir além dos pensamentos, mas a pessoa que acredita se apega ao pensamento, porque sua crença é um pensamento. A crença faz parte da mente – se você acredita muito em Deus, não pode abandonar sua mente, porque isso significa, obviamente, abandonar sua crença. O homem que não consegue acreditar está em uma situação melhor.

Em inglês, a palavra *meditation* [meditação] dá uma conotação errada de que estamos meditando *sobre* alguma coisa, de que precisamos ter algum objeto sobre o qual meditar, e esse é o problema. No Oriente, usamos outra palavra, *dhyana*. *Dhyana* simplesmente significa que não existe a questão de foco, de se

concentrar em alguma coisa; significa abandonar todo o conteúdo da mente e deixar-se estar. A meditação no sentido do *dhyana* não necessita de objeto; é um estado de consciência ausente de conteúdo. Você vai abandonando – *neti, neti*, nem isto nem aquilo – rejeitando todos os pensamentos, bons e ruins. Quando todos os pensamentos são eliminados, o que resta? Fica você, fica a divindade.

Mas o nome que você dá ao seu estado meditativo não importa. Pode chamá-lo de Deus se a palavra lhe agrada; se não lhe agrada, pode chamá-lo de nirvana, pode chamá-lo de *tao* ou de qualquer outra coisa. Mas não é necessário se preocupar com o fato de não acreditar em Deus. Isso é bom! Esta é minha abordagem: se alguém diz “Eu acredito em Deus”, eu digo “Isso é bom. Vamos começar a partir daí, que vai funcionar”. Se alguém diz: “Eu não acredito em Deus”, eu digo: “Isso é bom. Vamos começar a partir daí que vai funcionar”.

A pessoa precisa começar do ponto em que está. E todos os pontos são bons. Todos os pontos estão na circunferência e o centro está disponível a todos. Então, a pessoa deve se mover na direção do centro sem ficar preocupada com onde está.

* * *

Certa tarde, o mulá Nasrudin foi cortar o cabelo em uma barbearia. Ele viu a lista de preços presa na parede da barbearia e leu: “Chamuscar: 5 dólares”. Ele perguntou ao barbeiro por que custava tão caro.

— Todo fio de cabelo da sua cabeça é um pequeno tubo vazio e aberto nas extremidades, pelo qual circula uma espécie de energia do corpo — disse o barbeiro. — Quando você corta o cabelo, é uma boa ideia chamuscá-lo, porque isso fecha a extremidade de cada fio e sela a energia. Do contrário, o cabelo e todo o seu corpo vão ficando mais fracos a cada corte.

— Espere um minuto — disse o mulá. — E os pelos do meu queixo? Eu me barbeio todos os dias, cortando as extremidades, e os fios crescem cada vez mais grossos e fortes. Como você explica isso?

— É fácil! — disse o barbeiro. — Você não é o tipo de homem para quem esta história deve ser contada!

Essa é apenas uma história. Se agradar a pessoa, tudo bem; se não a agradar, tudo bem! Não é necessário acreditar e a pessoa não precisa

fazer nada a respeito disso. Não perca seu tempo com Deus. Muitas pessoas continuam desperdiçando tempo. Alguém está tentando provar que Deus existe, alguém está tentando provar que Deus não existe, grandes tratados têm sido escritos. Há mais livros escritos sobre Deus do que sobre qualquer outra coisa... Há milhões de livros, bibliotecas cheias de livros. Não desperdice seu tempo. Se uma pessoa não consegue acreditar, é porque essa história não foi feita para ela. Mas temos outras histórias também, então por que se preocupar? Também há uma maneira para pessoas sem Deus.

E a minha maneira é para todos. Quem quer que venha será aceito. O hindu, o muçulmano, o cristão, o jainista, o sique, o budista, o parse, qualquer um será aceito. Eu adoro todas as histórias! Qualquer tipo de início é bom, mas comece. Não permaneça paralisado onde está, mas mova-se em direção ao centro. Medite, pois isso o levará para casa. Não é da minha conta como a pessoa chama sua meditação. Pode lhe dar qualquer nome.

* * *

Há 112 métodos de meditação descobertos ao longo de 10 mil anos. Eu criei alguns métodos novos para o homem moderno, porque os métodos anteriores haviam sido criados para um tipo de humanidade diferente, para pessoas muito simples. O homem contemporâneo não é simples; ele é muito complexo. Esses métodos anteriores eram para pessoas naturais, que não eram reprimidas, mas as religiões tornaram todos reprimidos. Sexualmente e também de outras maneiras, elas direcionaram a humanidade contra sua própria natureza.

Então, criei novos métodos catárticos, para que você possa se livrar de todas as repressões, de todo o lixo que está dentro do seu ser, e possa deixá-lo limpo, uma *tabula rasa*. Por isso, aqueles 112 métodos – qualquer um deles que o atraia será o bastante para transformar você.

* * *

Todos os dias, durante sessenta minutos, o homem deve esquecer o mundo, deixar o mundo desaparecer dele e também desaparecer do mundo. Dar uma meia-volta, um giro de 180 graus, e olhar para dentro de si. No início, ele só verá nuvens. Não deve se preocupar com

elas, pois são criadas por suas repressões. Depois, encontrará a raiva, o ódio, a ganância e todos os tipos de buracos negros. Ele os reprimiu, e por isso estão ali. E suas assim chamadas religiões ensinam a reprimi-los, e por isso eles ficam ali como feridas escondidas.

Por isso, minha primeira ênfase está na catarse. A menos que passe por uma grande catarse, você terá de passar por muitas nuvens. Isso será cansativo, e você pode ficar tão impaciente que deseje retornar ao mundo. E você dirá: “Não há nada. Não existe lótus nem fragrância, só existe mau cheiro e lixo.”

Você sabe. Quando fecha os olhos e começa a se mover para dentro, com o que você se depara? Não encontra aquelas belas terras sobre as quais os budas falam. Encontra infernos e agonias reprimidos esperando por você. A raiva acumulada de muitas vidas – há uma confusão completa lá dentro. Então tudo o que desejará é permanecer fora. As pessoas querem ir ao cinema e ao clube, querem encontrar outras pessoas e conversar, querem permanecer ocupadas até ficarem cansadas e caírem no sono. Essa é a maneira como vocês vivem, seu estilo de vida.

Então, quando alguém começa a olhar para dentro em si mesmo, naturalmente fica muito confuso. Os budas dizem que sentem uma grande bênção, uma grande fragrância, que a pessoa passa por flores de lótus desabrochando, por uma fragrância que é eterna. Eles falam sobre esse paraíso, falam sobre esse reino de Deus que está dentro de você. E quando você vai para dentro, só se depara com o inferno. Não vê as terras de Buda, mas os campos de concentração de Adolf Hitler. Naturalmente, você começa a pensar que tudo aquilo é uma bobagem, que é melhor permanecer do lado de fora. Por que continuar mexendo nas suas feridas? Dói. E pus começa a sair das feridas, e é sujo.

Mas a catarse ajuda. Se você passar pela catarse, passar pelas meditações caóticas e livrar-se de todas essas nuvens, de toda essa escuridão – então a consciência plena se tornará mais fácil. Por isso, eu enfatizo primeiro as meditações caóticas e, depois, as meditações silenciosas. Primeiro, as meditações ativas e, depois, as meditações passivas. A pessoa só pode entrar na passividade quando todo o lixo tiver sido descartado: a raiva, a ganância, todas as camadas das coisas que estão lá. Uma vez que elas são descartadas, pode-se facilmente entrar. Não há nada que impeça.

E, de repente – a luz brilhante da terra de Buda. De repente, você

está em um mundo totalmente diferente.

Campo de meditação, Monte Abu, Rajastão, Índia (1972)

A meditação da manhã tem quatro estágios. Durante os primeiros dez minutos, você deve respirar rápido. Você entra na existência através da respiração e precisa ter vigor e energia para respirar. Você deve colocar toda a sua vida na respiração – tanto que, quando expirar, sua própria alma saia com o ar, e, quando inspirar, toda a existência entre nela com o ar. Deve respirar tão intensamente que esqueça todo o resto e apenas a respiração permaneça, como se você próprio se tornasse a respiração.

Essa respiração intensa por dez minutos despertará todas as energias adormecidas dentro de você, energias nas quais você nunca sequer tocou. Mas não seja mesquinho, porque dessa forma não vai funcionar. Não pense que respirando lentamente pelo menos *alguma* energia vai ser despertada. Não, de jeito nenhum, porque o processo do despertar só começa após certo limite ser alcançado. A água precisa ser aquecida até cem graus para se transformar em vapor. Não pense que sendo aquecida apenas até trinta graus ela vai se transformar em *algum* vapor. Não, isso não funciona. A água se transforma em vapor ao atingir cem graus. Não pense que atingindo cinquenta graus pelo menos metade dela se transformará em vapor, pois nenhuma parte dela vai se transformar em vapor. Ela só começa a se transformar em vapor quando atinge cem graus.

E o que são esses cem graus? Para a água, é a mesma coisa em qualquer lugar. Em qualquer canto do mundo, a água se transforma em vapor quando atinge cem graus, venha de um lago, de um rio, de uma torneira ou da chuva. Para o homem, a dificuldade é maior porque ele tem uma personalidade, uma individualidade. Cada indivíduo se transforma em vapor em dada temperatura – ou, melhor, os cem graus são diferentes para cada pessoa. O homem também só se transforma em vapor aos cem graus, mas os cem graus de cada homem são diferentes. Então, é difícil dizer em que ponto você vai se transformar em vapor, mas uma coisa é certa: você pode avaliar seu

próprio ponto de cem graus. O critério é: se você absolutamente não se reprimir, chegará aos cem graus. Mas isso se você se lançar totalmente no próprio esforço, se você estiver absolutamente certo de que não está se segurando. E as outras pessoas não têm nada a ver com isso – é uma coisa só sua. Você só precisa saber que absolutamente não está se contendo, que está se jogando totalmente. Se estiver se entregando totalmente, você atingiu os cem graus. Então, não há nada com que se preocupar.

Também é possível que seu vizinho esteja fazendo mais esforço do que você e ainda não tenha alcançado seus cem graus. Ele pode estar contendo algo de si mesmo. E também é possível que alguma outra pessoa esteja fazendo menos esforço do que você e já tenha alcançado cem graus, pois se colocou completamente em risco. Portanto, não fique preocupado com os outros. Seja claro consigo mesmo sobre estar completamente em risco ou não.

A meditação é um jogo. Em todos os jogos, apostamos em alguma coisa; na meditação, apostamos em nós mesmos. Esta é certamente uma atividade para um jogador, e não para um homem de negócios, porque a preocupação de um homem de negócios é que haja o menor risco, mesmo que os lucros sejam pequenos. A preocupação de um jogador é que os lucros sejam grandes, mesmo que haja o risco de perder tudo. Essa é a diferença entre um jogador e um homem de negócios. Portanto, a meditação não é de modo algum um empreendimento para um homem de negócios. A meditação é absolutamente para um jogador. Ele aposta tudo o que tem, não importa o que aconteça.

Há uma diferença: nos outros jogos, nos jogos externos, raramente há um ganho. Há a ilusão de que o ganho *vai* ocorrer, embora não ocorra. Ele nunca ocorre. Nos jogos externos, mesmo que haja um ganho, ele é apenas o início de uma derrota maior. Mesmo que haja um ganho, ele é apenas uma tentação para uma perda maior. Por isso, um jogador jamais ganha; não importa quantas vezes ganhe, ele não é um vencedor, porque no final perderá.

No jogo interno acontece exatamente o contrário: mesmo que haja uma derrota, ela será apenas o início para algum ganho que virá. Um meditador nunca perde no final – ele perde muitas vezes, mas ganha no fim. Não se deve crer que Mahavira ou Buda ganharam no primeiro dia, que Maomé ou Cristo ganharam no primeiro dia. Não, ninguém

ganha no primeiro dia. Eles perderam muito, mas, finalmente, ganharam!

Então, respire intensamente por dez minutos, envolvendo-se totalmente nessa ação. Depois de dez minutos de intensa respiração, quando a energia estiver completamente acordada, ela deve ser lançada para fora por qualquer trajeto que queira utilizar. Talvez o seu corpo queira pular, saltar, dançar, chorar e criar sons; pode parecer ter ficado completamente insano; você não deve contê-lo. Dê-lhe rédea solta, dê-lhe apoio. Se seu corpo quiser enlouquecer completamente, deixe que ele enlouqueça.

Por que deve ser assim? Porque há infinitas loucuras acumuladas dentro de nós. E você deve deixar seu corpo enlouquecer completamente. Isso significa que você não deve sentir nenhum medo. Talvez você pense: “O que estou fazendo? Estou gritando? Sou um professor universitário... O que estou fazendo? Sou um médico e estou pulando e saltando desse jeito? E se algum paciente meu me vir assim?” Um médico pode ter medo do seu paciente, um professor pode ter medo do seu aluno e um comerciante pode ter medo do seu cliente. Não importa de quem a pessoa tenha medo: enlouquecer significa livrar-se de cada um desses medos. O marido pode ter medo da esposa, e a esposa pode ter medo do marido. Um filho pode ter medo do pai, e o pai ter medo do filho. Qualquer que seja o medo, enlouquecer significa livrar-se de todos os medos. Sem medo, você terá de deixar que qualquer coisa que queira acontecer aconteça.

Dia a dia, acumulamos loucura. É como se houvesse lixo na casa e a pessoa continuasse o escondendo e empilhando em um canto. Isso vai tornar toda a casa suja! Um dia, a casa vai começar a feder. Um dia, a situação será tal que só haverá lixo na casa. É isso que fazemos conosco. Seja qual for o lixo em nossa mente, nós continuamos a acumulá-lo. Seja raiva, seja desonestidade ou ódio, continuamos empilhando qualquer loucura.

E, lentamente, esse acúmulo torna-se tão grande que passamos nossas vidas apenas administrando a sujeira, para que ela não apareça, para que não saia, para que não seja exposta, para que ninguém a veja. Passamos a ter medo dela e paramos completamente de olhar para dentro de nós mesmos. O medo se tornou tão grande e há lixo demais. E nós tememos que ele seja exposto.

Somente aqueles que podem entrar em meditação estão prontos

para se livrar de todo esse lixo. Quando ele é descartado, tudo se torna luminoso em você. O segundo estágio é esse da catarse – jogar tudo fora, para que uma limpeza inunde nosso interior. Até que a pessoa reúna coragem, não conseguirá livrar-se do lixo, mas, quando for capaz de fazê-lo, será uma pessoa totalmente diferente. O segundo estágio é a loucura completa.

O terceiro estágio é a emissão do som “*Hoo*”. Você deve emitir esse som enquanto pula continuamente por dez minutos. O som “*Hoo*” é como um martelo, você tem de martelar com ele. Em seu corpo, há uma energia que reside bem perto do seu centro sexual e que a ioga chama de *kundalini* – pode-se dar a essa energia qualquer outro nome; os cientistas a chamam de bioeletricidade. Ela está oculta lá, e, se um profundo e forte som “*Hoo*” for emitido, essa energia dormente é ativada. Os antigos sábios usaram a analogia de uma cobra sentada e enroscada para explicar essa energia. Quando a cobra é provocada, ela se eleva e seu enroscado desaparece. Se uma cobra for suficientemente provocada, ela quase fica de pé sobre sua cauda. É exatamente assim que essa energia está dormente dentro de nós. Se ela for provocada, começa a se levantar.

Esse estágio só deve ser realizado quando você estiver livre da sua loucura interna. Do contrário, se o grito ocorrer no meio de toda a sua loucura, ele pode *realmente* enlouquecer. Muitas vezes, os buscadores enlouquecem porque começam a despertar sua *kundalini* sem qualquer limpeza profunda. A razão é que eles não têm uma atitude científica. É necessário primeiro realizar essa limpeza.

Então, os dois primeiros estágios são para limpar profundamente o indivíduo. O primeiro estágio é para despertar as energias adormecidas e o segundo, para livrar-se de tudo o que está em conflito com as energias despertadas. Depois, o terceiro estágio é para despertar a *kundalini* adormecida.

Durante dez minutos, você deve emitir o som “*Hoo*” com a intensidade máxima. Por fim, no quarto estágio, você se deve deitar como um cadáver, como se não estivesse ali, absolutamente quieto. Deve deixar seu corpo completamente relaxado, como se estivesse morto. Com os olhos fechados, deve aguardar tranquilamente. Muita coisa vai acontecer. Nessa espera interior, muita coisa vai acontecer.[1]

No meu entendimento, mais cedo ou mais tarde esta meditação que estou ensinando às pessoas se tornará uma terapia muito importante, além de uma maneira de tratar os doentes mentais e restaurar sua saúde. E, se for possível que cada criança passe por este processo de meditação na escola, todas serão salvas da insanidade durante toda a sua vida. Jamais enlouquecerão; estarão imunes a essa doença porque serão seus próprios mestres, mestres dos seus corpos e das suas mentes.

* * *

Quando uma pessoa medita, toda a inquietação desaparece. O pensamento para e os movimentos corporais cessam. Fica-se totalmente imóvel e inabalável. Nesse momento, a pessoa é um poço de energia. É extremamente poderosa. Se alguém vir uma pessoa meditando, deve se sentar ao seu lado e assim será beneficiado. Sentar-se ao lado de alguém que está em um estado meditativo faz com que também nos movamos na direção da meditação. Sua energia tira-nos da nossa desordem. A meditação não é nada mais do que descanso absoluto.

Como você chega a esse descanso absoluto depende de muitas coisas. Há mil e um métodos para criar este relaxamento. Nos meus métodos, primeiro você deve ficar o mais agitado que for possível, para que nada fique pendente dentro de você. A agitação é exaurida – então entre em repouso. E não haverá nenhuma inquietação; assim será mais fácil.

Na época de Buda, esses métodos dinâmicos não eram necessários. As pessoas eram mais simples e mais autênticas. Elas viviam uma vida mais real. Agora as pessoas estão vivendo uma vida muito reprimida, uma vida muito irreal. Elas sorriem mesmo quando não querem sorrir. Demonstram compaixão mesmo quando estão zangadas. As pessoas são falsas, todo o padrão de vida é falso. Toda a cultura é uma grande falsidade. As pessoas estão apenas atuando, não estão vivendo. Muita coisa é deixada pendente, muitas experiências incompletas continuam sendo coletadas e empilhadas dentro de suas mentes.

Então, apenas sentar-se em silêncio não vai ajudar. No momento em que se sentarem em silêncio, verão todo tipo de coisas se movendo dentro delas. Sentirão que é quase impossível permanecer em silêncio.

Primeiro, devem descartar essas coisas, e então poderão atingir um estado natural de relaxamento. A verdadeira meditação só se inicia quando as pessoas estão relaxadas.

Todas as meditações dinâmicas são preparatórias para a meditação real. São apenas exigências básicas a serem satisfeitas para que a meditação possa acontecer. As pessoas não devem tratá-las como meditações reais; elas são apenas introdutórias, apenas um prefácio. A verdadeira meditação só se inicia quando toda a atividade cessou, seja do corpo seja da mente.

* * *

Meditação não é meditar sobre alguma coisa, mas apenas ser o que se é, sem nenhum movimento para fora do centro, absolutamente nenhum movimento... ser apenas você mesmo, tão totalmente que não haja sequer uma tremulação. A chama interna permanece imóvel. O outro desapareceu. Nem um único pensamento está presente. O mundo todo desapareceu. A mente não está mais ali, somente a pessoa em sua absoluta pureza.

A terceira psicologia: a psicologia dos budas

Na comuna, eu recebia centenas de escolas terapêuticas diferentes, mas estava trabalhando para destruir toda terapia. Os terapeutas trabalham para destruir os problemas das pessoas, e eu estava trabalhando para destruir as terapias e os terapeutas, porque uma terapia só pode ser um alívio temporário e um terapeuta só pode oferecer uma ajuda muito superficial.

* * *

Sigmund Freud introduziu a psicanálise no mundo. Essa ciência está enraizada na análise da mente. Está confinada à mente. Não dá um passo além da mente, nem mesmo um centímetro. Ao contrário, vai mais fundo na mente, nas camadas mais ocultas, no inconsciente, para descobrir maneiras pelas quais a mente do homem possa ao menos ser normal.

O objetivo da psicanálise freudiana não é muito elevado. Sua meta é apenas manter as pessoas normais, mas a normalidade não é suficiente. Ser apenas normal não tem nenhuma significância; significa seguir e enfrentar a rotina comum da vida e a sua capacidade de lidar com ela. Não proporciona um significado, não proporciona significância. Não faz você penetrar na realidade das coisas. Não o leva além do tempo, além da morte. É no máximo um dispositivo útil para aqueles que se tornaram tão anormais, que se tornaram incapazes de lidar com a vida cotidiana, aqueles que têm dificuldade de conviver com os outros, que não conseguem trabalhar, que se tornaram despedaçados. A psicoterapia proporciona a essas pessoas certo sentimento de unidade – não integridade, lembre-se, mas apenas certo sentimento de unidade. Ela o deixa unido como um feixe, mas a

pessoa ainda permanece fragmentada. Nada se torna cristalizado, nenhuma alma nasce. Você não se torna feliz apenas menos infeliz, menos miserável.

A psicologia ajuda a aceitar a infelicidade. Ajuda a aceitar que isto é tudo o que a vida pode lhe proporcionar, portanto não peça por mais. De certa maneira, ela é perigosa para seu crescimento interno, porque ele só acontece quando há um descontentamento divino. Quando você está absolutamente insatisfeito com as coisas como elas são, só então você entra na busca; só então você começa a ir mais alto, só então começa a fazer esforços para sair da lama.

Jung foi um pouco além e entrou no inconsciente coletivo. Assagioli seguiu para o outro extremo e, vendo o fracasso da psicanálise, inventou a psicossíntese. Mas ela está enraizada na mesma ideia. Em vez da análise, ele enfatiza a síntese.

A psicologia dos budistas não é a análise nem a síntese. É transcendência, é ir além da mente. Não é um trabalho *dentro* da mente, mas um trabalho que leva a pessoa para *fora* da mente. Esse é exatamente o significado da palavra inglesa *ecstasy* [êxtase] – estar fora do seu estado “normal”.

Quando a pessoa é capaz de estar fora da sua própria mente, quando é capaz de criar uma distância entre a sua mente e o seu ser, foi dado o primeiro passo em direção à psicologia dos budistas. E um milagre acontece: quando você se separa da própria mente, todos os problemas da mente desaparecem, pois a própria mente desaparece; ela perde o domínio sobre você.

A psicanálise é como podar as folhas de uma árvore, mas deve-se saber que novas folhas irão aparecer. As raízes não foram cortadas. E a psicossíntese é como colar as folhas caídas de volta na árvore. Mas isso não vai dar vida a elas. Elas ficarão simplesmente feias: não estarão vivas, não estarão verdes, não serão parte da árvore, estarão apenas coladas.

A psicologia dos budistas corta as raízes da árvore que criam todos os tipos de neuroses e psicoses, que criam o homem fragmentado, o homem mecânico, o homem robótico. O tratamento de psicanálise dura anos, e o homem permanece o mesmo. A psicanálise renova a velha estrutura, remendando aqui e ali, caindo a velha casa, mas a casa continua a mesma, nada é radicalmente mudado. A psicanálise não transforma a consciência do homem.

A psicologia dos budas não trabalha dentro da mente. Ela não tem interesse em analisar ou sintetizar. Ela simplesmente ajuda a pessoa a sair da mente para poder olhá-la de fora. E esse próprio olhar é uma transformação. No momento em que você pode olhar para sua mente como um objeto, você está separado dela, perdeu a identificação com ela. Uma distância é criada e as raízes são cortadas.

Como as raízes são cortadas? É a pessoa quem alimenta a mente; se ela não estiver identificada com sua mente, vai parar de alimentá-la, e a mente cairá morta por conta própria.

Gosto muito de uma bela história que diz que em certo dia quente de verão Buda estava passando por uma floresta e sentindo muita sede. Ele diz para Ananda, seu principal discípulo:

— Ananda, volte. Apenas cinco ou seis quilômetros atrás passamos por um pequeno riacho. Pegue minha tigela e traga um pouco de água. Estou com muita sede e muito cansado. Buda tinha ficado velho.

Ananda volta, mas, no momento em que chega ao riacho, alguns carros de bois estão passando pela água deixando-a barrenta. Folhas mortas, que haviam se assentado no leito, sobem para a superfície. Não era mais possível beber aquela água, que estava suja demais. Ananda voltou de mãos vazias e disse:

— O senhor terá de esperar um pouco. Eu irei na frente. Ouvi dizer que há um grande rio apenas três ou quatro quilômetros adiante. Trarei água de lá.

Mas Buda insiste:

— Volte lá e traga água daquele riacho.

Ananda não consegue entender a insistência, mas, se o mestre diz uma coisa, o discípulo tem de atender. Mesmo vendo o absurdo de andar de novo cinco ou seis quilômetros sabendo que a água não estará boa para ser bebida, ele vai. Quando ele começa a se afastar, Buda diz:

— E não volte se a água ainda estiver suja. Se estiver suja, sente-se na margem em silêncio. Não faça nada e não entre no riacho. Sente-se na margem em silêncio e observe. Mais cedo ou mais tarde, a água ficará novamente clara, e, então, você enche a tigela e volta.

Ananda volta ao riacho. Buda estava certo: a água está quase clara. Ele senta-se na margem e observa o riacho. Pouco a pouco, a água torna-se clara como cristal. Então, ele volta dançando, tendo entendido por que Buda fora tão insistente. Aquilo era uma mensagem

para ele, e ele compreendera a mensagem. Dá a água a Buda, agradece e toca seus pés.

— O que está fazendo? — perguntou Buda. — Eu é que deveria agradecer-lhe por trazer água para mim.

— Agora compreendo — respondeu ele. — Primeiro, fiquei irritado. Não demonstrei, mas fiquei irritado porque achei que era absurdo voltar. Agora entendo a mensagem. Era o que eu realmente necessitava naquele momento. O mesmo aconteceu com minha mente... Sentado na margem daquele pequeno riacho, tornei-me consciente de que o mesmo aconteceu com minha mente. Se eu pulasse no riacho, eu o tornaria sujo de novo. Se eu pulasse na minha mente, mais ruído seria criado, mais problemas começariam a aparecer, a vir à tona. Sentado ao lado do riacho, aprendi a técnica. Agora vou me sentar ao lado da minha mente, observando-a com toda as suas sujeiras, os problemas, as folhas velhas, os machucados e feridas, as lembranças, os desejos. Despreocupado, eu me sentarei na margem e esperarei o momento em que tudo estará claro.

E isso acontece espontaneamente pois, no momento em que você se senta à margem da sua mente, você deixa de dar-lhe energia. Essa é a verdadeira meditação. Meditação é a arte da transcendência.

Portanto, Freud falou sobre análise e Assagioli falou sobre síntese, mas os budas sempre falaram sobre meditação, percepção.

Meditação, consciência, observação, testemunho: esta é a singularidade da terceira psicologia. Nenhum psicanalista é necessário. Você pode fazer tudo por conta própria – na verdade, você *tem* de fazer por conta própria. Nenhuma diretriz é necessária, pois é um processo muito simples – se você o praticar. Se não praticar, ele parece muito complicado. Até a palavra “meditação” assusta muitas pessoas. Elas acham que é algo muito difícil, árduo. Se você não praticar, ela é realmente difícil e árdua. É como nadar. É muito difícil quando não se sabe nadar, mas, quando se sabe, é um processo muito simples. Nada pode ser mais simples do que nadar. Não é uma arte, e sim algo muito espontâneo e muito natural.

Esteja mais consciente de sua própria mente. Porque, tendo consciência da própria mente, você fica mais consciente de que você não é a mente; e esse é o início da revolução. Você começará a fluir cada vez mais alto. Não estará mais preso à mente. A mente funciona como uma pedra que o mantém embaixo, dentro do campo da

gravitação. No momento em que você deixa de estar atrelado à mente, você entra no *buddhahfield*.^[1] Quando a gravitação perde seu poder sobre você, entra no campo búdico, que significa entrar no mundo da levitação. Você começa a flutuar de forma ascendente, sem a mente que o puxava para baixo.

Então, não é uma questão de análise ou de síntese. É simplesmente uma questão de tornar-se consciente. Por isso nunca se desenvolveu nenhuma psicoterapia como a freudiana, a jungiana ou a adleriana no Oriente – e há tantas outras disponíveis no mercado atualmente. Não desenvolvemos uma psicoterapia, porque sabemos que psicoterapias não podem curar. Elas podem ajudar as pessoas a aceitarem suas feridas, mas não podem curar. A cura vem quando não se está mais ligado à mente. Quando as pessoas estão desconectadas da mente, não identificadas, absolutamente livres dela. Quando a servidão termina, a cura acontece.

A transcendência é a verdadeira terapia. Ela não é apenas psicoterapia nem é um fenômeno limitado à sua psicologia. É muito mais que isso. É espiritual. Ela cura a pessoa em seu próprio ser. A mente é apenas sua circunferência, não o seu centro.

* * *

Há dois tipos de métodos de crescimento. As pessoas podem buscar seu crescimento espiritual sozinhas ou trabalhar com um grupo, com uma escola. Os dois tipos sempre existiram no Oriente. Os métodos sufistas são métodos de grupo. Na Índia também existem métodos de grupo, mas eles nunca prevaleceram.

O Ocidente é totalmente orientado para grupos. Nunca houve tantos métodos de grupo e tantas pessoas trabalhando em grupos como agora. Então, de certa maneira, podemos dizer que o Oriente tem enfatizado os esforços individuais e permanecido com eles enquanto o Ocidente tem se movido na direção dos métodos de grupo. Por que isso é assim? E qual é a diferença?

Os métodos de grupo só podem existir se o ego da pessoa chegou a um ponto em que é difícil carregá-lo. Quando o ego torna-se tão pesado que estar só é angustiante, os métodos de grupo passam a ser significativos porque a pessoa pode dissolver seu ego em um grupo.

Se o ego não está muito evoluído, então os métodos individuais

podem ajudar. A pessoa pode mudar-se para uma montanha, ficar isolada ou até viver em um *ashram* com um mestre e trabalhar sozinha: ela faz sua meditação, os outros fazem as meditações deles. Nunca trabalham juntos.

Na Índia, os hindus nunca rezaram em grupos. A oração em grupo entrou na Índia com os muçulmanos. Os hindus sempre rezaram sozinhos; mesmo que fossem ao templo, iam sozinhos. É um relacionamento individual entre a pessoa e seu Deus.

Isso é possível se o ego não tiver sido ajudado a crescer até um ponto em que se torna uma carga. Na Índia, ele nunca foi ajudado a crescer. A pessoa cresce no ego, mas o ego permanece vago, indistinto, e a pessoa permanece humilde. O ego não é um pico dentro da pessoa, e sim um terreno plano. A pessoa é egoísta porque todos têm de ser, mas não é uma egoísta absoluta. Ela sempre pensa que isso é errado e se contém. Em algumas situações, pode ser provocada, e então seu ego torna-se um pico, mas normalmente ele não é um pico, é um chão plano.

Na Índia, o ego é simplesmente como a raiva: se uma pessoa é provocada, fica com raiva; se ninguém a provoca, ela não fica com raiva. No Ocidente, o ego tornou-se uma fixação permanente. Não é como a raiva, é como respirar. Não há necessidade de provocá-lo. Ele está ali, é um fenômeno constante.

Por causa desse ego, um grupo torna-se muito útil. Trabalhando com um grupo, misturando-se, a pessoa pode pôr seu ego de lado. Por causa do ego, alguns fenômenos só podem existir no Ocidente: o fascismo, por exemplo, pôde existir na Alemanha, que é o país mais egoísta do Ocidente. Não há nada comparado ao ego germânico. Por isso, Hitler tornou-se possível, porque são todos muito egoístas, todos têm a necessidade de se unir.

Mobilizações nazistas, milhões de pessoas marchando – a pessoa pode se fundir com a multidão. Ela se torna a marcha, a banda, a música, o som, o hipnótico Hitler com sua personalidade carismática. Se todos estão olhando para Hitler, toda a massa à sua volta é como um oceano, a pessoa pode tornar-se apenas uma onda. Ela se sente bem, renovada, jovem, feliz. Ela esquece sua infelicidade, sua angústia, sua solidão, sua alienação. Não está sozinha. Uma grande massa está com ela, e ela está com a massa. Suas preocupações individuais, privadas, são descartadas. De repente, há uma abertura, e

ela se sente leve, como se estivesse voando.

Hitler tornou-se um sucesso não porque tivesse uma filosofia muito significativa – sua filosofia era um absurdo; ele era infantil e imaturo. Tudo aconteceu não porque Hitler tivesse convencido o povo alemão de que estava certo – esse não era o ponto. É muito difícil convencer o povo alemão, é uma das coisas mais difíceis, porque os alemães são lógicos. Eles são racionais de todas as maneiras. Não, Hitler nunca tentou convencê-los. Ele criou um fenômeno hipnótico. Isso os convenceu.

Não era o que Hitler dizia; era o que os alemães sentiam quando estavam no grupo, na massa. Era uma experiência tão confortadora que valia a pena seguir aquele homem. O que quer que ele estivesse dizendo – errado ou certo, lógico ou ilógico –, parecia bom segui-lo. Eles estavam tão entediados consigo mesmos que queriam ser absorvidos pela massa. Por causa do ego, o fascismo, o nazismo e todos os tipos de loucuras em grupo tornaram-se possíveis no Ocidente.

No Oriente, só o Japão seguiu Hitler, porque é a contraparte da Alemanha. O Japão é o país mais ocidental do Oriente. O mesmo fenômeno existia lá, então o Japão pôde tornar-se um aliado da loucura de Hitler. O mesmo acontece também em outros campos, como a religião e a psicologia.

A meditação em grupo ainda acontecerá durante um longo período no Ocidente. As pessoas que não conhecem a mente ocidental ficarão surpresas, mas cem ocidentais, simplesmente de mãos dadas, sentados, sentindo um ao outro, ficam exultantes. Nenhum indiano se sentiria exultante. Ele diria: “Que bobagem! Apenas cem pessoas sentadas em um círculo... Como isso pode ser exultante? Como vocês podem ficar em êxtase? No máximo pode-se sentir a transpiração da mão um do outro.”

Contudo, no Ocidente, cem pessoas de mãos dadas ficam felizes e extáticas. Por quê? Porque até ficar de mãos dadas tornou-se algo impossível para elas por causa do ego. Nem a esposa e o marido estão juntos. A família unida, que era um fenômeno de grupo, desapareceu. A sociedade desapareceu. No Ocidente, não existe realmente nenhuma sociedade. As pessoas se movem sozinhas.

Eu li estatísticas que dizem que, nos Estados Unidos, as pessoas se mudam a cada três anos para outra cidade. Uma família indiana

permanece em sua aldeia por centenas de anos. O indiano está profundamente enraizado no seu solo. Está relacionado com todos, conhece todos, todos o conhecem. Ele não é um estranho, não está só. Ele vive como parte da aldeia. Ele nasceu ali e vai morrer ali.

Nos Estados Unidos, as pessoas se mudam a cada três anos. Esta é a civilização mais nômade que já existiu, desarraigada, sem casa, sem família, sem cidade, sem aldeia, sem lar. Como você pode ficar enraizado em três anos? Aonde quer que vá, você será um estranho. A massa o cerca, mas você não está relacionado com ela. Como não está relacionado, toda a carga torna-se individual.

Sentado em um grupo, num grupo de crescimento, tocando os corpos uns dos outros, você se torna parte da comunidade. Tocando as mãos uns dos outros, deitados perto uns dos outros, ou deitado em cima uns dos outros formando uma pilha, todos se tornam um – uma exultação religiosa acontece! Cem pessoas dançando, tocando-se, andando umas entre as outras, tornam-se uma. Elas se fundem, e o ego é dissolvido por alguns momentos. Essa fusão torna-se uma coisa religiosa. Os políticos podem usar essa fusão para fins destrutivos, mas a espiritualidade pode usá-la de modo muito criativo, tornando-a uma meditação.

No Oriente, as pessoas estão muito arraigadas à comunidade. Sempre que querem estar em um espaço espiritual, pensam em ir para o Himalaia. A sociedade está bem em torno delas. As pessoas não estão fartas de si mesmas, e sim da sociedade! Essa é a diferença. No Ocidente, elas estão fartas de si mesmas e querem alguma ponte para estarem mais comunicativas com a sociedade, com os outros; como criar uma ponte, como se mover na direção do outro de modo a esquecerem de si mesmas. No Oriente, as pessoas estão fartas da sociedade. Elas conviveram muito tempo com ela, e a sociedade está tão próxima que elas não sentem nenhuma liberdade. Então, quando alguém quer ser livre, estar em silêncio, corre para o Himalaia.

No Ocidente, a pessoa corre para a sociedade; no Oriente, ela foge da sociedade. Por isso os métodos individuais existem no Oriente, e os métodos de grupo existem no Ocidente.

E o que eu estou fazendo? Meu método é uma síntese. Nos primeiros passos da meditação dinâmica, a pessoa faz parte do grupo; na última parte, o grupo desaparece, e a pessoa fica só. Uso esse método porque agora o Oriente e o Ocidente tornaram-se irrelevantes.

O Oriente está se voltando para o Ocidente, e o Ocidente está se voltando para o Oriente. Logo, não haverá Oriente nem Ocidente, apenas um mundo.

Essa divisão geográfica já existiu por tempo demais e não pode mais existir. A tecnologia já a dissolveu, ela já acabou, mas, devido a uma atitude habitual da mente, ela continua a existir. Porém, continua apenas como um fenômeno mental, pois, na verdade, não existe mais. Logo não haverá Oriente nem Ocidente, apenas um mundo. Ele já está presente. Para aqueles que conseguem ver, ele já está presente.

Uma síntese será necessária – grupo e indivíduo, ambos. Você trabalha em um grupo no início e, no fim, torna-se totalmente só. Parte da sociedade para chegar a si mesmo.

Não fuja da comunidade. Viva no mundo, mas não pertença a ele. Esteja relacionado, mas ainda esteja só. Ame e medite, medite e ame, mas não escolha. Minha abordagem é amor mais meditação.

* * *

Os antigos métodos de meditação foram desenvolvidos no Oriente e não consideraram o homem ocidental, por isso estou criando técnicas que não se dirigem apenas ao homem oriental, que são para todos os homens – orientais e ocidentais. Há uma diferença entre a tradição oriental e a tradição ocidental, e é a tradição que cria a mente. Por exemplo, a mente oriental é muito paciente. Teve milhares de anos de ensino para permanecer paciente, quaisquer que fossem as condições. A mente ocidental é muito impaciente. Os mesmos métodos não podem ser aplicados a ambas.

A mente oriental é condicionada para manter certo equilíbrio no sucesso ou no fracasso, na riqueza ou na pobreza, na doença ou na saúde, na vida ou na morte. A mente ocidental não tem ideia de tal equilíbrio e fica muito perturbada. Ela fica perturbada: com o sucesso e começa a sentir-se no topo do mundo, começa a sentir certo complexo de superioridade. No fracasso, vai ao outro extremo e cai no sétimo círculo do inferno. Sente-se infeliz, em profunda angústia, com um enorme complexo de inferioridade. Fica despedaçada.

E a vida consiste de momentos que são belos e outros que são feios. Há momentos em que estamos apaixonados e outros em que estamos com raiva, em que odiamos. A mente ocidental vai junto com

a situação. Está sempre em tumulto. A mente oriental aprendeu... é um condicionamento, não é uma revolução; é apenas um treinamento, uma disciplina, uma prática. No fundo, age da mesma maneira que a mente ocidental, mas um forte condicionamento faz com que ela mantenha certo equilíbrio.

A mente oriental é muito lenta porque não há vantagem em andar depressa; a vida assume seu próprio curso e tudo é determinado pelo destino; assim, o que a pessoa consegue não é por sua velocidade, por sua pressa, e sim porque aquilo já estava destinado a ela. Então, não é uma questão de ter pressa. Quando algo vai acontecer, vai acontecer, nem um segundo antes nem um segundo depois.

Isso criou um fluxo muito lento no Oriente. Parece um rio que quase não flui; ele é tão lento que não se consegue detectar seu fluxo. Além disso, o condicionamento oriental considera que a pessoa já viveu milhões de vidas e que há milhões de outras pela frente; a duração da vida não é de apenas setenta anos. Na verdade, o período de vida é vasto e enorme. Não há pressa, pois há muito tempo disponível. Se algo não acontecer nesta vida, pode acontecer em outra vida.

A mente ocidental é muito veloz porque é condicionada para uma única vida e há muita coisa a fazer. A pessoa passa um terço da vida dormindo, um terço recebendo educação ou treinamento, e o que resta?

Grande parte da vida ocidental está destinada a garantir o próprio sustento. Assim, de setenta anos de vida não se tem sequer sete anos para algo que se deseje fazer. Naturalmente, há pressa. É uma corrida louca, tão louca que a pessoa esquece para onde está indo. Tudo de que se lembra é se vai com velocidade ou não. Os meios tornam-se o fim.

Da mesma maneira, em direções diferentes... a mente oriental tem sido cultivada diferentemente da mente ocidental. Aqueles 112 métodos de meditação desenvolvidos no Oriente nunca levaram em conta o condicionamento da mente ocidental, não foram desenvolvidos para o homem ocidental. O homem ocidental como tal, ainda não existia. O *Vigyan Bhairav Tantra*,^[2] obra em que essas 112 técnicas de meditação chegaram à perfeição, foi desenvolvida cerca de 5 mil anos antes de nós. Naquela época, não havia homem ocidental, sociedade ocidental ou cultura ocidental. O Ocidente ainda era

bárbaro, primitivo, algo que não valia a pena ser considerado. O Oriente era o mundo todo, no apogeu do seu crescimento, riqueza e civilização.

Meus métodos de meditação foram desenvolvidos por uma necessidade absoluta. Eu quero que a distinção entre o Ocidente e o Oriente seja dissolvida. Após o *Vigyan Bhairva Tantra* de Shiva, nesses 5 mil anos, ninguém desenvolveu um único método. Mas eu estive observando as diferenças entre o Oriente e o Ocidente, e um mesmo método não pode ser aplicado imediatamente a ambos. Em primeiro lugar, as mentes oriental e ocidental têm de ser conduzidas a um estado semelhante.

Essas técnicas – Meditação Dinâmica, Meditação Kundalini e outras – são todas catárticas; a base é a catarse. As pessoas precisam se livrar de todo o lixo que enche suas mentes.

A menos que você se livre dessa carga, não poderá se sentar em silêncio. É como pedir a uma criança para se sentar em silêncio em um canto da sala. Isso é muito difícil; ela está tão cheia de energia. Seria como reprimir um vulcão! O melhor a fazer é lhe dizer: “Vá lá fora e dê dez voltas ao redor da casa. Depois, entre e sente-se ali no canto.”

Então será possível que ela fique sentada em silêncio. A própria criança vai querer se sentar e relaxar. Ela ficará cansada, exausta, e, sentada ali, não estará reprimindo sua energia. Ela usou sua energia ao dar dez voltas correndo ao redor da casa. Agora está mais à vontade. Da mesma forma, os métodos catárticos são simplesmente o descarte de toda a sua impaciência, sua rapidez, sua pressa, suas repressões.

Os métodos catárticos são absolutamente necessários para que o homem ocidental possa fazer algo como a *vipassana*: simplesmente sentar-se em silêncio, sem fazer nada, e deixar a grama crescer por si mesma. Mas você tem de sentar-se em silêncio, sem fazer nada – isso é uma condição básica para a grama crescer por si mesma. Se você não consegue sentar-se em silêncio sem fazer nada, você perturbará a grama.

Sempre adorei jardins, e criei belos jardins e gramados nos locais onde vivi. Eu costumava falar às pessoas sentado em meu gramado e percebi que todas elas arrancavam a grama... Isso é simplesmente energia febril. Elas não tinham nada para fazer e arrancavam a grama. Tive de lhes dizer que se continuassem assim teríamos de nos sentar

dentro da sala. Eu não podia permitir que destruíssem o meu gramado.

Elas paravam durante algum tempo, mas, quando começavam a me ouvir, inconscientemente suas mãos arrancavam a grama. Assim, sentar-se em silêncio sem fazer nada não é simplesmente sentar-se em silêncio sem fazer nada. É também um grande favor que fazem à grama! A menos que fiquem sem fazer nada, a grama não conseguirá crescer. Vocês vão detê-la, vão arrancá-la, vão perturbá-la.

Portanto, esses métodos são absolutamente necessários à mente ocidental, mas também se tornaram necessários para a mente oriental. A mente para a qual Shiva escreveu esses 112 métodos de meditação não existe mais, nem no Oriente. A influência ocidental tem sido enorme. As coisas mudaram. Na época de Shiva não havia civilização ocidental. O Oriente estava no auge da sua glória e era chamado de “uma ave dourada”. Tinha todos os luxos e confortos e era realmente opulento.

Porém, a situação se inverteu: há 2 mil anos, o Oriente vive na escravidão, explorado por quase todos os povos do mundo, invadido por uma dúzia de países e continuamente saqueado, violentado, destruído. Agora, o Oriente é um mendigo.

Trezentos anos de governo britânico na Índia destruíram o sistema educacional indiano, que era uma coisa totalmente diferente. Eles obrigaram a mente oriental a ser educada de acordo com os padrões ocidentais. Quase transformaram a *intelligentsia* oriental em uma *intelligentsia* ocidental de segunda classe. Transmitiram ao Oriente sua doença da velocidade, da pressa, da impaciência, das contínuas angústias e ansiedades.

Se você for aos templos de Khajuraho ou de Konarak, poderá ver o Oriente em suas cores reais. Em Khajuraho havia cem templos, mas apenas trinta sobreviveram; setenta foram destruídos pelos muçulmanos. Milhares de templos de enorme beleza foram destruídos pelos muçulmanos. Esses trinta sobreviveram por uma coincidência, pois ficavam dentro de uma floresta. Talvez os invasores tenham se esquecido deles.

A influência britânica na mente indiana foi tão grande que até mesmo um homem como Mahatma Gandhi quis que esses trinta templos fossem cobertos com lama para que ninguém pudesse vê-los. Pensem nas pessoas que construíram esses cem templos... Cada templo

deve ter exigido séculos de trabalho. Têm uma estrutura tão delicada, tão proporcional e tão bela, que não existe nada paralelo a eles sobre a face da Terra.

E você pode imaginar que os templos não existiram sozinhos; se havia cem templos, devia haver uma cidade de milhares de pessoas ao redor; do contrário, cem templos não fariam sentido. E aquelas pessoas foram massacradas junto com os templos. Tomei esses templos como um exemplo porque suas esculturas pareceriam pornográficas à mente ocidental, como também pareciam a Mahatma Gandhi.

A Índia deve muito a Rabindranath Tagore. Foi ele quem impediu Mahatma Gandhi e outros políticos que estavam prontos para cobrir os templos de escondê-los dos olhos das pessoas. Rabindranath Tagore disse: “Isso é totalmente estúpido. Eles não são pornográficos. São absolutamente belos.”

Existe uma linha muito tênue entre pornografia e beleza. Uma mulher nua não é necessariamente pornográfica e um homem nu não é necessariamente pornográfico. Um belo homem, uma bela mulher, nus, podem ser exemplos de beleza, de saúde, de proporção. Eles são os produtos mais gloriosos da natureza. Se um cervo pode ser nu e belo – e ninguém acha que um cervo é pornográfico –, por que um homem ou uma mulher não podem ser vistos como apenas belos?

Na Inglaterra vitoriana, algumas senhoras cobriam as pernas das cadeiras com tecido porque as pernas não deviam ser deixadas nuas... As pernas das cadeiras! Como elas são chamadas de pernas, pensava-se ser incivilizado e inculto deixá-las nuas. Houve um movimento na era vitoriana para que as pessoas vestissem seus cães quando saíam para uma caminhada. Os animais não deviam estar nus... como se a própria nudez fosse pornográfica. Essa é a mente pornográfica.

Estive em Khajuraho centenas de vezes e não vi uma única escultura pornográfica. Um quadro nu ou uma estátua nua torna-se pornográfico se provoca a sexualidade das pessoas. Esse é o único critério. Mas esse não é o caso de Khajuraho. Na verdade, os templos foram construídos com o propósito oposto. Eles foram feitos para a meditação sobre o homem e a mulher fazendo amor. E as pedras se tornaram vivas. As pessoas que as esculpiram devem ter sido os maiores artistas que o mundo já conheceu. As esculturas foram feitas para se meditar sobre elas; eram objetos de meditação.

Trata-se de templos, e os meditadores se sentavam ali, olhavam

para as esculturas e observavam se algum desejo sexual era despertado. Este era o critério: quando não havia nenhum desejo sexual, podiam entrar nos templos. Todas as esculturas estão fora dos templos, nas paredes externas. Não há estátuas nuas dentro deles.

As estátuas eram necessárias para as pessoas meditarem, e então elas ficavam certas de que não havia desejo; ao contrário, aquelas estátuas tinham feito com que o desejo ordinário por sexo afundasse. Nesse caso elas podiam entrar no templo; do contrário, não deveriam entrar. Isso seria uma profanação, ter tal desejo dentro de si e entrar nele. Seria sujar ou insultar o templo.

As pessoas que construíram esses templos criaram também uma enorme e volumosa literatura. O Oriente nunca costumou reprimir a sexualidade. Antes de Buda e Mahavira, o Oriente nunca havia reprimido a sexualidade. Foi com Mahavira que, pela primeira vez, o celibato se tornou espiritual. Ao contrário, antes de Buda e Mahavira, todos os profetas dos *Upanishads*, dos vedas, eram pessoas casadas. Não eram celibatários e tinham filhos. E não eram pessoas que haviam renunciado ao mundo. Elas tinham todo o conforto. Viviam nas florestas, mas tinham tudo presenteado a elas por seus alunos, por seus reis, por aqueles que as amavam. E seus *ashrams*, suas escolas, suas academias eram muito opulentas.

Com Buda e Mahavira, o Oriente iniciou uma tradição doentia de celibato e de repressão. Quando o cristianismo entrou na Índia, houve uma tendência ainda mais forte à repressão. Trezentos anos de cristianismo tornaram a mente oriental quase tão repressiva quanto a mente ocidental. Por isso, agora meus métodos são aplicáveis a ambas. Eu os chamo de métodos preliminares, pois visam a destruir tudo o que pode impedir uma meditação silenciosa. Quando a Meditação Dinâmica ou a Meditação Kundalini é bem sucedida, as pessoas estão limpas. Elas eliminaram a repressão. Eliminaram a velocidade, a pressa, a impaciência. Agora é possível entrar no templo.

É por esse motivo que falo em aceitação do sexo, porque sem essa aceitação você não consegue se livrar da repressão. E quero que vocês estejam completamente limpos e naturais. Quero que estejam em um estado em que aqueles 112 métodos possam ser aplicáveis a vocês. Essa é a minha razão para criar esses métodos de limpeza.

Também incluo os métodos terapêuticos ocidentais porque a mente ocidental e a mente oriental sob a influência da ocidental, tornaram-se

doentes. Atualmente é raro encontrar uma mente saudável. Todos estão sentindo uma espécie de náusea, uma náusea mental, certo vazio que é semelhante a uma ferida dolorida. Todos estão tendo sua vida transformada em um pesadelo. Todos estão preocupados, com muito medo da morte e também com medo da vida.

As pessoas estão vivendo sem entusiasmo, de uma maneira morna, e não intensamente como Zorba, o Grego, não sob uma aura saudável, mas com uma mente doente. Elas têm de viver, então vivem. Têm de amar, então amam. Têm de fazer certas coisas, têm de fazê-las de determinada maneira, então fazem, mas não há uma motivação que venha do seu próprio ser.

Elas não estão transbordando de energia. Não estão arriscando coisa alguma para viver plenamente. Não são aventureiras – e, como não são aventureiras, não são saudáveis. A aventura, a investigação do desconhecido, é o critério. As pessoas não são jovens; elas simplesmente se tornam velhas desde a infância. A juventude nunca acontece.

Os métodos terapêuticos ocidentais não podem ajudá-las a desenvolver a espiritualidade, mas podem preparar o campo. Não podem plantar as sementes das flores, mas podem preparar o terreno, que também é uma necessidade. Essa é a razão por que incluí as terapias, assim como meu desejo de um encontro do Ocidente com o Oriente.

O Oriente desenvolveu métodos meditativos; o Ocidente desenvolveu psicoterapias. Se quisermos que a mente ocidental fique interessada em métodos de meditação, e se quisermos que a mente oriental se aproxime da mente ocidental, precisa haver algo para dar e algo para receber. A mente não deve ser apenas oriental... Algo da evolução ocidental deve ser incluído. E acho que essas terapias são imensamente úteis. Elas não podem ir longe, mas, até onde elas vão, são boas. Onde elas param, as meditações podem assumir o processo.

A mente ocidental deve sentir que algo do seu próprio desenvolvimento foi incluído no encontro, na fusão. Não deve ser algo unilateral. E são coisas importantes que não podem fazer mal, só podem ajudar.

E eu as tenho usado com enorme sucesso, pois ajudam as pessoas a limparem seus seres, a estarem prontas para entrar no templo da meditação. Meu esforço é no sentido de dissolver a separação entre o

Oriente e o Ocidente. A Terra deve ser uma só; não só politicamente, mas também espiritualmente.

E algumas pessoas acham que isso é uma forma inteligente de lavagem cerebral. É algo mais: é uma lavagem mental, pois a lavagem cerebral é muito superficial. O cérebro é o mecanismo que a mente usa. É muito fácil lavar o cérebro – qualquer mecanismo pode ser lavado, limpo e lubrificado. Mas a mente que está por trás do cérebro está poluída, suja, repleta de desejos reprimidos e de feiura, e logo o cérebro estará repleto de todas essas coisas feias.

Não vejo nada de errado. Uma lavagem é sempre boa. Eu acredito na lavagem a seco. Não uso os métodos antigos de lavagem. Sim, as pessoas se sentirão lesadas pelo fato de sua mente ter sido removida, já que era a única coisa preciosa que tinham. Mas isso acontecerá apenas no início. Uma vez que a mente seja removida, elas se surpreenderão ao ver que seu verdadeiro tesouro está atrás da mente e que a mente era apenas um espelho refletindo o tesouro, que ela não possuía o tesouro em si mesma. O tesouro está atrás da mente: é o seu ser.

Mas um espelho pode iludi-lo. Pode dar-lhe a ideia de que o que ele está refletindo é a realidade. Assim, a mente tem que ser posta de lado – e é isso que é meditação, a criação de um estado de não mente. É afastar a mente e dar a você uma chance de ver não o reflexo do tesouro do seu ser, mas o próprio tesouro.

Zorba, o Buda: o ser humano integral

Leve a vida alegremente – então você poderá ter os dois mundos juntos. Você pode ter o bolo e comê-lo também. E essa é a verdadeira arte! Este mundo e aquele, som e silêncio, amor e meditação, estar com as pessoas, relacionar-se e estar sozinho. Todas essas coisas têm de ser vividas juntas em uma espécie de simultaneidade; só então você conhecerá a máxima profundidade do seu ser e a máxima altura do seu ser.

* * *

Um advogado chegou até a beira de uma escavação onde uma equipe trabalhava e chamou por Timothy O'Toole.

— Quem está me chamando? — indagou uma voz pesada.

— Sr. O'Toole, o senhor é de Castlebar, County Mayo?

— Sou.

— E sua mãe chamava-se Bridget e seu pai chamava-se Michael?

— Sim.

— É meu dever então informá-lo, Sr. O'Toole, que sua tia Mary morreu em Iowa, deixando-lhe uma herança de 200 mil dólares.

Houve um curto silêncio e, depois, uma animada comoção.

— O senhor vem comigo, Sr. O'Toole? — perguntou o advogado.

— Em um minuto — respondeu ele. — Acabei de nocautear o capataz.

Foram necessários seis meses de um estilo de vida extremamente desenfreado para O'Toole gastar aqueles 200 mil dólares. Sua principal ocupação foi satisfazer sua enorme sede hereditária. Então, voltou ao trabalho. E, sem demora, o advogado o chamou novamente.

— Desta vez é seu tio Patrick, Sr. O'Toole — explicou o advogado.

— Ele morreu no Texas e deixou-lhe 400 mil dólares.

O'Toole inclinou-se pesadamente sobre sua picareta e balançou a cabeça com um grande cansaço.

— Acho que não posso aceitar — declarou ele. — Já não sou tão forte e duvido que eu possa encarar todo esse dinheiro e sobreviver.

Essa história conta o que aconteceu com o Ocidente. O homem ocidental conseguiu ter toda a riqueza ansiada pela humanidade ao longo dos séculos. O Ocidente obteve sucesso material, tornou-se rico, mas agora está muito desgastado, muito cansado. A jornada consumiu toda a sua alma. A jornada acabou com o homem ocidental. Externamente, tudo lhe está disponível, mas o contato com o seu íntimo se perdeu. Tudo de que o homem necessita está ali, mas o próprio homem não está mais ali. As posses estão ali, mas o dono desapareceu. Há um grande desequilíbrio. A riqueza está ali, mas o homem não se sente nem um pouco rico; ao contrário, ele se sente empobrecido.

Pense neste paradoxo: somente uma pessoa externamente rica toma consciência da sua pobreza interior, pelo contraste. Quando ela é externamente pobre não há contraste e, por isso, ela não pode tomar consciência da sua pobreza interior. Escrevemos com giz branco em quadros-negros, não em quadros brancos. Por quê? Porque só em quadros-negros podemos ver o contraste. O contraste é necessário.

Quando a pessoa é externamente rica, ocorre, de repente, uma grande consciência de que internamente é pobre como um mendigo. E, então, a desesperança surge como uma sombra. Tudo o que a pessoa havia desejado foi atingido, todas as fantasias foram satisfeitas, mas nada aconteceu, nenhum contentamento, nenhuma felicidade verdadeira.

O Ocidente está atordoado. Desse atordoamento surge um grande desejo de voltar a ter contato consigo mesmo. A meditação nada mais é do que sentir suas raízes novamente em seu mundo interior, em sua interioridade. Por isso, o Ocidente está ficando muito interessado na meditação, nos tesouros orientais.

O Oriente também teve interesse pela meditação quando era rico. Isto tem de ser entendido. É por essa razão que não sou contra os ricos e não acho que a pobreza tenha alguma espiritualidade em si. Sou totalmente contra a pobreza porque sempre que um país se torna pobre, perde contato com todas as meditações, com todos os esforços

espirituais. Um país externamente pobre torna-se inconsciente da pobreza interna.

Por isso pode-se ver uma espécie de contentamento nos rostos indianos que não é encontrado no Ocidente. Não é um contentamento real, é apenas um desconhecimento da pobreza interior. Os indianos pensam : “Olhe a ansiedade, a angústia e a tensão nos rostos ocidentais. Embora sejamos pobres, interiormente estamos muito contentes.” Isso é um total absurdo. Eles não estão contentes. Tenho observado milhares de indianos, e eles não estão contentes. Mas uma coisa é certamente verdade: eles não estão conscientes do descontentamento, porque para isso é necessária a riqueza exterior. Sem a riqueza exterior ninguém se torna consciente do seu descontentamento interior – e há provas suficientes desse fato.

Todos os avatares dos hindus eram reis ou filhos de reis. Todos os *tirthankaras* jainistas, os mestres jainistas, eram reis, assim como Buda. Todas as três grandes tradições da Índia dão amplas provas de que a riqueza exterior é necessária.

Por que Buda tornou-se descontente? Por que iniciou a busca da meditação? Porque ele era rico. Ele vivia na opulência, com todo o conforto, com todas as engenhocas materiais. De repente, ele se tornou consciente. E não era muito velho quando isso aconteceu: tinha apenas 29 anos quando se tornou consciente de que havia um buraco escuro dentro de si. A luz externa mostra a escuridão interna. A menor sujeira é visível em uma camisa branca. Foi o que aconteceu. Ele fugiu do palácio.

Mahavira também fugiu de um palácio. Essa consciência não aconteceu com um mendigo. Havia mendigos na época de Buda. Na verdade, a história diz que Buda renunciou ao mundo quando viu, pela primeira vez, um mendigo, um homem velho, um corpo morto e um *sannyasin*. Portanto, os mendigos estavam lá.

Buda saíra para inaugurar um festival de jovens. Sentado em sua carruagem dourada, ele viu um mendigo pela primeira vez, porque seu pai controlara toda a sua vida para que Buda nunca visse um mendigo, um homem doente, um homem velho ou um homem morto. Os astrólogos haviam dito ao pai de Buda: “Se ele vir estas coisas, imediatamente renunciará ao mundo, portanto não permita que ele as veja.” Então, aonde quer que Buda fosse, os mendigos eram removidos do caminho. Os idosos também eram removidos ou obrigados a

permanecer em suas casas. Mesmo no jardim de Buda não havia nenhuma folha morta. Todas as folhas mortas eram removidas durante a noite; assim, pela manhã, quando ia ao jardim, Buda só via a juventude: as folhas novas, as flores jovens. Ele nunca viu uma flor murchar.

A parábola conta que, quando Buda viu um mendigo pela primeira vez, os deuses ficaram preocupados: “O pai está tendo sucesso. Vinte e nove anos já se passaram. Buda tem capacidade para tornar-se uma das pessoas mais despertas do mundo. O controle do pai é tal, que talvez Buda jamais venha a se deparar com um mendigo ou com um homem velho; e ele vai perder a possibilidade de libertação.” Então, os deuses fingiram – um deus fingiu ser um mendigo, outro se fingiu de velho, outro se fingiu de morto, outro se fingiu de *sannyasin*.

Portanto, havia mendigos no tempo de Buda, mas não por terem praticado a renúncia aos bens materiais. Não tinham nada a que renunciar. Estavam contentes assim. Buda tornou-se descontente. Quando a Índia era rica, muito mais pessoas estavam interessadas na meditação; na verdade, todas as pessoas estavam interessadas na meditação. Mais cedo ou mais tarde estavam fadadas a pensar na lua, no além, no interior. Agora, o país está pobre, tão pobre que não há mais contraste entre o interior e o exterior. O interior é pobre, o exterior é pobre. O interior e o exterior estão em perfeita harmonia, pois ambos são pobres! Por isso se pode ver uma espécie de contentamento nos rostos dos indianos. Não é um contentamento verdadeiro, mas as pessoas se acostumaram a pensar que a pobreza tem em si algo de espiritual.

A pobreza é adorada na Índia. Não sou a favor de nenhum tipo de pobreza, e essa é uma das razões pela qual sou continuamente condenado. Pobreza não é espiritualidade, e sim a causa do desaparecimento da espiritualidade. Eu gostaria que todo o mundo se tornasse o mais rico possível. Quanto mais pessoas forem ricas, mais pessoas se tornarão espiritualizadas. Elas precisarão ser. Não serão capazes de evitar. E só então ocorrerá o verdadeiro contentamento.

Quando você cria riqueza interior, e esse momento vem quando a harmonia acontece novamente – a riqueza exterior encontrando a riqueza interior – há então um verdadeiro contentamento. Quando a pobreza externa encontra a pobreza interna, há um falso contentamento. A harmonia é possível dessas duas maneiras. O

exterior e o interior em harmonia, a pessoa se sente contente. A Índia parece contente porque há pobreza dos dois lados da cerca. Há uma perfeita harmonia: o exterior e o interior estão em sintonia, mas o contentamento é feio, é realmente uma ausência de vida, uma ausência de vitalidade. Trata-se de um contentamento estúpido, obtuso, insípido.

O Ocidente está destinado a se tornar interessado pela meditação. Não há como evitar isso. O cristianismo está perdendo o seu controle sobre a mente ocidental porque não desenvolveu nenhuma ciência da meditação. Ele permaneceu uma religião muito medíocre, assim como o judaísmo.

O Ocidente era pobre quando essas religiões nasceram. Até então, o Ocidente vivera na pobreza. Quando o Oriente era rico, o Ocidente era pobre. O judaísmo, o cristianismo e o islamismo, todas as três religiões não indianas, nasceram na pobreza e não desenvolveram técnicas de meditação porque não havia necessidade. Elas permaneceram como religiões dos pobres.

Agora o Ocidente tornou-se rico e surgiu uma disparidade.

As religiões ocidentais nasceram na pobreza; nada tinham a oferecer ao homem rico. Para o homem rico, elas parecem infantis e não o satisfazem. Elas *não podem* satisfazer. As religiões orientais nasceram na riqueza, por isso a mente ocidental está cada vez mais interessada nas religiões orientais. Sim, a religião de Buda está tendo um grande impacto no Ocidente; o zen está se propagando como fogo selvagem. Por quê? Porque ela nasceu na riqueza.

Há uma enorme semelhança entre a psicologia ocidental do homem contemporâneo e a psicologia do budismo. O Ocidente está no mesmo estado em que Buda estava quando se interessou por meditação. Era a busca de um homem rico. E o mesmo aconteceu com o hinduísmo e com o jainismo. Essas três grandes religiões indianas nasceram da riqueza, por isso o Ocidente está fadado a sentir-se atraído por essas religiões orientais.

O Oriente, porém, está perdendo contato com suas próprias religiões. A Índia não pode entender Buda, pois é um país pobre. Na verdade, os indianos pobres estão se convertendo ao cristianismo. Os americanos ricos estão se convertendo ao budismo, ao hinduísmo, ao vedanta¹, enquanto os intocáveis, os mais pobres dos pobres na Índia, estão setornando cristãos. Você percebe a situação? Essas religiões

têm certa atração para os pobres, mas elas não têm futuro, porque mais cedo ou mais tarde todo o mundo se tornará rico.

Eu não louvo a pobreza, não respeito a pobreza. O homem deve ter os dois tipos de riqueza. Por que não? A ciência desenvolveu tecnologias para tornar as pessoas exteriormente ricas. A religião desenvolveu tecnologias para torná-las internamente ricas. Ioga, tantra, taoismo, sufismo, hassidismo... Essas são as tecnologias da riqueza interior.

Uma história:

A figura central desta história é um daqueles homens que aceita tudo o que lhe acontece como manifestação de um poder divino. Para ele, não lhe cabia questionar os trabalhos da Divina Providência.

Todos os infortúnios aconteceram com ele, mas ele nunca se queixava. Ele se casou, e sua esposa fugiu com o empregado. Ele teve uma filha, e ela foi enganada por um vilão. Ele teve um filho, que foi linchado. Um incêndio destruiu seu celeiro, um ciclone derrubou sua casa, uma tempestade de granizo destruiu suas colheitas, o banqueiro cobrou sua hipoteca e tomou-lhe sua fazenda. Porém, a cada golpe de infelicidade, ele se ajoelhava e agradecia a Deus Todo-Poderoso por sua infinita misericórdia.

Depois de algum tempo, sem um tostão, mas ainda submisso aos decretos do Altíssimo, acabou no abrigo de pobres da cidade. Um dia, o supervisor o enviou para trabalhar em uma plantação de batatas. Uma violenta tempestade se aproximou e, sem aviso, um raio desceu do céu. O raio derreteu seu arado, arrancou a maior parte de suas roupas, chamuscou sua barba, marcou suas costas nuas com as iniciais de um boiadeiro da região e lançou-o contra uma cerca de arame farpado.

Quando o homem recuperou a consciência, ajoelhou-se devagar, juntou suas mãos e ergueu seus olhos para o céu. Então, pela primeira vez, ele se impôs: “Senhor, isto está ficando totalmente ridículo!”

Essa é a situação do Oriente. Ela está ficando totalmente ridícula, mas o Oriente continua agradecendo a Deus, continua sendo grato. Não há nada a agradecer! O Oriente está extremamente pobre, doente, faminto, mas esqueceu como se afirmar, esqueceu como fazer qualquer coisa em relação à sua condição.

Assim, o Oriente não pode meditar. Ele está vivendo em uma espécie de inconsciência. Está faminto demais para meditar, pobre

demais para rezar. Seu único interesse é pão, abrigo e roupas. Então, quando um missionário cristão chega e abre um hospital ou uma escola, os indianos ficam muito impressionados. Para eles, isso é espiritualidade. Quando começo a ensinar meditação, eles não ficam interessados e ainda são contra. “Que tipo de espiritualidade é essa?”, perguntam. E eu entendo... Eles precisam de pão, de abrigo, de roupas. Mas estão sofrendo por causa da sua mente. Por um lado, eles precisam de pão, abrigo, roupas, casas melhores e estradas melhores, mas, por outro, continuam adorando a pobreza. Estão sem saída.

Por enquanto, o Oriente não consegue meditar. Primeiro, ele precisa de tecnologia científica para torná-lo um pouco melhor materialmente. Assim como o Ocidente necessita de tecnologia religiosa, o Oriente necessita de tecnologia científica.

Sou totalmente a favor de um mundo em que o Ocidente possa satisfazer as necessidades do Oriente, e o Oriente possa satisfazer as necessidades do Ocidente. O Oriente e o Ocidente têm vivido separados há muito tempo, e não há mais necessidade disso. O Oriente não deve ser mais o Oriente e o Ocidente não deve ser mais o Ocidente. Chegamos àquele momento crítico em que toda a Terra pode se tornar uma só, deve se tornar uma só, porque só assim poderá sobreviver.

Os dias das nações estão terminados, os dias das divisões estão terminados, os dias dos políticos estão terminados. Estamos indo na direção de um mundo extremamente novo, de uma nova fase da humanidade, a fase em que só poderá haver um único mundo, uma única humanidade. E então haverá uma enorme liberação de energias.

O Oriente tem tesouros, que são suas tecnologias religiosas, e o Ocidente tem tesouros, que são suas tecnologias científicas. Se puderem se encontrar, o mundo pode se tornar um paraíso. Não há necessidade de um novo mundo; nós somos capazes de criar o paraíso aqui na Terra. Se não o criarmos, ninguém exceto nós será o responsável.

Sou a favor de um mundo, de uma humanidade e, fundamentalmente, de uma ciência que cuide de ambos, de um encontro entre a religião e a ciência para cuidar do interior e do exterior. É isso que estou tentando fazer aqui. Este é um ponto de encontro do Oriente com o Ocidente, é um útero onde a nova humanidade pode ser concebida e nascer.

Estas são as polaridades na vida, a meditação e o amor formam a polaridade fundamental da vida. Toda a vida consiste de polaridades: o positivo e o negativo, o nascimento e a morte, o homem e a mulher, o dia e a noite, o verão e o inverno. Toda a vida consiste de polos opostos. Mas esses opostos não são apenas polares. São também complementares. Eles se ajudam um ao outro, sustentem um ao outro.

São como os tijolos de uma arcada. Em uma arcada, os tijolos têm de ser dispostos um contra o outro. Eles parecem estar um contra o outro, mas é por meio dessa oposição que a arcada pode ser construída e permanecer firme. A força da arcada depende da polaridade dos tijolos dispostos em oposição uns aos outros.

Esta é a polaridade fundamental: meditação significa a arte de estar só e o amor significa a arte de estar junto. A pessoa inteira é aquela que conhece ambos os polos e é capaz de mover-se de um para o outro com a maior facilidade possível. É como inspirar e expirar... Não há dificuldade. Eles são opostos. Quando a pessoa inspira há um processo; quando expira ocorre o processo exatamente oposto. Mas inspirar e expirar compõem uma respiração plena. Na meditação, a pessoa inspira; no amor, ela expira. Com o amor e a meditação juntos, sua respiração é completa, inteira, integral.

Durante séculos, as religiões tentaram atingir um polo, da meditação ou do amor, com a exclusão do outro. Há religiões de meditação, como, por exemplo, o jainismo e o budismo. E há as religiões *bhakti*, religiões de devoção, como o sufismo e o hassidismo, baseadas no amor. Uma religião baseada no amor precisa de Deus como o “outro” a quem se ama e para quem se reza. Sem um Deus, a religião do amor não pode existir, é inconcebível, pois as pessoas precisam de um objeto de amor. Porém, uma religião de meditação pode existir sem o conceito de Deus. Por isso, o budismo e o jainismo não acreditam em nenhum Deus. Não há necessidade do outro. Você só precisa saber como estar só, como estar silencioso, como estar quieto, totalmente calmo e tranquilo dentro de si. O outro tem de ser completamente descartado, esquecido. Por isso, essas são religiões sem Deus.

Quando os teólogos ocidentais se depararam com a literatura budista e jainista pela primeira vez, ficaram muito confusos: como

chamar essas filosofias sem Deus de religião? Elas podem ser chamadas de filosofia, mas como chamá-las de religião? Isso era inconcebível para eles porque a tradição judaica e cristã acha que Deus é a hipótese mais essencial na religiosidade. A pessoa religiosa é aquela temente a Deus, e esses budistas e jainistas dizem que não existe Deus e que, portanto, não existe a questão de temer a Deus.

No Ocidente, há milhares de anos pensa-se que a pessoa que não acredita em Deus é um ateu, não é uma pessoa religiosa. Mas Buda é ateu e religioso. Isso soava muito estranho para os ocidentais porque eles não tinham conhecimento das religiões baseadas na meditação.

E o mesmo acontece com os seguidores de Buda e Mahavira, que riem diante da estupidez das religiões que acreditam em Deus, porque essa ideia é absurda para eles. É apenas fantasia, imaginação, projeção. Mas, para mim, ambas são verdadeiras juntas.

Minha compreensão não está baseada em um polo, seja da meditação seja do amor. Minha compreensão é fluida. Eu experimentei a verdade de ambos os lados: amei inteiramente e meditei inteiramente. E, para mim, uma pessoa só é inteira quando conhece ambos os polos. Do contrário, permanece apenas a metade e algo continua faltando nela.

Buda é a metade, assim como Jesus é a metade. Jesus conhece o amor, e Buda conhece a meditação, mas é impossível se comunicarem um com o outro. Eles não entendem a linguagem um do outro. Jesus vai falar sobre o reino de Deus, e Buda vai começar a rir: “Que bobagem é essa de que você está falando? O reino de Deus?” Buda falará apenas da cessação do eu, do desaparecimento do eu. E Jesus dirá: “Desaparecimento do eu? Cessação do eu? Isso é se suicidar, o suicídio total. Que tipo de religião é essa? Fale do o eu supremo!”

Eles não vão entender as palavras um do outro. Se Jesus e Buda se encontrassem, necessitariam de um homem como eu para ser seu intérprete; do contrário, não haveria comunicação entre eles. E eu teria de interpretá-los de tal maneira que acabaria sendo não verdadeiro com ambos! Jesusalaria em “reino de Deus”, e eu traduziria por “nirvana” para que Buda entendesse. Buda diria “nirvana”, e eu traduziria por “reino de Deus”, e então Jesus entenderia.

A humanidade necessita de uma visão total. Vivemos por um longo tempo com visões parciais. Essa era uma necessidade do passado, mas

o homem envelheceu. Meus *sannyasins* têm de provar que podem meditar e rezar, que podem meditar e amar, que podem estar tão silenciosos quanto possível e que podem dançar e celebrar o máximo possível. Seu silêncio tem de se tornar sua celebração, e sua celebração tem de se tornar o seu silêncio. Estou dando-lhes a mais difícil tarefa jamais dada a quaisquer discípulos, porque este é o encontro dos opostos.

E, neste encontro, todos os outros opostos vão se fundir e se tornar um só: Oriente e Ocidente, homem e mulher, matéria e consciência, este mundo e aquele mundo, a vida e a morte. Todos os opostos vão se fundir através deste encontro, porque a polaridade fundamental da meditação e do amor contém todas as outras polaridades.

Este encontro vai criar um novo ser humano: Zorba, o Buda. Esse é o meu nome para o novo homem. E cada um dos meus *sannyasins* deve fazer todos os esforços possíveis para se tornar essa liquidez, esse fluxo, e pertencer aos dois polos. Então, eles terão o gosto do todo. E conhecer o todo é a única maneira de saber o que é sagrado. Não há outra maneira.

* * *

Minha mensagem é simples. Minha mensagem é um novo homem, o *homo novus*. O velho conceito do homem era de oposições, materialista ou espiritualista, moral ou imoral, pecador ou santo. Era baseado na divisão, na cisão, e criou uma humanidade esquizofrênica. Todo o passado da humanidade foi doente, débil, insano. Em 3 mil anos, 5 mil guerras foram travadas. Isso é totalmente louco, é inacreditável, estúpido, desprovido de inteligência, inumano.

Quando se divide o homem em dois, cria-se infelicidade e inferno. Ele nunca poderá ser saudável nem inteiro, e a metade que lhe foi negada buscará vingança. Encontrará maneiras e meios de superar a parte que ele impôs a si mesmo. Ele se tornará um campo de batalha, uma guerra civil. Foi o que aconteceu no passado.

Não fomos capazes de criar seres humanos reais, mas apenas humanoides. Um humanoide parece um ser humano, mas está totalmente incapacitado e paralisado. Não lhe é permitido florescer em sua totalidade. Ele é metade e, porque é metade, sempre estará em angústia e tensão. Não poderá celebrar. Só um homem inteiro pode

celebrar. A celebração é a fragrância de ser inteiro.

Somente uma árvore que vive integralmente pode florescer. O homem ainda não floresceu. O passado foi muito escuro e sombrio. Foi uma noite escura da alma. E, pelo fato de ter sido repressivo, estava fadado a se tornar agressivo. Se algo é reprimido, o homem se torna agressivo e perde todas as suas qualidades suaves. Foi sempre assim. Chegamos a um ponto em que o velho precisa ser descartado e o novo precisa ser anunciado.

O novo homem não será do tipo, “ou isto/ou aquilo”. Ele será do tipo “ambos/e”. O novo homem será terreno e divino, do mundo e transcendente. O novo homem vai aceitar sua totalidade e vivê-la sem nenhuma divisão interna. Ele não será dividido. Seu Deus não será oposto ao demônio, sua moralidade não será oposta à imoralidade; ele não conhecerá oposição. Ele transcenderá a dualidade e não será esquizofrênico. Com o novo homem virá um novo mundo, porque o novo homem vai perceber as coisas de uma forma qualitativamente diferente. Ele terá uma vida totalmente diferente, que ainda não foi vivida. Ele será ao mesmo tempo um místico, um poeta, um cientista. Ele não escolherá: ele será ele mesmo sem escolha.

É isso que eu ensino: o *homo novus*, um novo homem, não um humanoide. O humanoide não é natural. Ele é criado pela sociedade: pelo sacerdote, pelo político, pelo pedagogo. O humanoide é criado, é manufaturado. Cada criança chega como um ser humano total, inteiro, vivo, sem divisão. Imediatamente, a sociedade começa a sufocá-la, asfixiá-la, cortá-la em fragmentos, dizer-lhe o que fazer e o que não fazer, o que ser e o que não ser. Toda a sua integralidade é logo perdida. Ela se torna culpada em relação ao seu ser integral. Aos poucos ela nega grande parte do que é natural, e nessa negação perde sua criatividade. Agora ela será apenas um fragmento, e um fragmento não pode dançar, não pode cantar. E um fragmento é sempre suicida porque não pode conhecer o que é a vida. O humanoide não decide por conta própria. Outros decidem por ele: seus pais, professores, líderes, sacerdotes. Eles tiraram todo o seu poder de decisão. Eles decidem, eles ordenam, e o humanoide simplesmente os segue. O humanoide é um escravo.

Eu ensino a liberdade. O homem precisa destruir todos os tipos de servidão e sair de todas as prisões... Chega de escravidão. O homem tem de se tornar um verdadeiro indivíduo. Tem de se tornar rebelde.

De vez em quando, algumas pessoas escapam da tirania, mas isso só acontece de vez em quando, um Jesus aqui, um Buda ali. Eles são exceções. E mesmo estas pessoas, Jesus e Buda, não conseguiram viver totalmente. Eles tentaram, mas toda a sociedade foi contra.

O novo homem será Zorba, o Grego e será também Gautama Buda. O novo homem será Zorba, o Buda. Ele será sensual e espiritual. Será físico, completamente físico, no corpo e nos sentidos, desfrutando tudo o que o corpo possibilita, e ainda assim uma grande consciência, uma grande testemunha estará presente. Ele será Cristo e Epicuro juntos.

O ideal do antigo homem era a renúncia, e o ideal do novo homem será o júbilo. E o novo homem está vindo todos os dias, está chegando todos os dias. As pessoas ainda não tomaram consciência dele, mas, na verdade, ele já nasceu. O velho homem está morrendo, está em seu leito de morte. Não choro por ele e ainda digo que é bom que ele morra, porque a partir da sua morte o novo se afirmará. A morte do velho será o início do novo. O novo só pode chegar quando o velho estiver totalmente morto.

Ajudem o velho a morrer e ajudar o novo a nascer – e lembrem-se: o velho tem toda a respeitabilidade, todo o passado está a seu favor, e o novo parecerá um fenômeno muito estranho. O novo será tão novo, que não será respeitado. Todo esforço será feito para destruir o novo, mas nele está o futuro de toda a humanidade. O novo tem de ser introduzido.

Meu trabalho consiste em criar um campo búdico, um campo de energia onde o novo possa nascer. Sou apenas uma parteira ajudando o novo a vir a um mundo que não lhe será receptivo. O novo vai precisar de muito apoio daqueles que entendem, daqueles que desejam que uma revolução aconteça. E o momento é propício, nunca foi tão propício. O momento é correto, nunca foi tão correto. O novo pode se afirmar, pois o avanço se tornou possível.

O velho está tão enraizado que mesmo com toda a ajuda não poderá sobreviver; está condenado! Podemos adiar, podemos continuar adorando o velho, mas isso significará apenas adiar o processo. O novo está a caminho. No máximo, podemos ajudá-lo a chegar mais cedo ou podemos tentar impedi-lo e adiar a sua chegada. É bom ajudá-lo. Se ele vier mais cedo, a humanidade ainda poderá ter um grande futuro: um futuro de liberdade, de amor, de alegria.

Eu ensino uma nova religião. Esta religião não será o cristianismo,

não será o judaísmo e não será o hinduísmo. Esta religião não terá nenhum adjetivo anexado a ela. Esta religião será puramente uma qualidade religiosa de ser integral.

Meu povo tem de se tornar os primeiros raios de sol que aparecerão no horizonte. É uma enorme tarefa, uma tarefa quase impossível, mas por ser quase impossível seduzirá todos aqueles que ainda têm alguma alma. Criará um grande anseio em todas aquelas pessoas que ainda têm algum senso de aventura oculto em seus seres, que são corajosas e audazes, porque isso irá realmente criar um destemido mundo novo.

Eu falo de Buda, de Cristo, de Krishna, de Zaratustra, para que tudo que é melhor, tudo o que foi bom no passado, possa ser preservado. Eles são apenas algumas exceções. Toda a humanidade tem vivido em uma grande escravidão, acorrentada, dividida e insana.

Minha mensagem é simples, mas ainda será muito árduo, muito difícil fazê-la virar uma prática. Mas quanto mais difícil for, quanto mais impossível for, maior é o desafio. E este é o momento certo, porque a religião falhou e a ciência falhou. É o momento certo porque o Oriente falhou e o Ocidente falhou. É necessária uma síntese mais elevada, em que o Oriente e o Ocidente possam se encontrar, em que a religião e a ciência possam se encontrar.

A religião falhou porque era voltada apenas para o outro mundo e negligenciou este mundo. E as pessoas não podem negligenciar este mundo, pois isso é negligenciar suas próprias raízes. A ciência falhou porque negligenciou o outro mundo, o mundo interior, e não se pode negligenciar as flores. Quando se negligencia as flores, o cerne mais interno do ser, a vida, perde todo o significado. As árvores necessitam de raízes, e o homem também necessita de raízes, e as raízes só podem estar na terra. A árvore necessita de um céu aberto para crescer, para vir a ter uma grande folhagem e milhares de flores. Só então a árvore estará plena, só então a árvore sentirá a significância e o significado e a vida se tornará relevante.

O homem é uma árvore. A religião falhou porque fala apenas das flores. Essas flores permanecem filosóficas, abstratas, e nunca se materializam. Não podem se materializar porque não têm o apoio da terra. E a ciência falhou porque só se importa com as raízes. As raízes são feias e nelas não existem flores.

O Ocidente está sofrendo com tanta ciência, e o Oriente está

sofrendo com tanta religião. Precisamos de uma humanidade em que a religião e a ciência tornem-se dois aspectos de um ser humano. E a ponte será a arte. Por isso eu digo que o novo homem será um místico, um poeta e um cientista.

Somente a arte pode ser a ponte entre a ciência e a religião. Somente a poesia, a música, a escultura. Quando tivermos trazido à luz este novo homem, a terra poderá se tornar, pela primeira vez, o que ela está destinada a ser. Ela poderá se tornar um paraíso: este o corpo, o buda; esta Terra, o paraíso.

Destaques da vida e da obra de Osho

Eu sou o centro do ciclone, então o que acontece à minha volta não faz diferença para mim. Pode ser uma turbulência ou o belo som da água correndo em um rio; sou apenas uma testemunha de ambos, e meu testemunho permanece o mesmo. No que diz respeito ao meu ser mais profundo, sou exatamente o mesmo em toda situação. Este é todo o meu ensinamento: as coisas podem mudar, mas a consciência das pessoas deve permanecer absolutamente inalterada.

A natureza das coisas é mudar. Um dia temos sucesso, outro dia fracassamos; um dia estamos no topo, em outro dia estamos no fundo, mas algo em nós será sempre o mesmo, e esse algo é a nossa realidade. Eu vivo na minha realidade, não em todos os sonhos e pesadelos que cercam a realidade.

11 de dezembro de 1931

Osho nasce em Kutchwada, a aldeia onde vivem seus avós maternos, no estado de Madhya Pradesh, na região central da Índia.

1932-1939: Kutchwada

Após a morte da avó paterna de Osho, o cuidado de seus filhos menores e o negócio da família caem nas mãos dos jovens pais de Osho. Ele é mandado para viver com seus avós maternos, que lhe proporcionam uma extraordinária atmosfera de liberdade e respeito. Segundo seus próprios relatos, e os relatos de outros que o conheceram durante a infância, ele foi um garoto temerário e travesso, jamais perdendo uma oportunidade de testar seus próprios limites físicos e de desafiar atos de presunção ou hipocrisia onde quer que os encontrasse.

1938-1951: Gadarwara

Depois da morte de seu avô materno, Osho e sua avó se mudam para Gadarwara, a cidade onde vivem os pais de Osho. Lá ele é matriculado na escola. Quando não está criando problema e desafiando seus professores, Osho dá continuidade à sua aventureira e solitária abordagem da vida, algo que caracterizara os anos vividos com seus avós. Em 1945, aos 14 anos, ele espera a morte por sete dias, vivência provocada em parte por uma previsão incomum feita pelo astrólogo encarregado de realizar seu mapa astral.

21 de março de 1953

Dia da iluminação de Osho.

1951-1956: Estudante universitário

Osho especializou-se em filosofia e ganhou inúmeros prêmios em competições de debates. Formou-se com louvor na Universidade de Jabalpur e foi convidado pelo professor S. S. Roy para cursar pós-graduação com ele na Universidade de Sagar.

1957-1970: Professor e palestrante

Osho aceita um cargo na Universidade Sanskrit, em Raipur, e, mais tarde, na Universidade de Jabalpur, onde ensina filosofia. Sua abordagem não ortodoxa e desafiadora do ensino atrai muitos alunos para suas aulas, independentemente de estarem inscritos em sua disciplina. À medida que os anos passam, ele se afasta cada vez mais de seus deveres de ensino e começa a viajar para realizar palestras públicas por toda a Índia.

1962: Os primeiros centros de meditação

Osho passa a conduzir meditações guiadas no final de suas palestras. Os primeiros centros de meditação a surgirem em torno de seus ensinamentos são conhecidos como Jivan Jagruti Kendras (Centros de Despertar da Vida) e seu movimento é chamado de Jivan Jagruti Andolan (Movimento de Despertar da Vida).

Com a ajuda dos templos ou centros de meditação, eu gostaria, de uma

maneira científica, de apresentar a meditação ao homem moderno – não apenas de uma maneira intelectual, mas de uma maneira experiencial. Há certas coisas que só conseguimos conhecer na prática.

Os centros de meditação são locais científicos onde o homem moderno pode compreender a meditação através da linguagem e dos símbolos modernos. Mas não só isso: ele pode realmente meditar, ser introduzido no espaço da meditação. Há 112 métodos de meditação. Eu desejo apresentar uma base científica detalhada para estes métodos, para que o homem possa não só entendê-los, mas também utilizá-los.

1962-1974: Campos de meditação

Além de suas conferências públicas, Osho começa a realizar encontros de três a dez dias nos campos de meditação, onde dá palestras diárias e orienta os participantes.

Eu costumava falar para multidões de 50 mil ou 100 mil pessoas e sabia que tudo se passava acima de suas cabeças. Aquelas pessoas estavam simplesmente sentadas ali. Elas me amavam, não porque entendiam o que eu estava dizendo. Elas me amavam pela maneira como eu o estava dizendo. Adoravam a minha presença, mas não eram buscadores.

Vendo a situação, que é quase inútil falar para multidões, comecei a reunir poucas pessoas. A única maneira foi parar de falar para multidões. Eu convidava algumas pessoas a me acompanharem a uma montanha por dez dias, ou sete dias, pois lá poderiam estar comigo. Naturalmente, se alguém se afasta dez dias do seu trabalho, é porque tem algum interesse. Não pode ser apenas por curiosidade. Se alguém deixa sua esposa, seus filhos e seu trabalho por dez dias, não está apenas curioso, mas quer realmente conhecer. Foi assim que começaram os campos de meditação.

Junho de 1964: Campo de meditação de Ranakpur

O campo de meditação de Ranakpur tornou-se um marco no trabalho de Osho porque, pela primeira vez, seus discursos e meditações foram registrados e publicados em um livro, O caminho da autorrealização, que foi amplamente aclamado na Índia. Osho, mais tarde, disse que este livro contém todo o seu ensinamento, que nunca foi alterado. O livro agora está sendo impresso com o título The perfect way. No início do campo de meditação, Osho oferece três diretrizes para os participantes:

A primeira máxima é: viva no presente. Só o presente é real e vivo, e a verdade só pode ser conhecida através do presente.

A segunda máxima é: viva naturalmente. Assim como os atores de uma peça tiram seus trajes e a maquiagem e os colocam de lado após a apresentação, nestes dias aqui comigo, vocês devem retirar suas falsas máscaras e deixar o que é fundamental e natural vir à tona.

A terceira máxima é: viva sozinho. Internamente, não permita que as coisas se acumulem. E o mesmo vale para o espaço externo: viva por si mesmo como se estivesse totalmente só neste campo. Não precisa manter relações com ninguém mais.

Junho de 1966: Revista Jyoti Sikha [O despertar da vida]

Uma revista trimestral em híndi passa a ser publicada pelo Jivan Jagruti Kendra de Bombaim, que também se torna o editor oficial dos livros transcritos de palestras dadas por Osho. Nesta época, Osho é amplamente conhecido como Acharya Rajneesh.

1968: Do sexo à supraconsciência

Osho é convidado para dar uma série de cinco palestras sobre o amor no prestigioso auditório Bharatiya Vidya Bhavan, em Bombaim. No primeiro discurso, em 28 de agosto, Osho explica que o amor e a meditação surgem como uma transformação da energia sexual e que, se for reprimido, o sexo nunca poderá ser transformado. Muitas pessoas ficam ultrajadas ao ouvi-lo falar sobre sexo, e os proprietários do auditório cancelam a série de palestras.

Um mês depois, em 28 de setembro, Osho retorna a Bombaim para completar a série de palestras para um grande público no Gwalia Tank Maidan. A série é publicada sob o título de Do sexo à supraconsciência, que se torna seu livro mais lido. A imprensa indiana começa a se referir a Osho como “o guru do sexo”.

Se quiserem conhecer a verdade elementar sobre o amor, o primeiro requisito é aceitar a sacralidade do sexo, a divindade do sexo, da mesma maneira que aceitam a existência de Deus: com o coração aberto. E quanto mais plenamente aceitarem o sexo com o coração aberto e a mente aberta mais libertos estarão dele. Mas quanto mais o reprimirem mais ficarão presos a

Quando terminei minha palestra naquele dia, fiquei surpreso ao ver todos os funcionários que estavam no tablado, os amigos que haviam organizado o encontro, todos tinham desaparecido. Não vi nenhum deles quando desci do palco para ir embora... Nem mesmo o principal organizador estava ali para me agradecer. Quer fossem os de barrete branco, os seguidores de Gandhi,^[1] quer fossem os vestidos com *khadi*, ninguém permaneceu no tablado. Todos haviam fugido muito antes do fim da palestra. Os líderes são, na verdade, espécimes muito fracas, sem dúvida.. E também são muito rápidos! Eles correm antes de seus seguidores.

1970-1974: Bombaim

Em 27 de junho de 1970, é realizada uma festa de despedida para Osho em Jabalpur, onde ele foi professor e viveu muitos anos. Em 1º de julho, Osho muda-se para Bombaim e começa a dar palestras regulares à noite para cerca de cinquenta pessoas, às vezes concluídas com uma meditação ou com canto e dança. Ele viaja apenas para fazer palestras importantes, e em dezembro elas são concluídas.

Vou pouco a pouco me confinar em um aposento. Vou parar de ir e vir. Agora vou trabalhar com aqueles que estão em minha mente. Vou prepará-los e enviá-los para o mundo. A movimentação de um lugar para outro, que eu mesmo não posso fazer, conseguirei fazer enviando 10 mil pessoas.

Para mim, a religião é também um processo científico, e, por isso, tenho em minha mente uma técnica científica para ela. Quando as pessoas estiverem prontas, essa técnica científica será passada para elas. Com a ajuda dela, essas pessoas trabalharão com milhares de outras pessoas. Minha presença não é necessária para isso. Foi necessária apenas para encontrar as pessoas que poderão cumprir esse propósito.

1970: Introdução da meditação dinâmica

Em abril de 1970, Osho introduz uma revolucionária técnica de meditação catártica, que ele chama de meditação dinâmica. Em maio, no campo de

meditação de Nargol, ele conduz experimentos com essa forma de meditação, que continua sendo aprimorada nos três anos seguintes. A meditação dinâmica torna-se sua técnica mais famosa e mais amplamente praticada.

Um amigo certa vez me disse: “Quando você começou a ensinar meditação, você pedia para ficarmos relaxados, quietos, em silêncio e conscientes. Agora, no curso de uma respiração intensa e perguntado ‘Quem sou eu?’, você nos exorta a colocar todos os nossos esforços nisso. Então, qual das duas técnicas é boa?”

Não há a questão de bom ou ruim aqui. Eu entendo o que ele quis dizer, mas não é uma questão de bom ou ruim. Você só precisa descobrir qual das técnicas proporciona mais paz e traz mais contribuições ao momento da meditação. A meditação não é igual para todos; cada um a experimenta de modo diferente. Há pessoas que só conseguem relaxar depois de ficarem esgotadas. E há outras, poucas, que conseguem relaxar instantaneamente. É difícil entrar diretamente no silêncio e poucas pessoas conseguem fazer isso. Para a maioria é necessário muito esforço físico e tensão antes de relaxar. Mas, nos dois casos, o propósito é o mesmo, o objetivo final é o mesmo. É o relaxamento.

1970: Uma nova definição do sannyas

De 26 de setembro a 5 de outubro de 1970, Osho manteve um campo de meditação em Kulu Manali, ao pé do Himalaia. Em 26 de setembro, iniciou seu primeiro grupo de discípulos, que ele chamou de neo-sannyasins. Sua versão desse antigo conceito hindu é radicalmente diferente da tradição em que o buscador renuncia a todos os seus bens e relacionamentos, é celibatário e vive daquilo que lhe é dado por aqueles que permanecem engajados na sociedade. Quando Osho começa a definir seu conceito de neo-sannyas, seu desafio à tradição torna-se cada vez mais claro.

Vou separar o *sannyas* do futuro do *sannyas* do passado. E acho que a instituição do *sannyas*, como tem sido até agora, está em seu leito de morte. Não tem nenhum futuro. Mas o *sannyas* em sua essência precisa ser preservado. É um bem tão precioso da humanidade que não podemos nos permitir perdê-lo. O *sannyas* é como as flores mais raras, que desabrocham muito raramente. Mas é provável que murche por carência de um cuidado

adequado. Certamente morrerá se permanecer ligado aos seus antigos padrões.

* * *

O antigo conceito do *sannyas* é aquele de renúncia ao mundo. Sou contra isso. Ainda uso a palavra *sannyas* porque consigo ver nela um outro significado bem mais significativo que o antigo. Refiro-me à renúncia a todas as condições que o mundo lhe deu: sua religião, sua casta, seu bramanismo, seu jainismo, seu cristianismo, seu Deus, seu livro sagrado.

Para mim, *sannyas* significa o compromisso de limpar-se completamente de todas as coisas que foram impostas e começar a viver sozinho, sendo saudável, jovem, puro e não poluído. Portanto, o *sannyas* é uma iniciação à sua inocência.

De 1970 até 1985, os sannyasins de Osho usaram tons de vermelho e laranja. Também receberam um colar, conhecido como “mala”, com 108 contas e um medalhão com o retrato de Osho. Além disso, Osho deu a cada sannyasin um novo nome. O novo nome inclui um prefixo comum a todos: “Swami” para os homens e “Ma” para as mulheres.

O caminho do masculino é aquele da consciência, e a consciência conduz as pessoas a um ponto em que se tornam donas do seu próprio ser. Esse é o significado de *swami*. O caminho feminino é aquele do amor, e o amor conduz as pessoas a um ponto fundamental em que podem ser mães de toda a existência. E esse é o significado de *ma*. Uma mulher, em seu florescimento supremo, torna-se uma energia materna... Ela pode ser mãe de toda a existência. Ela se sente abençoada e pode abençoar toda a existência. Quando um homem chega ao seu ponto supremo, ele não se torna um pai e não se torna uma mãe. Torna-se simplesmente um mestre do seu próprio ser.

Amor e consciência: estes são os dois caminhos. E quando digo “masculino” não quero dizer que todos os homens são masculinos. Quando digo “feminino” não quero dizer que todas as mulheres são femininas. Há mulheres que terão de cruzar o caminho da consciência. Eu gostaria de chamá-las também de *swamis*, mas isso seria um pouco mais confuso. Já é louco demais do jeito que é... Então resisto a essa tentação. Mas às vezes me acontece ver uma mulher receber o *sannyas* e me sinto como se a chamasse de *swami*, e não de *ma*. E às vezes chega um homem muito afeminado, que parece mais feminino que qualquer mulher.

Muito lentamente, comecei a selecionar meu povo, e comecei a iniciá-los no *sannyas* para poder reconhecê-los e saber quem são aqueles que constituem o meu povo. Comecei a dar-lhes nomes dos quais eu pudesse me lembrar, porque seria difícil para mim lembrar todos os tipos de nomes estranhos de pessoas vindas do mundo todo. A verdadeira razão foi simplesmente terem nomes dos quais eu pudesse me lembrar; do contrário, seria impossível para mim. São pessoas de quase todos os países, de quase todas as línguas, e é impossível lembrar seus nomes.

Mas quando dou um nome a uma pessoa, é algo totalmente diferente. Quando lhe dou um nome, faço-o por algumas razões, por algumas qualidades que vejo nela, por algumas possibilidades que vejo nela, por algumas características que já estão ali – e tudo isso se torna associado.

O nome que dou tem um significado conhecido por mim. Seu significado e o estilo de vida, padrão e potencialidade da pessoa tornam-se associados. Assim, é mais fácil para mim lembrar-me dela; do contrário, é muito difícil, quase impossível.

Dei roupas vermelhas às pessoas pela simples razão de que assim posso reconhecê-las; qualquer outra explicação é tolice. Apenas para lhes dar um bom motivo – porque as pessoas irão lhe perguntar e vocês terão de dar uma boa explicação para o uso das roupas vermelhas – tenho tentado criar uma filosofia a partir do nada, mas a verdade é simplesmente essa, nada mais que essa.

E em 1986 ele torna a enfatizar que os símbolos externos do sannyas não são importantes:

A mente do homem é muito imatura. Ela começa a se ligar a símbolos externos. Isso aconteceu com todas as religiões do mundo. Todas começaram bem, mas todas se perderam. E a razão disso é que o exterior foi tão enfatizado que as pessoas se esqueceram completamente do interior. Preencher o exterior foi uma tarefa tão absorvente que não restou espaço sequer para lembrar-se da jornada para o interior, que é basicamente o significado da religiosidade.

Quero que o meu povo entenda isso claramente. Nem suas roupas, nem suas disciplinas externas nem nada que lhes foi dado pela tradição e aceito apenas pela crença, vai ajudar. A única coisa que pode criar uma revolução

em você é ir além da mente para o mundo da consciência. Exceto isso, nada é religioso.

Para começar, em um mundo tão obcecado com as coisas exteriores, tive de iniciar o *sannyas* também com aspectos exteriores – mudar suas roupas para laranja e vermelho, usar um cordão, meditar –, mas a ênfase estava apenas na meditação. Descobri que as pessoas podem mudar suas roupas muito facilmente, mas não podem mudar suas mentes. Elas podem usar o *mala*, mas não podem se mover na direção da sua consciência. E, como estão usando roupas vermelhas e laranja, como usam um *mala* e têm um novo nome, começam a acreditar que se tornaram um *sannyasin*.

O *sannyas* não é tão barato. Consequentemente, requer tempo e que a pessoa esteja madura o suficiente para que a fase inicial esteja encerrada. Se ela gosta de laranja e vermelho, tudo bem, isso não atrapalha, mas também não ajuda. Se ela gosta do cordão com o medalhão com meu retrato, este é simplesmente seu ornamento e não tem nada a ver com religião. Agora, vou reduzir a religião à sua absoluta essencialidade. E essa é a meditação.

* * *

No dia em que comecei a iniciar as pessoas, meu único pensamento era se eu seria capaz de transformar meus seguidores em meus amigos. Na noite anterior, não consegui dormir, pensando repetidas vezes em como conseguiria fazer isso, pois um seguidor não deve ser necessariamente um amigo. Eu disse a mim mesmo naquela noite, em Kulu Manali, no Himalaia: “Não encare isso tão seriamente. Você pode conseguir fazer qualquer coisa, mesmo que não conheça o abecê da ciência do gerenciamento.”

Lembro-me de um livro de Burnham, *The managerial revolution* [A revolução administrativa]. Eu o li, não porque o título continha a palavra “revolução”, mas porque continha a palavra “gerencial”. Embora eu tenha adorado o livro, fiquei desapontado porque não era o que estava buscando. Eu nunca consegui administrar nada. Então, naquela noite, em Kulu Manali, eu ri.

Woodlands

Osho muda-se para um grande apartamento no complexo Woodlands, em Bombaim, onde vive até março de 1974. Numa residência fixa, consegue trabalhar de forma mais próxima das pessoas. Ele se reúne com as pessoas individualmente ou em pequenos grupos e dá palestras regulares, entre elas

suas palestras sobre as 112 técnicas de meditação do Vigyan Bhairaa Tantra , que ele chama de “O livro dos segredos”. Os sannyasins e outros buscadores se reúnem todas as manhãs em uma praia próxima para realizarem juntos a meditação dinâmica. Além disso, Osho ocasionalmente comanda meditações no campo. Cada vez mais ocidentais vêm ao seu encontro, e muitos são iniciados no sannyas.

Sou mais enfaticamente interessado na meditação do que em discussões. Estas discussões são apenas para dar um impulso às pessoas, para satisfazê-las de uma maneira intelectual, para dar-lhes uma sensação de que o que estão fazendo é muito intelectual e racional. Mas não é.

Então, qualquer coisa que eu diga é de certa maneira totalmente oposta àquilo em que estou tentando fazer vocês penetrarem. Minha abordagem no que diz respeito a estas discussões é racional, pois uso-as apenas para satisfazê-los, apenas para dar-lhes alguns brinquedos com os quais brincar enquanto são persuadidos a fazer outra coisa. Essa outra coisa não é racional, é irracional.

Nossa meditação é apenas um salto para dentro da existência irracional. E a existência é irracional – ela é mística, é um mistério. Então, por favor, não se apeguem ao que eu lhes digo; agarrem-se, em vez disso, a tudo que persuadi vocês a fazer. Façam isso e um dia vocês perceberão que tudo que eu disse tem um sentido. Mas se vocês se agarrarem ao que eu disse, talvez minhas palavras lhes tragam conhecimento, talvez os tornem mais informados, mas vocês não atingirão o saber. E qualquer coisa que eu tenha dito pode até se tornar um entrave.

1971: De Acharya a Bhagwan

Em maio de 1970, Osho troca seu nome de Acharya Shree Rajneesh para Bhagwan Shree Rajneesh e reconhece publicamente que é iluminado.

Muitas pessoas têm me perguntado por que mantive silêncio sobre ter atingido a iluminação em 1953. Durante quase vinte anos não disse nada a ninguém, a menos que alguém suspeitasse, a menos que alguém me dissesse: “Achamos que algo lhe aconteceu. Não sabemos o que é, mas uma coisa é certa: algo lhe aconteceu e você não é mais igual a nós.”

Naqueles anos, não mais que dez pessoas me disseram isso, e mesmo assim evitei ao máximo responder-lhes, a menos que sentisse que seu desejo era genuíno. Conte-lhes apenas depois de prometerem manter segredo. E todas cumpriram sua promessa. Agora são todas *sannyasins*, mas todas guardaram

meu segredo. Eu disse: “Esperem pelo momento certo. Só então vou divulgá-lo.”

Aprendi muito com os budas. Teria sido bem mais benéfico à humanidade se Jesus tivesse ficado mais quieto sobre ser o filho de Deus. Decidi que até parar de viajar pelo país não falaria sobre minha iluminação; do contrário, eu teria sido morto e não estaria aqui.

Nas minhas viagens, eu me misturava com as massas, movia-me de uma cidade para outra... e sem nenhum guarda-costas. Não teria sido difícil matar-me; teria sido muito simples. Então, durante quase vinte anos mantive minha iluminação em absoluto segredo. Só a divulguei quando vi que havia reunido pessoas suficientes que poderiam entendê-la. Só fiz isso quando soube que eu poderia criar meu pequeno e próprio mundo e quando não estava mais preocupado com as multidões, as massas e a estúpida turba.

1973-1975: Meditações ativas e música

Em julho de 1973, Osho levou um grupo de conga de cinco tambores a um campo de meditação. Quando finalmente se estabeleceu em Puna, trabalhou com os discípulos para comporem músicas que acompanhassem cada uma das meditações ativas que desenvolvera.

Suas mentes estão num caos. Esse caos tem de vir à tona, ser exposto. A música caótica pode ser útil. Uma música caótica tocada enquanto vocês estiverem meditando vai ajudá-los a trazer à tona o caos de vocês. Vocês fluirão nela, perderão o medo de se expressar. Essa música caótica atingirá sua mente caótica interior e a trará à tona. Isso ajudará.

Rock, jazz ou outro tipo de música que de certa maneira seja caótica ajuda a trazer algo à tona, e esse algo é a sexualidade reprimida. Estou interessado em todas as suas repressões. A música moderna está mais interessada apenas no sexo reprimido, mas há uma semelhança. Todavia, eu não estou interessado apenas no seu sexo reprimido, e sim em todas as repressões, sexuais ou não sexuais...

Esse estado de mente é neurótico. Toda a sociedade está doente, por isso insisto tanto na meditação caótica. Aliviem-se, tragam à tona quaisquer situações que tenham sido impostas. Tragam-nas à tona, aliviem-se disso, passem por uma catarse. A música ajuda.

1974-1981: Puna um

Em 21 de março de 1974, exatamente 21 anos depois da sua iluminação,

Osho muda-se para Koregaon Park, em Puna, onde foram adquiridas duas propriedades contíguas 24 mil metros quadrados. No gramado, ele conversa apenas com sannyasins que estão chegando ou partindo e não mais se encontra com indivíduos que buscam conselhos ou entrevistas privadas.

Foi muito deliberadamente que eu me tornei inacessível. Fui muito acessível, mas pouco a pouco comecei a perceber que isso não ajudava. Por exemplo, se dou uma hora a uma pessoa, ela fala muitas bobagens. Se lhe dou apenas um minuto, ela fala exatamente aquilo que é necessário. É assim que a mente funciona.

Se estiver disponível a vocês o dia todo, na verdade não estarei disponível. Se vocês tiverem de esperar oito ou dez dias... essa espera é necessária para uma certa sintonização em vocês, para que certos problemas importantes aflorem.

Às vezes, eu vejo que, podendo vir no momento em que quiser, a pessoa me trará banalidades. Durante o dia surgem mil e um problemas – eles não são importantes, mas naquele momento parecem ser. Se a pessoa tiver de esperar uma hora, o problema muda, e então ela me trará outro problema. Se lhe for permitido trazer todos os seus problemas, ela ficará confusa, porque ela própria não conseguirá saber o que é necessário, o que é significativo. Então a espera faz parte do processo total.

O caminho das nuvens brancas

Em maio de 1974, Osho dá uma série de palestras em inglês em que explica sua abordagem do relacionamento mestre-discípulo e sua visão para o desenvolvimento do trabalho em Puna. Os discursos são publicados sob o título Meu caminho: o caminho das nuvens brancas e atraem muitos buscadores do Ocidente.

Uma nuvem branca vai para onde o vento a conduz. Ela não resiste, não luta. Uma nuvem branca não é um conquistador, e ainda assim paira sobre tudo. Não se pode dominá-la, não se pode derrotá-la. Ela não possui mente para ser conquistada, por isso não é possível derrotá-la.

Uma vez que uma pessoa tenha fixado um objetivo, um propósito, um destino, um significado, uma vez que tenha adquirido aquela loucura de alcançar algum lugar, problemas surgirão. E ela será derrotada, isso é certo. Sua derrota está na própria natureza da existência.

Uma nuvem branca não tem lugar algum para ir. Ela se move por toda

parte. Todas as dimensões pertencem a ela, todas as direções pertencem a ela. Nada é rejeitado. Tudo é e existe em uma total aceitação. Por isso chamo meu caminho de “o caminho das nuvens brancas”, um caminho sem caminho, uma direção sem direção. Movendo-se, mas não com uma mente fixa – movendo-se sem uma mente...

Eu sou a nuvem branca, e todo o esforço é feito para tornar vocês também nuvens brancas à deriva no céu. Nenhum lugar para ir, vindas de nenhum lugar, apenas estando aqui neste exato momento – perfeito.

Não lhes ensino quaisquer ideais nem quaisquer deveres. Não lhes digo sejam isto ou sejam aquilo. Todo o meu ensinamento é basicamente este: aceite o que quer que você seja, aceite-se tão totalmente que nada reste a ser alcançado, e então você se tornará uma nuvem branca.

Uma nova fase

Em junho de 1974, Osho introduz o primeiro campo de meditação em Puna e anuncia que dará início a uma nova fase do seu trabalho. De agora em diante, ele só trabalhará com autênticos buscadores. Pela primeira vez, Osho não lidera as meditações pessoalmente. Em vez disso, sua cadeira vazia é levada para o salão de meditação.

Este campo vai ser diferente de muitas maneiras. Estou iniciando uma fase completamente nova do meu trabalho. Vocês têm sorte de estarem aqui, pois serão testemunhas de um novo tipo de trabalho interior. Preciso explicá-lo a vocês, porque a jornada começa amanhã.

[...] Outra novidade é que eu não estarei aqui; somente minha cadeira vazia será trazida para cá. Mas não sintam a minha falta porque em certo sentido estarei presente, e em certo sentido sempre houve uma cadeira vazia diante de vocês. Neste momento, a cadeira está vazia porque não há ninguém sentado nela. Estou falando com vocês, mas não há ninguém aqui falando com vocês. É difícil entender, mas os processos podem continuar quando o ego desaparece. O falar pode continuar, o sentar, o caminhar e o comer, mas o agente desapareceu. Mesmo agora, a cadeira está vazia. Até agora eu sempre estive com vocês nos campos, porque vocês ainda não estavam prontos. Agora sinto que estão prontos. E devem ser ajudados a ficar mais preparados para trabalhar na minha ausência, porque sabendo que estou fisicamente presente podem sentir certo entusiasmo que é falso. Sabendo que estou presente podem fazer coisas que nunca quiseram fazer, podem se esforçar mais apenas para me impressionar. Isso não ajuda muito, porque só pode ser útil se vier do seu ser. Minha cadeira sempre estará aqui, eu sempre

estarei observando vocês, mas vocês se sentirão completamente livres. E não pensem em por que não estou aqui presente, pois isso pode deprimi-los, e essa depressão vai perturbar sua meditação.

Mais uma coisa tem de ser lembrada: não posso estar sempre neste corpo físico com vocês; um dia, o veículo físico terá de ser descartado. No que me diz respeito, meu trabalho está completo. Se estou carregando este veículo físico, é apenas por vocês, mas algum dia ele terá de ser descartado. Antes que isso aconteça, vocês precisam estar prontos para trabalhar na minha ausência, ou em minha presença não física, o que é o mesmo. E, quando puderem me sentir em minha ausência, estarão livres de mim, e então, mesmo que eu não esteja aqui neste corpo, o contato não será perdido.

Isso sempre acontece quando um buda está presente: sua presença física torna-se muito significativa e tudo fica despedaçado quando ele morre.

Minha cadeira estará vazia, e vocês poderão sentir minha ausência. E, lembrem-se, somente quando sentirem minha ausência, poderão sentir minha presença. Se não conseguirem me ver sem meu veículo físico, não me verão de maneira alguma.

Esta é a minha promessa: eu sempre estarei na cadeira vazia. A cadeira vazia não estará realmente vazia. Portanto, comportem-se! A cadeira não estará vazia, mas é melhor que aprendam a estar em contato com o meu ser não físico. Esse é um contato mais profundo, mais íntimo.

Por isso eu digo que uma nova fase do meu trabalho se inicia neste campo. Eu o chamo de *Samadhi Sadhana Shibir*. Não é apenas meditação. Vou ensiná-los um êxtase absoluto. Não é somente o primeiro passo, é o último.

Comentários e respostas a perguntas

De julho de 1974 até 1981, Osho deu palestras todas as manhãs, falando, em meses alternados, em híndi ou em inglês. Nesses encontros, ele fala sobre os ensinamentos de místicos iluminados de muitas tradições espirituais: taoísmo, zen, cristianismo, hassidismo, sufismo, os baúles, místicos hindus, budismo tibetano, tantra etc. Em dias alternados, responde a perguntas formuladas pelo público. Cada série de dez dias é publicada em um livro. Foram mais de 240 livros em sete anos.

Você tem que buscar seu próprio caminho. Cada um precisa buscar seu próprio caminho. Eu disponibilizarei todos os caminhos para que vocês possam vê-los e senti-los. E, quando o caminho certo aparecer, imediatamente você sentirá uma grande alegria ser despertada em você. Isso é indicativo. Isso mostra que seu momento chegou, o tempo pelo qual estive esperando,

esta é sua primavera.

* * *

Estou proclamando uma nova religião: a religião essencial. No islã ela é conhecida como sufismo, no budismo é conhecida como zen, no judaísmo é conhecida como hassidismo... É o âmago essencial. Mas eu falo a linguagem de vocês, falo da maneira que vocês entendem, da maneira que podem entender. Falo uma linguagem muito irreligiosa. Falo como se eu não fosse de modo algum religioso. É isso que é necessário neste mundo. Este século XX necessita de uma religião completamente livre de todos os tipos de superstições, completamente despida, nua.

Darshan

Osho se reúne com grupos de buscadores em um pequeno auditório contíguo à sua residência, fazendo-o todas as noites, às 19 horas, por uma ou duas horas. Nesses darshans, ele inicia novos sannyasins vindos do mundo todo, saúda as pessoas que estão chegando ou partindo, responde perguntas e oferece conselhos sobre problemas. Grupos de trabalhadores de ashrams e participantes dos programas do ashram frequentam esses encontros em rodízio. Registros destas reuniões íntimas são gravados e publicados como Diários de Darshan.

A pessoa têm de aprender pouco a pouco a ser ela mesma e confiar em si mesma. Minha ajuda não deve se tornar uma dependência. Ela deve ajudá-lo a se tornar realmente mais alerta, mais confiante em sua própria vida e na voz do seu coração.

Por isso, quando vocês vêm até mim e fazem perguntas, o que acontece não é uma resposta minha. Preciso buscar em seu coração qual teria sido sua decisão se seu coração estivesse funcionando. Nunca apresento uma decisão minha, porque isso seria destrutivo. Seria algo vindo de fora. Então, quando você faz uma pergunta, procuro a resposta dentro de você. Eu não decido. Olho dentro de você, sinto-o, vejo seu próprio coração que você não consegue ver e deixo que o coração decida. No máximo, interpreto seu coração para você. Sou uma parteira.

Então, se conseguir decidir, ótimo. Pouco a pouco, começará a escutar seu próprio íntimo, o que ele está lhe dizendo. E essa confiança tem de surgir. Do contrário, a confiança em mim pode se tornar perigosa para você, porque será

dependente de um agente externo. Isso pode se tornar um hábito, de modo que, quando você estiver só ou distante de mim, não saberá o que fazer.

Portanto, enquanto estiver aqui, o que quer que possa decidir, decida. Quando sentir que é quase impossível chegar a uma decisão, que os prós e os contras estão quase equilibrados, quando estiver dividido meio a meio, só então venha até mim. E eu também só poderei ajudá-lo; não lhe imporei nada. No máximo, eu me tornarei uma ponte entre você e você mesmo. Essa é a minha função.

Assim, pouco a pouco, você poderá ver a ponte e poderá ir em frente, movendo-se para seu verdadeiro eu; a necessidade de mim será cada vez menor. Um dia não haverá nada que você não possa decidir. Então, você estará maduro.

Sempre que você vir que algum problema está surgindo, você tem uma boa oportunidade, um desafio, um momento crítico. Use essa oportunidade criativamente, encontre maneiras e meios. Escute em silêncio seu próprio coração e, se surgir alguma certeza, ótimo; você já teve a minha ajuda. Mas só venha a mim nos raros momentos em que não conseguir decidir, quando a escuridão for demasiada e estiver totalmente confuso – se decide isso e a mente diz aquilo, se decide aquilo e a mente diz isso, e você fica oscilando; somente se você não puder sequer perceber se uma voz é a voz do seu ser fundamental, se estiver realmente dividido ao meio –, só então venha até mim. E mesmo então lembre-se sempre de que não estou dando meu conselho. É o seu coração mais íntimo que estarei entregando a você. Logo, você começará a vê-lo.

Compartilhando a visão

Muitos sannyasins ocidentais passam alguns meses em Puna e retornam a seus países de origem. Quando vão embora, perguntam como podem continuar suas meditações em casa e o que podem fazer para compartilhar a visão e as técnicas de meditação de Osho com seus amigos e familiares. Embora com frequência sugira que abram centros de meditação no Ocidente, Osho enfatiza repetidamente que não está interessado em formar prosélitos ou em converter as pessoas ao sannyas, mas apenas em disponibilizar seu trabalho àqueles que estão interessados.

Quando peço que não sejam missionários, refiro-me a não se imporem aos outros. Compartilhem, mas não imponham. Compartilhar é totalmente diferente, é muito respeitoso para com o outro. O compartilhamento não é violento, mas a imposição é. As pessoas não respeitam as outras,

simplesmente usam as outras como um meio; só estão interessadas em converter o outro. Isso é errado. Nunca se deve usar uma pessoa como um meio para atingir nada, porque cada pessoa é um fim em si mesma.

O missionário é muito desrespeitoso em relação à pessoa. Toda a sua ideia gira em torno de como convencê-la, como torná-la mais uma pessoa da sua seita. Ele não está realmente interessado em compartilhar. O compartilhamento é totalmente diferente: você compartilha porque vivenciou algo, porque viu algo. Você compartilha incondicionalmente. A conversão é apenas um subproduto, não é o motivo do compartilhamento. Se a pessoa não se converte, você se sente igualmente feliz porque compartilhou. Seu trabalho está terminado. Você não está buscando nenhum resultado.

É bom estar consciente de todas as possibilidades, do contrário você tende a se tornar um missionário. Apenas compartilhe e esqueça. Plante as sementes e continue em frente, sem olhar para trás para ver o que está acontecendo com essas sementes. No momento certo, quando a primavera chegar, algo vai acontecer.

A terapia como uma preparação para a meditação

Durante todo o ano de 1975, Osho guia novos programas e workshops com técnicas orientais de meditação que revolucionam os métodos de terapia ocidentais. Em agosto de 1975, têm início os primeiros grupos de terapia que incluem diariamente as meditações Dinâmica e Kundalini e uma palestra matinal de Osho. No darshan, Osho sugere determinados grupos aos recém-chegados, aconselha os líderes de grupo e reúne-se com os participantes dos grupos. No final de 1977, há cinquenta diferentes ofertas de grupos, e o ashram torna-se conhecido como o maior e mais inovador centro de crescimento do mundo.

O grupo de crescimento é necessário porque as pessoas têm uma enorme necessidade de se relacionar, de amar, de se comunicar. No Ocidente, o problema básico é como se comunicar, como se relacionar. Há muitos ocidentais aqui. Quando eles vêm até mim no *darshan*, seus problemas são inteiramente sobre relacionamento, sobre como se relacionar.

Nunca um único indiano me perguntou como se relacionar. Esse não é absolutamente um problema para o indiano. Ele pergunta como ficar silente, como entrar em seu próprio ser.

Por isso, não sugiro que os orientais participem dos grupos, exceto os japoneses. Tenho sugerido grupos de terapia a alguns japoneses porque o Japão é a parte mais ocidental do Oriente. Apenas uma ou duas vezes envie

indianos a esses grupos – e estes eram indianos apenas no nome. Eles nasceram no Oriente, mas sua mente é ocidental. Eles foram educados por missionários cristãos em escolas cristãs. Toda a sua formação é ocidental.

Então, depende da pessoa, do que ela necessita. Não sugiro grupos a alguns ocidentais. Quando vejo algum ocidental que não tem necessidade de relacionar-se, não sugiro grupos e digo a ele que não há necessidade. Mas são pelo menos 5 mil anos de condicionamentos psicológicos diferentes. Isso tem de ser levado em conta.

* * *

Meus terapeutas são os melhores do mundo pela simples razão de que os outros são apenas terapeutas, não são meditadores. Meus terapeutas são também meditadores.

A terapia é uma coisa superficial. Ela pode ajudar a limpar o terreno, mas um terreno limpo não garante um jardim. É necessário algo mais. A terapia é negativa, pois ela simplesmente remove as ervas daninhas do terreno, remove as pedras do terreno, prepara o solo para o jardim. Aí termina o seu trabalho.

A terapia ocidental ainda está em um estágio bem primitivo. Ela tem um longo caminho pela frente. E, a menos que seja associada à meditação, só poderá ajudar superficialmente, mas não conseguirá realmente ajudar a pessoa a crescer.

Então, quando digo que meus terapeutas são os melhores do mundo, quero dizer simplesmente que não são apenas terapeutas, são também meditadores. Os outros terapeutas são apenas terapeutas.

Rompendo barreiras: grupos de encontro e terapia primal

Embora só uma pequena percentagem dos grupos de terapia no ashram de Puna envolvesse processos catárticos ou nudez, foram esses grupos que mais atraíram a atenção da mídia na década de 1970. Uma companhia cinematográfica alemã teve permissão para filmar uma sessão (encenada) de um grupo de encontro (encounter, e o documentário resultante, intitulado Ashram, provocou controvérsia e escândalo no mundo todo. O filme continuou a ser exibido na década de 1980 e é utilizado por grupos anticulto para justificar a alegação de que o trabalho de Osho é perigoso e deve ser combatido.

Promovi muitas psicoterapias nesta comuna. Elas serão mal inter-pretadas pelas massas, *certamente* serão mal interpretadas, porque em uma situação psicoterápica é preciso trazer à tona todas as partes negadas. Se alguém tem negado sua raiva, ela precisa ser permitida em uma situação psicoterápica. Só assim a psicoterapia pode ser de alguma ajuda, pode ser terapêutica, pode curar a pessoa. Ela tem de abrir todas as suas feridas.

Muito pus começa a fluir. Uma pessoa que simplesmente observe um grupo de *encounter* vai se sentir doente. Vai se sentir doente porque verá a animalidade vindo à tona; ela nunca imaginou que seres humanos pudessem ser tão animais. Mas essa animalidade também está dentro dela, apenas reprimida. É impossível dissolvê-la com a repressão.

No grupo de *encounter* – esse é o significado da palavra *encounter* – a pessoa tem de encontrar-se consigo mesma em sua totalidade. Ela tem de trazer à tona tudo o que estiver reprimido, *tudo*, sem qualquer avaliação sobre o que é bom e o que é mau. E, de repente, ela vê grandes animais rugindo dentro de si. Eles são violentos, e ela foi ensinada a não ser violenta. Sua não violência reprimiu sua violência. Por *nenhuma* razão, uma raiva intensa vai surgir. Ela vai começar a bater na parede e pode começar a agredir a si mesma. E vai dizer: “O que estou fazendo? Nunca fiz isso. De onde isso está vindo?” Mas as emoções virão em grandes explosões, em grandes ondas. E o processo é deixar que isso aconteça.

Quando todas as partes tiverem se expressado – seu sexo, sua raiva, sua cobiça, sua inveja –, surgirá uma grande calma, o silêncio que segue a tempestade.

Isto não pode ser entendido pelas massas. Na verdade, elas estão bem vigilantes. Não querem compreender, porque entender significa que terão de olhar para dentro e que encontrarão as mesmas coisas dentro de si.

* * *

Havia alguns grupos em Puna, e eu estava decidindo em que grupo as pessoas deviam entrar e em que sequência o fariam. Esses grupos eram terapêuticos. Primeiro eram oferecidas terapias de silêncio, terapias meditativas. Aqueles que não conseguissem ter êxito nisso, recebiam terapias mais ativas. Se nem isso fosse suficiente, recebiam terapias em que podiam bater em travesseiros, gritar, berrar, mas sem tocar em ninguém. Para a maioria isso era suficiente.

Raramente havia pessoas que ainda necessitavam de algo mais, que ainda não ficavam limpas. Para essas havia terapias nas quais eram permitidos encontros físicos. Mas havia um terapeuta presente para garantir que

ninguém se ferisse. E essas pessoas assinavam um formulário declarando que aceitavam receber determinada terapia – se não quisessem participar, não precisavam. Era uma escolha individual.

Essas terapias ajudavam imensamente. Durante todas elas, as pessoas precisavam constantemente se lembrar – e essa era a parte que o mundo não conhecia – de que, mesmo que estivessem batendo em outra pessoa, havia um espectador interno. E, depois de baterem um no outro, eles se abraçavam e choravam e surgia uma grande compaixão.

Nas terapias sexuais, eu indagava aos homens e às mulheres sobre suas experiências: “Qual foi a sua experiência? O que você ganhou com isso?” E os resultados eram surpreendentes. Uma mulher me disse que sempre sonhara que estava sendo estuprada e que acordava no meio da noite com medo, tremendo e transpirando. Era um sonho recorrente, mas, depois dessa terapia, ele desapareceu e seu sono tornou-se silencioso e calmo.

Ela não foi estuprada na terapia sexual. Tudo era lúdico, ninguém estava sendo violentado. Ninguém era forçado contra a sua vontade. E quem quisesse se retirar tinha liberdade para fazê-lo a qualquer momento.

* * *

É bom lembrar que esses grupos não são o fim; eles apenas preparam a pessoa para a meditação. Eles não são o objetivo final; são apenas meios para desfazer o erro do passado. Quando a pessoa tiver livrado o seu sistema de tudo o que esteve reprimindo, eu a conduzo para a observação. Agora será mais fácil observar.

Mas você não deve se tornar viciado em grupo. Há pessoas viciadas em terapias de grupo; elas vão de um grupo para outro. Um encontro termina e vem outra maratona, depois a *gestalt*,^[2] depois isto e aquilo... Após alguns dias, surge uma comichão... pois, onde se expressar? Não é possível se expressar na sociedade, você tem que reprimir. Então o grupo torna-se uma saída. A sociedade normal obriga as pessoas a se reprimirem, e o grupo as ajuda a se expressarem, mas elas não estão *realmente* crescendo. Mais uma vez elas voltarão à sociedade normal; novamente se reprimindo.

É aí que essa comuna difere de institutos como o Esalen.^[3] Eles terminam com os grupos, e nós começamos com os grupos. Eles terminam exatamente no ponto a partir do qual começamos.

E não é uma coincidência que milhares de terapeutas estejam interessados no meu trabalho. Entre meus *sannyasins*, há mais psicoterapeutas do que quaisquer outros profissionais. Atualmente há grande necessidade, no mundo

todo, de grupos de *encounter*, terapia primal, *gestalt*, que podem aliviar um pouquinho as pessoas, mas não podem ajudá-las a se tornar budas. Não podem ajudá-las a se tornar despertas.

A expansão do ashram

Em março de 1976 foi concluída a renovação e a reforma de muitos prédios recém-adquiridos. Osho nomeou os prédios em homenagem a místicos iluminados: Francis, Jesus, Eckhart e Krishna. Para suas palestras matinais diárias, ele utiliza o auditório Chuang Tzu, onde um mosquiteiro protege uma grande varanda circular adjacente à sua residência. Em março de 1977, é terminada a construção do Buda Hall, um espaço capaz de acomodar mais pessoas, onde Osho dá palestras em inglês. As atividades do ashram incluem publicações, assessoria de imprensa, artesanato, música, instalações de serigrafia, uma boutique de roupas e uma marcenaria que também fabrica instrumentos musicais. Em agosto de 1977, inauguram-se uma padaria e ateliês de joalheria, cerâmica e tecelagem.

Este lugar é um mercado. Será possível encontrar algum outro lugar mais parecido com um mercado? Eu poderia ter criado o *ashram* em algum lugar do Himalaia, mas com um propósito específico não construí meu *ashram* no Himalaia.

Eu quero permanecer parte do mercado. E este *ashram* funciona quase como parte do mercado. Os indianos estão muito aborrecidos porque não conseguem entender. Eles conhecem os *ashrams* há séculos, mas este *ashram* está além da sua compreensão. Eles não conseguem entender que as pessoas tenham de pagar para ouvir uma palestra religiosa. Eles sempre ouviram gratuitamente – e não há de graça, mas depois da palestra os *ashrams* também distribuem o *prasad*,^[4] comida e doces. Muitos vão às palestras não por causa da palestra, mas por causa do *prasad*.

Aqui, as pessoas têm de pagar pelas palestras... O que estou fazendo? Quero que o *ashram* seja realmente uma parte do mercado, porque não quero que meus *sannyasins* ingressem em mosteiros. Eles têm de permanecer no mundo. Sua meditação deve crescer no mundo, não deve se tornar escapista. Qualquer que seja a paz que estejam encontrando aqui, quero que a retenham em qualquer lugar a que forem. Não haverá problema, nenhum problema. Tenho conduzido as coisas de tal maneira que tudo o que possa perturbá-los em qualquer lugar também esteja presente aqui!

Todo o meu esforço aqui é no sentido de criar um mundo em miniatura, onde o dinheiro seja absolutamente aceito, onde as mulheres e os homens vivam juntos com alegria e sem medo, onde tudo o que acontece no mundo também aconteça aqui e, ainda assim, a meditação se desenvolva. Ela se tornará cada vez mais forte porque todos os desafios estão aqui.

As pessoas poderão ir aonde quiserem. Ninguém poderá tirar sua paz. Seu silêncio lhes pertencerá! E não será por minha causa. Vocês o terão conquistado, vocês o terão merecido.

Assédio

Com o número crescente de visitantes ocidentais, os incidentes de assédio, particularmente em relação às mulheres, aumentam. Exibições públicas de afeição entre homens e mulheres, e até mesmo o uso de roupas sem mangas, são vistas como provocativas no contexto da cultura indiana sexualmente inibida. Ao mesmo tempo, as frequentes críticas de Osho à política e à corrupção irritam as autoridades governamentais de todos os níveis. É iniciada uma série de medidas repressivas contra o ashram, incluindo restrições a novas construções e negação de vistos de turista para estrangeiros que citam o ashram como seu destino.

Não tenho o apoio da sociedade. É um absoluto milagre que eu ainda esteja vivo. É muito ilógico. Eu não deveria estar mais aqui. A sociedade não me apoia, *não pode* me apoiar. De todas as maneiras possíveis, ela criará – *está criando* – impedimentos ao meu trabalho.

Outro dia, eu li nos jornais que um homem sugeriu ao governo que eu fosse expulso da Índia. Deve ser um homem muito religioso, porque disse que eu estou destruindo a religião. E não ficaria satisfeito apenas com minha expulsão, pois sugere que minha língua seja cortada, para que eu não possa mais falar, e que minhas mãos também sejam cortadas, para que eu não possa mais escrever. E ele se considera um homem religioso!

* * *

O que há de errado em abraçar uma pessoa que amamos, em beijar uma pessoa que amamos? Uma pessoa não deve impor seu abraço a ninguém, isso é verdade, mas é isso que os indianos fazem. E minhas *sannyasins* mulheres estão conscientes disso. Se uma delas está lá fora no mercado, os indianos se comportam de modo realmente reprovável. Eles beliscam as nádegas das

mulheres. Isso é reprovável. Eles se esfregam nas mulheres. Isso é reprovável. Eles as olham como se quisessem comê-las. Isso é reprovável. Mas esse comportamento é aceito por eles, é perfeitamente adequado.

Se duas pessoas que se amam andam de mãos dadas, abraçam-se e beijam-se isso não é da conta de ninguém. Por que os outros se sentem ofendidos? Caso se sintam ofendidos, há algo errado com eles. Talvez estejam sentindo inveja, mas, como não podem demonstrar sua inveja, ficam com raiva. Talvez também gostassem de abraçar alguém, mas não têm coragem porque temem a sociedade. Por isso sentem muita raiva. Não gostam que ninguém faça o que eles não podem fazer.

A visão de uma nova comuna

Em suas palestras, Osho começa a falar sobre encontrar um lugar isolado onde possa realizar seu trabalho sem assédio ou interferências. É iniciada uma busca por um lugar grande na parte rural da Índia, onde uma nova comuna possa ser construída e seu trabalho possa ser aprofundado.

Giurdžiev^[5] teve uma vida muito misteriosa; ela não era pública. Sua escola era escondida. As pessoas simplesmente supunham o que se passava lá.

E é isso que acontecerá na nova fase do meu trabalho. Minha comuna se tornará escondida, oculta. Eu terei uma fachada exterior: os tecelões, os marceneiros e os ceramistas... Essa será a fachada. Teremos um belo *showroom* para os visitantes, onde poderão comprar coisas e ver a criatividade dos *sannyasins* em pinturas, livros e trabalhos em madeira. Os arredores poderão ser mostrados – um belo lago, piscinas, um hotel cinco estrelas –, mas as pessoas não saberão o que está realmente acontecendo. Quase tudo será feito secretamente. Tem de ser secreto; do contrário, não pode acontecer.

Tenho alguns segredos para compartilhar com as pessoas, e não gostaria de morrer antes de compartilhá-los porque atualmente não conheço ninguém no mundo que possa realizar esse trabalho. Eu tenho segredos do taoismo, segredos do tantra, segredos da ioga, segredos dos sufis, segredos do zen. Vivi em quase todas as tradições do mundo. Fui um andarilho em muitas vidas. Coletei muito mel de muitas flores. E, cedo ou tarde, chegará o momento em que terei de partir e não conseguirei entrar novamente no corpo. Esta é minha última vida. Gostaria de compartilhar com meus *sannyasins* todo o mel que coletei, para que eles possam compartilhá-lo com outros, para que esse mel não desapareça da terra.

Este será um trabalho muito secreto, por isso não posso falar a respeito dele. Acho que já falei demais. Não devia nem ter falado isso. O trabalho será

apenas para aqueles que são totalmente devotados.

Atualmente, temos uma grande assessoria de imprensa que trabalha para informar o máximo de pessoas possível sobre o fenômeno que está acontecendo aqui, mas na nova comuna o verdadeiro trabalho simplesmente desaparecerá dos olhos do mundo. A assessoria de imprensa ainda funcionará para outros propósitos. As pessoas continuarão vindo porque entre os visitantes temos de escolher e convidar as pessoas que podem ser participantes, que podem se dissolver na comuna. Mas o trabalho real será absolutamente secreto, apenas entre elas e mim.

E também não haverá muita conversa entre nós. Ficarei cada vez mais em silêncio, porque a verdadeira comunhão ocorre através da energia, não através de palavras. À medida em que vocês ficarem prontos para receber a energia em silêncio, eu me tornarei cada vez mais silencioso. Mas estou guardando um grande segredo para vocês. Mantenham-se receptivas...

Tudo o que é belo e tudo o que é grande na história humana aconteceu apenas mediante algumas pessoas que reuniram suas energias para a exploração interior. Minha comuna será uma escola de mistério para a exploração interior. Essa é a maior aventura que existe e a maior dança também.

Satsangs^[6] silenciosos e comentários sobre o Dhammapada^[7] de Buda

Em junho de 1979, Osho conduz uma experiência de dez dias em comunhão silenciosa, ou satsang. Ele aparece no Buda Hall e senta-se com a assembleia durante uma hora de música e meditação silenciosa, ao invés do habitual discurso. Em 21 de junho, Osho introduz sua série de comentários, em doze partes, sobre o Dhammapada de Gautama Buda.

As palavras se tornam cada vez mais difíceis para mim. Elas se tornam cada vez mais um esforço. Eu tenho de dizer algo e por isso continuo dizendo algo a vocês, mas quero que vocês fiquem prontos o mais rápido possível para que possamos simplesmente nos sentar em silêncio... ouvindo os pássaros e seus cantos... ou ouvindo apenas nosso próprio batimento cardíaco... Apenas estando aqui, sem fazer nada...

Vocês devem estar prontos o quanto antes, porque posso parar de falar qualquer dia. E espalhem a notícia para todos cantos e recantos do mundo: aqueles que quiserem me entender apenas através das palavras devem vir logo porque posso parar de falar *qualquer* dia. Isso pode acontecer a qualquer hora, pode acontecer até mesmo no meio de uma frase, que ficará

incompleta! Então, ela ficará em suspenso para todo o sempre... incompleta.

Tentativa de assassinato

Em 22 de maio de 1980, Vilas Tupe, membro de um grupo fundamentalista hindu, atira uma faca contra Osho durante sua palestra matinal. A polícia local remove Tupe do local e o mantém sob custódia. Osho continua sua palestra. Por causa de subsequentes manipulações dos procedimentos policiais, o caso é arquivado, e Tupe é solto sem ser acusado de qualquer crime. Algumas semanas mais tarde, Osho explica o que aconteceu:

O juiz de Puna deu sua sentença de um louco que atirou uma faca em mim, obviamente tentando me matar. Ele o libertou, e a razão para tê-lo libertado – a principal razão apresentada por ele – é realmente digna de consideração. Eu ri diante dela, achei-a incrível! A razão para tê-lo libertado é que, se houvesse existido realmente uma tentativa de assassinato, eu não teria continuado minha palestra! Quem pode continuar a falar quando quase foi assassinado? Mas ele não me conhecia. Eu teria continuado a falar mesmo que tivesse morrido... Não teria parado antes das dez!

Mas ele não consegue entender – e eu posso entender que ele não consegue entender. Uma pessoa consegue continuar a falar da mesma maneira quando alguém tenta assassiná-la? Seu argumento parece ser muito válido. Então, o que dizer das massas, se até um magistrado pensa dessa maneira?

Expansão pelo mundo

No final de 1980 e no início de 1981, foi montado, nos Estados Unidos, um centro para distribuir livros, áudios e fitas de Osho. Os sannyasins que vivem do outro lado do mar são encorajados a apoiar seus centros de meditação e suas comunas locais. Há programas para treinar novos líderes de grupo. Em Londres, na primavera de 1981, é organizada uma mostra de dois dias das meditações e dos workshops de Osho, chamada O Evento de Março, que atrai cerca de quinhentos participantes após propaganda nos ônibus e nos metrô da cidade. Após esse encontro, eventos similares são organizados em outras capitais do mundo.

Meu esforço não é apenas para criar um *buddhfield* aqui, mas para criar pequenos oásis no mundo todo. Não gostaria de confinar esta enorme

possibilidade a uma pequena comuna. Esta comuna será a fonte, mas terá ramos pelo mundo todo. Será a raiz, mas irá se tornar uma grande árvore. Atingirá todos os países, alcançará todas as pessoas em potencial. Vamos criar pequenas comunas e centros por todo o mundo.

Estejam no mundo, mas não sejam dele. Vivam no mundo, mas não permitam que o mundo viva dentro de vocês. Esta é minha mensagem.

Há um ditado zen que diz: “Os gansos selvagens não pretendem lançar seu reflexo na água. A água não tem mente para receber sua imagem.” O ganso selvagem não tem o desejo de lançar seu reflexo na água, e a água não tem o desejo nem a mente para receber sua imagem, embora ela receba! Quando o ganso selvagem voa, a água reflete sua imagem. O reflexo está ali, a imagem está ali, mas a água não tem mente para refletir o voo do ganso, e o ganso selvagem não ambiciona ser refletido.

Esse deve ser o modo dos *sannyasins*. Estar no mundo, viver no mundo, viver totalmente, sem ganância e sem desejos, porque todos os desejos distraem vocês do viver, todas as ambições sacrificam o presente de vocês. Não sejam gananciosos, porque a ambição leva-as para o futuro; não sejam possessivos, porque a posse as mantêm apegadas ao passado. Um homem que quer viver no presente precisa se livrar da ganância, da posse, da ambição, dos desejos.

E isso é que eu chamo de arte total da meditação. Estejam conscientes, estejam alertas, para que todos esses ladrões não possam entrar e contaminá-lo. Sejam meditativos, mas estejam no mundo. Minha experiência diz que o mundo pode ajuda-los *imensamente* a tornarem-se meditativos. Ele lhes dá todas as oportunidades para se distraírem, mas, se vocês não se distraírem, cada sucesso se torna uma enorme alegria. Você permanece centrado, torna-se o centro do ciclone. O ciclone continua rugindo à sua volta, mas seu centro permanece inalterado.

Esse é o estilo de vida de um verdadeiro *sannyasin*: estar no mundo e permanecer intocado, não afetado por ele.

Em silêncio

Em 10 de abril de 1981, Osho envia uma mensagem dizendo que está entrando no estágio final do seu trabalho e que agora só falará através do silêncio. Ele continua a reunir-se com sua secretária, mas só aparece para o público três semanas mais tarde, quando os satsangs retornam. Então, Osho senta-se em silêncio com seus discípulos e visitantes no salão de meditação. Um antigo canto budista é entoado no início das reuniões, que são concluídas com música, canto e dança.

A saúde de Osho torna-se cada vez mais frágil. Além de suas alergias, passa a sentir fortes dores nas costas, e os médicos preocupam-se com a ideia de que em algum momento ele precise de uma cirurgia. A preocupação aumenta quando ocorre uma crise perigosa relacionada a um disco deslocado, que pode levar a uma possível lesão nos nervos. A assistente da secretária pessoal de Osho, Ma Anand Sheela, providencia sua ida para os Estados Unidos, onde Osho poderia ser tratado se ocorresse outra crise. Em 1º de junho de 1981, ele voa de Bombaim para Nova York com sua equipe pessoal e médica.

1981-1985: O Big Muddy Ranch

Algumas semanas depois da chegada de Osho aos Estados Unidos, Sheela finaliza a compra de um antigo rancho de gado, de 323,7 quilômetros quadrados, no alto deserto do Oregon. A trinta quilômetros de distância da cidade mais próxima, Antelope, o Big Muddy Ranch,[8] como é chamado, era um terreno desgastado pelo excesso de pastagem, às margens do rio John Day, estendendo-se por dois condados do Oregon. Em todo o terreno, havia apenas uma pequena casa de fazenda e alguns anexos em um vale no final de uma estrada íngreme de terra. No final de agosto, algumas casas pré-fabricadas são instaladas ali, entre elas uma residência para Osho. Ele e sua equipe pessoal são levados para o rancho em 29 de agosto.

Buda cometeu erros, Mahavira cometeu erros; e eu estou sentado diante de vocês... Vocês não acham que cometi um erro vindo para o Oregon? Sou prova suficiente de que ser iluminado não significa ser infalível. Pode-se cair em um rancho lamacento! E é muito difícil sair dele. Quanto mais se tenta sair dele, mais se penetra na lama.

Está claro que não há necessidade de que eu cite que erros Buda cometeu, que erros Mahavira cometeu... Eu cometi erros e vou continuar a cometê-los, mas isso não põe em risco minha iluminação. Não tem nada a ver com ela.

Faço o melhor uso possível dos meus erros. É isso que estamos fazendo no Big Muddy Ranch: tentando, de maneira iluminada, extrair algo bom dele. Se caímos aqui, pode ter sido erro nosso – mas é uma sorte para o Big Muddy Ranch; vamos extrair o máximo dele. E estamos tentando arduamente fazer o máximo possível.

Todas essas outras pessoas se disseram infalíveis. Eu sou, de muitas maneiras, um excêntrico. Não deveria estar falando essas coisas, que eu cometo erros. Isso não está em sintonia com minha profissão; na verdade, está

contra ela. Por isso, as pessoas da minha profissão me odeiam, porque elas dizem que não devo dizer essas coisas, devo acobertar meus erros. É o que vem sendo feito há séculos. Mas não consigo fazer isso. Sou impotente nisso, não consigo enganar as pessoas.

Rajneeshpuram: a cidade ilegal

Em alguns meses, fica claro que os sannyasins de Osho estão criando uma comunidade autossuficiente com instalações para alojar até cinco mil residentes, realizando grandes festivais quatro vezes por ano e publicando livros com as falas de Osho. A população cresce rapidamente na primavera e no verão e, embora se alojando em barracas, os recém-chegados criam uma enorme horta, estabelecem a produção leiteira, instalam canos e fios para a infraestrutura, melhoram as estradas, recuperam os leitos dos riachos e replantam as encostas áridas. A hostilidade local torna-se rapidamente explícita e agressiva. As permissões para construção são negadas, são feitas ameaças de violência contra Osho e um hotel adquirido pelos sannyasins em Portland é bombardeado. O governador do Oregon declara que, se não são bem-vindos pela comunidade adjacente, os recém-chegados devem ir embora.

Em 1982, os residentes do rancho optam por se incorporarem ao condado de Wasco, fundando a cidade de Rajneeshpuram. Essa incorporação é aprovada pelos comissários do condado, mas depois desafiada em tribunal por um grupo de guardiões da terra que se autodenominam Mil Amigos do Oregon. O procurador-geral do Estado desafia a incorporação da cidade, baseando-se em dispositivos constitucionais e declarando que ela viola a separação entre Igreja e Estado. Pregadores cristãos fundamentalistas dão a entender que Osho é o anticristo e os rancheiros locais usam as placas indicativas de Rajneeshpuram para a prática de tiro ao alvo. Camisetas e bonés apresentando dois rifles cruzados sobre uma imagem de Osho são vendidos em manifestações contra a cidade.

Osho pede o visto de residência como professor de religião, mas o pedido é negado sob a alegação de que ele está em silêncio e, portanto, não pode ser um professor. Essa decisão é posteriormente derrubada por um recurso. Em 1984, o departamento legal da cidade tem uma equipe de mais de duzentas pessoas e lida com dezenas de processos judiciais. Documentos obtidos pela Lei de Liberdade de Informação revelam que os

mais elevados níveis da administração Reagan estão pressionando agências federais e estaduais a encontrarem uma forma de dismantelar a comunidade e expulsar Osho dos Estados Unidos.

Eles querem que esta cidade seja demolida por causa de suas leis de uso da terra, mas nenhum daqueles idiotas veio ver como a estamos usando. Será que eles poderiam usá-la mais criativamente do que nós? E por cinquenta anos ninguém usou esta terra; eles estavam felizes, isso era um bom uso. Agora estamos criando algo nela. Somos uma comuna autossuficiente. Estamos produzindo nossa comida, nossos vegetais, nossas frutas. Estamos fazendo todo o esforço para tornar esta comunidade autossuficiente.

Este deserto, de alguma forma, parece ser o destino de pessoas como eu. Moisés terminou em um deserto. Eu terminei em um deserto, e estamos tentando torná-lo verde. Nós o tornamos verde. Se alguém andar em volta da minha casa não pensará que está no Oregon, e sim na Caxemira. Não havia uma única árvore quando cheguei. Não havia nenhuma vegetação. Fiquei simplesmente chocado quando Sheela me levou lá; a casa estava nua. E sempre vivi em belos jardins. Onde quer que eu tenha vivido, criei um belo jardim.

Transformamos o lugar, com grande esforço, em uma terra fértil. Nosso povo estava trabalhando doze, catorze horas por dia, e as autoridades não vieram ver o que foi feito aqui. Elas simplesmente sentaram-se no Capitólio e decidiram que o local ia contra as leis de uso da terra. Se a cidade vai contra as leis de uso da terra, então suas leis de uso da terra são falaciosas e devem ser incineradas. Mas, antes, venham e vejam, e provem que o local está contra as leis de uso da terra. Mas eles têm medo de vir até aqui.

Sempre respeitei os Estados Unidos como país democrático. Sempre apreciei o respeito pelo indivíduo e pela liberdade de expressão. Sempre amei a Constituição americana. E agora sinto que teria sido melhor não ter vindo para cá, porque estou absolutamente desapontado. A Constituição é falaciosa. Suas palavras – indivíduo, liberdade, capitalismo, liberdade de expressão – são apenas palavras. Por trás da tela está o mesmo político, a mesma face feia, a mesma mente mesquinha, porque, em minha opinião, só as pessoas mais mesquinhas do mundo são atraídas pela política. As mais mesquinhas, as mais inferiores, porque sabem que só podem fazer algo se tiverem poder. Você precisa de poder somente para fazer algo prejudicial; caso contrário, o amor é suficiente, a compaixão é suficiente.

Nossa cidade é realmente única em toda a história da humanidade. Existiram cidades e não existiram cidades, mas uma cidade ilegal? Nunca ouvi falar nisso. É uma cidade, mas é ilegal. Não reconhecem que você existe. Ignorado, você não existe.

Eu estou aqui e vou ficar aqui. Não há como me mandar de volta... Fiz meus próprios arranjos. Convenci o governo indiano a me rejeitar, então para onde vão me enviar? Só podem me deportar para a Índia. E eu já convenci a Índia previamente a não me aceitar de volta. Agora estou preso aqui no Big Muddy Ranch. Não há guindaste que me tire daqui.

Mas estes tolos estão no poder. Eles removeram até o nome de Rajneeshpuram do plano diretor do condado de Wasco. Nos arquivos do condado, Rajneeshpuram não existe. Se 5 mil pessoas desaparecerem, o governo do Oregon não poderá sequer dizer que elas desapareceram, porque primeiro teriam de aceitar que estávamos aqui... E não estamos aqui!

Mas, de certa maneira, isso é bom. Se não estamos no Oregon, então é claro que não estamos nos Estados Unidos. Isto parece ser o nascimento de uma nova nação. Logo teremos de criar nossa própria Constituição e declarar nossa independência. O que nos resta fazer?

* * *

Essa informação chegou até mim outro dia: o procurador-geral do Oregon declarou Rajneeshpuram ilegal. A razão que ele apresentou foi que aqui religião e Estado estão misturados.

Agora, em primeiro lugar, nossa religião não tem nada a ver com qualquer outra religião que já tenha existido. É apenas por uma necessidade legal que declaramos que somos uma religião; do contrário, não se pode encontrar uma comuna tão irreligiosa em todo o mundo. Que religião existe aqui? Sem Deus, sem Espírito Santo, sem Jesus Cristo, sem papa, sem orações, sem nenhuma preocupação com a morte? Todos estão demasiadamente envolvidos com a vida. Quem tem tempo para pensar na morte?

Na verdade, mesmo que a morte chegue até meu povo, ela terá de esperar. Meu povo está tão envolvido que mesmo a morte terá de esperar... Ela pode pegar facilmente as pessoas que já estão mortas há trinta, quarenta ou cinquenta anos. Isso não é um problema para a morte, não é uma preocupação, pois essas pessoas têm apenas de ser levadas embora. Viveram por tempo suficiente suas vidas póstumas.

Talvez a morte esteja muito ocupada... Deve ser isso. Este planeta e 50 mil outros planetas têm vida, e nenhuma religião diz que a morte tem associados,

representantes. A morte está só. A pobre morte necessita de muita burocracia, e ela está fazendo todo o trabalho sozinha. É claro que muitas pessoas morrem aos 30 anos de idade e têm de esperar mais quarenta, cinquenta ou sessenta anos até seu número ser chamado. O que a morte pode fazer? Ela ainda não limpou os arquivos pendentes, e as pessoas continuam morrendo.

Mas a morte ficará surpreendida com meu povo.

Estas são pessoas vivas, tão envolvidas na vida que nem mesmo se preocupam com a morte. A morte pensará duas vezes antes de levá-las. Ela pode pensar: “É melhor terminar o trabalho pendente, que está inacabado. Estas pessoas podem ser levadas mais tarde. Vou deixá-las viver um pouco mais.”

Que tipo de religião é esta? Eu a chamo de religião sem religião. Eu a chamo de religiosidade.

Aqui não há sermão. Certamente minhas palestras não podem ser chamadas de sermões. Podem ser chamadas de anti-sermões. Que religião eles pensam que há aqui e que está interferindo com o Estado? E que Estado é este? Em primeiro lugar, não somos uma religião que possa ser definida por qualquer dicionário que existe no mundo. Teremos de criar nosso próprio dicionário, nossas próprias definições.

E que Estado é esse? Apenas um conselho municipal que deve cuidar das estradas, da limpeza, das casas, do hospital. Como a religião vai interferir nas estradas? Eu me esforço muito, mas não consigo imaginar como se pode misturar religião com estradas. Como misturar religião com casas? Como misturar religião com hospitais, com remédios, com injeções? Precisamos de algumas dicas de como fazê-lo, porque, aqui, nenhum sacerdote religioso vai ao nosso hospital para incomodar os pacientes.

Essas pessoas escrevem “Confiamos em Deus” em suas notas de dólar. Em seu dinheiro! Quem está misturando religião e Estado? Elas estão misturando religião até mesmo com um dólar sujo! Em frente à Suprema Corte também está escrito “Nós confiamos em Deus”. Se algum dia eu for à Suprema Corte – e é bem possível, posso dar um jeito –, vou perguntar: “Onde está Deus? E com que autoridade vocês escreveram isso? Se na própria entrada está escrita uma mentira, vocês não podem me pedir para jurar em nome da verdade. Em vez disso, peçam-me para jurar falar apenas mentiras, e não a verdade.” A maior mentira está lá, justamente na entrada da Suprema Corte. Em cada nota de dólar está gravada uma grande mentira: “Confiamos em Deus”.

Essas pessoas continuam misturando a religião de todas as maneiras, mas elas estão dentro da lei. Eu não poderia misturar minha religião com nada: é impossível misturá-la. Esta é a única cidade legítima em todo o mundo. Se misturar religião com Estado torna uma cidade ilegal, então todas as cidades

do mundo são ilegais, porque religião e Estado estão misturados em toda parte. Este é o único lugar onde isso não acontece.

Na verdade, definitivamente não existe religião aqui.[9]

1983: Teste de Aids em toda a cidade

Quando Osho ainda está em silêncio e em reclusão, seu médico o informa sobre o desenvolvimento da epidemia de Aids, e Osho sugere que se iniciem testes para todos os residentes e visitantes de Rajneeshpuram. Ele também recomenda que as pessoas tomem precauções como evitar beijos e usar preservativos e luvas de látex nas preliminares que envolvam contato com fluidos corporais. Na época, essas medidas foram consideradas extremas e até mesmo absurdas, sendo ridicularizadas pela mídia. Os membros da comunidade diagnosticados com o vírus eram isolados em alojamentos separados, onde lhes era garantido trabalho para fazer, diversão e cuidados médicos.

Talvez este tenha sido o único lugar em todo o mundo onde foram tomadas todas as precauções contra a epidemia de Aids. Seis mil pessoas foram submetidas a testes. Nenhum outro lugar conseguiu fazer com que toda a sua população fosse submetida aos testes. Eles têm medo de encontrar pessoas com Aids. E as pessoas que acham que podem ter contraído o vírus não fazem o teste pela simples razão de que, se o teste der positivo, temem que suas esposas, seus filhos e seus pais as rejeitarão. Não terão lugar em suas próprias casas. Não será permitida a sua entrada em nenhum restaurante. Seus próprios amigos se tornarão seus inimigos.

Então, não querem ser testadas. O governo e os hospitais também não querem testá-las. E o fogo vai se expandindo, e ninguém quer reconhecer isso, ver isso. Isso não é inteligência. Fechar seus olhos não significa que seu inimigo desapareceu.

Encontramos algumas pessoas com Aids... Duas pessoas. Criamos um belo local de isolamento para elas. Fizemos o melhor que podíamos por elas. Elas têm todo o nosso respeito e amor.

1984: Um gosto de fascismo

Em outubro de 1984, Osho decide terminar seu período de silêncio e reclusão e reassumir suas palestras diárias. Curiosamente, sua secretária Sheela se opõe a essa decisão e tenta convencê-lo a não falar, alegando preocupações com sua saúde. Osho finalmente decide começar a falar para

pequenos grupos de pessoas na sala de estar de sua casa. No início, gravações em vídeo de suas palestras são mostradas para toda a comunidade no dia seguinte, exibidas no grande salão de meditação. Quando Sheela propõe que esses vídeos sejam suspensos, porque há muito trabalho a ser feito, a comunidade se revolta. Chega-se a um acordo: os vídeos serão mostrados à noite, após a realização das tarefas do dia.

Finalmente, em 14 de setembro de 1985, Sheela e um grupo de seus adeptos mais próximos fazem as malas e abandonam a cidade rumo à Alemanha. Assim que ela parte, surge uma avalanche de evidências sobre atividades criminais nas quais ela estava envolvida, entre elas uma tentativa de envenenamento do médico e cuidador de Osho, a colocação de uma bomba em um escritório de planejamento do condado e a instalação de escutas em telefones e escritórios dentro da comunidade.

Osho torna públicas todas as informações que recebeu e oferece toda a sua cooperação ao Estado e aos investigadores federais. Membros da imprensa surgem em massa para entrevistá-lo e questioná-lo sobre esses eventos.

P: Em meu encontro com Sheela, foi possível perceber sua inteligência, pelo menos em questões práticas, na sua perspicácia em relação às coisas, mas também pude ver um lado muito opressivo, um lado mesquinho. O senhor não viu isso em seu contato cotidiano com ela?

R: É claro que sim! Mas isso era necessário para lidar com todos os políticos mesquinhos que nos cercavam. Eu não podia colocar a comuna nas mãos de pessoas inocentes... Os políticos a teriam destruído.

P: Mas o senhor não viu o que ela estava fazendo no rancho?

R: Não, porque eu nunca saía nem me encontrava com ninguém...

P: Mas, se o senhor estava criando um experimento tão vultoso, não acha que teria sido útil que pelo menos outra pessoa viesse conversar com o senhor?

R: Não. O experimento não significa nada em comparação com meu silêncio. Estou ensinando todos a serem indivíduos e dependerem do seu próprio *insight*. E, se alguém sente que está sendo obrigado a fazer algo que não quer, pode perfeitamente se revoltar contra isso. Ninguém precisa se submeter, e muitas pessoas foram embora. Agora haverá uma atmosfera completamente diferente – mas, observando o mundo, o que quer que tenha acontecido, embora não tenha sido bom, só pode ter sido maquinado por pessoas más. Pessoas boas não poderiam fazê-lo.

P: No último ano, perguntei-me quando o senhor se livraria de Sheela ou daria uma reviravolta no assunto, mas parecia que o senhor a deixava ir em

frente e fazer mais coisas.

R: Eu só faço algo quando acho que chegou o momento certo. Quando vi que era a hora, eu agi.

P: Como o senhor soube que era o momento certo de fazer algo?

R: Quando ela envenenou meu médico. Foi então que comecei a fazer perguntas a ele e declarei que voltaria a falar e a me reunir com meu povo. Então, pouco a pouco, começaram a chegar informações e comecei a expor Sheela e seu grupo. Informei o governo, a polícia, o FBI... Todos eles estiveram aqui, mas não fizeram quase nada. Nós lhes demos todas as evidências, mas eles continuavam dizendo que não tinham provas sólidas. Eu não entendia que prova sólida queriam... Eles queriam que Sheela assassinasse alguém, que fosse pega em flagrante?

P: Por que o senhor esperou mais ou menos nove meses?

R: Porque era necessário, porque ela estava enfrentando muitas batalhas legais, e eu não queria perturbar as coisas no meio. Queria que tudo chegasse a uma conclusão para que pudesse surgir um novo grupo. E este é o momento, quando muitos processos foram concluídos, e os novos processos só começarão daqui a oito meses, dando tempo para que novas pessoas se preparem para assumir. E elas serão capazes de lutar... Não há problema.

P: O senhor arriscou muito.

R: É claro! Sou uma pessoa que corre riscos. E isto é um jogo. Eu sei os momentos certos. Sou apenas um árbitro, nada mais.[10]

Crescentes revelações sobre as atividades criminosas de Sheela e de seu grupo criaram um estado de choque e confusão dentro da comunidade e surgiram ondas de reação contra a estratégia subjacente por trás de situações e eventos previamente inexplicáveis. Quando as pessoas começaram a confrontar-se com questões de obrigações e responsabilidade pessoal, Osho passou a abordar tais assuntos com crescente perspicácia em seus discursos diários.

Estamos tentando viver um tipo de vida diferente daquele que se vive no mundo lá fora. Só há duas maneiras: à maneira de Sheela ou à minha maneira. Escolhi Sheela para ser minha secretária para dar-lhes um pequeno gosto do que significa o fascismo. Agora, vivam do meu jeito. Sejam responsáveis por si mesmos para que não haja a necessidade de ninguém lhes ditar ordens... Se quiserem Sheela de volta, posso chamá-la com toda a sua gangue e entregar-lhes a comuna. Se não quiserem ninguém ditatorial, então assumam a responsabilidade.

E vocês são um grupo de pessoas muito inteligentes, mas este é o

problema das pessoas inteligentes: elas sempre tentam abusar da liberdade.

Gostaria de lembrá-los de que a Alemanha é um dos países mais intelectuais do mundo. Ela deu ao mundo pessoas como Kant, Hegel, Feuerbach, Sigmund Freud, Martin Heidegger... Grandes filósofos, grandes psicólogos. E, no entanto, um excêntrico de terceira classe conseguiu fazer toda a *intelligentsia* do país segui-lo.

Martin Heidegger foi um dos filósofos mais importantes do século e contemporâneo de Adolf Hitler. Ele apoiou Adolf Hitler... Isso é inconcebível! Toda a juventude, que é a nata da sociedade, todos os reitores e professores universitários... Todos eles apoiaram Adolf Hitler, um homem pouco instruído, um homem que foi recusado pela escola de artes, que foi recusado pela faculdade de arquitetura porque não tinha inteligência. Esse homem tornou-se o líder do país mais inteligente do mundo e criou o regime mais fascista do mundo. Matou quase 10 milhões de pessoas e ainda havia gente que o apoiava.

Isso tem de ser psicanalisado. Qual foi a razão disso? A razão foi a derrota do país na Primeira Guerra Mundial. E os intelectuais tendem a lutar entre si. Eles discutem, racionalizam, filosofam, mas não são pessoas fisicamente ativas. E são egoístas. Acham que descobriram o segredo da vida, cada um acha que descobriu o segredo da vida.

Depois de sua derrota na Primeira Guerra Mundial, a Alemanha ficou num caos. O caos criou Adolf Hitler, porque ele prometeu e cumpriu sua promessa de unir novamente o país e torná-lo forte, tão forte que poderia dominar o mundo todo.

Era uma coisa imensamente necessária. As pessoas não estavam trabalhando, não estavam sendo criativas. Era necessário que alguém tornasse o país novamente criativo, disciplinado, e Adolf Hitler preencheu essa lacuna. Dentro de dez anos, a Alemanha tornou-se novamente uma potência mundial.

Estranho... Quando se dá liberdade às pessoas elas se tornam preguiçosas e não querem trabalhar, mas quando elas recebem uma ordem fascista trabalham com seu potencial máximo, criam, unem-se, tornam-se fortes. A Alemanha venceu batalhas durante cinco anos. Isso provava que o povo havia escolhido a pessoa certa – de um lado, o mundo todo, e Hitler sozinho era suficiente.

Ele deu à *intelligentsia* um ego que ninguém havia dado antes. Ele lhes disse que a raça germânica nórdica é a mais pura raça ariana e que era seu destino dominar o mundo porque todas as outras raças são subumanas. Isso era tremendamente gratificante. O ego do intelectual ficou plenamente preenchido e até mesmo um homem como Martin Heidegger caiu na armadilha.

Só depois que Hitler foi derrotado e a Alemanha quase foi destruída é que as pessoas começaram a olhar para trás e viram o que haviam feito, que tipo de homem haviam apoiado: um monstro, um assassino que matou milhões de pessoas, talvez o maior assassino de toda a história.

Então, lembrem-se: liberdade não é o mesmo que licenciosidade. Liberdade é responsabilidade. Se vocês não conseguem assumir a própria responsabilidade, alguém vai assumir a responsabilidade em seu nome. E, então, vocês estarão escravizados.

As pessoas têm me perguntado como 5 mil pessoas, quase todas com nível universitário e com as melhores qualificações das melhores universidades do mundo, não conseguiram ver o que estava acontecendo durante quatro anos.

A razão é que Sheela não estava fazendo apenas algo feio e fascista; ela estava também criando a comuna. Estava também transformando o deserto em um oásis. Estava tornando a comuna confortável de todas as maneiras. Toda moeda tem dois lados, então vocês olharam o lado que estava mais claro. E estavam cercados pela hostilidade que Sheela e seu grupo criaram no Oregon. Essa é uma estratégia política simples.

Adolf Hitler, em sua autobiografia *Mein Kampf*, diz que é preciso criar inimigos para ter uma nação que seja forte; do contrário, as pessoas relaxam. Elas devem ser mantidas em contínua paranoia, temendo que haja perigo à sua volta. E Sheela criou isso. Ela criou a hostilidade do governo do Oregon. Criou a hostilidade dos americanos em geral. Isso tornou vocês mais próximos uns dos outros, tornou-os mais fortes: “Estejam preparados para que ninguém possa feri-los.”

Então, se não assumirem a responsabilidade, algo desse tipo certamente voltará a acontecer. A história se repete porque o homem não aprende.

A prisão

Osho prometera cooperar com as agências mantenedoras da lei na investigação dos crimes cometidos por Sheela, mas os investigadores dedicam a maior parte da sua atenção para encontrar razões para indiciar Osho e os residentes remanescentes na cidade. Há rumores persistentes sobre uma futura indicição perante um grande júri para acusar Osho e vários sannyasins de violações das leis de imigração. Tentativas de negociação de uma rendição pacífica feitas pelos advogados de Osho são ignoradas pelo procurador-geral dos Estados Unidos, Charles Turner, que alega que tal discussão é “prematura”.

Nesse meio-tempo, a Guarda Nacional é mobilizada para planejar a

invasão de Rajneeshpuram. Diante das preocupações de que eles pretendem realizar um ataque armado à comunidade, toma-se a decisão de transferir Osho para o outro lado do país, até Charlotte, na Carolina do Norte, onde estaria fora de perigo, enquanto seus advogados continuariam tentando esclarecer a situação. Quando Osho e sua equipe aterrissam em Charlotte, são recebidos por agentes da alfândega e da polícia norte-americana fortemente armados, que haviam recebido ordens de esperar terroristas perigosos. Não tendo mandado, os policiais leem uma lista dos suspeitos que viriam do Oregon. Nenhuma dessas pessoas está no avião, mas todos são presos, juntamente com Osho e levados para celas no edifício federal de Charlotte.

Em uma audiência que tem início três dias depois, os sannyasins que acompanhavam Osho são soltos, mas o juiz ordena que ele seja reenviado ao Oregon para uma audiência separada. As autoridades insistem em que ele seja levado em um avião específico para transporte de prisioneiros ou em um jato particular. O avião de transporte de prisioneiros demora seis dias para completar sua viagem cruzando o país, e durante esse período o governo se recusa a revelar o paradeiro de Osho até mesmo aos seus advogados. Finalmente, descobre-se que durante esses dias Osho foi mantido na penitenciária federal de Reno, Oklahoma, sob um nome falso, supostamente para sua própria proteção.

Osho é finalmente liberado sob fiança no Oregon, acusado de uma série de violações das leis de imigração, de ter participado do processo de casamentos simulados entre seus discípulos e de ter mentido sobre sua intenção ao pedir o visto de turista. Após negociações com as autoridades do Oregon, os advogados de Osho ficam muito preocupados com sua segurança se o processo ganhar prosseguimento. Relutantemente, Osho aceita não contestar duas das 34 acusações contra ele e deixar o país.

Sua saúde declina drasticamente como resultado da sua prisão, embora ainda tenha que se passar mais de dois anos até seus médicos suspeitarem que Osho havia sido envenenado enquanto estava sob custódia do governo.

Quando eles me deportaram, [o procurador-geral Charles Turner] admitiu em um pronunciamento para a imprensa que eu não havia cometido nenhum crime. A razão que ele deu para me deportar foi: “Nós queríamos destruir a comuna. Essa era a nossa prioridade.” E era impossível destruir a comuna sem me deportar.

Eles me prenderam sem mandado de prisão e sem nenhuma razão. Havia

apenas uma folha de papel com alguns nomes. Eles disseram: “Recebemos a ordem de prender estas pessoas imediatamente.”

“Mas vocês deveriam olhar nossos passaportes!”, falei. “Meu nome não está neste papel, nem os nomes das seis pessoas que estão comigo. Vocês estão prendendo as pessoas erradas.” Ainda assim, fomos presos.

Na verdade, eles não tinham nenhuma prova para me prender. Mas não me concederam o pedido de fiança durante doze dias. Eles me prenderam na Carolina do Norte, e um voo de lá até o Oregon, onde a comuna estava situada, deveria durar apenas cinco horas. Demoraram doze dias para me levar até Portland e me arrastaram de uma prisão para outra. Passei por seis prisões diferentes.

Mais tarde, quando especialistas britânicos em envenenamento observaram meus sintomas, fiquei sabendo que eles haviam me dado um veneno. A substância, tálio, não é detectável nem no sangue nem na urina; ela simplesmente desaparece no corpo. Eu tinha todos os sintomas, todas as enfermidades que o veneno deixa no corpo. Esse veneno era usado contra prisioneiros políticos, mas se for administrado em dose maior, a pessoa morre imediatamente. Por isso eles me mantiveram por doze dias, para dar o veneno em pequenas doses, de forma que eu não morresse em suas prisões, senão eles seriam condenados pelo mundo todo.

E, quando me soltaram, recebi a ordem de deixar o país imediatamente, dentro de quinze minutos. Meu carro estava na frente do tribunal e meu avião estava no aeroporto, com o motor ligado, para que eu partisse imediatamente. Eles temiam que apelasse à Suprema Corte se ficasse mais um dia. E havia todas as razões para crer que eu venceria o caso, porque nenhuma de suas acusações... Havia 34 acusações contra um homem que estava em silêncio, que nunca havia saído de sua casa. Como ele podia ter cometido 34 crimes? E eles não tinham evidência de nenhum crime.

Quando eu vi a democracia, o estilo americano, em ação... Era um absurdo falar em democracia ali. Sua Constituição é apenas um modelo para o mundo. O país consiste em criminosos falando sobre liberdade.

1985-1986: O tour mundial

Kulu Manali

Em 14 de novembro de 1985, imediatamente após seu julgamento, Osho voa do aeroporto de Portland para Nova Délhi via Chipre. Aterrissa em Nova Délhi em 17 de novembro, onde é saudado por milhares de sannyasins indianos. Lá, ele dá uma coletiva para a imprensa e prossegue até Kulu Manali, no noroeste da Índia, onde marca entrevistas regulares

com a imprensa, com início em 19 de novembro. Nesse meio-tempo, seus sannyasins iniciam a busca para encontrar um lugar onde ele possa se estabelecer novamente e retomar seu trabalho. O governo indiano recusa-se a dar vistos para sua assistente, seu médico e outros membros da sua equipe pessoal, e ameaça confiscar o passaporte de Osho a menos que ele pare de dar entrevistas para a imprensa e de ter encontros com seus discípulos. Em 3 de janeiro de 1986, ele voa para Kathmandu, no Nepal.

O rei do Nepal havia autorizado que eu tivesse minha residência e minha comuna lá, mas com a condição de eu não falar contra o hinduísmo. O Nepal é um reino hindu, o único reino hindu do mundo.

Eu não aceitei. “Eu nunca planejo o que falar e o que não falar”, respondi. “Não posso prometer. E, se eu vir algo errado, não importa se é hinduísmo, cristianismo ou islamismo, vou falar contra.”

Em 21 de janeiro, Osho anuncia sua viagem pelo mundo:

Vou fazer um *tour* mundial porque não acredito em fronteiras políticas e concebo toda a Terra como minha. E tenho meus *sannyasins* no mundo todo, muitos dos quais não vejo há anos. Eles já deram o primeiro passo e já se separaram da multidão. Não são mais cristãos, não são mais judeus, não são mais hindus. Eles têm feito um grande trabalho, algo raro, algo único, jamais feito por um número tão grande de pessoas.

Agora, há apenas duas maneiras: ou eles vêm até mim ou eu vou até eles. Os interesses instituídos vão tornar cada vez mais difícil que eles venham até mim. Eles querem isolar-me do meu povo e já começaram a fazer isso. Eu tenho minha própria maneira de reagir à estratégia fascista deles. Em vez de chamar as pessoas para virem até mim, eu irei até elas.

Três governos me convidaram, sabendo perfeitamente bem que os Estados Unidos estão contra mim e estão pressionando outros governos para que eu não tenha permissão para ir a parte alguma. Três governos foram bastante corajosos – e não são países ricos, são países pobres, países sul-americanos que querem mostrar que os Estados Unidos não têm o monopólio do mundo.

Então, viajar pelo mundo vai nos ajudar a saber quem é amigo e quem não é. E, minha experiência é que um de nossos amigos é igual a cem inimigos... porque *elas* não têm nada, apenas ideias velhas, podres e ultrapassadas. Com um pequeno empurrão, elas desmoronarão.

Eles estão lutando pelos mortos.

Nós estamos lutando pelos que ainda não nasceram.

E a decisão da existência é sempre em favor da vida.

Creta

Em 16 de fevereiro, Osho voa para a Grécia com um visto de turista para quatro semanas e fica em uma vila na ilha de Creta. Três dias mais tarde, começa a dar palestras ao ar livre, na área externa da vila, sob uma árvore com uma copa enorme. Em poucos dias, muitos de seus sannyasins começam a chegar de países europeus próximos. O bispo da Igreja Ortodoxa Grega fala contra Osho nos sermões à sua congregação, distribui panfletos em que acusa Osho de corromper a moral dos jovens e ameaça liderar uma marcha de protesto até a vila.

Em 5 de março, a polícia chega à vila enquanto Osho está tirando seu cochilo vespertino, para prendê-lo e deportá-lo. Quando a secretária legal de Osho pede o mandado de prisão, a polícia a prende, arromba portas e janelas, entra na casa e leva Osho sob custódia.

A caminho do Uruguai: Suíça, Suécia, Londres, Irlanda, Espanha e Senegal

Da Grécia fomos para Genebra, apenas para uma noite de descanso, mas, no momento em que souberam o meu nome, disseram: “De jeito nenhum! Não podemos permitir sua entrada em nosso país!”

Não tive permissão sequer para sair do avião.

Partimos para a Suécia, confiando nas pessoas que diziam que ela é bem mais progressista do que qualquer outro país da Europa ou do mundo, que deu abrigo a muitos terroristas, revolucionários e políticos asilados e que é um país muito generoso.

Chegamos à Suécia. Queríamos passar a noite lá, pois os pilotos estavam chegando ao limite das horas de voo. Eles não podiam prosseguir mais; do contrário, a viagem se tornaria ilegal. Ficamos felizes porque pedimos uma permanência de apenas uma noite e recebemos vistos de sete dias para todos. Mas imediatamente a polícia chegou, cancelou os vistos e ordenou que partíssemos: “Não podemos admitir este homem em nosso país.”

Eles admitem terroristas, assassinos, membros da máfia... Mas a mim não podiam admitir. E eu não estava pedindo asilo nem residência permanente. Pedi apenas uma noite.

Então, nós voltamos para Londres, porque era uma questão de direito básico. Compramos bilhetes de primeira classe para o dia seguinte. Nosso jato estava ali, mas compramos os bilhetes, caso eles comessem a dizer: “Vocês não têm passagens para amanhã e, portanto, não podemos permitir que permaneçam no salão da primeira classe.”

Compramos passagem para todo o grupo, para podermos permanecer no salão. Nós tínhamos nosso jato e também tínhamos passagens, mas eles

apareceram com um regulamento do aeroporto, daquele tipo que ninguém pode interferir: “Temos que recusar o atendimento – e este homem, nós não podemos permitir que fique neste salão.”

Fiquei pensando: “Como posso destruir sua moralidade, sua religião, ficando na sala de espera? Estarei dormindo e irei embora pela manhã.” Mas, não, esses chamados países civilizados são mais primitivos e bárbaros do que se pode imaginar. Eles me disseram: “Tudo o que podemos fazer é colocá-lo na cadeia, onde você pode passar a noite.”

* * *

Na Irlanda, queríamos ficar apenas um dia para dar um descanso aos pilotos. O homem no aeroporto nos deu sete dias. Ele não se importou em saber quem éramos nem qual era o propósito da nossa viagem. Ele devia estar realmente bêbado! Chegamos a um hotel. Pela manhã, a polícia chegou, pediu nossos passaportes e cancelou a permissão de sete dias.

Nós dissemos: “Vocês nos deram sete dias e agora cancelaram essa permissão sem nos dar nenhuma razão. Nenhum de nós saiu do hotel. Não cometemos nenhum crime. Vocês não podem fazer isso.”

Eles ficaram num dilema. Haviam dado a permissão para sete dias e agora não tinham nenhuma razão para cancelá-la. Então, disseram: “Vocês podem ficar quanto tempo quiserem, mas não saiam do hotel.”

Permanecemos lá por quinze dias porque precisávamos de algum tempo. Nosso povo estava solicitando vistos de residência permanente ao governo espanhol. Então só queríamos tempo: se na Espanha as coisas estivessem prontas, podíamos ir da Irlanda para lá. Ficamos quinze dias na Irlanda sem nenhum visto.

No dia em que deixamos a Irlanda, o ministro do Interior informou aos membros do Parlamento que nós nunca estivemos na Irlanda. Pessoas cultas, pessoas educadas, estavam mentindo categoricamente ao dizerem que eu nunca tinha estado na Irlanda! E ele sabia, seu governo sabia, seu chefe de polícia sabia.

Eu penso que quando me estabelecer em algum lugar, eu começarei... Um a um, cada país tem de ser arrastado aos tribunais por suas mentiras, por chamar-me de “perigoso”, por dizer sim e uma hora depois recusar a nossa permanência. Vou expor isso ao mundo, para que se compreenda que não há democracia em parte alguma.

Espanha

Em 14 de março, são dados a Osho e ao seu grupo vistos de entrada na

Espanha, mas, três dias depois, os vistos são suspensos com base em dossiês fornecidos pelos governos americano e alemão. Em 18 de março, o avião de Osho aterrissa em Madri e é cercado pela guarda civil enquanto o cônsul uruguaio carimbava vistos uruguaios nos passaportes de Osho e de seus acompanhantes. A escala seguinte é em Dakar, no Senegal, para a estada de uma noite em um hotel antes de viajarem para o Uruguai. No mesmo dia, o Parlamento Europeu discutia uma moção para evitar que Osho entre em qualquer país da Comunidade Europeia.

Vocês ficarão surpresos: eu estou sendo discutido em parlamentos de países onde nunca estive, até mesmo em países onde não existe nem um único *sannyasin*, como se eu fosse o maior problema do mundo para eles. Estão diante de uma terceira guerra mundial, mas sua preocupação é comigo!

É significativo que eles tenham reconhecido que se eu puder continuar ensinando, suas sociedades podres começarão a colapsar. E eu vou continuar, não importa o que aconteça. Eles não podem me impedir. Vou encontrar minhas próprias maneiras. E agora, mais do que nunca, vou aprimorar todos os argumentos contra eles e expor todos os governos que me impedem de estar com meu próprio pessoal.

Uruguai

Em 12 de abril, Osho se estabelece em uma grande casa perto do mar, em Punta del Este, no Uruguai. Lá, ele retoma suas palestras diárias num ambiente íntimo, para um grupo de vinte a trinta pessoas. Nessa época, ele começa a falar sobre a próxima fase do seu trabalho.

A nova fase do meu trabalho é uma escola de mistério. Podemos trabalhar no mundo, onde já existem estradas, já existem casas, e não precisamos construí-las. Já existem fábricas... Em milhares de anos, o mundo criou tudo isso. Então, agora, cinco horas de trabalho durante cinco dias por semana são suficientes. No fim de semana, vocês podem meditar, ficar em silêncio ou ir para algum local isolado e simplesmente relaxar. E em um ano vocês serão capazes de ganhar tanto dinheiro, economizar tanto dinheiro, que poderão passar um mês, dois meses, três meses aqui... Quanto tempo puderem.

Então, estar comigo não terá conotações de trabalho. Estar comigo será apenas alegria, celebração, meditação, canto e dança. Esses três meses serão simplesmente férias. Vocês esquecerão o mundo nesses três meses. Eles serão de pura busca da verdade. E, depois desses três meses, elas continuarão em casa o que quer que tenham aprendido; lá terão tempo. Trabalhando por

cinco horas, terão tempo suficiente e poderão ter pelo menos duas horas para si mesmos.

Então, a cada ano virão e partirão, conforme puderem administrar seu tempo. Aqui, não serão um fardo para ninguém e não será necessário que alguém os domine; não há necessidade de uma disciplina estrita... é o trabalho que precisa disso. Não há necessidade de coordenadores e, dessa forma, evitamos as viagens de poder.

As nossas duas comunas ajudaram a nos conduzir a este ponto, em que podemos iniciar uma escola de mistério. Sem essas duas comunas, teria sido impossível. Esta é a minha maneira de encarar as coisas. Até mesmo os fracassos nos deixam mais próximos do sucesso, porque cada fracasso traz um *insight* do que deu errado e de como deu errado. Então, os dois experimentos anteriores foram imensamente importantes.

Agora estamos em uma posição em que podemos criar um lugar totalmente diferente, que é simplesmente um festival durante o ano todo. Vocês estarão chegando e partindo. Para onde quer que forem, levarão consigo o que aprenderam e irão praticá-lo no mundo. E virão de novo para se renovar, para se revigorar, para ir além, ir mais fundo. Haverá apenas uma equipe reduzida para cuidar de vocês.

O governo do Uruguai havia emitido uma permissão de residência por um ano para Osho, com a intenção de estendê-la até três anos e finalmente dar-lhe cidadania. No entanto, no início de junho, o governo uruguaio sofre pressão dos americanos para não permitir que Osho permaneça no país. Em meados de junho, o governo americano dá um ultimato ao presidente uruguaio: deportar Osho ou perder bilhões de dólares da ajuda americana. Relutantemente, o presidente aceita a deportação.

Em 19 de junho de 1986, Osho voa para a Jamaica, onde consegue um visto de duas semanas, mas, na manhã seguinte, a polícia lhe informa que deve deixar o país naquela noite. Em 20 de junho, ele voa para Lisboa, onde, por algumas semanas, permanece sossegado em uma vila alugada. Por fim, a polícia cerca sua casa, e, em 30 de julho, ele voa para Bombaim.

O presidente do Uruguai disse: “É lamentável que eu tenha que fazer isto. Estou agindo contra minha própria consciência.”

Os norte-americanos nem sequer concederam que eu simplesmente deixasse o Uruguai. Meu avião estava esperando no aeroporto... Eu disse: “Não há problema. Posso sair daqui. Não colocarei seu país em risco.”

Ele disse: “O presidente americano insiste em que o senhor seja deportado; não deve deixar o país sem ser deportado. Estou sendo obrigado a cometer crimes: primeiro, pedir-lhe, sem nenhuma razão, que deixe o país; segundo, deportá-lo. Mas estou absolutamente impotente. No entanto, quero uma coisa: que em seu passaporte não haja selo de deportação do Uruguai. Temos um aeroporto pequeno... Leve seu avião para esse aeroporto e saia à noite sem nos informar, para que possamos dizer que não houve tempo para deportá-lo.

Mas ele estava errado. Quando meu avião chegou a esse aeroporto pequeno, um representante americano já estava ali com todos os selos e com o funcionário cuja função é deportar pessoas. E me demorei ali, porque foi necessário preencher todos os formulários. Quando saí do país, disse: “Isso não importa. Na verdade, meu passaporte tornou-se um documento histórico! Fui deportado de tantos países sem qualquer razão.”

Quando saí do Uruguai, o presidente do país foi imediatamente convidado a ir aos Estados Unidos, e Ronald Reagan deu-lhe 36 milhões de dólares como um “gesto de amizade”. Essa foi a recompensa por eu ter sido expulso em 36 horas: exatamente 36 milhões de dólares, um milhão de dólares por hora. Na verdade, eu deveria pedir a minha percentagem a esses governos! Eles estavam ganhando milhões de dólares por minha causa... Eu deveria ter direito a pelo menos dois por cento.

1987: Puna dois

Depois de passar cinco meses em Bombaim e retomar sua programação diária de palestras na casa de um dos seus discípulos, Osho retorna, em 4 de janeiro de 1987, à comuna em Puna, que havia sido mantida pelos sannyasins indianos em seus cinco anos de ausência. Quando ele chega, as autoridades do governo local e uma organização liderada pelo fundamentalista hindu Vilas Tupe realizam uma série de ações hostis contra Osho e a comuna. No entanto, após alguns meses, com o apoio do prefeito de Puna, Dhole Patil, e com a ajuda de amigos no governo e no Poder Judiciário, a comuna obtém permissão para funcionar com certa normalidade, sofrendo relativamente poucos incidentes de assédio ou interferência explícita.

Ontem recebi outra carta do prefeito de Puna. Ele dizia: “Com meu mais profundo amor e prazer, quero declarar que Osho, presentemente residindo em Koregaon Park, 17, em meu distrito eleitoral, é sem dúvida uma pessoa iluminada. Suas opiniões abalizadas sobre religião são muito necessárias nesta época tão turbulenta. Ele é um dos grandes sábios, um grande místico e um

mestre espiritual da nossa época. Sua conduta e seu comportamento amoroso não podem gerar, nem nunca criaram, problema legal algum, nem ele jamais foi considerado culpado em qualquer dispositivo de lei criminal. Na verdade, seus ensinamentos conduzem à criação de uma atmosfera muito pacífica e tranquila nas atuais circunstâncias em que o país como um todo está enfrentando uma situação muito conturbada.”

No final de 1987, milhares de sannyasins e visitantes passam todas as manhãs pelos portões da comuna. Osho continua a ter períodos de enfermidade, sentindo dores nos ossos e nas articulações, tendo dificuldades de visão e sensibilidade à luz, falta de apetite e infecções de ouvido recorrentes. Muitas vezes não consegue aparecer para suas palestras diárias – às vezes por dias ou semanas seguidos. Em suas palestras, ele muitas vezes menciona o fato de que não estará fisicamente presente para sempre e estimula seus ouvintes a fazerem da meditação sua principal prioridade. Em março, ele inicia um exercício de imobilidade repentina: ao entrar e sair do salão de meditação, ele conduz a audiência numa dança ao som de música superanimada e, de repente, faz todo mundo parar por alguns momentos antes de reiniciar a dança.

Estou tentando fazê-los voltar para casa. Vocês foram para muito longe, atrás de coisas efêmeras, atrás de sonhos. E quero que voltem para casa porque aquilo que pode lhes proporcionar contentamento, que pode lhes proporcionar realização, não está fora, está aí; não está em qualquer outro momento, mas agora. E a sensação de uma parada – de uma parada total – nada mais é do que uma experiência do aqui e agora.

Só posso lhes dar um gostinho, e quando sentirem o sabor, então estarão na busca dele. Não há como impedir isso. A coisa mais fundamental é ter um sabor da coisa.

Vocês ouviram palavras, belas palavras, mas elas não os lançaram numa busca louca. Não quero lhes dar apenas palavras, mas algum conteúdo. E isso só é possível dando-lhes um pouco do sabor.

E o momento é agora. Para muitos dos meus *sannyasins*, as primeiras flores da primavera começaram a aparecer. Cada vez mais flores aparecerão. E vocês devem ser impacientemente pacientes – com um anseio profundo, mas sem quaisquer exigências. Porque eu não posso estar aqui para sempre. E já esperei muito tempo; agora é o momento em que devo começar a lhes dar o sabor. Palavras, eu lhes dei muitas – foram uma preparação. Semeei muitas sementes e, agora que a primavera está muito próxima, vocês precisam ser

corajosos, precisam estar total e intensamente comigo – em meu silêncio, em minha alegria.

É chegada a hora da dualidade entre vocês e mim ser eliminada. Aqueles que são inteligentes devem abandoná-la imediatamente. Os que são um pouquinho menos inteligentes demorarão um pouco mais. Tenho um pouco mais de tempo para me demorar em suas praias... mas não será um tempo muito longo.

* * *

Não posso estar sempre com vocês. Adoro estar com vocês, mas a existência não permite que eu esteja sempre com vocês. A existência só dá certo tanto de corda, e isso é bom; do contrário, vocês começariam a achar que estarei sempre à mão.

Um dia, não estarei mais entre vocês. É bom que de vez em quando eu esteja ausente para que possam entender que o que acontece na minha ausência é a realidade de vocês. Quando estou com vocês, vocês se deixam dominar por mim. Vocês se esquecem de si mesmos.

E vocês não têm de se esquecer de si mesmos! Têm de se lembrar de si mesmos, porque só através da lembrança serão capazes de se transformar.

É natural que sintam falta da minha presença, não os condeno por esse sentimento. Mas vocês estão em busca de algo que está além – além do normal, do natural – algo transcendental. E vocês precisam aprender o caminho, e o caminho é para ser trilhado sozinho.

Eu não posso ir com vocês. Posso lhes mostrar o caminho, posso lhes mostrar a lua. Mas meus dedos não são a lua e não posso continuar lhes mostrando a lua. Mais cedo ou mais tarde, vocês terão de esquecer meus dedos e buscar a lua por si mesmos. Terão de seguir o caminho sozinhos.

Naturalmente, quando eu não vinha todo os dias, de manhã e à noite, para estar com vocês, vocês começaram a sentir uma espécie de rompimento. Mas não era um rompimento; simplesmente a realidade de vocês vindo à tona. Ela não estava tendo a oportunidade de vir à tona. Eu estava tanto com vocês, que vocês foram para a sombra, para o pano de fundo. Eu havia me tornado mais real do que vocês mesmos.

Quando eu deixei de vir, na minha ausência, a realidade de vocês lhes foi exposta. Isso é bom, porque a menos que vocês saibam o que são, onde estão, sua jornada não pode começar. Então esses dias foram de grande importância.

Lembrem-se: seja o que for que encontrem dentro de si, por mais lixo que encontrem, é a sua realidade. Isso pode ser limpo, pode ser jogado fora,

vocês podem se afastar disso tudo. Mas, antes que qualquer coisa possa ser feita, vocês precisam conhecer tudo isso. Este é o primeiro passo e a coisa mais importante.

* * *

Minha abordagem para o seu crescimento é basicamente torná-los independentes de mim. Qualquer tipo de dependência é uma escravidão, e a dependência espiritual é a pior escravidão.

Tenho feito todo o esforço para torná-los conscientes da sua individualidade, da sua liberdade, da sua capacidade absoluta de crescer sem a ajuda de ninguém. Seu crescimento é algo intrínseco ao seu ser. Ele não vem de fora, não é uma imposição, e sim um desdobramento.

Todas as técnicas de meditação que tenho ensinado a vocês não são dependentes de mim – minha presença ou ausência não faz nenhuma diferença. Não é a *minha* presença, mas a presença de *vocês* que é necessária.

Não é *eu* estar aqui, mas *vocês* estarem aqui, estarem no presente, estarem alertas e conscientes. É isso que vai ajudar.

Envenenado nos Estados Unidos de Ronald Reagan

Após um período de sete semanas durante as quais os médicos não conseguiram curar Osho de uma infecção no ouvido, e nas quais ele esteve muito doente, Osho aparece, em 6 de novembro, para anunciar que seus médicos acreditavam que ele havia sido envenenado com tálio durante o período em que esteve preso nos Estados Unidos.

Meu médico pessoal, Dr. Amrito, mandou informes imediatamente a todos os médicos *sannyasins* espalhados pelo mundo e pediu-lhes que entrassem em contato com os melhores especialistas em envenenamento, porque para ele, a menos que eu tivesse sido envenenado, não havia como explicar por que meu corpo havia perdido toda a resistência. E, à medida que essa ideia se tornava mais forte em sua mente, ele descobriu em suas pesquisas que todos os sintomas que eu apresentava só podiam resultar de ter recebido algum tipo de veneno.

Desde aqueles doze dias nas prisões americanas, todo o meu sono desapareceu. Muitas coisas começaram a acontecer em meu corpo: desaparecimento do apetite, incapacidade de sentir o sabor de qualquer comida, uma sensação de ruído no estômago, náusea, vontade de vomitar, nenhuma sensação de sede e uma enorme impressão de ter sido desenraizado.

Algo no sistema nervoso também parecia ter sido afetado. Às vezes, havia uma sensação muito forte de arrepios por todo o corpo – particularmente nas minhas mãos – e um tremor nas pálpebras.

No dia em que entrei na cadeia, eu pesava 68 quilos; hoje estou pesando apenas 59 quilos. E, três meses atrás, os ossos da minha mão direita começaram a doer muito. Todos esses são sintomas causados por certos venenos. O Dr. Amrito imediatamente informou disso todos os *sannyasins* que eram médicos e pediu-lhes para buscarem os melhores especialistas em venenos do mundo. E um dos médicos, o Dr. Dhyani Yogi, imediatamente coletou amostras minhas de sangue, urina e cabelo e foi à Inglaterra e à Alemanha em busca dos melhores especialistas. Para esses especialistas europeus, todos os sintomas mostravam que algum veneno me havia sido dado.

Eles pensam que seja tálio, que faz parte da família dos metais pesados. É uma substância que desaparece do corpo em oito semanas, mas deixa seus efeitos e destrói a resistência do corpo contra doenças. Todos os sintomas que mencionei fazem parte do quadro de envenenamento por tálio.

Nestas sete semanas, vocês não sabiam... simplesmente achavam que eu estava doente. O Dr. Premda, meu cirurgião-oftalmologista, veio da Alemanha com as melhores medicações, mas nada ajudava contra o veneno exceto minhas meditações – o único remédio que pode transcender tudo o que pertence à matéria. Nestas sete semanas, estive deitado no escuro quase o dia todo e a noite toda, observando meu corpo em silêncio e mantendo minha consciência alerta. Eu estava lutando com a morte, era uma luta entre a morte e o amor de meus *sannyasins*. E vocês devem celebrar porque seu amor saiu vitorioso.

Teria sido extremamente doloroso para mim deixá-los neste belo momento em que começaram a crescer. Eu gostaria que meus *sannyasins* se transformassem e, através deles, gostaria de trazer uma civilização e uma humanidade autênticas para este belo planeta.

Existe apenas uma religião, e essa é a religião do amor. Existe apenas um Deus, e esse é o Deus da celebração, do amor, do júbilo. Toda esta Terra é uma só e toda a humanidade é uma só. Somos parte uns dos outros.

Não tenho queixa contra aqueles que me envenenaram. Posso facilmente perdoá-los. Eles certamente não sabiam o que estavam fazendo.

Diz-se que a história se repete. Não é a história que se repete, é a inconsciência do homem, a cegueira do homem, que se repete. No dia em que o homem for consciente, alerta e perceptivo não haverá mais repetição. Sócrates não será envenenado, Jesus não será crucificado, Almançor al-Halaje não será mais assassinado e esquartejado. E essas são nossas melhores flores,

são nossos picos mais altos. São nossos destinos, são nosso futuro, são nosso potencial intrínseco que se tornou real.

Tenho certeza de que meus *sannyasins* não terão nenhuma raiva em seus corações, apenas uma compreensão e um perdão amoroso. Essa é a única oração autêntica. E só esse tipo de oração pode alçar a humanidade a níveis mais elevados de consciência.

Tenho absoluta certeza interior de que eles podem ter conseguido envenenar meu corpo, meu sistema nervoso, mas não conseguem destruir minha consciência, não conseguem envenenar meu ser. E foi bom que tenham me dado a chance de ver a mim mesmo além do meu corpo, além da minha mente.

Estas sete semanas foram um teste de fogo. Sem saber, vocês foram sempre, a cada momento dessas sete semanas, uma enorme ajuda para mim. Sem o amor de vocês, eu não conseguiria superar o veneno, porque sem o seu amor não haveria, para mim, necessidade de lutar. Estou realizado e absolutamente contente. Voltei para casa. Mas vejo vocês tropeçando, tateando, e para mim seria muito cruel deixá-los nesta situação. Gostaria que houvesse um nascer do sol na vida de todos vocês, com pássaros cantando e flores se abrindo. É a única razão que tenho para estar aqui.

Lembrem-se sempre de que estou aqui por vocês. Essa lembrança vai ajudá-los a não se desviarem. Essa lembrança vai ajudá-los a terem consciência do mundo incivilizado em que estamos vivendo, deste hospício que chamamos de humanidade. Vou continuar lembrando-os de que precisamos gerar um novo homem e uma nova humanidade.

Este é um enorme desafio. Aqueles que têm estômago e inteligência, e o desejo e o anseio de tocar as estrelas mais distantes, só essas pouquíssimas pessoas têm sido capazes de me compreender, têm sido capazes de se tornar meus companheiros de viagem. Não tenho seguidores: tenho apenas amores, amigos e companheiros de viagem.

Gostaria que todos vocês atingissem a mesma beatitude, a mesma bem-aventurança, o mesmo êxtase que se tornou minha própria pulsação. Ela é também a pulsação do universo.

Academia Mundial de Ciências Criativas

Em 17 de janeiro de 1888, Osho fala à comuna sobre uma visão que envolve a criação de um local onde as pessoas possam explorar tanto a ciência exterior da matéria como a ciência interior da meditação. Ele já havia falado com frequência sobre essa proposta, mas agora a aprimora ainda mais.

Quero que este *ashram* pouco a pouco se desenvolva e se torne uma Academia Mundial de Ciências Criativas. Essa será talvez a maior síntese já realizada. A busca da verdade religiosa não impede de modo algum a busca da realidade objetiva, porque são áreas absolutamente separadas, que não se sobrepõem.

Uma pessoa pode ser cientista e meditar. Na verdade, quanto mais ela se aprofunda na meditação, mais clareza, mais inteligência e mais inventividade irá descobrir dentro de si, o que pode criar uma ciência totalmente nova.

A velha ciência foi criada como uma reação contra a religião. A nova ciência sobre a qual estou falando não é uma reação contra coisa alguma, mas um transbordamento de energia, inteligência e criatividade. A política corrompeu a ciência porque seu interesse era apenas a guerra. As religiões não podiam aceitar a ciência porque eram supersticiosas, e a ciência demoliria todos os seus deuses e todas as suas superstições. A ciência passou estes trezentos anos em uma situação muito difícil, por um lado lutando contra a religião e, por outro, inconscientemente, tornando-se escrava dos políticos.

Quero que este lugar cresça e estou fazendo arranjos para que haja aqui uma academia mundial de ciências e artes totalmente dedicada a objetivos afirmativos da vida.

A ciência que pôde criar Hiroshima e Nagasaki e que pôde destruir milhares de pessoas, aves, árvores sem nenhuma razão, apenas porque os políticos queriam ver se a energia atômica funcionava ou não, essa mesma ciência pode criar mais alimentos, mais vida, mais saúde e mais inteligência em todos os campos da vida. Mas ela deveria ser retirada das mãos dos políticos e não deveria preocupar-se com as religiões.

Vencedores do Prêmio Nobel, cientistas eminentes e artistas de diferentes dimensões constituirão a academia e farão esforços para mudar a tendência destrutiva da ciência.

Nossos *sannyasins* – e muitos deles são cientistas, artistas, médicos – ajudarão a academia. Conseguiremos bolsas de estudo e pessoas do mundo todo poderão vir e estudar um novo estilo de ciência, um novo estilo de arte que afirme a vida, que crie mais amor na humanidade e que prepare-a para a revolução final.

Essa revolução final é um único governo mundial, porque enquanto o mundo não tiver um único governo não se poderá pôr fim às guerras. Cada nação tem seus próprios militares, suas próprias defesas, suas próprias armas, e há uma competição para ver quem consegue mais poder destrutivo. Uma vez que haja um governo mundial, não haverá necessidade de exércitos, aeronáuticas ou marinhas, e todos eles podem ser transformados em serviços dedicados à vida, à humanidade.

A Academia Mundial de Ciências será o primeiro passo rumo a isso, porque se conseguirmos lentamente tirar os cientistas das garras dos políticos, todo o poder dos políticos chegará ao fim. Eles não são poderosos; o cientista é o poder que está por trás dos políticos. E os cientistas estão em dificuldade porque não há instituto no mundo que dê a eles os recursos suficientes para trabalharem.

Foi-se o tempo em que Galileu pôde montar um pequeno laboratório em sua própria casa e em que os cientistas podiam trabalhar independentemente, sem nenhum apoio de fora. Agora a ciência é tão complexa e cresceram tantos ramos – e cada ramo tornou-se uma ciência em si – que, a menos que o cientista seja apoiado por um governo ou por uma instituição muito poderosa, que tenha dinheiro, que tenha inteligência, que tenha estudantes dedicados, ele não conseguirá trabalhar.

Parece que a existência está providenciando o dinheiro que necessitaremos para criar a academia. Um homem muito importante no Japão, que preside muitas fundações para serviços humanitários, também está vindo para ver se será possível trazer dinheiro dessas muitas fundações para criar a academia mundial. E a academia terá apoio de todos os cantos do mundo, de todos os cientistas, sem exceção, porque agora todos estão vendo que estão servindo à morte, não à vida.

Podemos ter a maior biblioteca para pesquisa científica e ter *sannyasins* trabalhando e estudando. A síntese consiste em que todos que estiverem trabalhando na academia estejam também meditando, porque, a menos que a meditação se aprofunde em vocês, suas fontes de amor permanecerão dormentes. Sua bem-aventurança, sua alegria não florescerão.

O homem não existe para a ciência, e sim a ciência para o homem. Mas os cientistas estão em dificuldade. Eles não podem trabalhar individualmente; eles têm de trabalhar sob um governo. O interesse dos governos é a guerra, e nenhuma religião vai apoiar os cientistas porque seus achados destruiriam as superstições religiosas.

Há um imenso vazio que eu quero preencher criando uma academia mundial absolutamente devotada à vida, ao amor, ao riso, absolutamente devotada a criar uma humanidade melhor e mais pura, uma atmosfera saudável, para restaurar a ecologia perturbada.

Estamos encontrando fontes de dinheiro para comprar todo o Koregaon Park. Isto é bom na Índia: as coisas são mais baratas e as pessoas podem vir de todos os países, ficar aqui durante três ou quatro meses, e então voltar aos seus países por oito meses e ganhar bastante para retornar à Índia. Não há necessidade de trabalharem aqui. Aqui é seu templo de meditação. E eu quero abranger todas as dimensões: os melhores músicos para ensinar música, os

melhores pintores para ensinar pintura, os melhores poetas para ensinar a experiência da poesia e sua expressão.

Sou um sonhador incurável, mas posso lhes dizer que, sem fazer nada, consegui realizar tudo o que sonhei. Apenas uma proposta à existência...

Yaa-Hoo!, a Rosa Mística

Em 19 de março de 1988, Osho inicia sua última série de palestras dedicadas apenas a responder perguntas. Durante essas palestras, ele começa a desenvolver a meditação “let-go”, que ele pessoalmente lidera. Também introduz o que chama de mantra de saudação, baseado em uma anedota que ele conta durante uma das palestras – que consiste em erguer os dois braços no ar e gritar “Yaa-Hoo!”.

Em 30 de abril, Osho anuncia ter desenvolvido um novo processo, que chama de terapia meditativa. O processo é refinado, após os primeiros experimentos, para ocorrer três horas por dia durante um período de três semanas: uma semana de riso, uma semana de lágrimas e uma semana de vivência do silêncio. Não há interação entre os participantes e não há terapeuta, apenas um facilitador treinado na condução do processo. Este processo é chamado de Rosa Mística.

Nenhuma meditação pode dar tanto a uma pessoa quanto esta pequena estratégia. Através da experiência com muitas meditações, descobri que o que tem de ser feito é romper duas camadas dentro de vocês. Seu riso foi reprimido. Disseram-lhe: “Não ria, este é um assunto sério.” Vocês não podem rir nem na igreja nem em uma aula na universidade...

Assim, a primeira camada é a do riso, mas, quando essa camada for liberada, vocês se verão subitamente inundados de lágrimas e agonia. Mas esse também é um processo de descarregar. Muitas vidas de dor e sofrimento desaparecerão. Se vocês conseguirem se livrar dessas duas camadas, terão descoberto a si mesmos.

Eu inventei muitas meditações, mas talvez este método seja o mais essencial e fundamental.

Nas semanas seguintes, Osho adiciona mais duas terapias meditativas a seu método: a “no-mind” (não mente), uma estrutura que envolve um tagarelar sem sentido seguido por uma observação silenciosa; e o “born again” (nascer de novo), que dá aos participantes a liberdade de brincarem como se fossem crianças. Ele também sugere que os terapeutas

hábeis em meditações guiadas e hipnose revivam uma antiga técnica tibetana de cura do corpo e da mente, que Osho chama de “Lembrar-se da esquecida linguagem de conversar com o corpo”.

Os discursos zen

Depois de terminar a série Rosa Mística, Osho começa a falar sobre histórias e haicais zen. Como parte das palestras zen, ele responde a perguntas do seu editor sobre o significado das histórias ou dos haicais e com frequência comenta questões mundiais e preocupações sociais da atualidade. Mas não responde mais a perguntas sobre relacionamentos ou outros problemas pessoais. Frequentemente dedica suas palestras às três árvores que circundam o salão de meditação, aos pássaros, às nuvens, às chuvas e a outros elementos da natureza.

Uma das coisas mais fundamentais a serem lembradas por todos é que uma religião só é viva enquanto não possui doutrina organizada, não possui sistema de crenças, não possui dogmas, não possui teologia. Quando há apenas este silêncio e estas árvores dançando na brisa, alguma coisa cresce em seu coração. E isso vem de você, não de uma escritura; e ninguém pode dar isso a você, pois isso não é um conhecimento.

Essa é a maior diferença entre todas as religiões, por um lado, e o zen, por outro. Todas as religiões, exceto o zen, estão mortas. Elas se tornaram teologias fossilizadas, sistemas de filosofias e doutrinas que se esqueceram da linguagem das árvores. Esqueceram o silêncio em que até as árvores podem ser ouvidas e entendidas. Esqueceram a alegria que precisa ser natural e espontânea no coração de todo ser vivo.

O momento em que a experiência se torna uma explicação, uma expressão, ela deixa de respirar; está morta – no mundo todo as pessoas estão carregando doutrinas mortas.

Eu digo que o zen é a única religião viva porque ele não é uma religião, mas apenas uma religiosidade. Não possui dogma, não depende de nenhum fundador, não tem passado; na verdade, não tem nada a ensinar a ninguém. É a coisa mais estranha em toda a história da humanidade: é a mais estranha porque desenvolve-se alegremente no vazio, desabrocha no nada. Realiza-se na inocência, no não saber. Não discrimina entre o mundano e o sagrado. Para o zen, tudo o que existe é sagrado.

As meditações feitas no final das palestras zen são mais prolongadas, e Osho acrescenta um período de “gibberish”, um tagarelar sem sentido, no

início do processo. Este é seguido por um período de sentar-se em silêncio, o “let-go” (relaxar o corpo e deixar-se cair no chão) e retorno à posição sentada para mais silêncio e, finalmente, a celebração enquanto Osho deixa o salão. Osho guia a assembleia pelas etapas de silêncio, cada uma anunciada por uma batida de tambor.

Fiquem em silêncio. Fechem os olhos. Sintam seu corpo completamente congelado.

Agora, olhem dentro de si, reunindo toda a sua consciência, quase como uma flecha dirigindo-se ao centro do seu ser.

No centro vocês são um buda. Na circunferência vocês podem ser qualquer pessoa: Pedro, Paulo, João, Maria. Na circunferência todos vocês são diferentes, mas no centro sua natureza essencial é aquela de um buda, o homem do Tao.

Entrem cada vez mais fundo. Quanto mais fundo vocês forem, maior será a experiência de sua realidade eterna. Flores começarão a chover sobre vocês. Toda a existência se regozijará com o seu silêncio.

Sejam apenas testemunhas, a partir do centro, e terão chegado em casa.

Para ficar mais claro...

(Batida de tambor)

Relaxem. Lembrem-se que vocês são apenas uma testemunha. O corpo não é seu, a mente não é sua. Vocês são apenas um espelho. E, quando vocês se aquietam como uma testemunha espelhante, toda a existência assume uma forma incrivelmente bela. Tudo se torna divino.

Esta noite foi bela por si só, mas o rugir do leão de Joshu tornou-a incrivelmente bela.

Neste exato momento, vocês são budas.

Quando voltar, traga o buda com você. Você têm de viver o buda em sua vida cotidiana. Sou contra renunciar ao mundo. Sou a favor de recriar o mundo. Quanto mais budas houver, mais o mundo terá novos céus, novas dimensões, novas portas abertas, novos mistérios, novos milagres.

Antes de voltar, reúnam toda a fragrância e as flores que puderem.

(Batida de tambor)

Voltem, mas voltem como budas. Voltem pacificamente, graciosamente. Sentem-se por alguns minutos apenas para coletar a experiência do espaço que vocês visitaram e do esplendor que vocês vivenciaram.

A cada dia, vocês precisam ir mais e mais fundo. Por isso, lembrem-se sempre de até onde foram: amanhã terão de ir um pouquinho além. Pode levar dois, cinco, vinte ou trinta anos, mas um dia vocês se tornarão budas. No que me diz respeito, todos vocês são budas neste exato momento e

precisam apenas ganhar coragem. Não é nesses trinta anos que vocês não se tornarão budas: vocês já são budas. Esses trinta anos são apenas para acabar com esta dúvida de vocês: como eu posso ser um buda? Mesmo que eu diga que vocês são budas, mesmo que todos os budas tentem convencê-los, no fundo existe a dúvida: “Meu Deus, eu? Um buda?” Mas um dia se convencerão por sua própria experiência. Não há conversão verdadeira sem a própria experiência.

O fim do “Bhagwan”

Em dezembro de 1988, Osho está de novo gravemente doente, precisando dos cuidados de sua equipe médica 24 horas por dia. Quando retorna ao salão de meditação após uma ausência de três semanas, ele faz um anúncio surpreendente: uma vidente japonesa lhe enviara uma mensagem dizendo acreditar que Gautama Buda o estava usando como um veículo. Ele confirma que isso é verdade e anuncia que está abandonando o título de Bhagwan. Também retira os óculos escuros que havia usado durante vários meses porque os refletores de vídeo perturbavam seus olhos e os dá para um de seus discípulos. Seu nome passa por muitas variações nos dias seguintes e surge um nome definitivo em resposta a uma pergunta de um repórter da UPI:

Gautama Buda abrigou-se em mim. Sou o hospedeiro; ele é o hóspede. Não está em questão nenhuma conversão [ao budismo]. Sou um buda por direito próprio, e essa foi a razão para ele usar meu veículo para seu trabalho remanescente. Ele esteve esperando, uma nuvem errante por 25 séculos, à espera pelo veículo certo.

Não sou um budista. Nem é a intenção de Gautama Buda criar budistas ou criar uma religião organizada. Ele não criou uma religião organizada. No momento em que a verdade é organizada, ela se torna uma mentira. Uma religião organizada nada mais é que uma política oculta, uma profunda exploração por parte dos sacerdotes. Eles podem ser *shankaracharyas*, imames, rabinos ou papas... Isso não faz diferença.

Gautama Buda não deixou nenhum sucessor. Suas últimas palavras foram: “Não façam estátuas minhas e não colecionem minhas palavras. Não quero me tornar um símbolo que tenha de ser adorado. Meu anseio mais profundo é que vocês não se tornem imitadores. Vocês não têm de ser budistas porque seu próprio potencial é ser, cada qual, um buda.”

Eu gostaria de dizer que não ensino budismo nem nenhum outro “ismo”. Ensino o próprio Buda. As pessoas que estão comigo não fazem parte de

nenhuma religião organizada. Elas são independentes, buscadores individuais. Meu relacionamento com elas é aquele de um companheiro de viagem.

A propósito, devo lembrar aos meus *sannyasins* uma profecia de Gautama Buda: “Quando eu vier de novo, não poderei nascer através do útero de uma mulher. Terei de me abrigar em um homem de consciência similar, com a mesma altura e o mesmo céu aberto. Eu serei chamado de ‘O Amigo’.”

Uma enorme liberdade está implícita nessa palavra. Ele não quer ser o guru de ninguém, quer ser simplesmente um amigo. Ele tem algo a compartilhar e o fará sem as condições anexadas ao compartilhamento.

Isso também vai ajudar meus *sannyasins*, porque muitos estão confusos sobre como poderão diferenciar o antigo Gautama Buda de mim. A profecia de Buda ajuda a esclarecer a confusão.

Embora ele tenha se abrigado em mim, eu não serei chamado de Gautama Buda. Adorarei ser chamado de acordo com sua profecia: Maitreya, o Buda. *Maitreya* significa “amigo”. Isso manterá a distância. Não haverá nenhuma confusão.

Na quinta noite dessa visita incomum, Osho faz outro anúncio no salão de meditação, informando que Gautama Buda se fora devido a algumas incompatibilidades nos estilos de vida do hóspede e do hospedeiro.

Aqueles quatro dias foram de imensa dificuldade para mim. Eu achei que Gautama Buda entenderia a mudança dos tempos, mas foi impossível. Tentei o máximo que pude, mas ele é disciplinado demais à sua própria maneira, à maneira de 25 séculos atrás, e tornou-se um osso duro de roer.

As coisas pequenas tornaram-se difíceis.

Ele costumava dormir apenas sobre o lado direito, usando a mão como um travesseiro. Para ele, o travesseiro era um luxo.

Eu lhe disse: “O pobre travesseiro não é um luxo, e é uma tortura manter a mão a noite inteira sob a cabeça. E você acha que deitar-se sobre o lado direito é certo e deitar-se sobre o lado esquerdo é errado? No que me diz respeito, e esta é minha base fundamental, eu sintetizo os dois lados.”

Ele comia apenas uma vez por dia e queria, sem dizer uma palavra, que eu fizesse o mesmo. Ele mendigava sua comida. Perguntava-me: “Onde está minha tigela de receber comida?”

Nessa noite, exatamente às seis horas, quando eu estava tomando meu banho de banheira, ele ficou muito perturbado... “Banho de banheira?” Tomar banho duas vezes por dia novamente é um luxo.

Eu disse: “Você cumpriu sua profecia de que voltaria. Quatro dias são suficientes... Eu lhe digo adeus! Agora você não precisa mais ficar

perambulando pela terra... Simplesmente desapareça no céu azul. Já viu que estou realizando o trabalho que você queria realizar, mas eu o faço de acordo com a época e com as necessidades. Não estou de maneira alguma pronto para receber ordens. Sou um indivíduo livre. Com minha liberdade e meu amor, eu o recebi como um hóspede, mas não tente se tornar um anfitrião.”

Nesses quatro dias tive dor de cabeça. Não sabia o que era isso há trinta anos. Eu havia esquecido completamente o que significa ter uma dor de cabeça. Tudo ficou impossível. Ele estava totalmente acostumado a fazer tudo a sua maneira, e essa maneira não é mais relevante.

Então, agora faço uma declaração histórica muito maior e digo que eu sou apenas eu mesmo.

Vocês podem continuar a me chamar de Buda, mas isso não tem nada a ver com Gautama Buda ou Maitreya Buda. Sou um buda por direito próprio. A palavra “buda” simplesmente significa “o desperto”. Agora declaro que meu nome deve ser Shree Rajneesh Zorba, o Buda.

Shree Rajneesh Zorba, o Buda logo derruba todos os seus nomes e diz que simplesmente viverá sem nome. Seus sannyasins, no entanto, ficam perdidos, sem saber que nome usar para se dirigir a ele, e sugerem Osho, nome que aparece com frequência nas histórias do zen como um termo de respeito e honra. Osho concorda e acrescenta seu próprio significado à palavra, relacionando-a ao termo “oceânico”, de William James. Mais tarde, diz que esse não é de modo algum seu nome, mas apenas um som de cura.

O manifesto do zen: a liberdade de ser você mesmo

Nas semanas seguintes à “visita” de Gautama Buda, Osho parece encontrar novos reservatórios de força e energia. Suas palestras tornam-se mais longas – em algumas ocasiões, ele fala durante quase quatro horas sem intervalo – e sua fala é perceptivelmente mais inflamada e energética. Em diferentes séries de palestras, ele relaciona o zen ao trabalho de Friedrich Nietzsche e Walt Whitman, compara-o com o cristianismo e recomenda-o a Gorbachev como um caminho para facilitar a transição do comunismo para o capitalismo. Mas em fevereiro de 1989, dois dias depois do início de uma nova série de palestras intitulada O Manifesto do Zen, Osho fica novamente doente e não aparece no salão de meditação até o início de abril. O Manifesto Zen seria sua última série de palestras.

O manifesto do zen é absolutamente necessário porque todas as velhas religiões estão desmoronando. E antes que elas desmoronem e a humanidade enlouqueça, o zen tem de ser disseminado por toda a terra. Antes que a velha casa caia é preciso criar uma nova casa.

E, desta vez, não se pode cometer o mesmo erro. Vocês estavam vivendo em uma casa que não existia; por isso, estavam enfrentando chuva, inverno e sol, porque a casa era apenas imaginação. Desta vez, entrem em seu lar original, não em algum templo feito pelo homem, alguma religião feita pelo homem. Entrem em sua própria existência. Por que ser continuamente uma cópia?

Este momento é muito valioso. Vocês nasceram em um momento muito afortunado, quando o velho perdeu sua validade, sua prova, quando o velho está simplesmente pendurado à sua volta, porque vocês não são corajosos o bastante para sair da prisão. De outra forma, as portas estão abertas – na verdade, nunca houve portas, porque a casa em que estão vivendo é completamente imaginária. Seus deuses são imaginários, seus sacerdotes são imaginários, suas escrituras sagradas são imaginárias.

Desta vez, não cometam o mesmo erro. Desta vez, a humanidade tem de dar um salto quantitativo das velhas mentiras podres para a verdade eternamente nova.

Este é o manifesto do zen.

Osho dirigiu-se pela última vez ao público no fim da meditação da noite de 10 de abril de 1989:

Neste momento, vocês são as pessoas mais abençoadas da Terra. Lembrem-se de si mesmas como budas. Esta é a experiência mais preciosa, porque é a sua eternidade, é a sua imortalidade.

Não são vocês, mas a sua própria existência. Vocês estão ligados às estrelas, às árvores, ao céu e ao oceano. Não estão separados.

A última palavra de Buda foi *sammasati*.^[11]

Lembre-se de que você é um buda... *Sammasati*.

O Círculo Interno

Em 6 de abril, Osho constitui o que chama de Círculo Interno, com 21 discípulos que cuidarão da administração prática da comuna. Ele não discute esse assunto em público, mas posteriormente deixa claro, nas diretrizes dadas ao grupo, que seu propósito do Círculo Interno não é oferecer direção espiritual à comuna, mas cuidar dos aspectos práticos

relacionados a tornar sua obra disponível. Os membros do Círculo Interno que morressem ou por alguma razão decidissem deixá-lo, seriam substituídos por outros escolhidos unanimemente pelos membros remanescentes e todas as decisões do grupo teriam de ser consensuais.

Vocês não podem evitar uma tradição; está além de suas mãos. Quando estiverem mortos, não poderão controlar o que as pessoas farão. Em vez de deixá-la nas mãos de ignorantes, é melhor apontarem as diretrizes certas.

Preparando-se para partir

10 de abril de 1989: *À noite, Osho diz à sua secretária que sua energia mudou completamente ao concluir seu discurso. Explica que, da mesma maneira que alguém entra no mundo após passar nove meses no útero, também nove meses antes de morrer a energia entra em um período de incubação em preparação para a morte. O discurso daquela noite deveria ter sido o início de uma nova série intitulada “O Despertar do Buda”.*

19 de maio: *Em um encontro geral no salão de meditação é anunciado que Osho não voltará a falar em público.*

23 de maio: *É anunciado que Osho irá ao salão de meditação todas as noites. Quando ele chegar, haverá música para que todos possam celebrar com ele, e isso será seguido por um período de meditação silenciosa. Então, Osho irá se retirar. Um vídeo de uma de suas palestras será exibido depois que ele deixar o salão.*

Junho e julho: *A Osho Multiversidade é formada, com diferentes “faculdades” encarregadas de vários workshops e programas oferecidos pela comuna. Estes incluem o Centro para a Transformação, a Escola de Mistério, a Escola de Artes Criativas e a Escola de Artes Marciais.*

As pessoas são solicitadas a usar robes brancos na reunião noturna. Essa mudança é instituída durante um festival tradicional em homenagem aos mestres iluminados, realizado durante a lua cheia de julho, que há muito vinha sendo celebrado pela comuna.

25 de agosto: *Osho sugere que sejam tomadas providências para que se usem somente roupas castanho-avermelhadas nas atividades diurnas da comuna.*

31 de agosto: Um novo quarto para Osho é concluído no antigo auditório Chuang Tzu, ao lado da sua residência. Ele esteve diretamente envolvido no projeto do novo quarto, que é revestido de mármore e iluminado por um grande lustre, com janelas que vão do chão ao teto e dão para um jardim cheio de verde.

14 de setembro: Osho volta para seu antigo quarto e permite que o quarto novo passe a ser usado para as terapias meditativas da Rosa Mística e da não mente. Uma nova passarela de vidro, fechada e com ar-condicionado, que foi construída para Osho caminhar no jardim, passa a ser usada para vipassana, zazen e outros grupos de meditação silenciosa.

17 de novembro: Osho dá instruções sobre o que deve ser feito quando ele deixar o seu corpo. Também pede que seja formado um grupo para traduzir seus livros em híndi para o inglês e dá outras instruções sobre como o Círculo Interno deverá funcionar.

24 de dezembro: O jornal britânico Sunday Mail publica um artigo sobre o cardeal Ratzinger e o Vaticano serem em parte responsáveis pela expulsão de Osho dos Estados Unidos.

17 de janeiro de 1990: O médico de Osho anuncia que ele não tem mais condições para sentar-se na sala de meditação durante o encontro noturno no salão de meditação, mas aparecerá brevemente para saudar a assembleia, retirando-se de imediato. Quando aparece no salão, Osho está muito frágil e tem dificuldade para andar.

18 de janeiro: Osho permanece em seu quarto durante o encontro noturno, mas envia uma mensagem de que sua presença será sentida como se ele estivesse lá.

19 de janeiro: Osho deixa seu corpo às cinco horas da tarde, recusando um tratamento sugerido por seu médico com as palavras “a existência escolhe seu momento”. Pacificamente, ele fecha os olhos e se deixa ir. Seu médico faz o anúncio às sete horas da noite, quando as pessoas estão reunidas no salão de meditação para o encontro habitual. Após um breve intervalo para permitir que os amigos informem aqueles que podem não estar presentes no salão, mas que gostariam de vir, o corpo de Osho é levado até o salão para uma celebração de dez minutos e depois é

carregado em procissão para o altar crematório mais próximo, onde a celebração de despedida continua durante toda a noite.

Dois dias depois, as cinzas de Osho são levadas para o auditório Chuang Tzu – a sala que fora reformada para ser seu novo quarto, a mesma sala onde, durante muitos anos, ele havia dado palestras e tido encontros com sannyasins e buscadores. As cinzas são colocadas, seguindo instruções de Osho, “debaixo da cama” – uma peça de mármore no centro de uma extremidade da sala, que, na verdade, havia sido projetada para ser uma plataforma para a cama. Elas são depositadas junto a uma placa com a inscrição que Osho havia ditado alguns meses antes:

Osho

Nunca nasceu

Nunca morreu

Apenas visitou este planeta Terra entre

1931-1990

Epílogo

1990 ao presente

O Osho International Meditation Resort, em Puna, na Índia, continua a prosperar como um luxuoso resort para meditação e autodescoberta, segundo a visão revelada por Osho nos meses anteriores à sua morte. Ele esteve pessoalmente envolvido em grande parte do projeto das instalações do resort, que incluem prédios em forma de pirâmides para sessões de meditação e workshops, um SPA, um complexo para recreação e esportes e o auditório Osho, um salão de meditação em forma de pirâmide que oferece um programa de sessões todos os dias, entre elas os encontros noturnos em que são exibidos vídeos das palestras de Osho.

Minha confiança na existência é absoluta. Se há alguma verdade no que digo, ela sobreviverá. As pessoas que permanecerem interessadas no meu trabalho simplesmente carregarão a tocha, mas não imporão nada a ninguém.

Eu permanecerei uma fonte de inspiração para meu povo. É isso que a maioria dos *sannyasins* vão sentir. Quero que eles desenvolvam por conta própria qualidades como o amor, em torno do qual nenhuma igreja pode ser criada, como a consciência, que não é monopólio de ninguém, como a celebração, o júbilo e mantendo olhos inocentes, olhos de criança...

Quero que meus *sannyasins* conheçam a si mesmos e que não vivam de acordo com os outros.

E o caminho é dentro.

Leituras adicionais

Vários livros interessantes para aqueles que desejam saber mais sobre eventos específicos mencionados nesta autobiografia têm sido publicados pela editora indiana Rebel. Vários deles trazem relatos escritos por testemunhas visuais de eventos ocorridos em Rajneeshpuram e durante o *tour* mundial de Osho, assim como uma exploração detalhada das evidências que levaram à conclusão de que Osho pode ter sido envenenado quando estava sob custódia do governo dos Estados Unidos.

A Passage to America [Uma passagem para a América], de autoria do jornalista investigativo Max Brecher, descreve os eventos que conduziram à prisão de Osho em Charlotte, na Carolina do Norte, e sua subsequente detenção. O livro inclui várias entrevistas fascinantes e reveladoras com agentes do governo e funcionários responsáveis pelo cumprimento da lei em todos os níveis.

Glimpses of a Golden Childhood [Vislumbres de uma infância dourada] traz relatos, ditados pelo próprio Osho, de eventos significativos em sua infância e na época de estudante, contendo muitos outros detalhes sobre seus primeiros anos de vida.

Trechos dessas obras e outras informações podem ser encontrados no site www.osho.com.

Sobre o Osho International Meditation Resort

O Osho International Meditation Resort está localizado cerca de 160 quilômetros a sudeste de Bombaim, em Puna, na Índia. Originalmente projetada como destino de verão para marajás e colonos britânicos ricos, Puna é atualmente uma cidade moderna e próspera que abriga várias universidades e indústrias de alta tecnologia.

Desde a morte de Osho, em 1990, as instalações do *resort* continuaram sendo expandidas e agora ocupam treze hectares de um subúrbio ladeado de árvores conhecido como Koregaon Park. Quase 200 mil pessoas visitam o local todos os anos e mais de 15 mil visitantes permanecem por um período de tempo estendido para participar de *workshops* de meditação e de outros programas. Em 1990, houve participantes de 33 países; dez anos depois, refletindo a expansão da influência dos ensinamentos e meditações de Osho, houve representantes de cem países, e mais de sessenta por cento dos participantes dos programas do *resort* estiveram lá pela primeira vez.

Todos os programas do *resort* são baseados na visão de Osho de um tipo de ser humano qualitativamente novo, capaz de participar com alegria da vida cotidiana e relaxar em silêncio e meditação. A maioria dos programas acontece em instalações modernas, com ar-condicionado, e inclui várias sessões individuais, cursos e *workshops*. Muitos membros da equipe são líderes mundiais em seus respectivos campos. As ofertas de programas cobrem desde artes criativas até tratamentos de saúde holísticos, atividades de crescimento pessoal, terapias, ciências esotéricas, a abordagem zen dos esportes e da recreação, questões de relacionamento e importantes transições na vida de homens e mulheres de todas as idades. Tanto as sessões individuais como os encontros em grupo são oferecidos durante o ano todo, juntamente com um programa de um dia inteiro de meditações

ativas de Osho, com muito espaço para relaxamento nos exuberantes jardins tropicais ou nas piscinas e quadras do Club Meditation.

Cafés e restaurantes ao ar livre servem comidas indianas tradicionais e pratos internacionais preparados com vegetais orgânicos plantados na própria comuna. O *resort* tem seu próprio suprimento de água filtrada. Embora o *resort* não ofereça acomodações, há vários locais e apartamentos próximos onde os visitantes podem ficar hospedados.

Para informações sobre visitas ao *resort*, consulte: www.osho.com.

¹ Texto extraído de uma entrevista dada a Roberta Green e publicada no jornal *The Register* de Orange County, Califórnia.

1 *Siddha* é um termo amplamente usado nas religiões e na cultura indianas e significa “aquele que é realizado”. Refere-se a mestres que adquiriram um alto grau de perfeição ou iluminação física e espiritual. No jainismo, o termo é usado para se referir às almas libertadas. *Siddha* também pode se referir a alguém que atingiu um *siddhi*, uma capacidade paranormal. (N.T.)

2 *Darshan* é uma palavra sânscrita que significa “ver e ser visto por uma divindade”. (N.T.)

3 Tradicionalmente, *sannyasin* é um buscador espiritual que renuncia ao mundo. Da forma como Osho usa o termo, é um pesquisador ou discípulo que permanece no mundo, mas tenta trazer a meditação e a consciência para tudo o que faz.

4 No jainismo, um *tirthankara* é um ser que conseguiu escapar ao ciclo de renascimentos e que ensinou aos outros como poderiam escapar desse ciclo. (N.T.)

5 Khajuraho é uma pequena cidade no estado de Madhya Pradesh, cerca de 620 quilômetros a sudoeste de Délhi, capital da Índia. Khajuraho é hoje um dos destinos turísticos mais populares na Índia, provavelmente pela presença do maior grupo de templos hindus medievais, famosos por suas esculturas tântricas. (N.T.)

1 *Dhoti* é a vestimenta típica dos homens indianos. Tradicional em Bengala e na cultura do vale do Ganges, este traje se espalhou por parte da Índia. Consiste em uma peça retangular de algodão, geralmente branca ou creme, que pode chegar a medir 5 metros de comprimento por 1,20 metro de largura. A peça é enrolada em torno da cintura, passada pelo meio das pernas e fixada finalmente na cintura. Forma-se uma calça leve, ideal para o clima quente do país. (N.T.)

2 Grupo que vive principalmente no leste e no sul do Afeganistão, em várias áreas tribais administradas pelo governo federal. Falam a mesma língua e seguem o islamismo. (N.E.)

3 *Kurthas* são túnicas usadas cotidianamente pelos homens indianos, feitas com tecidos mais simples como o algodão. (N.T.)

4 *Pipal* é uma das árvores mais antigas da Índia. A árvore de Sri Maha Bodhi, que está localizado em Bodh Gaya, no estado indiano de Bihar, data de 288 a.C. Os hindus dão grande valor a essa árvore. Eles acreditam que Vishnu nasceu sob a árvore e que o Senhor Krishna morreu sob ela. Além disso, a partir do período védico, os homens santos hindus têm meditado embaixo desta árvore, que é sagrada para os seguidores do hinduísmo. (N.T.)

5 Gurdwara é um templo sique. Nos primeiros tempos do siquismo, era o local onde os seguidores da religião se encontravam para praticar seu culto. (N.T.)

¹ Texto extraído de uma entrevista dada a John McCall e publicada no jornal *The Seattle Post-Intelligencer*.

1 *Ayurveda* significa, em sânscrito, ciência (*veda*) da vida (*ayur*). É a medicina oficial na Índia e difundiu-se por todo o mundo como uma técnica eficaz de medicina alternativa. (N.T.)

2 *Dhamma* é o conjunto de ensinamentos que um buda transmite motivado pela compaixão pelos seres. (N.T.)

3 *Tao* significa, em tradução literal, “o caminho”, mas é um conceito que só pode ser aprendido por intuição. É identificado como “o absoluto”, que, por divisão, gerou os opostos e complementares yin e yang, a partir dos quais foram criadas todas as coisas que existem no universo. É algo simples, mas não pode ser explicado. É o que existe e o que não existe. O *tao* é a espontaneidade natural. (N.T.)

1 *Pai* ou *paisa* é a moeda indiana que corresponde a um centésimo de uma rúpia. (N.T.)

2 *Lungi* (em português, *sarongue*) é um traje tradicional usado na Índia e em países vizinhos, particularmente popular em regiões onde o calor e a umidade criam um clima desagradável para o uso de calças. (N.T.)

3 *Dhote* é um tipo de vestimenta usado por homens na Índia, no Paquistão, em Bangladesh e no Nepal. Trata-se de um pedaço retangular de pano sem costura passado ao redor das pernas e amarrado na cintura, semelhante a uma longa saia. (N.T.)

1 *Pandit* (guru) é um estudioso, particularmente um especialista em sânscrito, lei hindu, religião, música ou filosofia. (N.T.)

2 *Moksha* (liberação) e *mukti* (soltura) referem-se, em termos gerais, à libertação do ciclo de renascimentos e de morte e à iluminação espiritual. (N.T.)

3 *Sardar* é um título originalmente usado para príncipes, nobres e outros aristocratas. Atualmente, também é usado para indicar um chefe ou líder de uma tribo ou grupo. (N.T.)

4 São necessárias cinco coisas para ser um sique, chamadas também de “cinco Ks”. Elas são: *kes**h*, que significa cabelo, indicando que um sique não deve cortar seu cabelo ou os pelos do corpo; *kang**a*, um pequeno pente mantido no cabelo; *kat**a**r*, uma pequena espada; *kara*, uma pulseira de aço simples, que representa a união ao guru e à comunidade sique; e *kachch**h**a*, uma calção curto, usado como roupa íntima ou peça de vestuário.

¹ Texto extraído de uma entrevista dada a Ken Kashiwahara para o programa de televisão norte-americano *Good Morning America* (rede ABC).

² *Zazen* é a base da prática zen budista. O objetivo é “apenas ficar sentado” e manter a mente aberta, sem se apegar aos pensamentos, que devem fluir livremente. (N.T.)

¹ Texto extraído de uma entrevista para a emissora privada italiana Canal 5.

¹ *Upanishads* são parte das escrituras *shruti* hindus, com textos que discutem principalmente meditação e filosofia, considerados pela maioria das escolas do hinduísmo como instruções religiosas. (N.T.)

1 Texto extraído de uma entrevista dada a Jeff McMullen para o programa de televisão australiano *60 Minutes*.

2 Texto extraído de uma entrevista dada a Willem Sheer e publicada no jornal *Pers – De Unie*, de Haia, Holanda.

¹ Texto extraído de uma entrevista dada a Ted Viramonte e publicada no jornal *Madras Pioneer*, de Madras, Oregon, nos Estados Unidos.

² *Ashram*, na antiga Índia, era um eremitério hindu onde os sábios viviam em paz e com tranquilidade no meio da natureza. Hoje, o termo *ashram* é normalmente usado para designar uma comunidade formada com o intuito de promover a evolução espiritual dos seus membros, frequentemente orientada por um místico ou líder religioso. (N.T.)

1 Com o tempo, Osho mudou o quarto estágio da meditação dinâmica para um repentino “PARE!” na posição que estiver, em vez de deitar-se. E adicionou um quinto estágio de quinze minutos de dança e celebração. A meditação dinâmica deve ser realizada pela manhã, e Osho desenvolveu uma meditação complementar, a Meditação Kundalini, para ser feita à tarde. Essas duas técnicas, e várias outras meditações ativas criadas por Osho, são acompanhadas por música. Todos os métodos de meditação estão descritos em detalhes no livro *Meditação: a primeira e a última liberdade* (Rio de Janeiro: Sextante, 2007).

¹ Campo de energia búdica. (N.T.)

² O *Vigyan Bhairav Tantra* é um texto em sânscrito, de autor anônimo, da escola do shivaísmo da Caxemira. Apresentado como um diálogo entre o deus Shiva e sua consorte Devi, ou Shakti, expõe brevemente 112 métodos de meditação que incluem variantes sobre a *vipassana* (consciência na respiração), a concentração em vários centros do corpo, a *adwaita* (consciência no dual), a *yapa* e a imaginação, visualização e contemplação através de cada um dos sentidos. Um requisito para o sucesso em qualquer das práticas é ter um entendimento claro de qual método é o mais adequado para o praticante. (N.T.)

¹ Baseada nos Vedas, as escrituras sagradas da Índia, a Vedanta afirma a unidade da existência, a divindade da alma humana, e a harmonia de todas as religiões. A Vedanta é a base filosófica do hinduísmo; mas, enquanto o hinduísmo inclui aspectos da cultura hindu, a Vedanta é universal em sua prática e igualmente relevante em todos os países, todas as culturas e todas as crenças religiosas. (N.T.)

- 1 Nessa época, muitos seguidores de Gandhi apoiavam Osho. (N.E.)
- 2 *Gestalt* (“forma”, em alemão) refere-se ao processo de dar forma, de configurar o que é colocado diante dos olhos, exposto ao olhar. A palavra *gestalt* tem o significado de uma entidade concreta, individual e característica, que existe como algo destacado e que tem uma forma ou configuração como um de seus atributos. (N.T.)
- 3 O Instituto Esalen é uma organização sem fins lucrativos situada em Big Sur, na Califórnia. É um centro educacional multidisciplinar com foco em disciplinas “alternativas”, negligenciadas ou desfavorecidas por outros centros de estudos tradicionais, tais como meditação, *massage*, ioga, espiritualidade, ecologia, psicologia, artes e música, entre outras. (N.T.)
- 4 *Prasad* é um alimento considerado uma oferta religiosa tanto no hinduísmo quanto no siquismo. É normalmente consumido pelos devotos após o culto. (N.T.)
- 5 *Georgii Ivanovič Giurdžiev* foi um místico e mestre espiritual armênio que ensinou a filosofia do autoconhecimento profundo através da *lembrança de si*, transmitindo a seus alunos, primeiro em São Petersburgo e depois em Paris, o que aprendera em suas viagens pela Rússia, pelo Afeganistão e por outros países. (N.T.)
- 6 *Satsang* é um encontro que visa a criar um ambiente propício para a meditação e outras práticas espirituais que promovem o bem-estar e o desenvolvimento da devoção, independentemente de religião ou credo. (N.T.)
- 7 O *Dhammapada*, uma antologia de versos atribuídos a Buda, tem sido reconhecido como uma das obras-primas da literatura budista primitiva. Recentemente, os cientistas perceberam que ele é também uma das obras-primas do início da tradição indiana do Kavya ou da bela literatura. (N.T.)
- 8 Em tradução literal, Grande Rancho Lamacento.
- 9 Após várias apelações, a legalidade da cidade de Rajneeshpuram foi decretada pela Suprema Corte dos Estados Unidos em maio de 1988, mais de dois anos depois do retorno de Osho para a Índia.
- 10 Texto extraído de uma entrevista dada a James Gordon e publicada na revista *The New Yorker*, de Nova York.
- 11 Em tradução livre, “lembrem-se”. (N.E.)